

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO**  
**FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS**  
**DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA**

Fonética e Fonologia em gramáticas portuguesas do século XIX: terminologia, técnicas  
e contextos para a descrição.

Versão corrigida

Julia de Crudis Rodrigues

São Paulo  
2015

Fonética e Fonologia em gramáticas portuguesas do século XIX: terminologia, técnicas  
e contextos para a descrição.

Versão corrigida

Julia de Crudis Rodrigues

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Semiótica e Linguística Geral, do Departamento de Linguística, da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, como requisito para obtenção de Título de Mestre.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Olga Ferreira Coelho

São Paulo

2015

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

**Nome:** CRUDIS Rodrigues, Julia de.

**Título:** Fonética e Fonologia em gramáticas portuguesas do século XIX: terminologia, técnicas e contextos para a descrição.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para a obtenção do título de Mestra em Letras.

Aprovada em setembro de 2015

**Banca examinadora**

Prof. Dr. \_\_\_\_\_ Instituição \_\_\_\_\_

Julgamento: \_\_\_\_\_ Assinatura \_\_\_\_\_

Prof. Dr. \_\_\_\_\_ Instituição \_\_\_\_\_

Julgamento: \_\_\_\_\_ Assinatura \_\_\_\_\_

Prof. Dr. \_\_\_\_\_ Instituição \_\_\_\_\_

Julgamento: \_\_\_\_\_ Assinatura \_\_\_\_\_

*Ao Paulo.*

## *Agradecimentos*

À CAPES, pela bolsa concedida.

À minha orientadora, professora Olga Coelho, que desde 2007 me ajuda a trilhar os caminhos da Historiografia Linguística com toda dedicação, apoio e paciência. Muito obrigada por tudo, principalmente por acreditar em mim.

À professora Cristina Altman, que me acompanha desde o começo da graduação, sempre com palavras de estímulo e apoio.

Às professoras Marli Quadros e Cristina Altman, que fizeram parte da minha banca de qualificação, obrigada pelos conselhos e sugestões valiosos para meu trabalho.

À Érica e ao Robson, muito obrigada por sempre me ajudarem, da melhor maneira possível, com as (eternas!) questões burocráticas.

Aos amigos para a vida que fiz na USP: sem vocês, teria sido impossível! Muito obrigada pelas conversas, pelas risadas, pelas lágrimas, pelos abraços e pelas fantasias (!) de todos esses anos, Bruna Polachini, Patrícia Borges, Jéssica Costa, Renan Viani, Júlia Pontes, Stela Danna, Bianca Fraga, Janayna Carvalho.

Aos meus colegas de graduação Renata Carneiro, Wallace Andrade, Joana Franco, Larissa Fernandes.

Aos amigos do CEDOCH (de hoje e de ontem!) – Wellington Santos, Lygia Rachel, Mari Braga, Mari Neto, Rebecca Tamachiro, Adan Cunha, Jéssica Luiz, Mariana Viel, Edgard Bikelis, Silvana Gurgel, Fernando Macena, Beatriz Christino – obrigada!

À Roberta Ragi e à Mercedes Hackerott, por todas as conversas, conselhos e ajudas que me deram desde a graduação.

Ao professor Eduardo Navarro, por quem tenho profundo respeito e admiração, que sempre me inspirou com seu amor e sua dedicação aos estudos e à profissão de educador.

Às queridas Mari Campelo, Maria Guembes, Babi Fernandes e Paula Rocha por estarem sempre ao meu lado. Vocês foram fundamentais neste processo.

Aos meus amigos Saulo, Douglas, Agnès, Débora, Taimara, Luciana, Weiberth, Luciana, Nadia; Bruna Carolina e Lilian que, mesmo com caminhos tão diferentes, sempre estiveram comigo.

Aos amigos e professores do Macunaíma, por me mostrarem outros horizontes, meu sincero agradecimento.

Às amadas Nina, Teca, Lola e Mia, que, nos momentos de angústia, sempre foram fonte de paz, alegria e ternura.

À minha segunda família: Solange, João, Luiz, Marcos e Zé, João Luiz e Ana. Obrigada por me receberem de forma tão carinhosa e por fazerem parte da minha trajetória.

Aos meus pais, Antônio e Vera, e meus irmãos, Rafael e Bruno, que são a minha base e sem os quais eu não teria dado nem o primeiro passo. À Vanessa Olivares, nova integrante da família, e já minha amiga. Obrigada por tudo.

Ao Paulo, meu companheiro e maior amigo que a vida poderia me dar. Obrigada por estar ao meu lado em todos os momentos. Obrigada por me ouvir, por ter sempre a palavra certa, o abraço certo.

## **RESUMO**

Esta dissertação teve como principal meta analisar a metalinguagem utilizada por gramáticos portugueses do século XIX para descrever a fonética e a fonologia da língua. As obras oitocentistas que compõem nosso *corpus* são: Couto e Melo (1818), Soares Barbosa (1822), Constâncio (1831), Caldas Aulete (1864), Coelho (1868) e Coelho (1891). Partimos da metodologia de Swiggers (2010), que propõe sete parâmetros clássicos que organizam as relações possíveis tanto entre metatermos, quanto deles com aspectos contextuais em que as obras estejam inseridas. Nossos estudos nos levaram a sete metatermos fundamentais para a compreensão do estudo de fonética e fonologia em obras descritoras do português naquele período: *som, letra, voz, vogal, consoante, nasal e oral*. Fez parte, também, de nossa pesquisa, um estudo comparativo entre estas obras do século XIX e três obras do século XVI, momento inicial dos estudos gramaticais em Portugal: Oliveira (1536), Barros (1540) e Leão (1576). Como resultados, acreditamos ter demonstrado que, ainda que haja certa persistência e manutenção de aspectos da tradição gramaticográfica portuguesa, é possível observar mudanças significativas no modo de descrição dos gramáticos oitocentistas, quando comparados com os do século XVI. Pudemos comprovar, ainda, a nossa hipótese de que a permanência e a mudança são mais bem observadas se analisadas a partir de ‘redes terminológicas’ do que pelo exame isolado dos metatermos.

**Palavras-chave:** Historiografia Linguística, Século XIX, Gramáticas Portuguesas.



## ***ABSTRACT***

This dissertation has as its main aim to analyze the metalanguage employed to describe phonetic and phonological properties by Portuguese grammarians. In order to do so, we selected the following 18<sup>th</sup> century texts: Couto e Melo (1818), Soares Barbosa (1822), Constâncio (1831), Caldas Aulete (1864), Coelho (1868) e Coelho (1891). We built on Swiggers (2010), who proposed seven parameters that rule both possible relations between metaterms as well as contextual aspects. Our case studies have led us to seven metaterms, which we take to be fundamental to the comprehension of phonetics and phonology in the aforementioned texts: *sound*, *letter*, *voice*, *vowel*, *consonant*, *nasal* and *oral*. In our study, we compared those 18<sup>th</sup> century grammars to three 16<sup>th</sup> century texts: Oliveira (1536), Barros (1540) and Leão (1576), these being representative of the initial moments of the Portuguese grammar tradition. From a theoretical point of view, we demonstrated that it is possible to find substantial changes in the way phonetics and phonology are described in the 18<sup>th</sup> century texts when compared to 16<sup>th</sup> century texts, even considering the persistence and stability of the Portuguese grammar tradition. In addition, we affirm that permanence and change are better observed if they are analyzed in ‘terminological webs’ rather than isolated metaterms.

**Key-words:** Linguistic Historiography; 19th Century; Portuguese grammars.

## Sumário

Agradecimentos -----	06
Resumo -----	08
Abstract -----	09
Apresentação -----	13
<b>Capítulo 1: Bases teóricas e metodológicas -----</b>	<b>15</b>
1.1 A terminologia como elemento estruturante do conhecimento linguístico -----	15
1.2. Elementos da história da Fonética e da Fonologia na gramaticografia portuguesa -----	18
1.3. Historiografia Linguística e Metalinguagem -----	23
1.4. Períodos selecionados -----	32
1.5. Definição do <i>Corpus</i> -----	34
1.6. Busca e Localização das obras -----	35
1.7. Tratamento documental das obras -----	35
1.8. Organização de dados externos -----	41
1.9. Procedimentos de análise -----	46
1.10. Outros procedimentos -----	48
<b>Capítulo 2: Contexto de produção e circulação de estudos sobre o plano da expressão da linguagem na gramaticografia portuguesa dos séculos XVI e XIX -----</b>	<b>50</b>
2.1 Século XVI -----	54
2.1.1 Fernão de Oliveira (1507 – 1580?) e a <i>Grammatica da Lingoagem Portugueza</i> (1536) -----	54
2.1.2 João de Barros (1496? – 1570?) e a <i>Grammatica da Lingua Portuguesa</i> (1540) -----	55
2.1.3 Duarte Nunes de Leão (1530-1608) e a <i>Ortografia da Língua Portuguesa</i> , 1576 -----	56
2.2 Século XIX -----	57
2.2.1 João Crisóstomo do Couto e Melo (1775-1838): <i>Gramática Filosófica da Linguagem Portuguêsa. Composta e oferecida a el rei nosso senhôr</i> -----	57
2.2.2 Jerônimo Soares Barbosa (1737 – 1816): <i>Grammatica Philosophica da Lingua Portugueza ou Princípios da Grammatica Geral Applicados á Nossa Linguagem</i> -----	58
2.2.3 Francisco Solano Constâncio (1777 – 1846): <i>Grammatica Analytica da Lingua Portugueza, oferecida á mocidade estudiosa de</i> -----	61

<i>Portugal e do Brasil.</i>	
2.2.4 Francisco Júlio Caldas Aulete (1823 – 1878): <i>Grammatica Nacional</i> . Lisboa: Typographica Franco-Portugueza, 1864	63
2.2.5 Francisco Adolpho Coelho (1847 – 1919). <i>A Lingua Portugueza. Phonologia, Etymologia, Morphologia e Sintaxe e Noções elementares de grammatica portugueza</i>	64
<b>Capítulo 3: A terminologia de descrição da fonética e da fonologia em gramáticas portuguesas do século XIX</b>	68
<b>3.1. SOM</b>	68
3.1.1 Som para o século XVI	68
3.1.2 Som para o século XIX	72
3.1.3 Síntese	80
<b>3.2 LETRA</b>	82
3.2.1 <i>Letra</i> para o século XVI	82
3.2.2 <i>Letra</i> para o século XIX	85
3.2.3 Síntese	106
<b>3.3 VOZ</b>	108
3.3.1 Voz para o século XVI	108
3.3.2 Voz para o século XIX	111
3.3.3 Síntese	118
<b>3.4 VOGAL</b>	119
3.4.1 Vogal para o século XVI	119
3.4.2 Vogal para o século XIX	125
3.4.3 Síntese	139
<b>3.5 CONSOANTE</b>	141
3.5.1 Consoantes para o século XVI	141
3.5.2 Consoantes para o século XIX	145
3.5.3 Síntese	159
<b>3.6 NASAL e ORAL</b>	160
3.6.1 Nasal e Oral para o século XVI	160
3.6.2 Nasal e oral no século XIX	163
3.6.3 Síntese	171
<b>3.7 Síntese geral do Capítulo</b>	172
<b>Capítulo 4 – Resultados</b>	174
<b>Considerações finais</b>	181

<b>Referências Bibliográficas</b> .....	183
<b>Anexo</b> .....	190

### *Lista de Quadros*

<b>Quadro 01:</b> Classificação das <i>letras</i> em Couto e Melo (1818) em <i>classe, ordem, gênero e espécie</i> . .....	88
<b>Quadro 2:</b> Organização do conceito de <i>letra</i> e suas classificações em Melo, 1818. ....	88
<b>Quadro 3:</b> Organização dos conceitos de <i>letra</i> e suas classificações em Barbosa, 1822. ....	92
<b>Quadro 4:</b> Organização dos conceitos de <i>letra</i> e suas classificações em Constâncio, 1831. ....	96
<b>Quadro 5:</b> Organização dos conceitos de <i>letra</i> e suas classificações em Aulete, 1864. ....	100
<b>Quadro 6:</b> Organização dos conceitos de <i>letra</i> e suas classificações em Coelho 1868 .....	104
<b>Quadro 7:</b> Organização do conceito de <i>letra</i> e suas classificações em Coelho, 1891 .....	105
<b>Quadro 8:</b> voz, articulação, consonância .....	112
<b>Quadro 9:</b> proposta gráfica de vogais grandes e pequenas, Oliveira (1536) e Barros (1540). ....	122
<b>Quadro 10:</b> Vogais em Caldas Aulete (1864) .....	131
<b>Quadro 11:</b> Sons vogais do português em Coelho (1891) .....	138
<b>Quadro 12:</b> Inventário das vogais portuguesas nos autores quinhentistas .....	139
<b>Quadro 13:</b> Inventário das vogais portuguesas nos autores oitocentistas .....	140
<b>Quadro 14:</b> Consoantes em Coelho (1868) .....	153
<b>Quadro 15:</b> Consoantes do teutônico, Coelho (1868) .....	153
<b>Quadro 16:</b> Consoantes do árabe, Coelho (1868) .....	153
<b>Quadro 17:</b> Consoantes em Coelho (1891) .....	158
<b>Quadro 18:</b> Vozes nasais claras e surdas, Soares Barbosa, 1822. ....	166
<b>Quadro 19:</b> sons nasais e orais, Coelho, 1891. ....	170

### *Lista de Figuras*

<b>Figura 1:</b> Fragmento de reprodução digital de Coelho, 1891: 23. ....	36
<b>Figura 2:</b> Fragmento reproduzido e digitado de Soares Barbosa, 1822: 08 .....	38
<b>Figura 3:</b> Reprodução de análise e organização de metatermos referentes a Fonética e Fonologia em Soares Barbosa 1822 .....	40
<b>Figura 04:</b> Exemplo de ficha descritiva, elaborada nos moldes do <i>Projeto Documenta</i> .....	46

## *Apresentação*

Esta dissertação buscou elucidar aspectos da fonética e da fonologia em gramáticas portuguesas do século XIX, a partir do exame da terminologia de descrição. Procurando contemplar diferentes momentos do desenvolvimento dos estudos gramaticais no contexto lusitano, selecionamos as seguintes obras para a investigação: Couto e Melo (1818), Soares Barbosa (1822), Constâncio (1831), Caldas Aulete (1864), Coelho (1868) e Coelho (1891). Feita a seleção, analisamos sete metatermos gramaticais que percebemos serem fundamentais para a compreensão de como essas obras lidaram com o plano da expressão da Língua Portuguesa (a saber, *som, letra, voz, consoante, vogal, nasal e oral*). Essa análise deu-se a partir dos ‘parâmetros clássicos’ propostos por Swiggers (2010) para o trabalho de exame historiográfico de terminologias. Fizemos, ainda, um estudo comparativo, não apenas entre os textos que compõem o *corpus* de interesse principal, o do século XIX, mas também deste com as obras inauguradoras da gramaticografia portuguesa no século XVI, isto é: Oliveira (1536), Barros (1540) e Leão (1576). A intenção dessa comparação foi a de verificar continuidades e rupturas da gramaticografia oitocentista – associada a ‘retórica’ de ruptura e inovação – com o conhecimento acumulado pela tradição de tratamento da fonética e da fonologia do português.

A pesquisa, ancorada nos pressupostos e métodos dos projetos *Documenta grammaticae et historiae (1549-1900)*. *Projeto de documentação linguística e historiográfica* e no *Documenta grammaticae et historiae (Português)*. *Projeto de Documentação Linguística e Historiográfica (1536-1900)*, também nos levou à produção e organização imagens e transcrições dos textos selecionados; a sua contextualização e a um levantamento de seus metatermos (cf. Capítulos 1, 2 e 3).

Esta dissertação foi organizada do seguinte modo:

No Capítulo 1, expusemos algumas reflexões iniciais sobre o tema, bem como uma organização de dados de contextualização sobre o desenvolvimento da fonética e da fonologia portuguesas ao longo do tempo, contemplando, para tanto, gramáticas dos séculos XVI, XVII, XVIII e XIX. Além disso, faz parte deste capítulo a apresentação dos aspectos da Historiografia Linguística, área de investigação que sustenta o trabalho em termos teóricos e metodológicos, e a apresentação da metodologia de Swiggers (2010), que foi, como dissemos, a base de nossa análise. Este capítulo inclui, também,

os procedimentos metodológicos, evidenciando como se deu o passo a passo de nossa pesquisa. Primeiro expusemos como chegamos à definição de nosso *corpus*. Em seguida, detalhamos o processo de tratamento da documentação de nossa pesquisa (digitalização, digitação, levantamento de metatermos, organização de dados externos e internos de cada obra). Também neste capítulo, explicamos como foi feita a aplicação dos parâmetros de Swiggers (2010) nas obras de nosso *corpus*.

A contextualização, Capítulo 2, apresenta dados políticos e sociais que parecem ter influenciado, em alguma medida, a produção dos textos descritores do português dos séculos XVI e XIX (selecionados para a nossa análise comparativa em função de seu especial interesse pelo plano da expressão da língua). O capítulo conta, ainda, com informações a respeito dos textos analisados do nosso *corpus*, tais como informações bio-bibliográficas de cada uma das obras/autores.

No Capítulo 3, analisamos os metatermos *som*, *letra*, *voz*, *vogal*, *consoante*, *nasal* e *oral* em cada uma das 09 obras que constituíram nosso *corpus*: (Oliveira (1536), Barros (1540), Leão (1576), Couto e Melo (1818), Soares Barbosa (1822), Constâncio (1831), Aulete (1864), Coelho (1868) e Coelho (1891)). Ao final de cada uma das análises, bem como ao final do capítulo, esboçamos sínteses parciais.

O Capítulo 4 reúne os principais resultados a que chegamos em nossas análises e reflexões acerca do contexto de produção das obras quinhentistas e oitocentistas. Trata-se, principalmente, de uma síntese geral dos dados apresentados analiticamente nos capítulos 3 e 4, em sua correlação com o objetivo de compreender traços de conservação e mudança no tratamento da fonética e da fonologia do Português, por gramáticos do século XIX, em Portugal.

Por fim, apresentamos algumas breves considerações finais.

## Capítulo 1: Bases teóricas e metodológicas

### 1.1 A terminologia como elemento estruturante do conhecimento linguístico

Este trabalho é um dos resultados do projeto *Documenta grammaticae et historiae (1549-1900)*. Projeto de documentação linguística e historiográfica (Altman & Coelho Coord. (2006-2010)<sup>1</sup>), pesquisa que visou: 1) constituir um acervo eletrônico de textos que descrevem as línguas do contexto iberoamericano entre os séculos XVI e XIX; 2) situar esses textos em relação a suas condições de produção e recepção; 3) reunir os metatermos gramaticais presentes em tais obras, com intenção de criar um dicionário eletrônico, e 4) disponibilizar os resultados obtidos, sobretudo os relativos às obras mais raras, em *site* especificamente desenvolvido para esse fim. Nossa dissertação integra, também, a subproposta do Projeto *Documenta* intitulada *Documenta grammaticae et historiae (Português)*. Projeto de Documentação Linguística e Historiográfica (1536-1900) (Coelho 2010-2014), que, com escopo documental expandido em direção a um *corpus* representativo de textos que tratam da língua portuguesa, visa aos mesmos objetivos do projeto mais amplo, e, adicional e principalmente, à avaliação do processo de formação, a partir do século XIX, de uma escola brasileira de descrição gramatical do português.

Ambas as iniciativas fundamentam-se na hipótese de que o estudo da terminologia é parte essencial da tentativa de reconstrução histórica do conhecimento sobre as línguas (Swiggers 2010; Koerner 2014), na medida em que os modos como foram identificados e denominados os fenômenos linguísticos ao longo do tempo pressupõem específicos modos de compreendê-los. Sabemos que na história da gramática há permanências terminológicas significativas, mas, por outro lado, também parece razoável pensar que ocorreram adaptações e inovações, as quais, por sua vez, poderiam ser relacionadas a ‘escolas’, ‘autores’, ‘contextos intelectuais ou sociais’, ‘tipos de língua’ distintos. Tais alterações poderiam ser capturadas em deslocamentos

---

<sup>1</sup> Resultados deste projeto estão publicados no Portal do Projeto Documenta, no endereço: <http://www.fflch.usp.br/dl/documenta/>. Consideradas as especialidades dos pesquisadores envolvidos naquela primeira proposta, foram selecionados o Português, o Espanhol, o Tupi-Nheengatu, o Guarani, o Quêchua, o Japonês, o Kiriri e o Kimbundo como línguas cujos documentos descritivos interessariam ao projeto. A periodização procura dar conta de um momento anterior ao de emergência da Linguística como disciplina autônoma e, especialmente, daquele período em que o processo de gramatização (cf. Auroux 1992) configurou-se de modo especialmente expressivo no ocidente. Não estão, contudo, descartadas ampliações futuras do escopo do projeto, seja em relação às línguas, seja em relação ao período recortados.

efetuados nos ‘significantes’, ‘significados’, ‘referentes’, ou mesmo nas próprias ‘redes’ semântico-lexicais estabelecidas nas diferentes obras. A terminologia de descrição gramatical, desta forma, poderia oferecer índices importantes de movimentos de conservação e de mudança na gramaticografia, passíveis de serem descritos e interpretados pela Historiografia Linguística.

Em quatro séculos de gramaticografia da língua portuguesa, foram produzidas centenas de trabalhos, de maior ou menor impacto sobre o processo que levou à emergência de uma ‘tradição’ brasileira de estudo da língua a partir do século XIX. Assim, inicialmente, para a definição do *corpus geral* do projeto *Documenta (Português)*, foi feito um levantamento de pretensão exaustiva de gramáticas da língua portuguesa, tanto publicadas no Brasil quanto em Portugal. Chegou-se a uma lista de 189 obras. Entretanto, para que fosse possível implementar a proposta de pesquisa, foi necessário que se reduzisse esta lista. Desse modo, foram excluídos os textos:

1) cuja língua de descrição não fosse o português (por exemplo, Bento Pereira 1672, apesar de sua evidente relevância para a gramaticografia do português);

2) produzidos em Portugal e, aparentemente, de menor impacto sobre a constituição e o desenvolvimento de uma gramaticografia brasileira a partir dos anos 1800 (avaliou-se este fator por meio de contextualização preliminar e de referências constantes da bibliografia que revisou essa produção lusitana);

3) de uso restrito a contextos escolares específicos (por exemplo, textos feitos para escolas prestigiadas ao longo do século XIX no Brasil, como Duarte 1829);

4) que tratam de partes da gramática (havia um número considerável de tratados de ortografia, prosódia, análise lógica);

5) que constituem ‘gramáticas históricas’ (nesse caso, pareceu que haveria uma terminologia específica para esse tipo de gramática que, talvez, necessitasse ser analisada em separado).

Com estas exclusões, o *corpus* do *Projeto Documenta (Português)* ficou constituído de 32 textos descritores da língua portuguesa<sup>2</sup>, brasileiros e lusitanos.

---

<sup>2</sup> 1. Oliveira 1536; 2. Barros 1540; 3. Roboredo 1619; 4. Argote 1721; 5. Reis Lobato 1770; 6. Bacelar 1783; 7. Casimiro 1792 [1789]; 8. Sousa 1804; 9. Moraes Silva 1806; 10. Couto e Melo 1818; 11. Soares Barbosa 1822; 12. Constância 1831; 13. Freire 1842; 14. Oliveira 1862; 15. Caldas Aulete 1864; 16. Reis 1866; 17. Freire da Silva 1875; 18. Rabelo 1872; 19. Braga 1876; 20. Carneiro Ribeiro 1877; 21. Almeida Nogueira 1881; 22. Ribeiro 1881; 23. Grivet 1881[1876]; 24. Lage 1882; 25. Maciel 1887; 26. Ribeiro 1887; 27. Gomes 1887; 28. Massa 1888; 29. Coelho 1891; 30. Carneiro Ribeiro 1890; 31. Maia 1899; 32. Boscoli 1899.



Inserida nesse contexto geral, nossa dissertação procura examinar características de alguns dos textos do *corpus* do *Documenta (Português)* produzidos em Portugal, operando com as duas pontas do período focado: 1536-1900. Assim, ela analisa, prioritariamente, um conjunto representativo de obras do século XIX – tomado como última etapa de desenvolvimento dessa tradição sem a concorrência (e a interferência) da Filologia e da Linguística modernas – no que diz respeito a um dos seus principais focos de interesse, o tratamento da fonética e da fonologia da língua. Conduzimos essa análise a partir do exame da terminologia de descrição gramatical dos textos<sup>3</sup> de Couto e Melo (1818); Soares Barbosa (1822); Constâncio (1831); Aulete (1864); Coelho (1868); Coelho (1891), obras publicadas em diferentes décadas e, de algum modo, impactadas pelo clima inovador dos anos 1800 na Europa. Na outra ponta, nosso trabalho compara esses textos oitocentistas com gramáticas produzidas no século XVI, época em que a fonética e a fonologia estiveram no centro do interesse daqueles que se dedicaram ao tratamento gramatical da língua portuguesa, a serviço do processo de ‘gramatização’ (cf. Auroux 1992) da língua. Foram selecionados os seguintes textos dos anos 1500: Oliveira (1536), Barros (1540) e Leão (1576). Com efeito, como sabemos, o século XVI apresentou os primeiros estudos dos *sons* da língua portuguesa. Por ser o século que inaugura a tradição gramaticográfica lusitana, fixou as primeiras referências acerca de elementos da fonética e da fonologia do idioma. Em nosso trabalho, fizemos um estudo comparativo das ideias vigentes no século XIX com as registradas em obras quinhentistas, a fim de avaliar continuidades e discontinuidades no tratamento da fonética e da fonologia entre gramáticas consideradas inovadoras e aquelas que fundaram a ‘tradição’ na qual elas se inserem. A dissertação oferece, dessa forma, um quadro comparativo dos estudos dos *sons* apresentados nestes dois momentos em que os estudiosos se voltaram com mais afinco ao exame da fonética e da fonologia da língua<sup>4</sup>.

Além de procurar capturar as formas de tratamento da fonética e da fonologia nesses dois momentos cruciais da história da gramática lusitana, nossa pesquisa contribuiu com as tarefas de documentação, chamadas por Swiggers 2013 de ‘epi-historiográficas’, dos projetos mais amplos a que se vincula. Assim, proporcionou:

---

<sup>3</sup> As referências completas, bem como uma lista de sites que os disponibilizam podem ser conferidas no segundo capítulo desta dissertação. Complementarmente, estão organizados alguns dados externos de cada uma das gramáticas e seus autores e apresentadas as suas estruturas.

<sup>4</sup> Adiante, em breve retrospecto sobre a tradição, veremos que nos séculos XVII e XVIII o estudo dos *sons* esteve em menor evidência.

- 1) a digitalização das obras por meio de fotografias;
- 2) a sua digitação “conservadora”;
- 3) o levantamento de seus metatermos,
- 4) organização de um conjunto de dados ‘externos’ tomados como relevantes para sua contextualização (tais como elementos do ‘clima de opinião’ de época, circunstâncias de produção e divulgação dos trabalhos, pequena biografia dos autores, etc).

Estes passos epi-historiográficos de nosso trabalho estão detalhados no Capítulo 2, adiante.

## **1.2. Elementos da história da Fonética e da Fonologia na gramaticografia portuguesa**

Certos estudos apontam que os vernáculos europeus foram inicialmente gramaticalizados com a finalidade de se obter um instrumento para o aprendizado de línguas estrangeiras. Desse modo, conforme observa Auroux (1992: 29), por exemplo, os contatos linguísticos tornaram-se um dos elementos determinantes da codificação dos saberes linguísticos e as gramáticas (ao lado dos dicionários) se tornaram peças mestras de uma *tecnologia* de conhecimento das línguas.

No século XVI, Portugal passava por um momento de expansão territorial que o colocou em contato com outros povos e línguas. É justamente neste período que surgem as primeiras obras gramaticais da língua portuguesa<sup>5</sup>.

Nesse contexto de surgimento de obras sistematizadoras do português e de outros vernáculos europeus, uma área que obteve desenvolvimento notável, apesar de pontual, foi, segundo Weedwood (1995:80), a fonética. A autora defende que, embora já houvesse a classificação articulatória dos sons, por exemplo, nas *Institutiones grammaticae* de Prisciano<sup>6</sup>, ela foi pouco continuada na Idade Média. Naquele período, o latim teria sido a língua mais estudada na Europa Ocidental, e, como ele era então conhecido apenas na sua forma escrita, o estímulo prático era pouco para a investigação dos seus sons, havendo, assim, pouco interesse pelo estudo do plano da expressão da

---

<sup>5</sup> Detalhamos mais este contexto no capítulo 2 desta dissertação.

<sup>6</sup> “Gramático latino do século V ou VI d.C. Seu *Intitutio de arte grammatica* foi uma obra básica para o ensino da gramática latina na Idade Média” (Larousse, 1988: vol 24, p. 4880)

língua. Ainda segundo a autora, apenas com as primeiras sistematizações dos vernáculos europeus, a fonética volta ao centro das atenções, já que se tornaria necessário sistematizar os *sons*, em uso, dessas línguas.

É nesse contexto que surgem as primeiras obras descritoras do português selecionadas para este trabalho:

- 1) De Fernão de Oliveira (1507 – 1580?), *Grammatica da Lingoagem Portugueza* (1536);
- 2) De João de Barros (1496? – 1570?), *Grammatica da Lingua Portugueza* (1540);
- 3) De Duarte Nunes de Leão data (1530-1608), *Ortografia da Lingua Portugueza* (1576).

Apesar de este trabalho ter como foco as duas pontas da tradição gramaticográfica portuguesa, isto é, os séculos XVI e XIX, percorremos, no processo de constituição do *corpus* para a pesquisa, outros momentos de desenvolvimento da gramaticografia lusitana. Destacamos aqui os principais autores e algumas informações sobre suas obras neste intervalo de dois séculos existente entre os períodos selecionados para nossa pesquisa.

Assim, no século XVII, deparamo-nos com as gramáticas de Bento Pereira (1672) e de Amaro de Roboredo (1619).

O *Methodo Grammatical* de Roboredo (? - ?)<sup>7</sup> é dividido em três partes: 1) O “Exemplo Português e Latino de Gramática” contém três livros – o primeiro faz a comparação da língua portuguesa e da latina no que diz respeito às partes da oração (que para Roboredo são *nome*, *preposição*, *verbo*, *advérbio* e *conjunção*). O autor compara, por exemplo, os *nomes* entre as línguas, afirmando que, enquanto em português há apenas três declinações, em latim, há cinco; o segundo livro trata das irregularidades do português e do latim (quanto às declinações e às conjugações); e o terceiro explica os princípios universais existentes em todas as línguas (por exemplo, o fato de o *nome* sempre abarcar o *substantivo* e o *adjetivo*). 2) O “Exemplo Latino da Cópia” apresenta 1200 frases em Latim (retiradas da *Janua Linguarum* (1611)) que

---

<sup>7</sup> Segundo Kossarik (2002), pouco se sabe sobre a vida de Roboredo, sendo as datas e os locais de nascimento e morte desconhecidos (cf. Kossarik, 2002: 09).

deveriam ser traduzidas, pelo leitor, para o português; e 3) O “Exemplo Latino de Frase”. A partir de 187 frases em latim com suas traduções para o português, o leitor encontraria explicações sobre particularidades, essencialmente de natureza sintática, do latim. Por exemplo, o autor explica que alguns verbos desta língua não aceitavam os nominativos *ego* e *tu*, e que tais verbos seriam usados apenas na terceira pessoa.

A gramática de Bento Pereira (1605 – 1681) foi escrita em latim, pois é uma arte destinada a estrangeiros que dominassem esse idioma e tivessem o intuito de aprender a língua portuguesa. Ela é dividida em três partes: 1) gramática – que trata da etimologia e da sintaxe, 2) dizeres morais e 3) ortografia (cf., entre outros, Hackerott 1994). Esta última seção, segundo Fernandes (s/d), é uma tradução da primeira e da terceira partes das *Regras Gerays Breves, & comprehensivas da melhor ortografia* (1666), do próprio Bento Pereira.

Além destes textos do século XVII, há as seguintes três gramáticas do século XVIII, mais frequentemente destacadas por revisões historiográficas como importantes para a ‘tradição’:

A de D. Jerônimo Contador de Argote (1676 – 1749), *Regras da lingua portugueza, espelho da lingua latina, da disposição para facilitar o ensino da Lingua Latina pelas regras da Portugueza* (1725 [1721]), que, como explicitado em seu título, tem como principal objetivo facilitar o aprendizado do latim. Suas 356 páginas são divididas em quatro partes, mais um breve tratado da ortografia da LP. Este tratado conta com 15 páginas nas quais o autor trata de modo sucinto do que entende por *letra* e por *ortografia*, explicitando os principais erros que as pessoas cometem ao escrever, além de oferecer uma breve explicação sobre pontuação.

A de Antônio José dos Reis Lobato (1721? – 1804?), *Arte da Grammatica da Lingua Portugueza* (1770) é também um documento de importância na ‘tradição’. Reis Lobato afirma que a gramática contém quatro partes: a etimologia (que “*ensina as diversas espécies de palavras*”), a sintaxe (que “*é a reta composição das partes da oração entre si*”), a prosódia (que “*é uma parte da gramática que ensina a pronunciar as sílabas com seu devido acento*”) e a ortografia (não há uma definição). O autor, porém, só trata das três primeiras partes, dizendo que fará futuramente um tratado

apenas para a ortografia, devido ao nível de detalhamento com que deveria ser abordado o tema. No entanto, até hoje não há informações que nos possibilitem afirmar que este documento sobre ortografia existiu. Em sua gramática, podemos encontrar reflexões a respeito da fonética, fonologia e ortografia no proêmio, seção em que ele descreve as letras do alfabeto, separando-as em *vogais*, *semivogais*, *consoantes mudas*. Nesta seção da gramática, o autor utiliza diversas vezes o metatermo *som*, mas sem defini-lo. Sua utilização faz parte das definições que o autor dá para *sílaba*, *vogal*, *consoante* etc. Também na parte em que ele trata da prosódia há alguns conceitos – tais como o de *sílaba* (breve e longa), *pronúnciação* e *voz* – que interessam para nossa pesquisa.<sup>8</sup>

E a de Bernardo de Lima e Melo Bacellar (1736-1787), *Grammatica Philosophica e Orthographia Racional da Lingua Portuguesa* (1783). No início da primeira parte da obra, Bacellar lista os sons e as figuras das letras do alfabeto comum europeu. Na segunda parte, a que trata da ortografia, encontramos metatermos como *letra dobrada*, *som* e *figura*, mas sem suas respectivas definições: esta parte da gramática se limita, basicamente, a explicitar regras da ortografia para que não se cometam erros na escrita. Exemplos dessas regras: “*Nenhum vocabulo Portuguez principia, ou acaba por letra dobrada*”; “*Quando em qualquer vocabulo parecer que foa um B, ou um V; escreva-se B; e não V*”.

Os estudos acerca da estruturação das obras dos séculos XVI, XVII e XVIII, somados a um estudo inicial sobre o século XIX, nos permitiram notar que neste século uma nova seção passa a fazer parte de algumas gramáticas portuguesas, a *Ortoépia*. A ortoépia é definida, em tais textos, como a área que “*ensina a distinguir e conhecer os sons articulados, proprios da Lingua, para bem os pronunciar*” (Soares Barbosa, 1822), ou como a parte da gramática que trata da “*pronúnciação dos vocábulos, conforme pronunciam as pessoas eruditas da corte*” (Couto e Melo, 1818).

Além de ser incorporada esta nova seção, é possível perceber que alguns novos metatermos – tais como *oral*, *nasal*, *gênero*, *espécie* – começam a ser inseridos nas descrições, assim como outros (por exemplo, *voz*), esvaziam-se de seu sentido metalinguístico – o que acaba fatalmente modificando, também, os modos de

---

<sup>8</sup> Sobre esta obra, desenvolvemos as pesquisas de iniciação científica “*Descrição gramatical e política linguística. A instrumentalização da Arte da Grammatica da Lingua Portuguesa (1770) no Período Pombalino.*” e “*Descrição gramatical e política linguística. A Arte de Reis Lobato e a tradição precedente ao Período Pombalino (1759 – 1808).*”, entre 2007 e 2009.

desenvolver as descrições. Tais descrições parecem se encaminhar na direção de uma busca de parâmetros mais técnicos e específicos. Veja, por exemplo, a explicação de *letra líquida* para Soares Barbosa (1822) e para Fernão de Oliveira (1536).

Soares Barbosa, embora mantenha o significante, já em circulação no século XVI, introduz o sinônimo *corrente*, e detalha a descrição, na tentativa de esclarecer o significado (e a necessidade de emprego) deste último metatermo. Veja as duas definições:

Alghũas letras fe fazem liquidas. Quer dizer liquido aqui brando ou diminuido de fua força das vogaes.  
(Oliveira, 1536: 20)<sup>9</sup>

Ainda ha outra differença notavel entre estas Consonancias. Humas são Liquidas, isto he, Correntes; porque seu mecanismo he tão facil, e para assim dizer, tão fluido, que na composição das Syllabas complexas se associão tão amigavelmente com as outras Consonancias, que parecem fazer com ellas hum mesmo corpo. Taes são, o nosso S Solitario (quando não tem vogal diante), e as duas Palataes Brandas L e R.  
(Soares Barbosa, 1822: 12)

Em uma observação inicial do segundo conjunto de textos do *corpus*, isto é, das obras do século XIX, foi possível verificar que, embora haja algumas semelhanças entre elas, como a inserção da *ortoépia* como uma parte da gramática, ou a incorporação de metatermos como *letras nasais* e *orais*, há algumas diferenças a se destacarem. Por exemplo, a classificação que Couto e Melo (1818) faz de *som* e de *letra* é diferente da que encontramos nos outros autores portugueses aqui estudados: o autor classifica essas unidades de acordo com os seguintes parâmetros: *classe*, *ordem*, *gênero* e *espécie*. Desse modo, parece que não há um novo modelo compartilhado forte, que organize as considerações dos autores acerca dessas subáreas; a um conjunto de aparentes novidades juntam-se, em maior ou menor grau, elementos “tradicionais”, isto é, presentes em textos gramaticais portugueses produzidos em séculos anteriores – o que fez com que um dos objetivos desta pesquisa tivesse sido o de traçar as convergências e as divergências que existissem tanto entre as gramáticas do século XIX quanto entre elas e certos trabalhos tornados “clássicos” na tradição portuguesa.

A partir desse estudo preliminar e panorâmico de obras gramaticais que antecedem os textos do século XIX selecionados para esta pesquisa, situamos esse século como um período de recrudescimento do interesse pela dimensão fônica do

---

<sup>9</sup> Algumas letras se fazem líquidas. Quer dizer líquido aqui, brando ou diminuído de sua força das vogais.

português. Nosso interesse central é, pois, compreender as concepções dos gramáticos do século XIX com relação a essa esfera da língua, assim como as práticas de descrição que tais concepções propiciaram.

Num estudo mais aprofundado da terminologia de descrição utilizada nessas obras, pudemos compreender melhor as ideias e concepções, as técnicas e os contextos que o século XIX começou a imprimir às questões fonéticas e fonológicas do português europeu.

De fato, segundo Swiggers (2010), a terminologia da linguística veicula certos valores e pressuposições, técnico-teóricos e também sócio-culturais. Procuramos, neste trabalho, lidar com aspectos teóricos, técnicos, documentais e socioculturais das descrições que começam a circular a partir do século XIX, levando em conta seus eventuais diálogos com a ‘tradição’, aqui representada pelos textos do século XVI.

### **1.3. Historiografia Linguística e Metalinguagem**

A Historiografia Linguística é a disciplina que tem como principal tarefa reconstruir, de modo reflexivo, o desenvolvimento da Linguística no curso da história. Koerner (1989) discute a importância de se ter um conhecimento histórico do desenvolvimento das ciências. Defende ele que, apenas com esse conhecimento bem assimilado, o pesquisador será, de fato, um cientista, que sabe das origens, dos pressupostos, métodos, teorias e limitações de sua área. Quando não há o conhecimento histórico da disciplina com a qual o pesquisador trabalha, ele se torna meramente um técnico. A qualquer modificação em seus dados, o pesquisador se perde. Por outro lado, quando esse conhecimento está bem assimilado, o linguista é capaz de lidar com imprevistos, já que se torna portador de uma flexibilidade intelectual. No texto “Ainda sobre a importância da Historiografia Linguística” (2014), Koerner reforça essa ideia:

Argumentaria que é este conhecimento ou esta conscientização informada o que constitui a diferença essencial entre o cientista e o assistente de laboratório: o cientista sabe de onde vieram as técnicas e quais são as suas limitações; o assistente de laboratório, que controla somente a arte mecânica do ofício, não o sabe, e facilmente pode ficar bloqueado, quando um procedimento que esperava estar correto para emulá-lo a toda hora não produz o resultado desejado. (Koerner, 2014: 33-34)

Para o autor, tal conhecimento contribui também para que se percebam avanços reais de um campo do saber linguístico, reduzindo a chance de se (re)descobrir algo que

já era conhecido no passado. O conhecimento histórico sobre uma disciplina contribui também para que se tracem as suas linhas gerais, conferindo-lhe, assim, alguma unidade.

Ainda de acordo com Koerner (1989), o conhecimento científico não se desenvolve no vácuo: ele está sempre inserido em um contexto e é dependente de uma atmosfera intelectual que o sustente. O que faz com que analisar fatores extralinguísticos se torne tarefa fundamental do historiógrafo da linguística. Desse modo, cabe ao historiógrafo avaliar (a partir de aspectos tais como a biografia do autor estudado, questões políticas, históricas e sociais do contexto em que a obra está inserida) os pontos ‘externos’ que se mostram relevantes para produção dos textos analisados. Em posição central nesse processo de correlação entre conhecimento e contexto, está o que se chama de “clima de opinião”, cuja definição Koerner toma emprestada do historiador norte-americano Carl Lotus Becker (1873-1945):

Whether arguments command assent or not depends less upon the logic that conveys them than upon the climate of opinion in which they are sustained. What renders Dante's argument or St. Thomas's definition meaningless to us is not bad logic or want of intelligence, but the medieval climate of opinion – those instinctively held conceptions, in the broad sense, that *Weltanschauung* or world pat tem – which imposed on Dante and St. Thomas a peculiar use of the intelligence and a special type of logic. To understand why we cannot easily follow Dante or St. Thomas it is necessary to understand (as well as may be) the nature of this climate of opinion (Becker 1971: 5 *apud* Koerner, 1995 [2014]: 50).<sup>10</sup>

O cuidado em se analisarem dados ‘externos’ a uma obra – mencionados acima – contribui para que se possa obter uma compreensão mais próxima do contexto intelectual em que textos que compõem nosso objeto de estudo se desenvolveram e foram difundidos. Afinal, a produção do conhecimento científico não é neutra, individual ou autônoma em relação ao seu contexto de emergência e difusão.

No que diz respeito a uma forma de aproximação consistente do objeto de estudo, encontramos em Swiggers (2013) o delineamento de três tipos de trabalho que, simultaneamente, compõem o campo do conhecimento conhecido como Historiografia Linguística, e devem fundamentar o fazer do historiógrafo:

---

<sup>10</sup> “Se argumentos são aceitos ou não, depende menos da lógica que veiculam do que do clima de opinião em que são sustentados. O que torna a argumentação de Dante, ou a definição de São Tomás sem sentido para nós – não é má lógica ou falta de inteligência, mas o clima de opinião medieval – aquelas concepções instintivamente sustentadas, no sentido amplo, aquela *Weltanschauung*, ou visão de mundo – que impuseram a Dante ou a São Tomás um uso peculiar da inteligência e um tipo especial de lógica. Para compreender porque nós não conseguimos seguir facilmente Dante ou São Tomás, é necessário entender (e saber como pode ser) a natureza desse clima de opinião” (Tradução de Cristina Altman)



1) o *Epi-Historiográfico*: engloba a seleção, o tratamento e a preparação dos documentos que servirão de fonte para o trabalho propriamente *Historiográfico*. Nesta pesquisa, como está descrito no capítulo 2 (metodologia), o trabalho *epi-historiográfico* foi fundamental. Como lidamos com textos antigos, nem sempre de fácil acesso, passamos por etapas de busca, digitalização e digitação das obras de nosso *corpus*.

2) o *Historiográfico*: corresponde à análise descritiva e interpretativa de segmentos da história dos estudos da linguagem. Em nosso caso, a análise da metalinguagem, recolhida nas obras em estudo, empregada para tratar de aspectos da fonética e fonologia do português no século XIX, na sua correlação com aspectos ‘externos’ de relevância.

3) o *Meta- Historiográfico*: este diz respeito às reflexões sobre o próprio fazer historiográfico, principalmente sobre seus aspectos metodológicos e teóricos.

Neste capítulo, procuramos explicitar e discutir as diretrizes meta-historiográficas que guiaram nossa pesquisa.

Uma das diretrizes essenciais é a concordância com a ideia de que, para que o trabalho do historiógrafo da linguística seja realizado de modo satisfatório, é preciso, além do conhecimento de aspectos centrais do contexto histórico-político-social em que o texto (o autor, a escola) a ser analisado está inserido, cuidar para que a metalinguagem sob exame se torne acessível a pesquisadores contemporâneos e, ao mesmo tempo, não seja distorcida pela metalinguagem utilizada pelo historiógrafo – lembrando que metalinguagem, nesse campo do conhecimento, corresponde à “*terminologia e ao vocabulário compreendidos em relação a seu campo de aplicabilidade e seu funcionamento sintático*”. Terminologia e vocabulário que são postos em obra por um autor, por uma escola, por uma subdisciplina, etc (cf. Swiggers, 2010).

Em face disso, procuramos observar os seguintes princípios gerais destacados em Koerner (1996), que, quando seguidos, podem evitar que o historiógrafo da linguística distorça o passado que procura reconstruir:

- 1) *o da contextualização*: o ‘clima de opinião’ e outros aspectos ‘externos’ de relevância devem ser estabelecidos;
- 2) *o da imanência*: deve haver um entendimento completo (histórico e crítico) do texto linguístico em questão;

3) *o da adequação*: podem ser buscadas, se necessárias e possíveis, aproximações cuidadosas entre o vocabulário técnico moderno e o do(s) texto(s) estudado(s).

Os estudos que lidam com a metalinguagem contam com uma complexidade teórica e metodológica que, de acordo com Swiggers (2010), decorre de fatores como os seguintes:

1) é preciso levar em conta e distinguir claramente ao menos três níveis de metalinguagem:

a) o correspondente à terminologia estudada, ou seja, a metalinguagem registrada no objeto de estudo (em nosso caso, nas gramáticas);

b) o que se refere à metalinguagem descritora, isto é, aquela utilizada pelo pesquisador em suas análises – de acordo com Rey-Debove (1978), esta metalinguagem, apesar de tomar emprestados os metatermos da primeira, deve ser mais rica e abrangente que ela, já que tem como objetivo descrevê-la;

c) representa o conjunto global de pressupostos e ideias que servem de base teórica e metodológica para o pesquisador.

Para que ideias, definições, conceitos das obras analisadas não sejam distorcidos, ou interpretados de modo equivocado, é tarefa do historiador da linguística cuidar para que estes três níveis não se confundam.

2) como o trabalho historiográfico da linguística está inserido nas Humanidades, Swiggers levanta a questão de haver certa “indefinição material” (o objeto se recria a partir do ponto de vista), que pode resultar em amplas latitudes interpretativas, justificando, inclusive, compreensões, por parte de diferentes pesquisadores, às vezes opostas acerca dos “mesmos” dados.

3) os textos que servem de objeto para o historiógrafo têm sua produção nas situações mais diversas. Podem, por exemplo, fazer parte de “fenômenos de canonização” – ou seja, a preocupação de se colocar as teorias em uma posição elevada, em que praticamente não haja equivocidades –, ou de “irrupções iconoclastas” – contestações das teorias dominantes. Por isso, é necessário um distanciamento para que

se possam compreender, com cuidado e sem anacronismo, as motivações e os pressupostos que contribuíram para a produção de determinado material linguístico.

Além disso, o “movimento da terminologia” (explicado pela existência de diversas tradições geográficas e temporais) pode ocasionar problemas de tradução e *calibragem*<sup>11</sup> dos metatermos. Essa problemática da definição dos metatermos de uma terminologia técnica engloba alguns aspectos (cf. Swiggers, 2010), tais como:

a) a determinação “*ôntico-epistêmica*”, que lida, por exemplo, com a transição de metatermos de uma disciplina a outra;

b) a submissão às *condições do público visado*, que determina o tipo de concessões feitas dependendo do destinatário, o que pode gerar um efeito de paráfrases, redefinição ou substituição de metatermos;

c) e o aspecto que Swigger chama de *opção de base*, que leva em conta as diversas decisões do pesquisador, tais como as que o levam a definir o objetivo de seu trabalho, o objeto a ser estudado e o público com que pretende dialogar.

Visando controlar esses complexos aspectos, Swiggers (2010) propõe que, ao se analisar a metalinguagem, em geral, e a terminologia<sup>12</sup>, especificamente, de uma obra, um autor, uma escola, uma época, é preciso levar em conta alguns critérios, que ele denomina *parâmetros classêmicos*.

O autor destaca, então, sete *parâmetros classêmicos* que organizam as relações que os metatermos podem estabelecer tanto entre si, dentro de uma terminologia, quanto em relação com o contexto sócio-cultural em que autores e obras estejam inseridos.

Os sete *parâmetros classêmicos* propostos em Swiggers 2010 são os seguintes:

---

<sup>11</sup> Tentativa de contextualização ou historicização de um metatermo que prevê: 1) que se cerque sua rede relacional; 2) se verifique precisamente como são definidos no material estudado; 3) se busque sua inserção contextual e epocal. (cf. Swiggers, 2010)

<sup>12</sup> A “**terminologia**” corresponde ao conjunto de metatermos técnicos que fazem parte de um vocabulário teórico (circunscrito em relação a um autor, uma escola, uma sub-disciplina, etc); a “**metalinguagem**” diz respeito à terminologia e ao vocabulário estudados em relação a seu campo de aplicabilidade e seu funcionamento sintático em um campo de objetos específicos.

1. **‘O conteúdo dos metatermos’:** Segundo esse parâmetro, a análise deve considerar tanto o *conteúdo focal*, ou seja, a relação entre o metatermo em si (como significante) e o que ele significa, quanto o *conteúdo contrastivo*, ou seja, a *rede de conteúdos* dentro da qual o metatermo assume seu conteúdo dinâmico ou relacional. Assim, por exemplo, se tomarmos o metatermo *Ditongo* em Soares Barbosa (1822), encontraremos a seguinte definição: “*Diphthongo quer dizer hum som feito de dois, isto he, duas vozes unidas em hum som*”. Se o leitor não souber o que é *som* e o que é *voz* para o autor não será possível compreender o significado de *ditongo*. Desse modo, para que haja uma compreensão mais completa do texto a ser estudado, é fundamental notar que os metatermos de uma obra não estão isolados, mas têm uma relação de dependência uns com os outros.

2. **‘A incidência dos metatermos’:** Neste caso, a análise ocupa-se do que podemos chamar de *atualização* de um metatermo, que é a aplicação que deles é feita com relação a um nível de descrição ou de teorização. Trata-se, por exemplo, dos dados de língua aos quais se aplica o metatermo. Por exemplo, Soares Barbosa (1822) utiliza os metatermos [*consonancia*] *líquida* e *corrente* para se referir aos segmentos S, L e R.

3. **‘A marca “heurística” dos metatermos’:** Trata-se da ligação de um metatermo com o procedimento/manipulação que sustenta seu emprego. A marca heurística não somente permite compreender o sentido em uso de um metatermo, mas também permite, em retrospectiva, diferenciar conteúdos divergentes que ele possa ter. Note-se, por exemplo, as definições do metatermo “etimologia” de Reis Lobato (1770) e de Couto e Melo (1818):

A Etymologia he a parte da Grammatica, que enlina as diversas especies de palavras, que entrão na oração Portugueza, e as suas propriedades (Lobato, 1770: 2)

A parte da Gramática denominada Etimologia trata, assim como fica dito, da origem e derivação dos *vocábulos*, como expressões d’ideias; por isso, convém sabêr a origem de cada vocábulo, para se-conhecêr a fôrça da sua significação (Couto e Melo, 1818: 19)

Enquanto Reis Lobato utiliza-se do metatermo *etimologia* para se referir ao que a gramática atual compreende como *morfologia* das palavras, Couto e Melo o *emprega* tal como o concebemos hoje, ou seja, a *etimologia* como o estudo das origens (formal e semântica) das palavras.

4. **‘A marca teórica dos metatermos’**: o pressuposto aqui é que a significação das terminologias é “*controlada*” pela referência global do modelo no qual elas se inserem. Note-se, por exemplo, o seguinte trecho presente em Adolpho Coelho (1868):

O alfabeto port., posta de parte a distincção graphica de *v* e *u*, é constituido pelos mesmos signaes que o alfabeto latino, com quanto os dois não representem os mesmos sons por isso que alguns sons desenvolvidos organicamente no seio do port. são expressos pelos que indicavam os sons de que nasceram. (Coelho, 1868: 124)

Como veremos na seção 3, a obra de Coelho está inserida na perspectiva da Gramática Histórico-Comparativa. Desse modo, Coelho crê que seja possível explicar todos os *sons* da língua portuguesa a partir de suas relações etimológicas com as línguas fonte. Vale-se, desse modo, do metatermo *organicamente*<sup>13</sup> para se referir a um processo global e, normalmente, regular de modificação das línguas, que seriam elementos vivos que passam por transformações no decorrer do tempo.

5. **‘A marca disciplinar dos metatermos’**: trata-se das ligações que um metatermo (ou um conjunto de metatermos) apresenta com algum domínio disciplinar a partir do qual ele foi transferido para os estudos da linguagem. Podemos usar como ilustração uma passagem da obra de Couto e Melo (1818), na qual ele se vale de metatermos que são produtivos em taxionomias das ciências biológicas - *classe*, *ordem*, *gênero* e *espécie* – para classificar e organizar os *sons* e as *letras*<sup>14</sup>.

6. **‘A marca macro-científica dos metatermos’**: trata-se da inserção de metatermos (gerais) dos estudos da linguagem no contexto geral das ciências; por exemplo, o metatermo *lei*, metatermo-chave da linguística (diacrônica) da segunda

---

<sup>13</sup> por se tratar de uma entidade ao mesmo tempo passível de transformação e coordenada, o autor aproxima a língua do ser vivo, razão pela qual o advérbio destacado, indicando-o indiretamente, pode ser tratado como metatermo.

<sup>14</sup> Os metatermos *gênero* e *espécie* aparecem já na gramática de Nebrija (1492), porém não como um conjunto de subclassificações – junto com classe e ordem – dos metatermos *som* e *letra*. Com relação ao metatermo *Espécie*, Nebrija o utiliza para classificar tanto *letras*, quanto *nomes* da língua castelhana. As *espécies* seriam os “tipos” das *letras*. Note-se, como exemplo, o seguinte trecho de Nebrija: “La tercera regla sea: que ninguna dición ni sílaba, acabando la sílaba precedente en consonante, puede començar en dos letras de una **especie**, et menos acabar en ellas. De donde se convence el error de los que escriven con doblada r, rrei, en el comienço; et en el medio, onrra; et en fin de la dición, mill, con doblada l.” (capítulo X). *Gênero*, tanto em Nebrija como em outros gramáticos portugueses anteriores a Couto e Melo, como Oliveira (1536) e Reis Lobato (1770), é o metatermo que classifica substantivos em feminino e masculino. Desse modo, não parece que o autor oitocentista se inspirou na terminologia das ciências biológicas para organizar a classificação dos *sons* e das *letras* em sua obra. Essa classificação ficará mais clara em nossa análise, adiante.

metade do século XIX, cujo conteúdo deve ser compreendido em função do contexto científico da época.

**7. ‘A marca cultural dos metatermos’:** no nível mais englobante, a terminologia da linguística veicula certos valores e pressuposições culturais (que podem, por sua vez, ser sustentados por dados linguísticos). Nesse nível, o exame da terminologia linguística desemboca em uma etnografia do discurso e da prática linguísticas. Podemos exemplificar essa marca a partir da utilização do metatermo *casta*, em Argote ([1721] 1725), para referir-se às classes de palavras de maneira hierárquica:

M. E quantas castas de palavras tem a lingua Portugueza, e suas Oraçoens?  
D. Oyto.  
M. Quaes são?  
D. Nome, Pronome, Verbo Participio; Adverbio, Preposição, Conjunção, e Interjeção.  
(Argote, 1725 [1721]: 02)

Observando-se a resposta do *Discípulo* ao seu *Mestre*, na quarta linha, podemos afirmar que a ordem sugerida é da *casta* mais importante para a menos importante, em paralelo com certa concepção de ordenação social.

Esse conjunto de fatores parece permitir observar aspectos particulares da diversificada produção que analisamos, a partir da terminologia de descrição. Permite que abordemos diferentes camadas de organização dos textos gramaticais, a partir do que nos dizem os seus modos de nomear os fenômenos tratados.

Como se sabe, a *gramática* apresenta certa estabilidade em sua estrutura, seus conceitos e suas definições ao longo do tempo<sup>15</sup>. Dessa forma, é possível afirmar que, em geral, encontramos mais *continuidades* do que *descontinuidades* nestes textos. Por outro lado, os parâmetros propostos por Swiggers (2010) contribuem para que seja também possível observar as mais discretas distinções existentes entre terminologias, evidenciando, desse modo, as mudanças existentes quando se consideram tradições longas como a gramatical. Sabemos que tanto a *continuidade* quanto a *descontinuidade* históricas não são aspectos que se manifestam de modo categórico; é, assim, possível observar continuidade ou descontinuidade em, por exemplo, apenas algum traço do

---

<sup>15</sup> Segundo Aurox (1992: 66 -67), “Uma gramática contém (pelo menos): a. uma categorização das unidades; b. exemplos; c. regras mais ou menos explícitas para construir enunciados (os exemplos escolhidos podem tomar seu lugar) [...] O conteúdo das gramáticas é relativamente estável: ortografia/fonética (parte opcional), partes do discurso, morfologia (acidentes da palavra, compostos, derivados), sintaxe (frequentemente muito reduzida: conveniência e regime), figuras de construção”.

modo de conceituação ou descrição de dados da língua de cada texto; assim como é possível encontrar conservação e mudanças mais significativas.

O trabalho com esses parâmetros classêmicos nos ajudou a chegar a uma rede de metatermos correlacionáveis a respeito da *fonética* e *fonologia* em gramáticas portuguesas do século XIX.

Esta análise foi pautada no exame dos parâmetros propostos por Swiggers (2010), com vistas a compreender as concepções gerais dos gramáticos do século XIX em relação à fonética e à fonologia. Elegemos, para a análise, um conjunto que consideramos essencial de metatermos a serem avaliados, isto é, um conjunto formado por metatermos presentes nas diferentes obras e que parecem ocupar papel central nos processos de descrição. São eles: *som*, *voz*, *letra*, *vogal*, *consoante*, *nasal* e *oral*.

Os trabalhos que discutem, em alguma medida, a presença de aspectos fonéticos e fonológicos na tradição gramatical portuguesa são poucos e voltam-se, principalmente, para o estudo das gramáticas do século XVI, como Cagliari (2008), Leite (2007) e Silva (2006). Textos como o de Buescu (1983 e 1984), Schäfer-Prieß (2002), Pinto (1988), Hackerott (1994), Vasconcelos (1928), entre outros, embora sejam leituras fundamentais para quem estuda o período em questão, tratam ou de aspectos gerais das obras, incluindo uma contextualização político-social, ou de algum aspecto específico que não engloba fonética e fonologia do período. Esperamos que esta pesquisa contribua para uma elucidação do que estes textos do século XIX, que precedem a emergência da Filologia e da Linguística como campos preferenciais para o tratamento das questões da língua, condensam em relação aos modos de conceber e tratar o plano da expressão.

Assim, em resumo, esta pesquisa teve como principais objetivos os seguintes:

- 1) Contribuir para um tratamento documental (epi-historiográfico) e historiográfico das obras analisadas. Por tratamento documental e historiográfico, entenda-se a contextualização das obras, levando em conta dados do momento histórico-social de produção de cada uma, dados biográficos, bem como dados acerca da estrutura, da organização e do conteúdo global de cada texto. Fazem parte também desse trabalho (como vemos no capítulo “metodologia”) a digitalização e digitação de cada uma das gramáticas e o levantamento dos seus metatermos gramaticais para elaboração de um dicionário digital de metatermos gramaticais da tradição

ibero-americana que será futuramente disponibilizado para pesquisadores no *site* do *Projeto Documenta*.

2) Organizar, entre os que foram levantados, os metatermos especificamente voltados para o estudo da fonética e da fonologia.

3) Oferecer uma análise historiográfica, a partir da metalinguagem, da abordagem dada pelos autores oitocentistas para a descrição da fonética e da fonologia do português europeu no século XIX, retomando, sempre que parecerem pertinentes, as suas formas de diálogo com as concepções, as definições e propostas dos autores quinhentistas.

4) Prover uma avaliação dos modos de descrição e de concepções linguísticas usuais no contexto do século XIX.

O estudo da metalinguagem utilizada por estes autores oitocentistas, bem como a comparação realizada com textos gramaticais do século XVI, possibilitaram que chegássemos a um conjunto de definições, exemplos e taxionomia de metatermos significativas para a compreensão das continuidades e descontinuidades da gramática a respeito da *fonética* e *fonologia* no século XIX.

#### **1.4 Períodos selecionados**

Como dissemos, em nossos estudos preliminares à elaboração do projeto de pesquisa, notamos que, no que concerne à gramaticografia portuguesa, há dois períodos em que se destaca o interesse pelo estudo dos sons: o século XVI e o século XIX.

O século XVI, como se sabe, inaugura a tradição gramatical portuguesa. Em vista, entre outros aspectos, da necessidade de estabelecer padrões para a grafia, as obras publicadas no período dedicam-se à identificação e à descrição dos *sons* próprios do português; parece que, por serem os primeiros textos descritores da língua, assumiram a tarefa de prover uma sistematização inicial abrangente. As gramáticas dos séculos XVII e XVIII, como também adiantamos, embora também apresentem definições relevantes e exemplos sobre o que seja *letra*, *vogal*, *consoante*, entre outros



conceitos, o fazem de modo muito breve, dando mais espaço para questões da morfologia e da sintaxe do português. No século XIX, há uma retomada de interesse pelos estudos das unidades mínimas distintivas da língua e suas variantes, o que é percebido a partir das estruturas das gramáticas, que voltam a destinar espaço considerável a estes estudos, incluindo, por exemplo, uma nova seção, a ‘ortoépia’. Outro fator que contribuiu para a retomada de interesse pelos estudos sobre fonética e fonologia no século XIX, é a entrada, no ambiente dos estudos gramaticais portugueses, de modelos da Gramática Histórico-Comparativa, adotados, entre os autores aqui estudados, como maior clareza em Adolpho Coelho (1868). Tais modelos, por vezes difundidos com apelo a uma forte ‘retórica de ruptura’, voltam-se para o exame das unidades fonético-fonológicas com a finalidade de acompanhar a história das línguas. Esse fato nos motivou a realizar uma análise do modo como o século XIX lidou com essa dimensão da língua, recorrendo a comparações com os trabalhos realizados no século XVI, e com foco no exame da metalinguagem de descrição. Tal exame, por hipótese, permite avaliar eventuais permanências e inovações entre as gramáticas do século XIX e a tradição precedente.

## 1.5 Definição do *Corpus*

Como dissemos, nossa pesquisa visa estudar a metalinguagem utilizada por autores portugueses do século XIX para descrever a fonética e a fonologia da língua, enfatizando movimentos de continuidade e ruptura em relação à tradição gramaticográfica portuguesa. Como o século XVI é também um período em que se confere papel destacado ao exame de fenômenos dessa natureza, também voltamos nosso olhar para os gramáticos quinhentistas, o que nos possibilitou fazer um estudo comparativo.

Para selecionar nosso *corpus*, partimos do conjunto de textos de autores portugueses incluídos no *Projeto Documenta (Português)*. Desse conjunto, elegemos gramáticas consideradas representativas na tradição por diferentes revisões históricas.

Desse modo, chegamos aos seguintes textos:

### Século XVI

- 1) OLIVEIRA, Fernão de. *Grammatica da Lingoagem Portugueza*. Lisboa, Casa de Germão Galharde, 1536.
- 2) BARROS, João de. *Grammatica da Lingua Portuguefa*. Olyssippone Typographum, Lisboa, 1540.
- 3) LEÃO, Nunes de. *Ortografia da Lingua Portugueza*. Por João de Barreira: Lisboa, 1576.

### Século XIX

- 4) COUTO e MELO, João Crisóstomo do. *Grammatica Philosophica da linguagem portugueza*. Lisboa: Impressão Régia, 1818.
- 5) SOARES BARBOSA, Jerônimo. *Grammatica Philosophica da Lingua Portugueza*. Lisboa: Typographia da Academia das Sciencias, 1822.
- 6) CONSTÂNCIO, Francisco Solano. *Gramamtica analytica da língua portugueza*, offerecida a mocidade estudiosa de Portugal e do Brasil. Oficina Typographica de Casimir, 1831.
- 7) CALDAS AULETE, Francisco Julio. *Grammatica Nacional*. Lisboa: Typ. da Sociedade Typographica Franco-Portugueza, 1864.
- 8) COELHO, Francisco. Adolpho. *Noções elementares de grammatica portugueza*. Porto: Lemos e Cia editores, 1891.

No decorrer de nossa pesquisa, porém, chegamos a um texto que, embora não esteja presente no *corpus* do *Projeto Documenta (Português)*, é de grande importância para a tradição gramatical lusitana. Trata-se de *A Lingua Portugueza*, de Francisco Adolpho Coelho, publicada em 1868. Esta obra é particularmente interessante para nossa pesquisa, pois se dedica quase que exclusivamente ao exame dos *sons* do português e do que o autor chama de “*línguas fonte*” (latim, árabe e teutônico<sup>16</sup>). É a única obra que encontramos do período que tem uma seção denominada *fonologia*, indiciando a atualização do autor em relação aos estudos que se desenvolviam em outras partes da Europa em sua época. Assim, acrescentamos ao nosso *corpus*:

9) COELHO, F. Adolpho. *A Lingua Portugueza. Phonologia, Etymologia, Morphologia e Sintaxe*. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1868.

## 1.6 Busca e Localização das obras

Encontramos a obra de Coelho (1891) no Instituto de Estudos Brasileiros da USP. As outras obras puderam ser acessadas no site da Biblioteca Nacional de Portugal: <http://purl.pt/index/geral/PT/index.html>

## 1.7 Tratamento documental das obras

Como vimos no Capítulo 1, esta pesquisa integra um conjunto de trabalhos que vêm sendo desenvolvidos dentro do *Projeto Documenta*, que visa à elaboração de um dicionário de metatermos gramaticais da tradição Ibero-Americana, do século XV ao XIX. Deste modo, os procedimentos aqui adotados, com relação à documentação das obras, correspondem às normas estipuladas pelo *Documenta*:

**A) Digitalização.** Por convenção, optamos no *Projeto Documenta*, por trabalhar com as primeiras edições das obras selecionadas. No entanto, como as obras são antigas, nem sempre é fácil o acesso a elas. Por isso, e

---

<sup>16</sup> “1. relativo a teutão ou têtone, ou próprio do povo desse nome; 2 Derivação: por extensão de sentido, relativo à Alemanha ou aos alemães. 3. diz-se de uma espécie de letra gótica” (Dicionário eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa)

também com a finalidade de criar um acervo deste material, digitalizamos ou usamos uma versão digitalizada disponível destes textos. Das obras de nosso *corpus*, não encontramos disponível apenas a de Coelho (1891). Fizemos, desse modo, sua digitalização.

Abaixo segue, como exemplo, um fragmento de imagem digital:

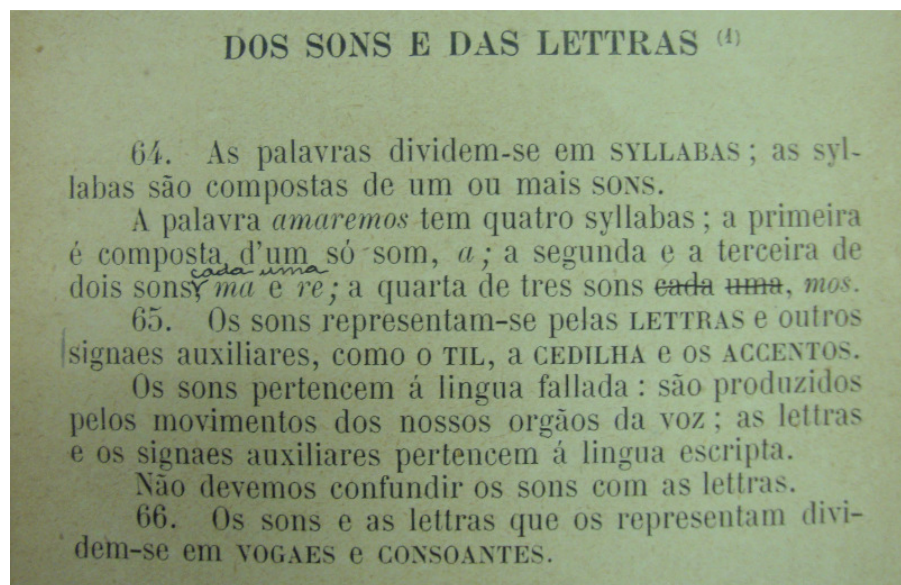


Figura 1: Fragmento de reprodução digital de Coelho, 1891: 23.

Essas imagens foram feitas de modo não profissional, com câmera fotográfica simples. Porém, foram eficazes para o prosseguimento da pesquisa, já que, como se vê, houve preocupação em produzir fotos em que o texto estivesse perfeitamente legível.

**B) Digitação.** Este passo se deu por duas razões: primeiro, para que os textos ficassem mais legíveis, já que muitos destes documentos, devido ao tempo, estão desgastados, apagados, borrados etc; segundo, porque este procedimento é fundamental para a realização dos levantamentos de metatermos e buscas nas gramáticas. Com relação ao século XVI, digitamos, na íntegra, com a colaboração de pesquisadores do *Documenta*, as obras de Oliveira (1536) e Barros (1540). A *ortografia* de Nunes de Leão (1576) não faz parte do *corpus* do *Documenta*. Devido ao nosso foco ser, como já mencionamos, o século XIX, e por uma questão de organização do tempo da pesquisa, optamos por não realizar a digitação completa do texto da ortografia de Nunes de Leão, reproduzindo apenas os trechos usados em

nossas análises. Do século XIX, digitamos as partes referentes à fonética, à fonologia e à ortografia de todas as gramáticas, com exceção de Coelho (1868), que não integra o corpus do Projeto *Documenta Português* e entrou posteriormente em nosso *corpus*. Desse modo, assim como ocorreu com a ortografia de Leão, optamos por digitar apenas os trechos usados nas análises desta pesquisa. Concluiremos, posteriormente à defesa e como contribuição ao *Projeto Documenta (Português)*, a digitação destas obras em um trabalho conjunto com outros pesquisadores do Centro de Documentação em Historiografia Linguística do DL-USP.

Reproduzimos, em seguida, um exemplo desta digitação, com o espelho da página digitada:

## 8 GRAMMÁTICA

sempre he instantaneo, como o movimento dos órgãos, que repreção e largão a voz. Solta esta, a Consonancia desaparece, e a voz fica.

Sendo pois as Consonancias produzidas pelo movimento das diferentes partes moveis, ou teclas do órgão vocal; quantas forem estas partes moveis, tantas serão as classes de Consonancias. Ora estas partes moveis são so duas, a saber: os *Beijos* e a *Lingua*, e daqui as duas unicas especies de Consonancias, que são ou *Labiaes* ou *Linguaes*. Todas ellas compõem huma oitava no Teclado vocal.

As primeiras ou são *Labiaes Puras*, produzidas por ambos os beijos, que se unem para interceptar a voz, e se abrem para a soltar; ou são *Labiaes Dentaes*, produzidas pela interceptação do beijo inferior com os dentes superiores. As primeiras são tres, a saber: huma *Labial Branda*, porque o seu toque he menos forte como B em *Bála*; outra *Labial Forte*, assim chamada, porque não tem differença da

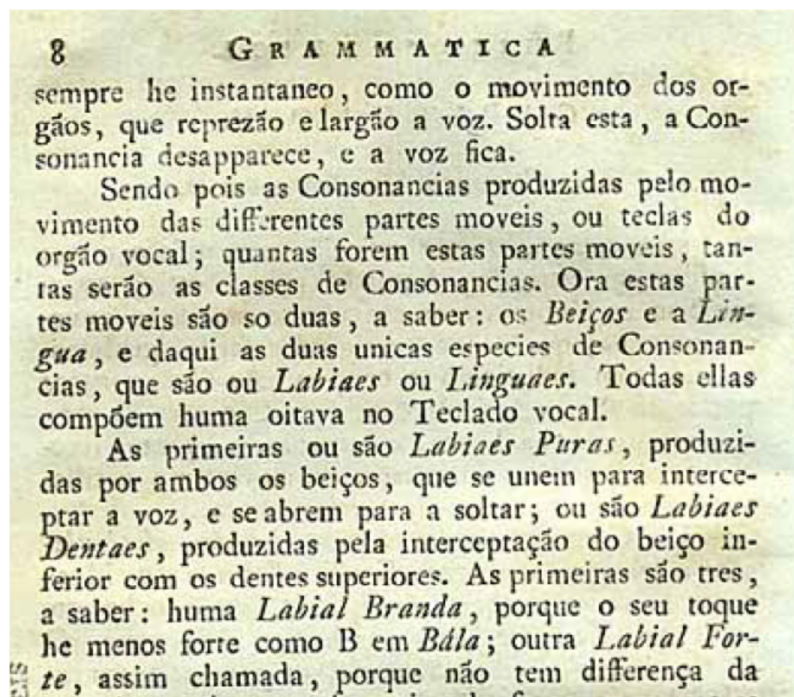


Figura 2: Fragmento reproduzido e digitado de Soares Barbosa, 1822: 08

Como é possível notar, nossa digitação busca ser o mais fiel possível ao texto original (preferencialmente a primeira edição). Assim, respeitamos os caracteres utilizados, os itálicos, as letras maiúsculas, a ortografia, a acentuação, a pontuação e a quebra de linha e de página usados pelo autor.

**C) Levantamento de Metatermos:** Esta etapa é a base para a elaboração do dicionário de metatermos gramaticais e para a realização de estudos como este, voltados para o exame de conservações e mudanças na terminologia de descrição. Realizamos o levantamento integral das obras de Oliveira (1536) e Barros (1540); e de todas as partes digitadas, que mencionamos no item anterior. Este levantamento de metatermos das partes dos textos que tratam dos sons do português contribuiu para a organização e a visualização da rede terminológica existente em cada obra para descrever a língua portuguesa<sup>17</sup>. Tal rede terminológica possibilitou que tivéssemos maior compreensão das relações estabelecidas entre os metatermos dentro das obras analisadas. Assim, os conceitos, exemplos e a taxionomia organizados pelos autores ficaram mais claros. Exemplo de levantamento de metatermo gramatical:

<sup>17</sup> É possível conferir o levantamento completo no anexo

**LETRA** (cf. Voz, Consonância): “As vozes *Oraes*, segundo a ordem da sua mesma geração, principiando desde a garganta até a extremidade dos beiços, são: 1.º *Á Grande*, como *á* primeira Letra do Abecedario, e o *á* do adjectivo feminino do plural *más*. 2.º *A Pequeno*, com o *a* artigo feminino, e o *a* da Conjunção *mas*. 3.º *O É Grande Aberto*, como em *Sé*, nome. 4.º *O Ê Grande Fechado*, como em *Sê*, verbo. 5.º *O E Pequeno*, como em *Se*, Conjunção. 6.º *O I Commum*, quer breve, quer longo, como em *vicio*. 7.º *O Ó Grande Aberto*, como em *só*, adjectivo, e em o substantivo *Avó*, feminino. 8.º *O Ô Grande Fechado*, como no Substantivo *Avô*, masculino. 9.º *O O Pequeno*, como o *O*, artigo masculino. 10.º *O U Commum*, quer breve, quer longo, como em *Cumulo*, *Tumulo*. Esta divisão das vozes Portuguezas he a mesma com pouca differença, que a de João de Barros na sua *Grammatica* da edição de Lisboa 1785 pag. 186.” (BAR: 1822, 03-04); “Os sons fundamentaes, assim vogaes como consoantes, formão-se todos no canal da bocca, onde so se articula e forma em vozes o som informe, e confuso da Glottis pelas differentes posturas immoveis da mesma bocca, e estas mesmas vozes se articulão e formão em Consonancias pelo movimento oscillatorio das partes moveis da mesma, quando repressão a voz e de repente a soltão. A bocca pois he o orção proprio, assim das vozes, como das Consonancias.” (BAR: 1822, 27)

- **consoante** (cf. consonância): “Outras tres são *Nasaes Surdas*, ou menos sensiveis. Porque, achando-se com o accento agudo e predominante, e sendo seguidas immediatamente de alguma das tres consoantes *nasaes m, n, nh* pertencentes á Syllaba seguinte; participão destas alguma parte da sua nasalidade, qual hum ouvido fino percebe no *a* da primeira Syllaba de *Ama, Anua, Sanha*; no *e* da primeira Syllaba de *Penna, Temo, Tenho*; e no *o* da primeira Syllaba de *Somma, Sonho*.” (BAR: 1822, 05); “Assim como as *Vozes* articulão e modificão o som confuso ou estrondo, formado pela Glottis; assim tambem as *Consonancias* articulão e modificão as vozes mesmas, que sendo continuadas farião igualmente hum som indistincto e confuso. As *Consonancias* por tanto são as Articulações, e modificações da voz, que repressão na bocca, e largada de repente, recebe na passagem as impressões do movimento oscillatorio das partes moveis da

- **dobrada**: “Havendo porêem necessidade de distinguir com isto duas palavras equivocas como *Prégar* ( *prædicare*), e *Pregar* ( *figere*): seria bom para estes casos tornar a introduzir o *ç* dobrado de que usa para os mesmos casos o nosso João de Barros, ou dobrar a vogal, escrevendo *Vaadío, Prégar, ou Pregar, Sosínho*.” (BAR: 1822, 61)

- **figura da ~**: “Todas as nossas Letras, tendo no presente uso da escriptura duas figuras; huma grande como *A, B, C, D, E, &c.* e outra pequena como *a, b, c, d, e, &c.* he practica conforme não metter nunca Letra grande no meio das palavras, e pol-a sempre no principio.” (BAR: 1822, 60)

--grande

--pequena

- **vogal**: “Ajuntando pois estas duas vozes Ambiguas ás 10 antecedentes, são por todas 12 as vozes *Oraes* Portuguezas. A nossa *Orthographia* não tem para as distinguir senão cinco letras vogaes, a saber: *a, e, i, o, u*. Porêem servindo-se das mesmas figuras *a, e, o*, distingue-as, quando são grandes, ou dobrando-as, como fazião nossos antigos, escrevendo *Maa* em lugar de *má*, *See* em lugar de *Sé*, *Leer* ou *Ler* em lugar de *Lér*, *Sóo* em lugar de *Só*, e *Avoo* em lugar de *deAvó*; ou marcando-as com os accentos vogaes, ja agudo para as abertas, ja circumflexo para as fechadas, como se vê acima.” (BAR: 1822, 04); “Mas, como as vozes tambem são articulações, não he este nome proprio para distinguir humas das outras. O de *Consonancias* caracteriza melhor a natureza particular destas modificações, que nunca soão persi, mas so junctas ás vozes, que modificão; e he outro sim mais analogo á nomenclatura ja recebida das vozes; as quaes, chamando-se assim porque as Letras, que as figurão, se chamão vogaes; tambem aquellas se devem chamar *Consonancias*; porque as Letras, que as representam, se chamão *Consoantes*.” (BAR: 1822, 07)

--nasal: “O uso da Nação adoptou para isto 31 Caracteres fundamentaes, a saber: 5 *vogaes oraes* *A, E, I, O, U*; 5 *Nasaes* *Ã, Ê, Ì, Ô, Û*; e 21 *Consoantes* *B, P, M, V, F, G, C, D, T, S* (com vogal diante) *Z, S, (sem vogal diante), X, J, CH, N, NH, L, LH, R, RR*, como se pôde ver no Livro I. da *Orthoepia*, Cap. I, e II. Para exprimir as duas *Gutturaes* antes de *E* e *I* ajuntou ás *Consoantes* muitas vezes do *Ç* cedilhado em lugar do *S*, e do *G* em lugar do *J* antes de *E* e *I*.” (BAR: 1822, 58)

--oral: “O uso da Nação adoptou

mesma bocca. Os Grammaticos modernos chamão *Articulações* a estas consonancias. E com effeito o são. Mas, como as vozes tambem são articulações, não he este nome proprio para distinguir humas das outras. O de *Consonancias* caracteriza melhor a natureza particular destas modificações, que nunca soão per si, mas so junctas ás vozes, que modificão; e he outro sim mais analogo á nomenclatura ja recebida das vozes; as quaes, chamando-se assim porque as Letras, que as figurão, se chamão vogaes; tambem aquellas se devem chamar *Consonancias*; porque as Letras, que as representão, se chamão *Consoantes*.” (BAR: 1822, 07); “O uso da Nação adoptou para isto 31 Caracteres fundamentaes, a saber: 5 *vogaes oraes* A, E, I, O, U; 5 *Nasaes* ã, ê, ï, õ, ù; e 21 *Consoantes* B, P, M, V, F, G, C, D, T, S (com vogal diante) Z, S, (sem vogal diante), X, J, CH, N, NH, L, LH, R, RR, como se póde ver no Livro I. da *Orthoepia*, Cap. I, e II. Para exprimir as duas Gutturaes antes de E e I ajuntou ás Consoantes muitas vezes do Ç cedilhado em lugar do S, e do G em lugar do J antes de E e I.” (BAR: 1822, 58)

para isto 31 Caracteres fundamentaes, a saber: 5 *vogaes oraes* A, E, I, O, U; 5 *Nasaes* ã, ê, ï, õ, ù; e 21 *Consoantes* B, P, M, V, F, G, C, D, T, S (com vogal diante) Z, S, (sem vogal diante), X, J, CH, N, NH, L, LH, R, RR, como se póde ver no Livro I. da *Orthoepia*, Cap. I, e II. Para exprimir as duas Gutturaes antes de E e I ajuntou ás Consoantes muitas vezes do Ç cedilhado em lugar do S, e do G em lugar do J antes de E e I.” (BAR: 1822, 58)

**LÍNGUA:** “A Lingua compõe-se de Orações, as Orações de palavras, as palavras de sons articulados, e tudo isto se figura aos olhos, e se fixa por meio da escriptura.” (BAR: 1822, 01)

**LINGUAL** (cf. Consonância)

**LONGO** (cf. Letra, voz)

*Figura 3: Reprodução de análise e organização de metatermos referentes a Fonética e Fonologia em Soares Barbosa 1822*

Como evidenciado no exemplo acima, o levantamento de metatermos seguiu as seguintes convenções: a) as entradas dos metatermos escritas de uma maneira atualizada, ou seja, com a ortografia e a acentuação vigentes na atualidade; b) para estabelecer a taxionomia proposta pelo autor, deslocamos para a direita cada metatermo que aparece como subclassificação do metatermo inicial, acrescentando um hífen para cada subclassificação. Desse modo: “LETRA → - vogal → --nasal”. c) ao final de cada citação, colocamos as três iniciais do nome principal do autor (isto é, aquele pelo qual costuma ser citado e reconhecido), a data da edição consultada (geralmente é a primeira) e a página em que aparece a citação. Metatermos que são subclassificação aparecem como entrada principal, mas nem sempre com a definição (usamos ali um “confere”, cf.). Assim, em “LINGUAL (cf. Consonância)”, temos a indicação de que na entrada “Consonância” estarão também a definição e os exemplos de “Lingual”. Essa organização, proposta por Zwartjes, Flores e Altman (2006) facilita os processos de visualização de relações (hierárquicas, de oposição, de sinonímia etc.) entre os



metatermos, consituindo, por si mesma, um esboço analítico preliminar dos metatermos.

## 1.8 Organização de dados externos

No capítulo 2, adiante, apresentamos os dados externos às obras, isto é, alguns dados biográficos de cada um dos autores, um perfil das obras e uma contextualização histórica do período de produção dos textos estudados. A motivação para a sistematização desses dados vem da ideia de que toda produção de estudos linguísticos, assim como a de estudos de qualquer outra natureza, está inserida em determinado contexto histórico-social que acaba, em algum grau, interferindo em suas características.

Com a pesquisa de dados desse tipo, é possível, por exemplo, atentar para diferenças no modo de descrever a “linguagem” ou a “gramática” entre os séculos XVI e XIX. Assim, enquanto, no período quinhentista, os autores tendiam a referir questões religiosas, de tal modo que tais questões interferiam em suas concepções a respeito da língua, o século XIX pauta-se por uma postura pretensamente mais técnica e científica para justificar seus conceitos. Notem-se, como ilustrações, as passagens abaixo:

A Lingoagem e figura do entendimento: τ allí e verdade q a boca diz qnto lhe manda o coração τ não outra coufa: antes não deuia a natureza criar outro mais difforme monfiro do q lãõ aqlles q falãõ o q não tem na vontade. porq fe as obras lãõ proua do home. Como diz a fuma verdade Jefu e o noffo ðs: τ as palavras lãõ ymagem das obras (OLIVEIRA, 1536: capítulo 01)<sup>18</sup>

“*GRammatica* he a Arte de falar e escrever correctamente a propria Lingua. A Lingua compõe-se de Orações, as Orações de palavras, as palavras de sons articulados, e tudo isto se figura aos olhos, e se fixa por meio da escriptura. Daqui as quatro partes naturaes da Grammatica, a saber: a *Orthoepia*, que ensina a distinguir, e a conhecer os sons articulados, proprios da Lingua, para bem os pronunciar; A *Orthographia*, que ensina os signaes Litteraes, adoptados pelo uso, para bem os representar; A *Etymologia*, que ensina as especies de palavras, que entrãõ na composição de qualquer Oração, e analogia de suas variações e propriedades geraes; E a *Syntaxe* finalmente, que ensina a coordenar estas palavras e dispol-as no discurso de modo, que façãõ hum sentido, ao mesmo tempo distincto, e ligado: quatro partes da Grammatica Portugueza, que farãõ a materia dos quatro Livros desta obra.” (BARBOSA, 1822: 01).

Outro exemplo de interferência externa para a elaboração dos textos descritores de língua diz respeito ao que se produzia em outros países (com estudos em linguística

---

<sup>18</sup> A linguagem é figura do entendimento: e assim é verdade que a boca diz quanto lhe manda o coração e não outra coisa. Antes não devia a natureza criar outro mais disforme monstro, do que são aqueles que falam o que não tem na vontade. Porque se as obras são prova do homem, como diz a suma verdade, Jesus é o nosso Deus, e as palavras são imagem das obras.

mais avançados do que Portugal no século XIX). Adolpho Coelho, em sua “phonologia” (1868), declara ter tido como principal fonte os estudos que estavam se desenvolvendo e sendo divulgados na Alemanha. Frederich Diez (1794 – 1876), professor da Universidade de Bonn, na Alemanha, que se dedicou por muito tempo às línguas românicas, foi a principal influência explicitada por Coelho. Essas fontes certamente contribuíram para que o autor escrevesse uma gramática inspirada em certos pressupostos do modelo Histórico-Comparativo. Além do fato de ter se influenciado por autores e estudos germânicos, Coelho nomeia como uma das três línguas fontes do português, o “teutônico”, como veremos em nossas análises.

Procuramos organizar dados como esses em fichas descritivas como a que segue:

<b>Acesso ao texto</b>	<a href="http://purl.pt/128/3/">http://purl.pt/128/3/</a> Biblioteca Nacional de Portugal L. 296 V.
<b>Nome do autor.</b>	Jerônimo Soares Barbosa
<b>Datas do autor</b>	1737 – 1816
<b>Biografia</b>	Jerônimo Soares Barbosa nasceu em 1737, na vila de Ansião, na comarca de Coimbra (importante unidade administrativa da época). Assim como seu irmão, Antônio Soares Barbosa, frequentou o seminário e obteve bacharelado em direito canônico pela Universidade de Coimbra. No período em que esteve na universidade, começou a dar aulas de retórica e poética no Colégio das Artes da mesma instituição, cargo que ocupou de 1766 a 1790 e onde tem início seu vínculo profissional com o ensino primário. Em 1792, é nomeado inspetor das escolas de primeiras letras e língua latina na circunscrição escolar de Coimbra; um ano depois, é o responsável pelas edições de autores clássicos para uso nas escolas; e, em 1799, torna-se vogal da Junta da Directoria Geral dos Estudos, criada na mesma ocasião. Sua preocupação pedagógica observa-se também em <i>Escola popular das primeiras letras</i> (1796) e <i>As duas línguas</i> (1807), sendo a última uma gramática comparada de português e latim, que já aponta as ideias de que se deveria ensinar primeiro a gramática da língua portuguesa e depois a do latim e de que a razão, comum a qualquer falante, levaria à existência de uma gramática universal. Acompanhando esse pensamento, que relaciona-se também a um momento histórico favorável, o Iluminismo em Portugal, escreve em 1803, a introdução à <i>Grammatica Philosophica da Lingua Portuguesa ou Princípios da Grammatica Geral Aplicados á Nossa Linguagem</i> ; no mesmo ano, torna-se sócio livre da Academia Real das Sciencias de Lisboa, a qual era associado desde 1789. Coube à tipografia desta agremiação a publicação póstuma da <i>Grammatica Philosophica</i> , em 1822. Soares Barbosa morreu em 1816.
<b>Título original</b>	<i>Grammatica Philosophica da Lingua Portuguesa ou Princípios da Grammatica Geral Aplicados á Nossa Linguagem</i>
<b>Tipo da obra</b>	Gramática filosófica do português
<b>Dados da 1ª edição</b>	1822. Lisboa: Typographia da Academia Real das Sciencias. Publicada postumamente. Nesta edição, não há a data em que Soares Barbosa teria escrito a introdução, porém sabe-se, de acordo com as demais, que esta é de 24 de junho de 1803; o fato sugere que, após concluída, a <i>Grammatica Philosophica</i> teve de aguardar ainda alguns anos antes de ser publicada.
<b>Século</b>	XIX
<b>Edição consultada</b>	1822
<b>Descrição da edição consultada</b>	Folha de rosto, no verso da qual encontra-se a citação “Usum loquendi populo concessi, scientiam mihi reservavit” (Cic. <i>Orat.</i> 48). Artigo extrahido das actas da academia real da sciencias. Organização: 480 páginas. <b>Introdução</b> (I-XIV).

	<p><b>Livro I. Da Orthoepia, ou Boa Pronunção da Lingua Portugueza (2-55).</b></p> <p><b>Livro II. Da Orthographia, ou boa Escripura da Lingua Portugueza (56-96).</b></p> <p><b>Livro III. Da Etymologia, ou partes da Oração Portugueza (97-361).</b></p> <p><b>Livro IV. Da Syntaxe e Construcção (362-451).</b></p>
<b>Reproduções</b>	A Academia Real das Ciências de Lisboa publicou outras sete edições: 1830; 1862; 1866; 1871; 1875; 1881; 2004, sendo esta fac-símile da primeira edição, de 1822. A edição de 2004 contém ainda comentários e notas de Amadeu Torres, prefácio de José V. de Pina Martins, e foi reimpressa pela Faculdade de Filosofia de Braga, da Universidade Católica Portuguesa, em 2005.
<b>Difusão</b>	Em 1980, Casteleiro coloca que “[...] A G.F. de J. S. Barbosa foi muito lida durante o século XIX, como no-lo provam as sete edições que teve entre 1822 e 1881, assim como as imitações a que deu origem. Não obteve, porém, a aceitação unânime dos gramáticos de então, pois alguns a atacaram como confusa e complicada. Com a progressiva implantação do Romantismo e o nascimento da Filologia, que levou os gramáticos a interessarem-se antes pela história da Língua, a G. F. de J. S. Barbosa foi esquecida e esquecida se mantém até ao presente. Assim, ela aguarda ainda a sua oitava edição e um estudo crítico aprofundado do respectivo conteúdo”. Da mesma época ou posteriores são outros estudos sobre essa gramática - RANAURO, 1980; CAGLIARI, 1985; LOPES, 1986 - nos quais destaca-se novamente a questão de seu esquecimento. Assim, a forma como suas edições se distribuem, parece responder a diferentes momentos do estudo da língua: bastante difundida no séc. XIX, a obra de Soares Barbosa é deixada de lado pela linguística recém institucionalizada; algumas das ideias que defende são retomadas mais adiante; redescobrem-se essas ideias na <i>Grammatica Philosophica da Lingua Portugueza</i> ; e esta, afinal, recebe a oitava edição em 2004.
<b>Língua(s) descrita</b>	Português
<b>Língua descritora</b>	Português
<b>Sumário da obra</b>	<p><b>Introdução (I-XIV).</b> Texto explicando a divisão da gramática em quatro Livros (1). <b>Livro I. Da Orthoepia, ou Boa Pronunção da Lingua Portugueza (2-55): Cap. I. Das Vozes Portuguezas (2-6); Cap. II. Das Consonancias Portuguezas (7-14); Cap. III. Dos sons compostos so de vozes, ou Diphthongos da Lingua Portugueza (14-18); Cap. IV. Dos sons compostos de vozes e de Consonancias, ou das Syllabas da Lingua Portugueza (18-21); Cap. V. Dos Vocabulos da Lingua Portugueza, e das alterações, que soffrem na Pronunção (21-26); Cap. VI. Das Modificações Prosodicas, accrescentadas aos Vocabulos, e 1.º das que nascem da quantidade (27-39) - §1. Syllabas Longas por Natureza (30-34); §2. Syllabas Breves por Natureza (34-35); §3. Syllabas Communs, feitas longas, ou breves pelo uso (35-39); Cap. VII. Das Modificações Prosodicas, accrescentadas aos vocábulos, e 2.º das que nascem do Accento (39-50) - §1. Principios Geraes (42-44); §2. Regras dos Accentos (44-48); §3. Das Palavras Encliticas, que não tem Accento (48-50); Cap. VIII. Dos Vicios da Pronunção (50-55). <b>Livro II. Da Orthographia, ou boa Escripura da Lingua Portugueza (56-96): Cap. I. Regras Communs a todas as Orthographias (58-67); Cap. II. Regras próprias da Orthographia Etymologica, e Usual (68-76) - §1. Da Escripura dos sete Caracteres Gregos K, Y, TH, PH, RH, CH, PS (69-71); §2. Da escripura dos seis caracteres Latinos H, X, C, Ç, G, S, e das Letras dobradas (71-76); Cap. III. Regras próprias da Orthographia da Pronunção (77-84) - §1. Aplicação da Regra Geral ás Vozes, e Ditongos da Lingua Portugueza (77-79); §2. Aplicação da Regra Geral ás Consoantes, e Silabas Portuguezas (79-84); Cap. IV. Da Pontuação (85-96) - §1. Das Regras Geraes, e Particulares da Pontuação (86-93); §2. Dos mais Signaes da Pontuação (93-96). <b>Livro III. Da Etymologia, ou partes da Oração Portugueza (97-361): Cap. I. Divisão Geral das Palavras, e em especial das Interjectivas (100-114) – ART. 1. Das Palavras Interjectivas, ou Exclamativas (100-103); ART. 2. Das Palavras Discursivas, ou Analyticas (103-114); Cap. II. Do Nome Substantivo (114-137) – ART. 1. De varias fórmias de Substantivos</b></b></b></p>

(119-123); ART.2. Dos Generos dos Nomes Substantivos (123-132), §1. Dos Generos Naturaes, determinados pela Significação (126-127), §2. Dos Generos arbitrarios, dados a conhecer pela terminação (127-132); ART. 3. Dos Numeros, e Inflexões Numeraes dos Nomes Portuguezes (132-137); **Cap. III. Do Nome Adjectivo** (137-190) – ART. 1. Dos Adjectivos Determinativos (141-178), §1. Dos Determinativos geraes, ou Artigos (143-151), §2. Dos Determinativos Pessoaes, assim Primitivos, como Derivados, chamados Pronomes (151-161), §3. Dos Determinativos Demonstrativos, Puros, e Conjunctivos (161-170), §4. Dos Determinativos de Quantidade (170-178); ART. 2. Dos Adjectivos Explicativos, e Restrictivos (178-190), §1. Dos grdos de augmento na significação dos Adjectivos Explicativos e Restrictivos (182-187), §2. Das Terminações, e Inflexões Genericas dos Adjectivos (187-190); **Cap. IV. Do Verbo** (191-309) – ART. 1. Do Verbo Substantivo, e seus Auxiliares (192-198); ART. 2. Da Conjugação do Verbo Substantivo, e de seus Auxiliares (198-237), §1. Dos Modos do Verbo (200-203), §2. Dos Tempos do Verbo em geral (203-207), §3. Das Linguagens do Modo Infinito (207-210), §4. Dos Tempos do Modo Idicativo (210-222), §5. Dos Tempos do Modo Subjunctivo (222-228), §6. Dos Numeros, e Pessoaes do Verbo (228-229), §7. Paradigmas da Conjugação do Verbo Substantivo, e seus Auxiliares (230-237); ART. 3. Do Verbo Adjectivo (237-309), §1. Conjugação do Verbo Adjectivo na sua Voz Activa (244-254), §2. Conjugação do Verbo Adjectivo na sua Voz Passiva (254-257), §3. Conjugação do Verbo Adjectivo em sua Voz Media ou Reflexa (257-263), §4. Da formação regular dos Tempos do Verbo, e dos Verbos Irregulares (263-282), §5. Observações sobre o uso e emprego dos Modos e Tempos do Verbo na Oração (282-309); **Cap. V. Da Preposição** (310-346) – ART. 1. Do Numero das Preposições Portuguezas (314-322); ART. 2. Classificação das Preposições Protuguezas (322-334), §1. Primeira Classe. Preposições de Estado e Existencia (323-328), §2. Segunda Classe. Preposições de Acção e Movimento (328-334); ART. 3. Reducção das Preposições com seus complementos em Adverbios (334-343), §1. Adverbios Portuguezes (337-341), §2. Nomes Adverbiados (341-342), §3. Expressões e Formulas Adverbiaes (342-343); ART. 4. Reducção das Preposições com seus complementos em Casos (343-346); **Cap. VI. Da Conjuncção** (346-361) – ART. 1. Conjuncções Homologas, ou Similares. Primeira Classe (350-353); ART. 2. Conjuncções Anhomologas, ou Dissimilares. Segunda Classe (353-361). **Livro IV. Da Syntaxe e Construcção** (362-451): **Cap. I. Da Oração em geral** (363-369); **Cap. II. Syntaxe de Concordancia** (370-392) – ART. 1. Syntaxe de Concordancia Regular (372-378), §1. Concordancia entre os Termos da Preposição (372-374), §2. Concordancia das Preposições Parciaes com as Totaes (374-377), §3. Concordancias das Preposições Totaes subordinadas com a Principal (377-378); ART. 2. Syntaxe da Concordancia Irregular reduzida a Regular pela Syllepse (378-385), §1. Syllepse do gênero (378-382), §2. Syllepse dos Numeros (382-384), §3. Syllepse das Pessoaes (384-385); ART. 3. Das Discordancias ou Solecismos (385-392), §1. Discordancias ou Solecismos nos termos da Proposição (385-388), §2. Discordancias ou Solecismos na união das Proposições Parciaes (388-391), §3. Discordancias ou Solecismos na união das Proposições Totaes entre si (391-392); **Cap. III. Syntaxe de Regencia** (392-411) – ART. 1. Syntaxe de Regencia Regular (396-404), §1. Complemento Objectivo (396-398), §2. Complemento Terminativo (398-399), §3. Complemento Restrictivo (399-401), §4. Complemento Circunstancial (401-404); ART. 2. Syntaxe de Regencia Irregular, reduzida a Regular pela Ellipse (404-411), §1. Ellipses, que tem por fundamento a Rasão (405-406), §2. Ellipses, que tem por fundamento o uso, e solecismos do abuso (406-411); **Cap. IV. Da Construcção direita da Oração Portugueza** (411-422) – §1. Construcção Direita da Oração simples (413-414); §2. Construcção Direita da Oração composta (414-415); §3. Construcção Direita da Oração complexa (415-422); §4. Construcção Direita do Periodo (422); **Cap. V. Da Construcção Invertida da Oração Portugueza** (422-434) – ART. 1. Das Inversões ou Anastrophes (424-429); ART. 2. Das Tranposições ou Hyperbatos (429-434); **Cap. VI. Applicação dos principios desta Grammatica ás duas primeiras Estanças do Canto I. dos Lusíadas da Camões** (434-451) - §1.

	Analyse Geral (435-438); §2. Analyse Particular (438-451). Indice (453-458). Catalogo (459-466).
<b>Objetivo do autor</b>	Após alegar que João de Barros desejava que “[...] nas villas nobres e nas cidades puzesse o Governo Mestres capazes, que podessem ensinar á mocidade a Grammatica da sua propria Lingua [...]” (BARBOSA, 1822, p.XIV) e mencionar o Alvará de 30 de setembro de 1770, que determinava que os professores instruissem seus discípulos primeiro na gramática do português, Soares Barbosa coloca que “Para esta instrução se propunha então a Grammatica de Antonio Jose dos Reis Lobato. Mas depois daquelle tempo tem saido outras Artes á luz e esta agora para o Publico escolher a que melhor lhe parecer. [...]” (BARBOSA, 1822, p.XIV). Sua gramática, além de defender a abordagem filosófica, tem preocupação pedagógica. Ranauro (2003) menciona ainda um prêmio proposto pela Academia das Ciências a quem escrevesse a melhor gramática filosófica; não deixa clara, porém, a relação da obra com tal competição.
<b>Contribuição da obra/ influências</b>	“Acima de tudo, o que fundamentalmente caracteriza a G. F. é que o seu autor, embora seguindo os princípios da gramática geral, descreve e procura explicar os factos da língua portuguesa, encarando-a tal qual ela é em si própria e não sob a influência de qualquer outra língua. A G. F. contém, portanto, um manancial riquíssimo de observações curiosas e explicações originais sobre muitos factos do português” (CASTELEIRO, 1980, p.104). Se, por um lado, destaca-se a influência de Port-Royal e dos Enciclopedistas, em um compêndio da ciência linguística de sua época, por outro, a Grammatica Philosophica já apresenta aspectos “muito caros à linguística moderna, como a importância da língua falada, o estudo descritivo e não prescritivo de fatos da língua, o aspecto discursivo e outros” (FÁVERO, 1993, p.700). Nela são encontradas “muitas ideias e explicações que só serão retomadas e desenvolvidas pela Gramática Generativa Transformacional, passados mais de dois séculos” (CASTELEIRO, 1980, p.107). “[...] a gramática filosófica de SB aparece, ao exprimir-se argumentativamente, como uma verdadeira <i>teoria</i> linguística, produtora de um <i>fazer saber</i> . E a esse título é de justiça arrolá-la entre as poucas mas brilhantes realizações intelectuais que, capitaneadas desde 1746 pelo <i>Verdadeiro Método de Estudar</i> de L. A. Verney, vão derrubar a afirmação dogmática daquele ‘espírito de sistema’ dos jesuítas que exigia o atrelamento automático do espírito aos preceitos da Escolástica medieval para, em lugar disso, instalar a inteira problemática cultural de Portugal nos quadros da explicabilidade científica, analítica e racional” (LOPES, 1986, p.41). Apesar de ficar por muito tempo esquecida, a Grammatica Philosophica de Soares Barbosa, inserida em um momento histórico determinante para os estudos linguísticos, tem agora, após retomadas algumas de suas ideias, sua contribuição reconhecida.
<b>Partes do discurso</b>	Soares Barbosa estabelece cinco “especies de palavras” ou “Partes Elementares Discursivas”, <i>Nome Substantivo, Nome Adjectivo, Verbo Substantivo, Preposição e Conjuncção</i> , “que com a <i>Interjeição</i> , única parte não discursiva, formão o systema completo dos <i>Elementos da Oraçãõ</i> ” (p.107). As partes discursivas subdividem-se ainda em <i>Nominativas</i> (substantivos e adjetivos) e <i>Conjunctivas ou Combinatórias</i> (verbo, preposição e conjunção). Os pronomes, artigos e participios são reduzidos a adjetivos; e os advérbios, considerados enquanto expressões compostas por uma preposição e seu complemento.

<b>Inovação conceptual/terminológica</b>	<p>- Outra observação interessante e que parece original consiste na aproximação que J. S. Barbosa faz entre os pronomes pessoais e os artigos, à semelhança do que será sustentado por Postal (1966), no âmbito da Gramática Generativa. (CASTELEIRO, 1980,p.)</p> <p>- Quando trata do infinitivo impessoal e do infinitivo pessoal, sendo este último uma peculiaridade do português no quadro das línguas românicas, J. S. Barbosa faz intervir com acerto e originalidade a noção de co-referência de sujeitos (noção tão consagrada em trabalhos da Gramática Generativa), para explicar as diferenças de emprego entre um e outro tipo de infinitivo. (CASTELEIRO, 1980,p.)</p> <p>- A distinção entre linguagem oral e escrita era tão clara e tão forte, que JSB, por exemplo, propôs a distinção entre Vozes e Vogais, Consonâncias e Consoantes. Esta distinção tem sido usada por alguns gramáticos como simples rótulos, não com aplicação feita na GPLP. As vozes e consonâncias são elementos da linguagem oral, ao passo que as vogais e consoantes são letras do alfabeto que representam os elementos sonoros. (CAGLIARI, 1985, p.)</p> <p>- Pela mesma razão, JSB distingue “palavra” de “vocábulo”. Palavra são os segmentos representados na escrita por espaços. Vocábulo é um conjunto de segmentos sonoros, que na fala dependem de uma sílaba tônica, isto é, corresponde ao que hoje dizemos ser um grupo acentual ou grupo tonal. JSB usa consistentemente o termo “vocábulo” sempre que se refere à fala, e o termo palavra sempre que se refere à escrita. (CAGLIARI, 1985, p.)</p>
<b>Bibliografia</b>	CAGLIARI, 1985; CASTELEIRO, 1980; FÁVERO, 1993; LOPES, 1986; RANAURO, 2003.
<b>Autoras da ficha</b>	Rebecca Tawata Tamachiro/Julia de Crudis Rodrigues

*Figura 04: Exemplo de ficha descritiva, elaborada nos moldes do Projeto Documenta.*

## 1.9 Procedimentos de análise

A partir da leitura inicial das obras, selecionamos sete metatermos que se mostraram fundamentais para a compreensão das concepções acerca do plano da expressão da língua em textos descritores do português no século XIX: *som, letra, voz, consoante, vogal, nasal e oral*. Estes metatermos aparecem em diversas passagens das seções dedicadas a Ortografia, Ortoépia, Fonética e Fonologia das obras.

Tomamos como base os ‘parâmetros clássicos’ propostos por Swiggers (2010), descritos em mais detalhes no Capítulo 1 deste trabalho. Alguns dos ‘parâmetros clássicos’ explicitados pelo historiador mostraram-se mais produtivos para a nossa tentativa de organizar as concepções dos sete metatermos previamente selecionados

Os ‘parâmetros’ que se mostraram mais expressivos em nossas análises foram o do ‘conteúdo focal e contrastivo’, pois é a partir das relações entre os metatermos dentro das obras que conseguimos traçar uma ‘rede terminológica’ elucidativa do pensamento científico de cada autor e mesmo de cada período; além deste, foi fundamental o parâmetro que diz respeito à ‘incidência’ dos metatermos, pois esta ‘incidência’

evidencia a maneira como os autores se utilizaram da nomenclatura estudada, com suas definições e exemplos linguísticos concretos. Note-se, por exemplo, o seguinte trecho de Fernão de Oliveira:

**LEtra e figura de voz estas dividimos em côfoantes τ vogaes. as vogaes tem em si voz: τ as confoantes não se não junto cõ as vogaes. Como. a que he vogal: τ. b. que he côfoante: τ nam tẽ voz ao menos tão perfeyta como. a. vogal. ¶ As figuras destas letras chamão os Gregos caracteres: τ os latinos notas: τ nos lhe podemos chamar finaes. Os quaes hão de fer tantos como as pronunçiações a q os latinos chamão elementos: τ nos aspodemos interpretar fundamêtos das vozes τ escritura. (Oliveira, 1536: 10, grifo nosso)<sup>19</sup>**

Para explicar, conceituar, o metatermo *letra*, Oliveira se vale de muitos outros metatermos, sendo os de mais destaque *figura*, *voz*, *consoante*, *vogal*. É preciso, desse modo, analisar esses vários conceitos de forma integrada, para chegar a uma compreensão mais completa do que seja *letra* para o autor é preciso realizar uma análise contrastiva dos conteúdos dos elementos que compõem esse conjunto de metatermos.

A ‘incidência dos metatermos’ se refere ao tipo de dado linguístico a que eles se aplicam. Considerando, por exemplo, *voz* em Fernão de Oliveira, podemos afirmar que é um metatermo de incidência variada, já que (como veremos no Capítulo 3 ora se refere a segmentos fônicos da língua, os fonemas ou seus fones, ora se refere a uma sequência de segmentos (sílabas ou significantes de palavras)).

Opostamente a esses dois ‘parâmetros clássicos’ que se mostraram os mais produtivos para a nossa análise, os parâmetros ‘marca teórica’ e ‘marca disciplinar’ dos metatermos apareceram, como veremos na análise registrada no Capítulo 3, com menor frequência. As marcas ‘heurística’, ‘macro científica’ e ‘cultural’ dos metatermos não puderam ser verificadas com clareza no corpus.

Para cada metatermo selecionado, fizemos uma análise obra a obra, levando em contas os parâmetros acima mencionados, para, ao final, procurar evidenciar as continuidades e descontinuidades tanto dentro do conjunto de textos do século XIX, quanto destes com relação aos estudos quinhentistas. O capítulo de análise interna, assim, segue essa estrutura de discussão preliminar de cada um dos termos em cada uma das obras, seguida de sínteses parciais.

---

<sup>19</sup> **Letra é figura de voz. Estas dividimos em consoantes e vogais. As vogais têm em si voz, e as consoantes não, se não junto com as vogais. Como “a”, que é vogal, e “b”, que é consoante e não tem voz, ao menos não tão perfeita como “a” vogal.** As figuras destas letras chamam os gregos caracteres, e os latinos, notas. E nós lhes podemos chamar sinais. Os quais hão de ser tantos como as pronunçiações a que os latinos chamam elementos, e nós as podemos interpretar fundamentos das vozes e escrituras.

### 1.10 Outros procedimentos

A) Transcrição de trechos: Todos os trechos citados do século XVI, devido à possível dificuldade de compreensão da ortografia e da pontuação pelo leitor contemporâneo, além de terem sido transcritos do modo mais fiel possível no corpo do texto (ou seja, respeitando a pontuação, acentuação e os caracteres dos autores), foram, também, atualizados (em relação à pontuação, ortografia, caracteres), em notas de rodapé. Um exemplo desta transcrição, encontra-se a seguir:

affi como fazemos do til nas vogaes quando também mudão fua voz: digo q mudão a voz porque **não he a mefma voz vila τ vilã: mas o til q lhe pofemos muda a qualidade do .a. ð clara voz em efcura τ meteo mais pellos narizes**: outro tanto: nas outras vogaes como .e. τ .ê. i. τ .im. o. τ .ô. u. τ .û. onde o til faz alghũa coufa τ tem poder alghũ: o qual fintem as orelhas: mas a boca o acha tão fofil tomãdoo por fi foo que o não fabe formar nẽ lhe da nome natural (Oliveira, 1536: capítulo XVI, grifo nosso)

Assim como fazemos do til nas vogais quando também mudam a voz: porque **não é a mesma voz vila e vilã: mas o til q lhe pusemos muda a qualidade do .a. de clara voz em escura e meteu mais pelos narizes**: outro tanto: nas outras vogais como .e. e .ê. .i. e .im. .o. e .ô. .u. e .û. onde o til faz alguma coisa e tem poder algum: o qual sentem as orelhas: mas a boca o acha tão sutil tomando-o por si só que o não sabe formar nem lhe dá nome natural

B) Tabelas e quadros: Como estamos trabalhando com uma rede de termos correlacionáveis, há dados das obras que se repetem nas análises de metatermos distintos. Desse modo, destacamos sempre em negrito as partes dos trechos e tabelas que são o foco de cada análise. Veja-se o exemplo, retirado da seção de análise em que tratamos dos metatermos *nasal* e *oral*. A tabela é de autoria de Soares Barbosa e sua citação se repete em alguns momentos de nossa análise. Na seção mencionada, os metatermos que nos interessam, especialmente, são os relacionados com a nasalidade das letras:

“Taboa ou teclado das 21 Consonancias da Lingua Portugueza, 5 Labiaes, e 16 Linguae”.

<b>Tecla Labial Pura</b>	Branda Forte <b>Nasal</b>	B P <b>M</b>	Bála Pála Mála
Tecla Labial Dental	Branda Forte	V F	Válla Fála
Tecla Lingual Guttural	Branda Forte	G, GU C, QU	Gállo, Guêto Cállo, Quêdo
Tecla Lingual Dental	Branda Forte	D T	Dála Tála
Tecla Lingual Palatal Sibilante	Branda Forte	S, Ç Z	Sáoco, Çumo Záco
Tecla Ling. Palat. Chiante	Liquida Forte Branda Forte	S X J, G CH	Sciencia Xára Járra, Gêssó Chárra
<b>Tecla Ling. Palat. Nasal</b>	<b>Branda</b>	<b>N</b>	Náfete



	<b>Forte</b>		<b>NH</b>	Nhafete
Tecla Ling. Palatal	Pura	Liquida Forte	L LH	Lama Lhama
	Tremolante	Liquida Forte	R RR	Caro Carro

(Barbosa, 1822: 11, grifos nossos)

Esta mesma tabela é apresentada no capítulo das *consoantes*, porém, sem destaque especial, já que é um capítulo que tem como foco todos os segmentos apresentados na tabela.

C) Equivalência entre metatermos: O metatermo *som*, um dos sete analisados em nossa dissertação, não aparece com este significante em Nunes de Leão (1576), mas como *soído*. Consideramos, em nossa análise, os dois metatermos como equivalentes.

## Capítulo 2: Contexto de produção e circulação de estudos sobre o plano da expressão da linguagem na gramaticografia portuguesa dos séculos XVI e XIX

Portugal, no século XVI, passava por um intenso processo de expansão territorial, o que, evidentemente, fez com que o país entrasse em contato com outros povos e, conseqüentemente, com outras línguas. Embora nesse período as línguas não indo-europeias tenham começado a passar pelo processo de gramatização, como foi o caso, por exemplo, do ocorrido no Brasil (com as gramáticas de Anchieta (1595), Figueira (1622), Dias (1697), Mamiani (1699)<sup>20</sup>), a elaboração de gramáticas do português configurava-se como tarefa essencial para que se pudesse contar com um instrumento de ensino da língua vernácula, de modo a consolidar algumas de suas normas entre os lusitanos e, no contexto da colonização, auxiliar na difusão de uma língua de dominação sistematizada/normatizada – como deveriam ser, conforme deixam entrever as palavras de seus primeiros gramáticos, as línguas das grandes nações. Assim, somada ao processo de conquista territorial, havia, naquele momento, uma necessidade de constituição identitária dos países europeus, que poderia ser fomentada por uma língua descrita, gramatizada, legitimada no contexto das nações desenvolvidas. Dessa forma, no século XVI, “*a escrita do português expande-se como se expandiu o próprio Império*” (Netto, 2001: 19), fomentada por suas primeiras sistematizações, inspiradas na tradição gramatical greco-latina.

Note-se a seguinte passagem de Oliveira (1536):

Porque Grécia τ Roma fo por ifto ainda vivê: porq quando senhoreauão o mundo mandarão a todas as gentes a elles foyeytas aprender fuas linguas: τ em ellas efcreuião muytas boas doutrinas τ não fomente o q entendião efcreuião nellas: mas tambem tralladauam parellas todo o bo q lião em outras. E desta feyção nos obrigarão a que ainda agora trabalhemos em aprender τ apurar o feu efqueçendo nos do noffo não façamos allí mas tornemos fobre nos agora que he tempo τ fomos senhores porque **melhor he que enfinemos a Guine ca que fejamos enfinados de Roma**: ainda q ella agora teuera toda fua valia τ preço. E não desconfiemos da noffã lingua porque os homês fazem a lingua τ não a lingoa os homês. (Oliveira, 1536: 7)<sup>21</sup>

---

<sup>20</sup> MAMIANI, Lodovico Vincenzo Della Rovere. 1877[1699]. *Arte de grammatica da lingua brasilica da naçam kiriri*. Rio de Janeiro: Central de Brown & Evaristo; DIAS, Pedro. 1697. *Arte da lingua de Angola, oeferecida a Virgem Senhora N. Do Rosario, Mãy, & Senhora dos mesmos Pretos*. Lisboa: Officina de Miguel Deslandes; ANCHIETA, José de. 1990[1595]. *Arte de grammatica da lingua mais usada na costa do Brasil*. Fac-similar da 1ª ed. Apres. Carlos Drumond. Adit. do P. Armando Cardoso. São Paulo: Loyola; FIGUEIRA, Luis. 1687[1621]. *Arte de grammatica da lingva brasilica*. Lisboa: Miguel Deslandes. 2ª ed.

<sup>21</sup> Porque Grécia e Roma só por isto ainda vivem, porque quando ainda senhoreavam o mundo, mandaram a todas as gentes a eles sujeitas, aprender suas línguas. E nelas escreviam muitas boas doutrinas. E não somente o que entediavam escreviam nelas, mas também trasladavam para elas todo o bom que liam em outras. E desta feição nos obrigaram a que ainda agora trabalhemos em aprender e apurar o seu,

É possível perceber que esse conjunto de aspirações (políticas e identitárias) imbricadas umas às outras se reflete nas próprias gramáticas, como acontece no exemplo acima.

Já no século XIX, na Europa, há um alargamento e uma diversificação dos saberes que se revelam junto com o surgimento de novas disciplinas, tais como a Biologia, a Sociologia e a Psiquiatria. Esse período avança com certa especialização que, de acordo com Cardoso (2004), tenderia a fragmentar o campo das ciências ou dos conhecimentos.

Como se sabe, entre 1807 e 1810, Portugal passava por um momento politicamente conturbado devido às invasões napoleônicas, que resultaram na fuga do Rei D. João VI e de sua corte para o Brasil. No que diz respeito aos planos cultural e ideológico, de acordo com Homem (2001: 341), “*a ocupação militar incrementou a difusão das ‘ideias francesas’, que já no decurso do reinado de D. Maria I tinham sido objeto de cerrada perseguição por parte da realeza.*”

Esse contexto de “perseguição” teria contribuído para certo atraso do país com relação a outros europeus no que diz respeito a avanços científicos. Portugal ocuparia, então, um lugar periférico na produção de conhecimento:

Ou seja pela força absorvente da política consumindo em pura perda gerações de espíritos prometedores, ou seja por incapacidade orgânica ou histórica, definitiva ou temporária, de exercer as faculdades abstratas atacando os problemas da ciência, Portugal não tem, como a Inglaterra na psicologia e na lógica, a Alemanha na filologia e na metafísica, a Itália na psiquiatria, um departamento mental seu, como uma propriedade intelectual, legitimada por uma série ininterrupta de trabalhos fundamentais. (Basílio Teles, Introdução da ‘Revista de Ciências Naturais e Sociais’, 1889, *apud* Cardoso, 2004: 19-20)

No que concerne aos estudos linguísticos, embora houvesse uma influência francesa, como foi explicitado acima, Portugal não contava com ‘correntes’ ou ‘escolas’ internas bem estabelecidas, que guiassem e servissem de base para um estudo linguístico nacional.

Apesar de a Gramática de Soares Barbosa ter sido publicada por iniciativa da Academia, o que decerto favoreceu a sua reimpressão, e de a gramática de Couto e

---

esquecendo-nos do nosso. Não façamos assim, mas tornemos sobre nós agora que é tempo e somos senhores, porque **melhor é que ensinemos a Guiné, do que sejamos ensinados de Roma**, ainda que ela agora tenha toda a sua valia e preço. E não desconfiemos da nossa língua, porque os homens fazem a língua e não a língua os homens.

Melo se destinar aos alunos das Escolas Militares, **a verdade é que os textos gramaticais portugueses eram fruto da iniciativa individual, não da encomenda feita por entidades oficiais, com tudo o que isso significou em termos de escassez de “correntes” ou “escolas” verdadeiramente nacionais**, embora seja certo que, naquela época, a França ditava o modelo dos estudos gramaticais e linguísticos em toda a Europa, não havendo como escapar a esse influxo. (Gonçalves, 2007: 10, grifo nosso)

Desse modo, as gramáticas portuguesas produzidas entre 1750 e 1850 são fruto de um contexto em que se destacava um iluminismo linguístico tardio, que buscava, no que diz respeito aos estudos gramaticais, se pautar na “razão” na constituição dos textos gramaticais. Buscava-se explorar a relação ‘pensamento’ e ‘linguagem’ sob influência de propostas francesas.

Do nosso *corpus*, levam o título de *gramática filosófica*, as obras de Couto e Melo (1818) e de Soares Barbosa (1822). Gonçalves (2006) exemplifica a influência iluminista na gramática de Couto e Melo, na qual a “linguagem” era compreendida como “*o systêma ou colêção dos sinaes convencionados das nossas ideias, dos nossos juizos e dos nossos raciocínios*” (Melo 1818: 15). Enquanto as línguas, expressões do pensamento, por transmitirem as “*operações intelétuaes ou do entendimento*” (idem) eram concebidas como “*instrumentos necessários para adquirir-los*” (Melo 1818: 16), o que se tornava possível devido à intervenção de três sentidos: o ouvido, a vista e o tato. Somado a isto, a “palavra”, para Couto e Melo, era sinal ou expressão das ideias, de cuja combinação resultava a expressão dos “juízos”.

No começo do século XIX, desenvolve-se, na Europa (com especial destaque para a Alemanha, chegando apenas mais tardiamente em Portugal, como veremos), a Linguística Histórico-Comparativa, que tem como expoentes (cf., por exemplo, Robins 1983 [1979]; Silva 2012) Rasmus Rask (1787-1832), Jacob Grimm (1785 – 1863) e Franz Bopp (1791 – 1867). De acordo com Robins (1983 [1979]), o termo ‘Gramática Comparativa’ (*vergleichende grammatik*), usado como sinônimo de Linguística Histórico-Comparada, é de Schlegel (1772-1829).

Na verdade, os fundamentos da linguística comparada foram preparados por Franz Bopp com a publicação de sua *Gramática comparativa*, com a qual conseguiu refutar a ideia equivocada defendida por Friedrich Schlegel (1772-1829) de que o grego e o latim eram provenientes do sânscrito. Mas os fundamentos da linguística histórica só foram estabelecidos concretamente por Jacob Grimm, com a publicação de sua *Gramática germânica*. Apesar de contemporâneas em sua efetiva formulação científica, a linguística histórica é proveniente da linguística comparativa. (Silva, 2012: 252)

Esta rede de pensamento científico sustentava, entre outras, a ideia de que os estudos históricos seriam facilitados a partir da comparação, e a noção de que a mudança linguística ocorria a partir da alteração de um estado primitivo da língua (cf. Robins, 1983 [1979]: 140).

Enquanto o método histórico-comparativo procura as ligações entre o “terminus a quo” e o “terminus ad quem”, o latim vulgar e as línguas românicas respectivamente, os outros métodos têm como objeto especificamente o “terminus ad quem”, pois investigam sincronicamente aspectos atuais dessas mesmas línguas, cujas explicações, porém, devem ser buscadas diacronicamente. (Silva, 2012: 251)

Conforme assinala Robins (1983 [1979]: 132), estudos *históricos* sobre a linguagem são raros antes do século XIX. Segundo Gonçalves (s/d: 01), é apenas em 1868, data de publicação da obra *A Língua Portuguesa*, de Adolpho Coelho, que se inicia o período mais impactado pelas novas ideias, históricas e comparativas, em Portugal. Essa passagem para um período dito ‘científico’ se deu a partir do momento em que se começou a definir a ciência linguística como uma demonstração, com base em uma observação real dos ‘fatos da língua’, uma vez que as gramáticas portuguesas imediatamente anteriores, de um modo geral, se pautavam em ‘categorias do pensamento’ – e não em fatos linguísticos.

Barbara Schäfer-Prieb (2002) afirma que há duas datas marcantes na tradição gramaticográfica portuguesa do século XIX. A primeira é 1822, com a obra de Soares Barbosa e a outra, 1868, com *A língua portuguesa* de Adolfo Coelho. Segundo a autora, a gramática de Barbosa pode ser considerada o auge da gramática filosófica, na tradição da *Grammaire générale* francesa, em Portugal. Enquanto Coelho, tal como afirma Filomena Gonçalves, inauguraria o período científico, com sua gramática Histórico-Comparativa.

Schäfer-Prieb (2002) diferencia os dois tipos de produção gramatical do seguinte modo:

*A grammaire générale* é em princípio universalista e estática. As línguas particulares concretas não servem como base de dados, mas como comprovação de teorias *toutes faites*. Da mesma forma, o parentesco e a evolução das línguas geralmente não são alvo de interesse. [...] A mudança anuncia-se quando o interesse histórico começa a aplicar-se às línguas particulares concretas e à medida que os métodos indutivos vão superando os dedutivos. Este processo de alteração dos interesses teóricos tem por fim a linguística histórico-comparativa, que domina durante todo o século XIX e que é considerada pela primeira vez como “científica”. (Schäfer-Prieb, 2002: 161)

Silva (2012) explica que o método histórico-comparativo, como próprio nome evidencia, é a fusão do método histórico com o comparativo. Enquanto “*o método histórico procura explicar as causas e/ou consequências dos fatos linguísticos através da observação de dois ou mais estágios cronológicos de uma língua*” (2012: 252), o método comparativo, inerente ao método histórico, “*é utilizado também para cotejar estágios de evolução de diversas línguas ou dialetos nas diferentes regiões em que são faladas ou documentadas*” (2012: 252).

Se tomarmos como exemplo a obra de Adolpho Coelho (1868), notaremos que o autor faz uma minuciosa análise e descrição dos sons das línguas fontes do português, para então explicar e explicitar, baseado (como veremos no Capítulo 3) em diversas regras e longas listas de exemplos, a etimologia dos sons da língua portuguesa.

Fazendo-se essas comparações com um número exaustivo de casos semelhantes, estabelecem-se normas, regras ou “leis” que possibilitam a reconstituição de formas linguísticas não documentadas para explicar a etimologia de muitas palavras. (Silva, 2012: 252-253)

A seguir, oferecemos uma breve nota biográfica de cada um dos autores de nosso *corpus*, bem como informações e sistematizações das suas obras.

## **2.1 Século XVI**

### **2.1.1 Fernão de Oliveira (1507 – 1580?) e a *Grammatica da Lingoagem Portugueza* (1536)**

Fernão de Oliveira (1507? – 1580?) entrou, aos treze anos, como noviço no Convento dos Dominicanos, em Évora, abandonando-o em 1532 e partindo, então, para permanecer um tempo na Espanha. Publicou sua gramática, à qual se refere como “*uma primeira anotação da língua portuguesa*”, em 1536. Por volta de 1540 partiu para a Itália a serviço de D. João III. Retornando a Portugal em 1543. Em 1547, não se sabe bem o motivo, foi preso pela inquisição, cumprindo a pena por três anos. Em 1554 conseguiu trabalhar por alguns meses na Universidade de Coimbra como revisor e como professor de Retórica. Porém, em 1555 foi preso novamente, sendo solto em 1557. (cf. Buescu, 1978).

A partir da literatura consultada sobre os primeiros estudiosos da língua portuguesa, tais como Buescu (1984, 1978), Fávero (s/d), e das próprias palavras de

Oliveira (1536), podemos afirmar que sua obra não seria propriamente a primeira gramática portuguesa, mas sim um primeiro estudo da língua, uma vez que ela não apresenta a estrutura típica de uma gramática. Fávero afirma que a obra de Fernão de Oliveira se rotularia melhor como obra de um fonólogo, uma vez que dos 50 capítulos “vinte e quatro (de 6 a 29) são dedicados à fonética e a ortografia; treze (de 30 a 42), à lexicologia; seis (de 43 a 48), à morfologia e um, à sintaxe (49).” (Fávero s/d: 15). Buescu (1984:15) diz que “a obra de Oliveira é, efetivamente, um conjunto de curiosas e judiciosas reflexões, de tipo ensaístico; em suma, uma miscelânea lingüística e cultural.”.

A obra de Oliveira (1536) conta com 75 páginas e apresenta 50 capítulos não nomeados. Os cinco primeiros, que vão até a página 9, são utilizados pelo autor para fazer um resumo da história portuguesa, seus reis, seus reinos etc. Os capítulos mais importantes para o tema de nossa pesquisa, e que foram estudados mais profundamente são os próximos 24, do 6º ao 29º, uma vez que é nesta parte da obra que o autor trata das ‘letras’; do capítulo 30 ao 42, o autor discorre sobre a lexicologia; nos próximos seis capítulos (do 43 ao 48) o autor dedica-se à morfologia; o capítulo 49 fala sobre a construção (a sintaxe); e, por fim, o capítulo 50 é utilizado pelo autor para justificar possíveis erros de sua obra.

### **2.1.2 João de Barros (1496? – 1570?) e a *Grammatica da Lingua Portuguesa* (1540)**

Sendo oriundo, apesar de que bastardamente, de uma família nobre, João de Barros teve contato desde cedo com o Rei D. João III, que o influenciou, segundo Buescu (1984), a exercer suas primeiras tentativas literárias. De 1525 a 1528, exerceu o cargo de tesoureiro da Casa da Índia, Mina e Ceuta, o que o influenciou decisivamente em sua atividade de historiador, pois o colocou em contato com os problemas do estabelecimento dos portugueses na Índia, e lhe deu a oportunidade de compulsar documentos oficiais relativos a esse domínio. Em 1531, Barros iniciou seu plano de historiar a presença e ação portuguesas fora das fronteiras de Portugal. Foi nomeado, em 1533, para o cargo de feitor da Casa da Índia, o qual ocupou por 35 anos.

A gramática de João de Barros (1540) apresenta um caráter estritamente didático. Apesar de ter seguido a linha de Nebrija, a obra de Barros, segundo Buescu

(1984), tem muito de original e de renovador; a autora acrescenta que “*a personalidade moral e humana de Barros fornece-nos uma prova da autenticidade da sua obra multiforme e condicionada por duas constantes: a integridade e o amor a pátria.*” (Buescu, 1984: 32). João de Barros relaciona a língua portuguesa com a latina, e, segundo Buescu, isso “*é para ele um meio pedagógico de facilitar a aprendizagem da nova gramática (...) a Gramática latina é, antes de mais nada, o modelo e a referência.*” (Buescu, 1978: 64). Porém, a autora ressalta o fato de que Barros tem uma preocupação de individualização da língua portuguesa, o que resolve, entre outros procedimentos, utilizando-se, durante suas descrições e comparações das línguas, dos pronomes *Nós* (os portugueses) e *Eles* (os latinos).

A gramática portuguesa, segundo Barros (1540), contém as mesmas partes que a gramática latina; divide-a em Etimologia<sup>22</sup>, que trata da dição<sup>23</sup>; Ortografia, que trata principalmente da letra; Prosódia, que trata da sílaba<sup>24</sup>; e Sintaxe, que trata da construção<sup>25</sup> (cf. Barros, 1540: 2r). As partes da gramática de João de Barros que interessam para nossa pesquisa são duas: da página 3v até a 4r (nesse trecho o autor introduz a noção de letra e sílaba) e da página 40r até a 50r, em que ele discorre sobre a ortografia do português, aprofundando a explicação sobre letra: o autor discorre sobre cada letra do alfabeto e explicita regras ortográficas.

### **2.1.3 Duarte Nunes de Leão (1530-1608) e a *Ortografia da Língua Portuguesa, 1576.***

Duarte Nunes de Leão foi um jurista, historiador e gramático da língua portuguesa. Nasceu em Évora, em 1530, e morreu em Lisboa, em 1608. Coursou Direito na Universidade de Coimbra, formação esta que lhe renderia a publicação de algumas coletâneas de textos, publicados na década de 1560. Com relação aos seus trabalhos

---

<sup>22</sup> O metatermo etimologia, segundo Auroux (1992), é utilizado para designar morfologia, este emprego do metatermo, segundo o autor, cairia em desuso na Europa apenas no século XVIII.

<sup>23</sup> O autor não define *dição*, mas percebemos pelo seu texto que é o mesmo que palavra ou vocábulo.

<sup>24</sup> “*lyllaba, e hũa das quátro pártes da nólla Grammática que corresponde á Profodia, que quer dizer acento e canto: aqual lyllaba e aiütamêto de hũa uogal, cõ hũa e duas e as uezes tres cõloantes, que iütamente fazê hũa ló uóz.*” (BARROS, 1540: 4v)

<sup>25</sup> “*Esta (segundo difincã dos grãmáticos) e hũa cõueniêcia antre partes, poftas e feus naturáes lugares: per as quáes uimos e cõhiçimêto dos nóllõs cõçeitos . Ebê como, ao hómê e natural a fala, ally lhe e natural a cõueniêcia destas partes: nome fultantiuo cõ aietiuo, ntõ cõ uerbo , relatiuo com antecedente.*” (BARROS, 1540: 30v). Faz parte da construção, para o autor, concordância, e regimento.



historiográficos, contribuiu, principalmente, com o texto “Descrição do Reino de Portugal”, publicado postumamente, em 1610. Contudo, o maior destaque do autor é com relação aos seus estudos sobre a Língua Portuguesa, que resultaram na *Orthographia da Lingua Portugueza* (1576) e na *Origem da Lingua Portugueza* (1606).

A *ortografia* de Leão é dividida em 22 capítulos não numerados. O autor começa explicando alguns conceitos, como o que é *letra, voz, consoante, vogal*, para depois passar à descrição de cada uma das letras do alfabeto português. Os capítulos seguintes dizem respeito às *sílabas e dicções*, evidenciando, por exemplo, as posições que cada *letra* pode ocupar nas *palavras* (há capítulos como “Das letras, em que se podem acabar as dicções da língua portuguesa”); e, por fim, Leão destaca 20 regras gerais da ortografia da língua portuguesa e algumas regras de pontuação.

## 2.2 Século XIX

### 2.2.1 João Crisóstomo do Couto e Melo (1775-1838): *Gramática Filosófica da Linguagem Portuguêsa. Composta e oferecida a el rei nosso senhôr.*

Couto e Melo (1775 – 1838) foi capitão e professor do Real Colégio Militar da Luz (Queirós, s/d: 244). Em 1818, ano de publicação de sua gramática, era diretor de escolas militares (Martins, 2008: 22; Couto e Melo, 1818: XXIV) que tinham por objetivo primeiro alfabetizar os soldados do exército (Casulo, 2010). Estas escolas, que adotaram a sua *Gramática Filosófica* (Gonçalves: s/d, 175), aplicavam o método Lancasteriano, também chamado de Método de Ensino Mútuo, o qual se baseia em ensinar os alunos a instruírem-se reciprocamente;

A *Gramática Filosófica* de Couto e Melo (1818) foi oferecida a D. João VI, então rei de Portugal e Brasil. Ela é composta pelas seguintes seções: 1) “prefacio” (página I a XXVIII); 2) “introdução á gramática filosófica portuguêsã, ou arte de pensar” (página 05 a 37); 3) “ortoepia” (página 39 a 58); 4) “etimologia” (página 59 a 223); 5) “sintasse” (página 224 a 264); 6) “minuta” [índice] (páginas 265 a 268); 7) “advertência ao leitor” (página 269 a 271); 8) “tábua comparativa das opiniões dos mais acreditados gramáticos portuguêses des do anno de 1539 até o de 1804, sôbre o número e espécie dos ditongos da linguagem portuguêsã” (página 273).

*Gramática Filosófica*, para Couto e Melo (cf. 1818: 18), é o conjunto de preceitos estabelecidos *razoavelmente* para se expressar o pensamento, sendo que esta organização se dá a partir da observação de uma linguagem articulada. A gramática de qualquer língua, segundo o autor, é composta das seguintes partes: 1) *Ortoépia*, que trata da pronúncia dos vocábulos, sendo que a correta é a falada pelos eruditos da corte; 2) *Etimologia*, que trata da origem e derivação dos vocábulos; e 3) *Sintaxe*, que tem por objeto a construção do discurso.

A seção desta gramática que analisamos é a *Ortoépia*. Da página 39 a 58, é dividida em cinco partes: I) Dos sons ou elementos da palavra pronunciada (39 – 45); II) Das Letras ou Elementos da palavra escrita (46 – 52); III) Das Sílabas (52 – 54); IV) Dos Vocábulos (54 – 55); V) Da pronúncia do Discurso (55 – 58).

### **2.2.2 Jerônimo Soares Barbosa (1737 – 1816): *Grammatica Philosophica da Língua Portuguesa ou Princípios da Grammatica Geral Aplicados á Nossa Linguagem*.**

Jerônimo Soares Barbosa (1737 – 1816) frequentou o seminário e obteve bacharelado em direito canônico pela Universidade de Coimbra. Foi professor de retórica e poética e fez uma carreira na área da pedagogia como inspetor da escola de primeiras letras e língua latina, em Coimbra, e como editor de autores clássicos para uso nas escolas; em 1799, torna-se membro da Junta da Directoria Geral dos Estudos, criada na mesma ocasião. Sua preocupação pedagógica observa-se também em *Escola popular das primeiras letras* (1796) e *As duas línguas* (1807), sendo a última uma gramática comparada de português e latim. Segundo Vasconcelos (1929, 871), Soares Barbosa é o principal representante, no que diz respeito a produções linguísticas, de um período marcado “*pelo renovamento filosófico e crítico relativamente à concepção do que é um idioma*”. Barbosa escreve, em 1803, a introdução à *Grammatica Philosophica da Língua Portuguesa ou Princípios da Grammatica Geral Aplicados á Nossa Linguagem*; no mesmo ano, torna-se sócio livre da Academia Real das Ciências de Lisboa. Coube à tipografia desta agremiação a publicação póstuma da *Grammatica Philosophica*, em 1822.

Com 480 páginas, a *Grammatica Philosophica*, de Soares Barbosa divide-se em: 1) Introdução (I-XIV); 2) Livro I. Da Orthoepia, ou Boa Pronúncia da Língua

Portugueza (2-55); 3) Livro II. Da Orthographia, ou boa Escripura da Lingua Portugueza (56-96); 4) Livro III. Da Etymologia, ou partes da Oração Portugueza (97-361); e 5) Livro IV. Da Syntaxe e Construcção (362-451).

Em sua introdução, Soares Barbosa explica que inicialmente a gramática era a ciência que se encarregaria de ditar a maneira correta de se ler e escrever os *caracteres* de uma língua:

*A Grammatica, (que quer dizer Litteratura) não foi ao principio outra couza, senão a sciencia dos caracteres, ou Reaes, representativos das couzas, ou Nominaes, significativos dos sons e das palavras. Toda a sciencia do homem Letrado, ou Grammatico, se reduzia naquelles primeiros tempos a saber ler e formar, ou com o pouteiro, ou com a penna, estes caracteres. (Barbosa, 1822: I)*

O autor traça, então, um percurso por que teria passado a gramática, indicando quatro fases, a saber: 1) a da *Pintura*. Este método previa uma figura para representar cada ideia: “*para representar, por exemplo, a ideia de hum homem, ou a de hum cavallo, pintava-se ou esculpia-se a figura natural de hum, ou de outro*” (1822: I). Barbosa dá como exemplo a “*escriptura dos selvagens do Canadá*” (idem). 2) a dos *Hieroglíficos*. O autor acredita que pelo método anterior ser *defeituoso, longo e custoso*, os egipcios tenham criado os hieroglíficos, que criavam uma figura, não para representar apenas uma coisa, mas um conjunto delas:

*Hum Hieroglyphico so, pelas ideias que a sua instituição ao principio, e depois a tradição lhe alligava, era huma pequena historia. Desta sorte a Escripura, que ao principio era huma simples pintura, ficou sendo pintura e symbolo ao mesmo tempo. Para a abbreviar ainda mais, não costumavão os Egypcios pintar a figura inteira; mas ou huma parte della pelo todo, ou o signal pela couza significante, ou huma couza por outra, que com ella tivesse alguma semelhança, ou analogia.” (Barbosa, 1822: I)*

3) a da *escriptura simbólica*. Os hieroglifos foram sendo cada vez mais *abreviados* e deixaram de ser pinturas, para tornarem-se símbolos (Barbosa compara este sistema com o que equivaleria à escrita chinesa de seu tempo). Este sistema, na visão de Barbosa, também não é eficiente, já que

*para cada ideia he preciso hum Symbolo, e as ideias são infinitas; bem se vê que a Escripura Symbolica tem quasi os mesmos inconvenientes que a Representativa e a Hieroglyphica. Assim hum Grammatico e Letrado Chino gasta toda a sua vida a ler e a escrever. Os seus symbolos a pesar de todas as reduções que se tem feito, chegam ainda ao enorme numero de oitenta mil. (Barbosa, 1822: II)*

Assim, fez-se necessária a quarta fase desse percurso da escrita: 4) a da *Escrita Literal*, que visa a “*pintar*” não as coisas, mas as palavras que as representam.

O descobrimento deste genero de Escripura era mui difficil; a execução porêem era facil. Para a excogitar era necessario hum engenho superior, que advertisse que os sons de huma lingua se podião distinguir e decompor em certos elementos, communs a todas as palavras della. Porêem, huma vez descoberto este segredo, a separação e enumeração dos sons não podia custar muito. (Barbosa, 1822: III)

A gramática, para Barbosa, é a “*Arte, que ensina a pronunciar, escrever, e falar correctamente qualquer Lingua*” (1822: VIII), e conta com duas partes principais, uma mecânica, “*que considera as palavras como meros vocabulos e sons articulados, ja pronunciados, ja escriptos, e como taes sujeitos ás leis physicas dos corpos sonoros, e do movimento*” (idem) e uma lógica, “*que considera as palavras, não ja como vocabulos, mas como signaes artificiaes das ideas e suas relações, e como taes sujeitos ás leis psychologicas, que nossa alma segue no exercicio das suas operações e formação de seus pensamentos*” (idem). A *ortoépia* e a *ortografia* pertencem à parte mecânica da gramática; a *etimologia* e a *sintaxe* pertencem à parte lógica. E esses quatro elementos consistem nas partes naturais de uma gramática.

A *Orthoepia* deve ensinar a distinguir e a conhecer os sons articulados da língua para pronunciá-los corretamente; a *Orthographia* ensina a representar corretamente os sinais literais adotados pelo uso; a *Etymologia* ensina as espécies de palavras, que constituem as orações; e a *Syntaxe* ensina a coordenar estas palavras no discurso de modo que façam sentido.

As seções que analisamos mais a fundo neste trabalho são as que tratam da *ortoépia* e da *ortografia*. Estão divididas do seguinte modo: **Livro I. Da Orthoepia, ou Boa Pronunção da Lingua Portugueza (2-55)**: Cap. I. Das Vozes Portuguezas (2-6); Cap. II. Das Consonancias Portuguezas (7-14); Cap. III. Dos sons compostos so de vozes, ou Diphthongos da Lingua Portugueza (14-18); Cap. IV. Dos sons compostos de vozes e de Consonancias, ou das Syllabas da Lingua Portugueza (18-21); Cap. V. Dos Vocabulos da Lingua Portugueza, e das alterações, que soffrem na Pronunção (21-26); Cap. VI. Das Modificações Prosodicas, accrescentadas aos Vocabulos, e 1º das que nascem da quantidade (27-39); Cap. VII. Das Modificações Prosodicas, accrescentadas aos vocábulos, e 2º das que nascem do Accento (39-50); Cap. VIII. Dos Vicios da Pronunção (50-55). **Livro II. Da Orthographia, ou boa Escripura da Lingua Portugueza (56-96)**: Cap. I. Regras Communs a todas as Orthographias (58-67); Cap. II. Regras próprias da Orthographia Etymologica, e Usual (68-76); Cap. III. Regras próprias da Orthographia da Pronunção (77-84); Cap. IV. Da Pontuação (85-96)

### **2.2.3 Francisco Solano Constâncio (1777 – 1846): *Grammatica Analytica da Língua Portuguesa, offerecida á mocidade estudiosa de Portugal e do Brasil.***

Francisco Solano Constâncio (1772 – 1846), médico e historiador, traduziu obras, tanto da área da medicina – como a *Anatomia*, de Armand Sabatier, e o *Curso Completo de Cirurgia*, 6 volumes, de Benjamin Bell; quanto de natureza política – como *Princípios de economia política* (1820) de Thomas Robert Malthus e *Economia política*, de David Ricardo. No que diz respeito à dedicação de Constâncio à Língua Portuguesa, ele é autor do *Novo dicionario critico e etymologico da lingua portugueza* (1836) e da *Grammatica analytica da lingua portugueza* (1831). Morou em diversos países, tais como Inglaterra, França e Estados Unidos. Seu dicionário (de 1836) e a obra *História do Brasil* (1839) levantaram diversas polêmicas e não foram bem aceitos, segundo o dicionário de Inocêncio Francisco da Silva (1858), sendo que os argumentos principais de seus críticos se pautavam no fato de Constâncio viver no estrangeiro, desconhecendo as realidades descritas.

A *grammatica analytica*, de Constâncio, contém 312 páginas e é composta pelas seguintes partes: Proêmio (p. 01- 04); Parte Primeira (p. 05-19): Das Letras ou caracteres vocaes; Parte Segunda (p.19 - 176): Das partes da oração; Parte Terceira (p. 176 - 203): Das Particulas da oração; Parte Quarta (p. 203 - 247): Da Sintaxe; Parte Quinta (p. 247 - 308): Da Prosodia; Index (p. 309 – 312).

Analizamos, nesta pesquisa, a primeira e a quinta partes da gramática de Constâncio, que estão divididas do seguinte modo:

**Parte Primeira** (5-19): Das Letras ou caracteres vocaes (5); Letras portuguezas (5-6); Sons vogaes (6-11); Sons consoantes simples expressados por duas letras (11) – Observações (12); Da natureza das letras consoantes (12); Sons e letras consoantes prolongaveis (13-14); Das outras consoantes (14); Dos diphthongos (14); Diphthongos simples (15-16); Mappa dos diphthongos portuguezes (16-18); Diphthongos nasaes (18-19); Triphthongos (19). **Parte Quinta** (247-308): Da Prosodia (247-249); Da força e intensidade dos sons vogaes predominantes nas syllabas (249-255); Da quantidade (255-257); Dos vícios de pronunciação mais notáveis (257-260); Da orthographia da Língua portuguesa (260-284); Observações criticas sobre as regras dadas pelo Snº

Jeronymo Soares Barboza (284-290); Da maneira de partir as palavras (290-292); Catalogo alphabetico das palavras sobre cuja orthographia reina mais incerteza (292-305); Da Pontuação e dos Accentos (305-309).

No *proemio*, Constâncio explica que a gramática é um conjunto de regras para ler e escrever corretamente uma língua, sendo a forma correta e estabelecida pelo *uso dos doutos*.

O autor afirma que, devido às línguas terem uma *relação natural* com as sensações, ideias e pensamentos humanos, por mais numerosas que sejam, sempre haverá uma semelhança estrutural entre elas.

Em todas se encontram os mesmos elementos intellectuaes, e a diferença em geral consiste na maneira de dispôr e collocar estes elementos. A intelligencia humana he essencialmente semelhante em todas as regiões do globo habitado, e forçosamente ha de adoptar hum dos systemas de linguagem natural que serve de base ás diversas familias de linguas conhecidas. [...] Todas as linguas tem em commum regras ou principios que constituem a grammatica geral analytica. (Constâncio, 1831: 02)

Além da gramática geral, há a gramática particular, que é mais ou menos regular, pois é fundamentada a partir da língua de que deriva.

Como, segundo Constâncio, o português não foi derivado diretamente do latim clássico, mas de dialetos latinos populares que foram se formando a partir da língua clássica, seria necessário, para bem conhecer a língua portuguesa, recorrer ao estudo das outras línguas formadas a partir desses dialetos latinos, tais como o francês, o italiano, o castelano etc.

Por não levarem em conta esses processos de derivação de línguas que originaram, por fim, o português, muitos gramáticos anteriores a Constâncio, segundo ele, cometeram erros em suas obras:

Se a lingua portugueza he essencialmente latina nas vozes ou vocabulos, he por certo bem distincta nas desinencias dos nomes e verbos, e na construcção, no valor e funcções das particulas. Não he menos differente na prosodia e na versificação. Errarão pois os autores que para a grammatica portugueza tomárão por base a latina. (Constâncio, 1831: 03)

O fato de Constâncio ter vivido boa parte de tempo em Paris, de acordo com Schäfer-Prieb (2002: 166), fez com que o autor presenciasse a passagem dos estudos linguísticos baseados na gramática geral para os estudos histórico-comparativos, que só ganharam evidência em Portugal a partir de 1868. Embora seja consenso que Adolpho

Coelho é o fundador, em Portugal, do método Histórico-Comparativo, segundo Schäfer-Prieb (2002: 172):

A obra de Constâncio reúne, pelo menos, três correntes diferentes: a gramática geral de teor sensualista na tradição de Condillac, a teoria etimológica de Horne Took e a linguística histórico-comparativa nascente, representada pelos irmãos Schlegel e, no domínio das línguas românicas, de Raynouard. Residente em Paris na época crucial para a emergência da linguística moderna, teve fácil acesso aos respectivos escritos, todos publicados em francês, excetuando-se, provavelmente, o livro de Tooke, que Constâncio poderia ter conhecido na Grã-Bretanha.

#### **2.2.4 Francisco Júlio Caldas Aulete (1823 – 1878): *Grammatica Nacional*. Lisboa: Typographica Franco-Portuguesa, 1864.**

Caldas Aulete (Lisboa, 1823 – Lisboa 1878) foi um lexicógrafo, escritor, jornalista e pedagogo português. Se dedicou ao ensino e à produção de manuais didáticos e cadernos de exercícios. Entre suas obras, podemos destacar a *Gramática Nacional* (1864); *Enciclopédia das Escolas Primárias* (1869) e o *Dicionário Caldas Aulete* (1881), esta última é a principal obra do autor. Publicado postumamente, o dicionário foi concluído pelo filólogo português Antonio Lopes dos Santos Valente.

A *Grammatica Nacional* de Aulete conta com 96 páginas e é composta pelas seguintes seções: **Introdução** (pp. 03 – 08); **Primeira parte: do conhecimento e classificação das palavras** (*capítulo I substantivo, capítulo II adjetivo, capítulo III gênero e número dos nomes, capítulo IV do verbo, capítulo V do advérbio, capítulo VI da preposição, capítulo VII da conjunção, capítulo VIII da interjeição.*) (pp. 10 – 74); **Segunda parte: Da Orthographia** (pp. 75 – 83); **Terceira parte: da Syntaxe** (pp. 84 – 96).

Para Aulete, a gramática “*é a disciplina que ensina a fallar e a escrever com claresa e harmonia*” (1864, 07). Ela consiste do estudo das seguintes quatro partes: 1) Prosódia, que trata da pronúncia; 2) Syntaxe, que ensina as terminações das palavras e o lugar que devem ocupar no discurso; 3) Ortografia, a qual demonstra como se deve empregar as letras e os sinais de forma correta; 4) Etimologia, que ensina quais são os tipos de palavras e suas classificações.

Ao final de cada parte, acentuando o caráter didático do texto, Aulete propõe exercícios e aplicações das regras que prescreve ao longo de sua *Grammatica*.

As partes desta obra que selecionamos para nossa pesquisa correspondem à introdução e à ortografia.

Embora, como vimos, não haja uma parte da obra denominada *prosódia*, a introdução da gramática de Aulete apresenta a definição de vários conceitos que corresponderiam a esta parte, tais como *palavra, som, voz, sílaba, tom, letra, vogal, consoante* etc.

A *Ortografia*, para Aulete, é a parte da gramática que ensina a *representar* as palavras faladas, por meio da escrita. Sendo a escrita correta a que o *uso tem autorizado*. Para que se aprenda a língua, Aulete aconselha que se leiam diversas vezes os textos “*clássicos*” do português, como por exemplo, os de Antônio Vieira (cf. 1864, 09).

### **2.2.5 Francisco Adolpho Coelho (1847 – 1919). *A Língua Portuguesa. Phonologia, Etymologia, Morphologia e Sintaxe e Noções elementares de grammatica portugueza.***

Francisco Adolpho Coelho (1847 – 1919), pedagogo, etnólogo e filólogo português, é considerado, com sua obra *A Língua Portuguesa*, de 1868, o introdutor do método Histórico-Comparativo em Portugal (cf. Vasconcelos, 1929; Schäfer-PrieB, 2002; Gonçalves, 2006). Foi professor do curso superior de Letras de Lisboa e concebeu um plano geral de ensino público. Além de trabalhos na área da pedagogia, Coelho desenvolveu estudos linguísticos sobre o português e línguas crioulas, onomástica e fonética experimental.

#### ***A lingua portugueza (1868)***

A obra, com 136 páginas, é dividida do seguinte modo: *Prefação; Abreviaturas; Preliminares; Livro Primeiro: Phonologia* (Seção primeira – sons das línguas fontes; seção segunda – sons portuguezes e suas relações etymologicas); *Erratas e correccões mais importantes*.

No prefácio, o autor explica que seu foco são os seguintes *objectos*:

- 1) a *grammatica*, que seria o objeto principal, e
- 2) os princípios da etimologia portuguesa.



Coelho compreende *etymologia* como “o estudo das origens das palavras e suas modificações no som e significação” (1868: III) e critica autores antigos que muitas vezes confundiram “etimologia” com “morfologia”<sup>26</sup>.

Gramática é, para Coelho,

o estudo do organismo da lingua nos seus elementos – nos sons, as formas e o conjunto de processos por que as palavras se unem em orações simples e as orações simples em orações compostas, a Syntaxe. Phonologia, Morphologia e syntaxe são por tanto as tres partes da grammatica. (1868: III)

O autor considera a *língua* como organismo pelo fato de ela apresentar modificações nos sons, na forma, na função e na sintaxe, quando comparada à língua latina, principal fonte linguística do português. Esse processo orgânico da língua, comprovado pelas mudanças por que ela passa, segundo Coelho, continua “até os nossos dias”. Embora lento, esse seria um processo inexorável e contínuo.

Colocando sua área e sua pesquisa em um âmbito científico, preocupação de muitos autores de estudos linguísticos do século XIX, principalmente da sua segunda metade, Coelho afirma que “para nós acima de todos os interesses está o interesse da sciencia, e no dominio da sciencia não ha vaidade.” (1868: V)

Essa vaidade não existe no sentido de que coloca sua obra, suas pesquisas, como um momento da evolução científica da área, afirmando que já são melhores do que obras do passado, embora aquelas muito o tenham ajudado, mas que pretende, com elas, oferecer apoio, base, para melhores pesquisas futuras. Trabalha, portanto, com a ideia de acúmulo e de aperfeiçoamento inevitável do conhecimento sobre as línguas com o passar do tempo.

O autor afirma que a inspiração para seus estudos foram trabalhos que na Alemanha, na Inglaterra e na França fundaram a *Glótica*, ou *Sciencia da linguagem*. A sua principal influência reconhecida foi de Frederich Diez (1794 – 1876), professor da Universidade de Bonn, na Alemanha, que se dedicou por muito tempo às línguas românicas.

Coelho identifica um atraso de Portugal com relação a outros países europeus no que diz respeito ao estudo da *Glótica* e da *Filologia*, apontando, desse modo, a necessidade de se substituir por obras melhores o dicionário de José Lacerda, e a

---

<sup>26</sup> Reis Lobato (1770), por exemplo, traz como uma das partes da gramática a seção “Da etymologia”, em que trata das partes da oração com uma metodologia composta por paradigmas e exemplos.

gramática de Francisco Evaristo Leoni (*Genio da Língua portuguesa, ou, Causas racionais e philologicas de todas as formas e derivação da mesma língua, comprovadas com innumeraveis exemplos extrahidos dos auctores latinos e vulgares*, 1858), referências dos trabalhos do período, segundo o autor.

Após esse prefácio de cerca de 20 páginas, passa a tratar da *genealogia da língua portuguesa*, que – ressaltando mais uma vez o valor científico – teria sido estabelecida *com toda evidência* pela ciência moderna. Nesta seção, Coelho trata de tópicos como as línguas faladas no que chama de Península Hispânica antes do latim; vulgarização do latim na Espanha; origem das línguas romanas; os bárbaros e os árabes na Espanha; o português como língua escrita.

O capítulo seguinte, Livro I, intitula-se ‘phonologia’: “*por phonologia entendemos aqui a parte da grammatica que tracta dos sons constitutivos da palavra e da prosodia*. (Coelho, 1868: 31)

A fonologia, mais do que classificar e enumerar os sons, deveria olhá-los “*como um resultado atual, como um momento numa serie de transformações de que tracta de descobrir o fio*” (Coelho, 1868: 31). Para isso, deve-se partir das línguas fontes, sendo que as principais do português, segundo o autor, são o latim, o árabe e o teutônico.

A fonologia do português apresenta três seções: 1) parte-se dos sons das línguas fontes, vendo como se representam na nossa; 2) parte-se da nossa língua, investigando a etimologia de cada som; 3) estudo da prosódia: ou seja, o acento e a quantidade dos sons.

Coelho passa a tratar, então, dos *sons* das línguas fontes. Nesta seção o autor apresenta um esquema do alfabeto latino e fala da decadência dessa língua, que passou por diversas mudanças, tanto de trocas de letras de suas palavras quanto em sua prosódia. Depois, passa a tratar de cada um dos sons do alfabeto latino, comparando-os com os sons do português, mostrando como passaram de uma língua para outra. O mesmo é feito com os sons do teutônico e do árabe.

A segunda seção, “*Sons portuguezes e suas relações etimológicas*”, começa tratando da representação gráfica das letras do alfabeto português. O autor diz que, salvo a distinção entre o *u* e o *v*, o alfabeto é equivalente ao latino, embora essas letras representem sons diferentes em cada uma das duas línguas.

Coelho aponta quatro *defeitos* que ocorrem por se realizar uma ortografia com uma *tendência etimológica*:

1º: Um som ser representado por mais de um sinal.

2º: Um sinal representar mais de um som.

3º: Haver sons que não são expressos por nenhum sinal.

4º: Haver sinais que não representam nenhum som.

Desse modo, o autor passa a demonstrar qual deve ser a representação gráfica de cada letra do alfabeto.

A seguir, é tratada a pronúncia de *alguns sons* do português, começando com as vogais e terminando com as consoantes. O autor, nessa obra, não trata da seção 3, que seria sobre a *prosódia*. A última página do livro traz a informação de que ele seria o primeiro volume de três que tratariam da fonologia, da morfologia e da sintaxe, e indica que, no segundo, continuaria o assunto fonologia. Porém, não conseguimos ter acesso a esse material até o momento.

### ***Noções elementares de grammatica portugueza (1891).***

As *noções elementares*, com 130 páginas, dividem-se do seguinte modo: *Prefação; Preliminares* (pp. 01 – 22); *Primeira parte: Dos sons e das Letras* (pp. 23 – 33); *Segunda parte: da formação de palavras* (pp. 34 – 104); *Terceira parte: da formação de proposições* (pp. 105 – 122); *Appendice* (pp. 123 – 125); *Conclusão* (pp. 126 – 127); *Indice* (pp. 128 – 130)

De acordo com o prefácio, Coelho pretendia com suas *noções elementares* propor inovações quanto ao ensino gramatical.

Afirma ter como base as obras do português Augusto Epiphanyo Dias (1870) e do brasileiro Julio Ribeiro (1881). Porém, explica que não faria sentido publicar mais um texto se fosse apenas uma cópia dos autores citados. Segundo Coelho, os seus muitos anos de estudos o levaram a ideias teóricas que, em parte, divergem de Dias e Ribeiro. Assim, visa apresentar uma teoria que modifica ou complementa esses textos da tradição gramatical (luso-brasileira).

Veremos, no próximo capítulo, as diferenças, com relação aos estudos dos sons do português, tanto entre o século XVI e XIX, quanto das gramáticas oitocentistas entre si, já que, como vimos, elas se constroem, ao longo do século, sobre bases distintas, que certamente interferiram no modo de trabalho dos autores.

### Capítulo 3: A terminologia de descrição da fonética e da fonologia em gramáticas portuguesas do século XIX

Selecionados os metatermos *som*, *letra*, *voz*, *vogal*, *consoante*, *nasal* e *oral*, em função de seu papel central nos estudos voltados para a Fonética e a Fonologia portuguesas ao longo dos séculos, em conformidade com os critérios mencionados nos capítulos 1 e 2 desta dissertação, procedemos a uma análise de sua constituição nos intervalos temporais que aqui enfatizamos: o século XIX, centro de interesse da pesquisa, e o século XVI, termo de comparação qualitativamente mais aproximado (v. Capítulo 1) quando pensamos na ‘tradição’ lusitana.

O presente capítulo está organizado de modo a expor, em relação a cada um dos metatermos, primeiro, os dados a que chegamos ao observarmos as gramáticas do século XVI (seguidos de sínteses parciais), e, depois, os dados concernentes ao século XIX (também seguidos de sínteses provisórias), separados por autor e obra. Julgamos que, como ‘forma de exposição’ (cf. Swiggers 2013), essa disposição mais linear e cronológica das informações possa facilitar a apreensão de manutenções e rupturas. Há algumas sobreposições, naturais quando se busca, por exemplo, reconstruir tanto o conteúdo focal quanto o relacional dos metatermos. Elas foram mantidas como forma de reforço de certas características que pretendemos recuperar no Capítulo 4. Ao final do capítulo, propusemos algumas considerações mais gerais sobre o lugar de cada metatermo no conjunto das obras dos séculos XVI e XIX.

#### 3.1. SOM

##### 3.1.1 Som para o século XVI

###### 3.1.1.1 Fernão de Oliveira

Há poucas ocorrências do metatermo *som* em Fernão de Oliveira, a primeira delas vem na expressão *som da linguagem*:

E e muyto de culpar este defeyto das calidades ferem diuerfas: nas quaes tem dominio as condições do çeo τ terra em q viuem os homens vem q hūas gentes formão fuas vozes mays no papo como caldeus τ arabigos τ outras nações cortão vozes apffandossē mais em feu falar: **mas nos falamos com grande r<sup>^</sup>poufo como homens affentados: τ não fomente em cada voz per fy mas tambem no ajuntamento τ no lom da lingoagem pode auer primor ou falta antre nos:** nam fomente nefas mas ē muytas outras coufas

tem anollã lingoa auantagê: porque ella e antiga enfinada profpera τ bẽ cõuerfada: τ tambẽ exercitada em bos tratos τ officios. (Oliveira, 1536: capítulo I, grifo nosso)<sup>27</sup>

Nesse trecho, como em muitos outros da obra, o autor busca valorizar o povo português, e, para isso, tenta mostrar como sua fala é melhor, dizendo que, em oposição a indivíduos de outras nacionalidades, os portugueses falam com mais “*repouso*”, por serem “*homens mais assentados*”. Afirma que essa característica não se encontra somente em cada *voz* isolada (*voz* provavelmente com o sentido de *palavra*), mas também na junção delas e no *som da linguagem*. O metatermo *som*, nesse contexto, parece se aproximar do que compreendemos, em uma metalinguagem atual, por ‘prosódia’. Os trechos abaixo contribuem para reforçar essa concepção de *som*, pois neles o autor utiliza a expressão *som da nossa melodia*, fazendo referência à prosódia portuguesa.

¶ O proprio de cada letra entendemos a particular pronunciação de cada hũa: τ o comũ chamamos aquela parte da pronunciação τ força em q fe hũa parece cõ a outra E ifto nos manda quintiliano bem ver: porq nifto cõifite o faber ler: τ mais q faber ler: **τ e verdade q fe não teueremos çerta ley no pronunciar das letras não pode auer çerteza de preceitos: nem arte na lingua: τ cada dia acharemos nella mudança não fomite no fom da melodia: mas tâbẽ nos finificados das vozes:** (Oliveira, 1536: capítulo XI, grifo nosso)<sup>28</sup>

eu não quero ter tam bayxo espirito τ cuidar q deuo tudo: mas sempre afirmarey q poys Quintiliano no primeyro liuro confella q os latinos vflauão de vocabolos emprestados quando lhos feus faltauão que tâbẽ da nollã lingua tomarão alghũs como nos tomamos da fua: **os qes como nollõs os auemos de tratar τ pronunciar τ cõformar ao fom da nollã melodia: τ ao fentido das nollas orelhas: τ tambẽ os que forem alheos como alheos lhe daremos o que feu for.** (Oliveira, 1536: capítulo XXXI, grifo nosso)<sup>29</sup>

---

<sup>27</sup> “E é muito de culpar este defeito das qualidades serem diversas, nas quais têm domínio as condições do céu e terra em que vivem os homens, vem que umas gentes formam suas vozes mais no papo, como os caldeus e arábicos e outras nações cortam vozes, apressando-se mais em seu falar. **Mas nós falamos com grande repouso, como homens assentados, e não somente em cada voz por si, mas também no ajuntamento e no som da linguagem pode haver primor ou falta entre nós.** Não somente nestas, mas em muitas outras coisas tem a nossa língua a vantagem, porque ela é antiga, ensinada, próspera e bem conservada, e também exercitada em bons tratos e officios.”

<sup>28</sup> “O próprio de cada letra entendemos a particular pronunciação de cada uma; e o comum, chamamos aquela parte da pronunciação e força em que se uma parece com a outra. E isto nos manda Quintiliano bem ver: porque nisto consiste o saber ler, e mais que saber ler. **E é verdade que se não tivermos certa lei no pronunciar das letras, não pode haver certeza de preceitos, nem arte na língua. E cada dia acharemos nela mudanças não somente no som da melodia, mas também nos significados das vozes**”

<sup>29</sup> “eu não quero ter tão baixo espírito e cuidar que devo tudo, mas sempre afirmarei que, pois, Quintiliano, no primeiro livro, confessa que os latinos usavam de vocábulos emprestados, quando os seus faltavam, que também da nossa língua tomaram alguns, como nós tomamos da sua, **os quais como nossos os havemos de tratar e pronunciar e conformar ao som da nossa melodia, e ao sentido das nossas orelhas, e também os que forem alheios, lhe daremos o que seu for.**”

Em Oliveira (1536), o metatermo *som*, além de ‘incidir’ sobre as características prosódicas da fala lusitana, também ‘incide’ sobre a manifestação sonora de um segmento. Por exemplo, no trecho seguinte, em que o autor, ao dizer que irá examinar a melodia da língua desde as menores partes – as *vozes* (com sentido de letra) –, menciona que é preciso observar os movimentos que faz a boca para que se forme cada *som*.

Examinemos a melodia da nossa lingua e essa guardemos como fizeram outras gentes: **isto desde as mais pequenas partes tomando todas as vozes e cada uma por si e vendo nelas quantos diversos movimentos faz a boca, como também diversidade do som e em que parte da boca se faz cada movimento, porque nisto se pode discutir mais distintamente o próprio de cada língua.** (Oliveira, 1536: capítulo VII, grifo nosso)<sup>30</sup>

De fato, nos capítulos seguintes, o autor desenvolve uma análise acústico-articulatória de cada uma das *letras* do alfabeto. Nesses capítulos, porém, Oliveira não utiliza o metatermo *som*, com exceção de quando trata da *letra u*, em que, ao descrever o processo articulatório envolvido, afirma que é produzido um *som escuro* e que este é a sua voz.

### 3.1.1.2 João de Barros

Em Barros 1540, encontramos apenas duas ocorrências de *som*, e as duas estão na parte da gramática que fala sobre as figuras da linguagem. Primeiro, o autor define *cacophaton* como *mau som*. Assim, o metatermo parece estar relacionado com a prosódia da língua.

Cacophaton, quer dizer, má som, e é uício que a orelha recebe mal: e comete-se quando do fim de hũa palavra e do principio doutra se fáz algũa fealdade, ou significa algũa torpeza: como, colhões tam manhos tem aquella lebre: por, que olhões tammanhos tem aquella lebre. (Barros, 1540: 36v)<sup>31</sup>

---

<sup>30</sup> Examinemos a melodia da nossa língua e essa guardemos, como fizeram outras gentes. **E isto desde as mais pequenas partes, tomando todas as vozes e cada uma por si e vendo nelas quantos diversos movimentos faz a boca, como também diversidade do som e em que parte da boca se faz cada movimento, porque nisto se pode discutir mais distintamente o próprio de cada língua**”

<sup>31</sup> “Cacófato quer dizer mau som e é vício que a orelha recebe mal e comete-se quando do fim de uma palavra e do princípio de outra, se faz alguma fealdade, ou significa alguma torpeza, como ‘colhões tamanhos tem aquela lebre’, por ‘que olhões tamanhos tem aquela lebre’”

No segundo trecho, Barros não utiliza *som* como um metatermo, mas, a partir do uso corrente da palavra, explica o que é onomatopeia, falando de como Virgílio exprime o *som da trombeta* em seus textos.

Onomatopeia, quer dizer, fingimento de nome: Desta figura usaram os antigos quando pera denotar abombarda lhe chamaram, trom, do que faz quando tira. e nós dizemos, retinir das coufas que tinem. Como Virgilio, que pera exprimir o som da trombeta, Taratanra dixit. (Barros, 1540: 39r)<sup>32</sup>

### 3.1.1.3 Nunes de Leão

Em Nunes de Leão há, também, poucas ocorrências do metatermo<sup>33</sup>, e seu significante aparece alterado, em vez de *som*, como Oliveira e Barros, ele emprega *soído*. O autor também não define o metatermo, mas parece utilizá-lo como a expressão sonora de uma unidade linguística:

Assim que os Portugueses fiamos nisto melhor: porque temos nossas diferenças de *l* singello, dobrado & aspirado. Porque se bem se atentar, **a diferença de dobrar-se hũa letra, não faz mudar o soído, q tuera sendo singella, mas soamente spessa, & esforço a pronunçiação, stando no mesmo ser & figura, como: caro, carro, pela, pelle, que tudo he hũa letra, & hum soído:** senão, que em pelle, pronunçiamos de maneira, que sentimos ficar hum *l*. com a syllaba precedente, & o outro com a seguinte assi, pel\_le. (Leão, 1576: 11v, grifo nosso)<sup>34</sup>

A partir do trecho seguinte é possível perceber que, para o autor, as *letras* são a representação do *soído* que pronunçiamos, embora isso não ocorra sempre perfeitamente, como é o caso de palavras no feminino terminadas em *ãa*:

O primeiro diphthongo he .ãa. que he hũa composição de dous .aa. com hum til, em que se acabão muitos nomes femininos, que se não podẽ escrever com as letras directas dos Latinos, que são as do nosso alfabeto, de maneira que fiquem scriptas, como as nos pronunçiamos. **Porque se escreverem, iram, romam, lam, vão dar em outro soído mui diferente. Porque ficão soando, quasi como irmão, romão, lão. E não faz dizer,**

<sup>32</sup> “Onomatopeia quer dizer fingimento de nome: desta figura usaram os antigos quando, para denotar a bombardarda lhe chamaram trom, do que faz quando tira. E nós dizemos retinir das coisas que tinem. Como Virgílio, que para exprimir o som da trombeta, taratanra dixit.”

<sup>33</sup> Como dito no capítulo 02, não dispomos da obra de Nunes de Leão (1576) digitada, apenas digitalizada, o que nos impede de realizar uma busca no documento e afirmar, com precisão, a quantidade de ocorrências do metatermo.

<sup>34</sup> “Assim que os portugueses estamos nisto melhor, porque temos nossas diferenças de *l* singello, dobrado e aspirado. Porque se bem se atentar, a diferença de dobrar-se uma letra, não faz mudar o som que tivera sendo singella, mas somente espessa e esforço a pronunçiação, estando no mesmo ser e figura, como: caro, carro, pela, pelle, que tudo é uma letra e um som, senão que em pelle, pronunçiamos de maneira que sentimos ficar um *l* com a sílaba precedente, e o outro com a seguinte, assim: pel le.”

**que com hum .a. & com hum til, representarão o fom, q nos pronunciamos, & que fe fculará o inconueniente, de formar hum diphthongo de duas uogaes semelhantes. Porque effe til, afsi foa no fim da dição, como.m. ou .n. por fer abbreuiatura das dictas letras. (Leão, 1576: 27r, grifo nosso)<sup>35</sup>**

Desse modo, enquanto o metatermo *som* para João de Barros parece se referir apenas à prosódia da língua, para Nunes de Leão, refere-se apenas à expressão sonora de um segmento. Em Fernão de Oliveira, o metatermo é utilizado para descrever tanto a prosódia geral da língua quanto a expressão sonora de um segmento. Além de certa ambiguidade em seu emprego e da alteração em seu significante verificada em Nunes do Leão, deve ser observado que o metatermo não é muito produtivo na metalinguagem do período, aparecendo esparsamente nas obras.

### 3.1.2 Som para o século XIX

#### 3.1.2.1 Couto e Melo (1818)

A primeira seção da “*ortoépia*” (seção introduzida, em Portugal, pelo século XIX) da gramática de Couto e Melo denomina-se “*Dos sons ou elementos da palavra pronunciada*”. Por este título já é possível perceber que, para este autor, os *sons* são as unidades acústicas de que se constituem as palavras. A definição do metatermo, ausente dos textos que iniciam a tradição, aparece da seguinte forma: “*Som da voz omana ou som articulado, é a sensação causada no sentido auricular pelo orgam da fala.*” (Couto e Melo, 1818: 39). Nota-se aí uma mudança no estatuto do metatermo: é claramente constitutivo da linguagem de descrição (merecendo definição específica e determinação da sinonímia possível das expressões que a ele se reportam) e apresenta definição de pretensão técnica, que procura afastar o metatermo das expressões e dos sentidos disponíveis na linguagem corrente.

Desse modo, *som* ‘incide’ sobre a sensação acústica do que é produzido pelo *órgão da fala*.

---

<sup>35</sup> “O primeiro ditongo é ‘ãa’, que é uma composição de dois ‘aa’ com um til, em que se acabam muitos nomes femininos, que se não podem escrever com as letras diretas dos latinos, que são as do nosso alfabeto, de maneira que fiquem escritas como nós as pronunciamos. **Porque se escrevem, irmam, romam, lam, vão dar em outro som muito diferente. Porque ficam soando quase como irmão, romão, Ião. E não faz dizer que com um ‘a’ e com um til, representarão o som que nós pronunciamos, e que se escusará o inconveniente de formar ditongo de duas vogais semelhantes.** Porque esse til, assim soa no fim da dição, como ‘m’ ou ‘n’, por ser abreviatura das ditas letras”.



Para o autor, o *som* pode sofrer alguns tipos de *inflexões*:

- 1) envolve as diferentes aberturas da boca, que produzem as *vozes* (expressões sonoras das *vogais*);
- 2) envolve os *beijos*, a língua, os dentes e a garganta, que produz as *articulações* (isto é, as expressões sonoras das *consoantes*).
- 3) a inflexão do *som* causada pela sua *elevação* é chamada de *tom*.
- 4) a inflexão do *som* causada pela sua *extensão* é chamada de *duração*.

Como já dissemos no capítulo 01, Couto e Melo classifica os *sons* e as *letras* a partir dos conceitos biológicos de *classe*, *ordem*, *gênero* e *espécie*. Essa taxionomia, com relação aos *sons elementares*, é apresentada da seguinte forma:

Recapitulação do sistema dos sons elementares.	
<i>Classes</i>	1 <sup>a</sup> <i>Primitivos</i> : v. g. <i>a, áe, ê, êi, ã, ão, &amp;c.</i> 2 <sup>a</sup> <i>Derivados</i> : v. g. <i>má, dê, máis, mêi, mã, mão, &amp;c.</i>
<i>Ordens</i>	1 <sup>a</sup> <i>Simples</i> : v. g. <i>á, ê, ã, &amp;c.</i> 2 <sup>a</sup> <i>Combinados</i> : v. g. <i>ái, âi, ãe, &amp;c.</i>
<i>Gêneros</i>	1 <sup>a</sup> <i>Oraes</i> : v. g. <i>á, ê, áe, &amp;c.</i> 2 <sup>a</sup> <i>Nasáes</i> : v. g. <i>ã, ão, &amp;c.</i>
<i>Espécies</i>	1 <sup>a</sup> <i>Agudos</i> : v. g. <i>á, é, &amp;c. ái, ão, &amp;c.</i> 2 <sup>a</sup> <i>Graves</i> : v. g. <i>â, ê, c. âi, &amp;c.</i> 3 <sup>a</sup> <i>Baixos</i> : v. g. <i>a, e, &amp;c.</i>

(Couto e Melo, 1818: 45)

A *classe primitiva* ‘incide’ sobre segmentos com uma ou mais *vozes* (vogais). A derivada, sobre segmentos com *uma ou mais vozes* junto com *uma ou mais articulações* (consoantes). Com essa categorização, o autor parece fazer referência a uma tipologia de sílabas.

As *ordens simples* e *combinadas* podem se referir tanto à classe primitiva, quanto à classe derivada. No primeiro caso, *simples* diz respeito a apenas uma *voz* e *combinado* a mais de uma *voz num só tempo*, ou seja, um ditongo. No segundo caso, *simples* diz respeito a *uma voz junto com uma ou mais articulações* e *combinado* a *duas ou mais vozes junto com uma ou mais articulações*.

Os *gêneros oral* e *nasal* aparecem como classificações apenas dos *sons primitivos*. Ou seja, *som primitivo simples* corresponde a uma única *voz* (ou vogal), que pode ser *oral* ou *nasal*. E *som primitivo combinado* corresponde a mais de uma *voz*, isto é, um ditongo, que também pode ser *oral* ou *nasal*.

Quanto à espécie, Couto e Melo classifica o *som* em três: 1) *agudo* ou *acuminado*, que é o *som* que se “*expressa com agudêza ou elevação: v.g. á, é, &c*”; 2) *grave* ou *extenso*: é o *som* que se “*expressa com gravidade ou extensão: v. g. â, ê, &c.*”; 3) *baixo e curto*: é o que se “*expressa com menor agudêza e extensão, que a do agudo e a do extenso: v. g. a, e, &c*”. Novamente, a categorização ‘incide’ sobre as vogais. Com efeito, embora Couto e Melo não faça, em suas definições, a distinção entre *vozes* e *articulações* como as *letras* que soam sozinhas e as que precisam de outras para soar<sup>36</sup>, o que, como veremos, é recorrente no século XVI, quando faz a classificação dos *sons* em *classe, ordem, gênero e espécie*, as *articulações* sozinhas não aparecem nunca como representantes de algum tipo de *som*: eles são todos constituídos ou por *vozes* (vogais) ou por sílabas que as tomam como núcleos. Parece permanecer em Couto e Melo a ideia de que as *articulações* são expressas, sonoramente, apenas se houver, junto delas, ao menos uma *voz*.

### 3.1.2.2 Soares Barbosa (1822)

Soares Barbosa afirma que

*GRammatica* he a Arte de falar e escrever correctamente a propria Lingua. A Lingua compõe-se de Orações, as Orações de palavras, as palavras de **sons articulados**, e tudo isto se figura aos olhos, e se fixa por meio da escriptura. (Barbosa, 1822: 01)

A parte da gramática que ensina a pronunciar corretamente os *sons articulados* é a ortoépia.

Os *sons articulados* classificam-se em

1) *fundamentais*: são a *base* da *boa pronúncia* e podem ser separados em *simples*, ou seja, os segmentos com apenas um *som elementar* – compõem este grupo as *vozes* e as *consonâncias*; e em *compostos*, isto é, segmentos com dois ou mais *sons elementares* – fazem parte deste grupo os *ditongos* e as *sílabas*. Os *sons fundamentais* são todos formados no *canal da boca*. A articulação deles forma as *vozes* e a articulação das *vozes* forma as *consonâncias*:

---

<sup>36</sup> As definições destes metatermos em Couto e Melo são: “*Vóz* é a inflexão do som causada pela diferente abertura da bôca e sem união dos beiços, nem da lingua, nem dos dentes, nem da garganta.” e “*Articulação* é a infléssão do som causada pela diferente união dos beiços, da lingua, dos dentes e da garganta.”

Os sons fundamentaes, assim vogaes como consoantes, formão-se todos no canal da bocca, onde so se articula e forma em vozes o som informe, e confuso da Glottis pelas differentes posturas immoveis da mesma bocca, e estas mesmas vozes se articulão e formão em Consonancias pelo movimento oscillatorio das partes moveis da mesma, quando reprezão a voz e de repente a soltão. A bocca pois he o orgão proprio, assim das vozes, como das Consonancias. (Barbosa, 1822: 27)

As *vozes*, assim, têm papel central na concepção de sistema fônico do autor. Delas derivam as consonâncias. Há que se notar também na citação um incremento técnico, com referência mais específica a órgãos envolvidos na fonação e a esse próprio processo.

2) *accidentais*: estes sons modificam os *sons fundamentais*. Essas mudanças são prosódicas e podem se referir tanto à *duração (quantidade)* quanto à *elevação (acentos)*.

Enquanto a *ortoépia* ocupa-se de ensinar a *pronúncia* correta dos *sons*, a *ortografia* é a parte da gramática que se destina à correta escrita destes *sons*, que, neste plano, são representados pelas *letras*. A forma escrita é uma possibilidade de se saber como eram pronunciadas palavras em outros tempos, pois elas guardam, muitas vezes, caracteres que já não são mais pronunciados em tempos mais recentes. Soares Barbosa mostra isso a partir das variações da palavra *ortografia*, que pode ser escrita deste modo moderno, ou mais próximo a como os gregos a grafavam, ou seja, *orthographia*:

Assim o vocabulo *Ortografia*, escripto por este modo, representa ao justo os sons de sua pronunciação viva na Lingua Portugueza. Porê m escripto, como se vê ao principio [orthographia], representa, não so os sons, que tem presentemente, mas tambem os que teve em outro tempo no uso vivo da Lingua Grega, donde o houvemos. (Barbosa, 1822: 56)

A relação entre *som* e *letra* é esclarecida por meio da discussão das convenções ortográficas.

### 3.1.2.3 Constâncio (1831)

Valendo-se de um modelo mais ‘tradicional’ de descrição, Constâncio concebe *som* como uma das propriedades da *letra*, mais especificamente como a sua manifestação auditiva. As *letras* contam, desse modo, com uma *figura*, que é a representação gráfica, com um *nome* (como ela é denominada na língua) e com um *som*

(como pode ser pronunciada). Essa classificação fica clara no quadro que o autor apresenta de todas as *letras* do português:

*Letras portuguezas.*

Figura	Nome.	Som.
A, a	Á	á, ã, a surdo.
B, b	Bê	b.
C, c	Cê	<b>K</b> , antes de a, o, u; ç, antes de e, i, y
C, ç	cê cedilhado	ç, ss.
D, d	Dê	d.
E, e	Ê	é, ê, ê, e surdo ou mudo
F, f	éfe	f.
G, g	gê	gue, antes de a, o, u; j, antes de e, i, y.
H, h	agá	não tem som proprio, ou he signal de aspiração apenas sensível.
I, i	i	i.
J, j	ji	j.
K, k	ká	k.
L, l	éle	l.
M, m	éme	m.
N, n	éne	n.
O, o	ó	ó, ô, õ, o surdo.
P, p	pê	p.
Q, q	Kê	k.
R, r	érre	r forte, brando.
S, s	ésse	ç, z, es.
T, t	tê	t.
U, u	u	u.
V, v	vê	v.
X, x	xis	ch, es, ss.
Z, z	zê	z.
Y, y	ipsilon	i.

(Constâncio, 1831: 05 – 06, grifos nossos)

Há casos em que, segundo o autor, temos mais de uma *letra* (usado neste momento da obra com significado de expressão gráfica) para exprimir um mesmo *som*; e outros em que não temos *caracteres* para um *som simples*. Além disso, precisamos de *sinais ortográficos* para marcar todos os *valores* (isto é, as diversas manifestações sonoras) das *vogais*. Estas afirmações são adiantadas na tabela anterior, mas mais detalhadas na lista que segue:

Para o som de *k* temos o *c* antes de *a, o, u, o q e qu*.

Para o som de *ç*, temos *s, ss, x*.

Para o som de *f*, temos *ph*.

Para o som de *j*, temos *g* antes de *e, i*; *g* antes de *a, o, u*, sôa como em *ganhar, gozo, gula*.

Para o som de *x* temos *ch*, etc.

(Constâncio, 1831: 12)

Constâncio descreve determinadas *letras* do português e, em sua descrição, utiliza algumas subcategorias do metatermo *som*, tais como “som breve”, “som longo”, “som brando”, “som prolongado”, “som palatal ou nasal”, “som surdo”, “som agudo”. Porém, com exceção do conceito “som nasal ou palatal”<sup>37</sup>, não há explicações nem definições para essas expressões. Esse procedimento sugere que o uso de adjetivos como “longo”, de um lado, e “prolongado”, de outro, remeta a aspectos suficientemente claros para o leitor da gramática.

### 3.1.2.4 Caldas Aulete (1864)

Os *sons* são os elementos de que se constituem as palavras. Segundo Aulete, os *sons simples* que existem no português são: *á, â, é, ê, è, i, ó, ô, u*. Ou seja, equivalem às *vogais* (manifestação gráfica) ou *vozes* (manifestação sonora). Estes *sons* podem *retumbar nas fossas nasais*, originando, desse modo, as *vozes nasais*: *ã, ã, ã, õ, ã*.

Esses *sons simples*, ou seja, as *vozes*, podem ser modificados pelas *articulações*. E as *articulações simples* são: *b, d, l, m, n, p, q, r, rr, l, lh, nh, f, v, g, j, x, s, z*.

A partir do raciocínio apresentado acima, parece que Aulete considera *som* apenas as vogais, enquanto as consoantes seriam elementos que modificariam esses *sons*. O seguinte trecho, que compõe uma nota de rodapé, parece ratificar essa hipótese:

Não apresentámos o y. **entre os sons** por ser o mesmo figurado pela letra i, como também o K **entre as articulações**, porque é idêntica ao q; suprimimos o h por não ter valor; estas letras servem de symbolos etymologicos. – E igualmente não demos **entre as articulações** ç, por ter um valor igual ao do s; nem tão pouco o e com os seus dois valores de q e s, pois reservarmos estas duas letras para representarem esses valores. (Aulete, 1864: 04, nota de rodapé)

No trecho, Aulete fala da vogal *y/i* como *som*, e das *consoantes k e ç* como *articulações*.

Há alguns sinais gráficos que, quando colocados sobre uma *vogal*, modificam o seu *som*. São eles: o *til*, que atribui à *vogal* um *som nasalado*; e os *acentos agudo* (com o qual a *vogal* é pronunciada com *som aberto*), *circunflexo* (*som fechado* ou *médio*) e *breve* (*som breve* ou de *transição*). Aulete não explica, nem exemplifica, os *sons* que classifica em *aberto, fechado e breve*.

---

<sup>37</sup> cf. seção 4.6 desta dissertação.

Os sinais mencionados acima fazem parte do grupo dos *sinais ortográficos* descritos por Aulete. Neste grupo entra também a *cedilha*:

*Cedilha* (,) é um signal que se colloca por baixo da letra ç, quando fórma syllaba com as letras *a, o, u* para lhes dar o valor de *s*, que d'outra sorte não teria; exemplo: *Esperança, alvoroço, açucena*. (Aulete, 1864: 06)

Colocamos o trecho acima para que se veja, mais uma vez, que Aulete não se refere às articulações como *sons*. Dito de outra forma, enquanto o autor, em sua explicação sobre os *acentos*, afirma que estes modificam o *som* das *vogais*, quando fala da *cedilha*, afirma que é um sinal que concede ao *c* o *valor* (e não *som*) de *s*.

Nos autores do século XVI e em Couto e Melo (1818)<sup>38</sup> há a hipótese de que as *consoantes soam* ou podem ser pronunciadas apenas se estiverem acompanhadas das *vogais*. Provavelmente, por persistência desta hipótese, Aulete não usa o metatermo *som* como referência às *articulações*. Porém, não faz esta distinção explícita ao diferenciar *vogais* e *consoantes*.

### 3.1.2.5 Adolpho Coelho (1868)

Sendo a única obra de nosso corpus a fazer menção a essa especialidade, Coelho (1868: 31) afirma que a parte da gramática que trata dos *sons constitutivos da palavra e da prosódia* é a *phonologia*. O trabalho da *phonologia*, dentro do estudo *científico* de uma língua, não deve ser o de apenas enumerar os *sons* desta língua, mas de observá-los como um resultado atual de uma série de transformações por que passaram ao longo do tempo. Essa observação parte dos *sons* das línguas fontes.

Não há definição para o metatermo *som* nesta obra de Coelho (1868), mas, a partir de trechos em que o autor utiliza o metatermo, fica claro que ele ‘incide’ sobre a expressão sonora das *letras*, tanto *vogais* quanto *consoantes*. Os *sons* são, como mostra o trecho abaixo, pronunciáveis:

Passamos a analysar o que ha de particular na pronuncia de alguns sons.  
*Vogaes*. As vogaes *a, e, o* são susceptíveis de varias gradações: podem ser abertas, fechadas e mudas. (Coelho, 1868: 126, itálico do autor)<sup>39</sup>

<sup>38</sup> cf. a seção 4.5 desta dissertação.

<sup>39</sup> Tratamos das variações dos sons vogal e consoante nas seções 4.4 e 4.5

Além dos *sons* serem pronunciáveis, eles são representados na escrita. Na seção de sua obra que trata dos “Sons portugueses e sua representação graphica”, Coelho (1868: 124) afirma que o alfabeto latino é quase o mesmo do português, mas que suas letras não representam os mesmos *sons* nas duas línguas. Segundo o autor, há uma tendência de se basear a ortografia em princípios etimológicos, sendo esta a razão de se escreverem algumas palavras com letras cujos *sons* não são pronunciados. Essa base etimológica causaria quatro problemas quanto à representação dos *sons*:

1. ser um mesmo som representado por diferentes signaes;
  2. representar um mesmo signal diferentes sons;
  3. haver sons que não são expressos por nenhum signal;
  4. haver signaes que não exprimem nenhum som.
- (Coelho, 1868: 124)

Quando inicia a seção “*Relações etymologicas dos sons portugueses*”, Coelho faz a seguinte pergunta: “*todos os sons portugueses têm uma etymologia, i.e., a cada um dos sons constitutivos d’uma palavra portugueza corresponde necessariamente um som na lingua fonte de que ella decorre?*” (Coelho, 1868: 130-131). A resposta que dá é que, de um modo geral sim, porém, como há sons *prostheticos*, *epentheticos* e *paragogicos* inseridos na passagem de uma língua a outra, não é possível determinar essa equivalência de sons de modo absoluto, mas apenas como uma regra geral. Se a perspectiva histórica faz-se de algum modo presente em todas as gramáticas do corpus, que ao menos trazem certas menções ou considerações sobre o latim e/ou o grego, tentativas de apontar e, às vezes, demonstrar processos de transformação emergem como uma marca específica dos textos de Coelho selecionados para a análise.

### 3.1.2.6 Adolpho Coelho (1891)

Em sua gramática de 1891, Coelho especifica que os *sons* pertencem à língua falada, enquanto as *letras* pertencem à língua escrita. Os *sons* são os elementos que compõem as *sílabas*, e estas, por sua vez, compõem as *palavras*.

Tanto os *sons* quanto as *letras* são classificados em *vogais* e *consoantes*. As *letras* que representam os *sons* na escrita seriam as seguintes: A B C D E F G H I J K L M N O P Q R S T U V W X Y Z; a b c d e f g h i j k l m n o p q r s t u v w x y z. (cf. Coelho, 1891: 26)

A distinção entre som e letra parece relevante, levando o autor a esclarecer que o *som* nem sempre equivale exatamente a uma *letra* (cf. Coelho, 1891: 26)

Coelho identifica variedades regionais em Portugal em seu tempo:

no Minho diz-se *binho*, *sordado* por *vinho*, *soldado*; em Trás-os-Montes diz-se *tchapa* por *chapa*; na Extremadura e Alentejo diz-se em geral *primero*, *andê* por *primeiro*, *andei*. (Coelho, 1891: 32 – 33)

O autor atribui esse processo de variação a modificações regulares de certos *sons* (por exemplo, a substituição de *v* por *b*), as quais ocorreriam naturalmente na língua, porém não de modo igual em todos os lugares. De acordo com Coelho, há três classes principais de mudanças:

- 1) Substituição de sons, como nos exemplos acima. [*v* por *b*]
- 2) Supressão de sons, como quando o povo diz *telepho* por *telegrapho*, *nhor*, por *senhor*, *loendro*, por *aloendro*.
- 3) Introdução de sons, como quando o povo diz *thriatro* por *theatro*, *melanciga* por *melancia*. (Coelho, 1891: 33, itálico do autor)

Essas mudanças que ocorrem nos *sons* da língua com o passar do tempo justificam determinadas formas de grafar algumas palavras. O autor acredita que, por exemplo, se se escreve *cella* com dois *ll*, é porque em algum momento os dois eles eram pronunciados. Novamente notamos, no estudo dos sons, uma maior atenção conferida à questão dos processos de mudança.

### 3.1.3 Síntese

No que diz respeito ao estudo comparativo que temos feito entre os séculos XVI e XIX, notamos, em primeiro lugar, que o metatermo *som* não era tão recorrente nas gramáticas quinhentistas quanto passou a ser nas oitocentistas. Outra percepção fácil diz respeito ao paulatino aumento da especificação de um valor metalinguístico para *som*: de emprego mais ambíguo e não definido explicitamente ao longo do século XVI, ele passa a ‘incidir’ com mais clareza e a ser textualmente definido como unidade mínima resultante de processos acústico-articulatórios. A esse movimento de especificação do uso corresponde uma mudança no estatuto de outros metatermos legados pela ‘tradição’, como *letra* e *voz*, antes centrais e, naquele momento, de menor destaque. Voltaremos a essa questão ao tratar dessas duas outras unidades do vocabulário técnico dos



gramáticos, mas é possível adiantar que, enquanto *letra* e *voz* perdem sua centralidade nas descrições, *som* – por vezes combinado a certas especificações (articulado, da voz humana, sons constitutivos das palavras) que parecem procurar garantir seu caráter metalinguístico – ganha maior espaço nas descrições, todas de algum modo preocupadas em marcar claramente as distinções entre o falado e o escrito.

Vimos que, nas primeiras gramáticas, os autores, sem definir o metatermo, pareciam utilizá-lo ou como referência a aspectos prosódicos da língua (Oliveira 1536 e Barros 1540), ou como expressão sonora de um segmento (Oliveira 1536 e Leão 1576). Nas gramáticas do século XIX, há, como vimos, conceituações explícitas do metatermo, e ele aparentemente ‘incide’ sobre a expressão sonora das *letras* ou de outros segmentos, como *ditongo* e *sílaba*.

Entre os autores do século XIX, nota-se a aparente persistência de concepções ‘tradicionais’. Assim, Couto e Melo e Caldas Aulete parecem considerar *som* apenas as *vogais* (ou *vozes*), mas não as *consoantes* (ou *articulações*). Assim, quando definem *voz* e *articulação*, fazem normalmente a ressalva de que a *articulação* não pode ser pronunciada sem a ajuda de uma *voz* – ideia que vem desde o século XVI. Na organização que Couto e Melo, por exemplo, faz dos *sons*, na qual propõe *classe*, *ordem*, *gênero* e *espécie*, as *articulações* aparecem sempre nos *sons combinados*, ou seja, junto com alguma *voz*.

Podemos destacar também, no século XIX, a preocupação de se estabelecerem e discutirem os problemas da proposta de equivalência entre *som* e *letra*, ou seja, da proposta de que cada *som* teria uma *letra* para representá-lo na escrita e vice-versa. Assim, como vimos, os autores enumeram as situações em que isso não ocorre, como, por exemplo, quando um *som* é representado por mais de uma *letra*, ou quando uma *letra* não representa *som* a ela consistentemente associado, mas é usada como marca etimológica. Pela insistência com que essas observações aparecem, o apontamento parece assumir ares de descoberta ou de equívoco frequentemente cometido pelos usuários de gramática daquele período.

Ressaltamos a diferente proposta de Coelho em sua obra de 1868, na qual, com maior ênfase do que a conferida na outra gramática de sua autoria, além de listar, descrever e classificar os *sons* existentes, procura evidenciar sua origem e transformações a partir do que considera as *línguas fontes* do português (aspecto a que também retornaremos).

Também ressaltamos que começam a aparecer, no século XIX, e em torno das discussões sobre o que seriam *sons*, discriminações zonas de investigação (*prosódia*, *fonologia*, *etimologia*, *ortoépia*) e de ‘objetos’ específicos para cada uma delas. Nenhuma consideração, contudo, parece ultrapassar o domínio do uso, nem mesmo quando é empregado o metatermo *phonologia*, em Adolfo Coelho.

## 3.2 LETRA

### 3.2.1 Letra para o século XVI

#### 3.2.1.1 Fernão de Oliveira

Em Fernão de Oliveira (1536), há ambiguidade na definição de *letra*. Inicialmente, o gramático propõe que “*letra é figura de voz*” e pode ser classificada em *consoantes* e em *vogais*:

**LEtra e figura de voz estas dividimos em côfoantes τ vogaes.** as vogaes tem em si voz: τ as confoantes não se não junto cõ as vogaes. Como. a que he vogal: τ. b. que he côfoante: τ nam tẽ voz ao menos tãõ perfeyta como. a. vogal. ¶ **As figuras destas letras** chamão os Gregos caracteres: τ os latinos notas: τ nos lhe podemos chamar sinais. Os quaes hão de fer tantos como as pronunçiações a q os latinos chamão elementos: τ nos aspodemos interpretar fundamẽtos das vozes τ escriptura. (Oliveira, 1536: 10, grifos nossos)<sup>40</sup>

No trecho acima, se notarmos as passagens destacadas, é possível determinar uma ambiguidade com relação a *letra*. Ao propor a relação de igualdade “*letra = figura de voz*”, Oliveira faz *letra* ‘incidir’ sobre a representação gráfica das *vozes*<sup>41</sup>. Porém, no segundo trecho em destaque, a *letra* contém *figura* (esta a representa graficamente). Neste caso, *letra* é, corresponde a um conceito mais geral e abstrato.

Fernão de Oliveira trata de mudanças linguísticas, afirmando que, com o passar do tempo, as *letras* e as *vozes* de uma língua podem mudar. O exemplo que o autor dá para mudança de *letra* é com relação ao ‘c’ que “*tinha sempre uma só força com todas as vogais*”

---

<sup>40</sup> “**Letra é figura de voz, estas dividimos em consoantes e vogais.** As vogais têm em si voz, as consoantes não, se não junto com as vogais. Como ‘a’, que é vogal e ‘b’, que é consoante e não tem voz, ao menos tão perfeita, como ‘a’ vogal. **As figuras destas letras** chamam os gregos, caracteres; e os latinos, notas. E nós lhe podemos chamar de sinais, os quais hão de ser tantos como as pronunçiações a que os latinos chamam elementos e nós as podemos interpretar como fundamentos das vozes e escriptura.”

<sup>41</sup> Como veremos na seção 4.3.1 desta dissertação, a *voz* era, no século XVI, a manifestação sonora de qualquer segmento, desde *letra* até *palavra*.

¶ Diz Antonio de Nebriffa q temos na eſpanha ſomẽte as letras latinas: mas porq e verdade q ão tantas τ taes as letras como as vozes: nos diremos q de nos aos latinos ha hi muita diferẽça nas letras: porq tambẽ a temos nas vozes: τ não he muyto poys fomos bẽ apartados em tempos τ terras: τ não ſomẽte iſto: mas hũa meſma nação τ gente de hũ tempo a outro muda as vozes τ tambẽ as letras. **Porq doutra maneira pronunçiauão os nollos antigos eſte verbo tanger: τ doutra o pronunçiamos nos: τ os latinos não podem dizer q a meſma letra era. c. quando tinha ſempre hũa fo força com todas as vogaes: como diz Quintiliano. E agora quando a cada vogal quaſi muda ſua voz: não diremos logo que temos as meſmas letras: nem tantas como os latinos: mas temos tâtas figuras comelles: τ quaſi as meſmas ou imitação dellas.** E com tudo nam deixa dauer falta neſta parte porq as nolhas vozes requerem q tenhamos trinta τ duas: ou trinta τ tres letras: como ſe moſtrara a diante. (Oliveira, 1536: 11)<sup>42</sup>

O autor explica que algumas *letras* mudaram do latim para o português. De acordo com as explicações de Oliveira, podemos afirmar que as *letras* são uma composição de *voz* e de *figura*, em que a primeira é a expressão sonora, enquanto a segunda é a expressão gráfica da *letra*. Oliveira, utiliza o exemplo da *letra* “c”, que, segundo ele, teve a sua *voz* modificada do latim para o português, e afirma que o português não tem as mesmas *letras*, mas tem as mesmas *figuras* que o latim.

### 3.2.1.2 João de Barros

João de Barros (1540) afirma que, segundo “*os gramáticos*”, a menor parte de qualquer *dição* (ou palavra) é a *letra*, e que esta teria *nome, figura e poder*:

**Donde as letras ueçram ter estas tres couſas, Nome figura, poder.** Nome, por que á primeira chamam, A, a ſegunda, Be, a terceira, Ce, figura, por que ſe eſcreuem deſta maneira. A, b,c. Poder, pola ualia que cada hũa tem, por que quando achamos eſta letera A, ia ſabemos que tem a ſua ualia: e per ſemelhante módo podemos iulgar das outras, que em numero ſam uinte & tres, como as dos latinos de quem âs nós reçebemos. (Barros, 1540: 3r)<sup>43</sup>

<sup>42</sup> “Diz Antonio de Nebrija que temos na Espanha ſomente as letras latinas, mas porque é verdade que ſão tantas e taes as letras e as vozes, nós diremos que de nós aos latinos há aí muita diferença nas letras, por que também a temos nas vozes. E não é muito, pois fomos bem apartados em tempos e terras, e não ſomente iſto, mas uma meſma nação e gente de um tempo a outro muda as vozes e também as letras. Porque de outra maneira pronunciavam os noſſos antigos eſte verbo ‘tanger’, e de outra maneira o pronunçiamos nós. E os latinos não podem dizer que a meſma letra era ‘c’, quando tinha ſempre uma só força com todas as vogais, como diz Quintiliano. **E agora, quando a cada vogal quase muda a ſua voz, não diremos logo que temos as meſmas letras, nem tantas como os latinos, mas temos tantas figuras como eles. E quase as meſmas ou imitação delas.** E, contudo, não deixa de haver falta neſta parte, porque as noſſas vozes requerem que tenhamos trinta e duas ou trinta e três letras, como ſe moſtrará adiante”.

<sup>43</sup> “**De onde as letras vieram a ter eſtas três coiſas: nome, figura e poder.** Nome, por que a primeira chamam A, a ſegunda, Bê, a terceira Cê. Figura, por que ſe eſcrevem deſta maneira A, b, c. Poder pela valia que cada uma tem, por que quando achamos eſta letra A, já ſebemos que tem a ſua valia. E por ſemelhante modo, podemos iulgar das outras, que em número ſão vinte e três, como as dos latinos, de quem as nós reçebemos.”

O metatermo *poder*, que ‘incide’ sobre as manifestações sonoras de cada *letra*, em João de Barros, parece ser substituído, muitas vezes, por *voz*, como podemos notar no seguinte trecho:

Segundo vimos na diuifãm das letras, R, e hũa das que têm a uóz leue e branda a que chamamos, erre, e outro dobrádo que rompe a uóz com impeto que se chama erre. O primeiro serue no meo das dições, ás uezes, **em figura e em uóz**: e no fim sempre. No princípio **serue em figura, mas nam em uóz**, por ser brando, como nestas dições, razãm, recádo. &c. O segundo serue sempre no meo quando a syllaba e rispida e fórte: como carreta q e diferẽte de caretã. E no princípio serue sempre sua uóz: por que todas as primeiras syllabas das dições cuia primeira letra e, r, esta tãl ferã fórte e nam brãda. (Barros, 1540: 48r-v, grifos nossos)<sup>44</sup>

### 3.2.1.3 Nunes de Leão

Em Nunes de Leão (1576), parece haver também uma ambiguidade quanto ao uso de *letra*; o metatermo não se confunde com *figura*, como em Oliveira, mas com *voz*. Observe-se que, no trecho abaixo, “*letras constam de voz*”:

E porque as palauras, que são o subjecto desta arte, **constam de letras, & as letras de voz**, começaremos da diffinição della. E **voz** não he outra cõsa, senão hũa percussão, ou ferimẽto do aar, que se pronuncia pela bocca do animal, & se forma com arteria, lingua & beiços. E da **voz** ha duas maneiras, hũa articulada, & outra inarticulada ou cõfusa. Articulada se chama a que sendo ouuida, se entẽde & escreve: a qual tambem chamão declarada &, intelligiuel. Confusa he a q não representa mais que hum simplez som, como hum gemido. **E da voz articulada, & q se pode entender, a mais pequena parte, & indiuidua, he letra.** (Leão, 1576: 1r-v, grifo nosso)<sup>45</sup>

Já na passagem abaixo, *letra* equivale a *voz* e é representada (notada) por uma *figura*:

---

<sup>44</sup> “Segundo vimos na divisão das letras, R é uma das que tem a voz leve e branda a que chamamos erre, e outro dobrado, que rompe a voz com ímpeto, que se chama erre. O primeiro serve no meio das dições às vezes, **em figura e em voz**, e no fim sempre. No princípio **serve em figura, mas não em voz**, por ser brando, como nestas dições, razão, recado, etc. O segundo serve sempre no meio, quando a sílaba é ríspida e forte, como carreta que é diferente de caretã. E no princípio serve sempre sua voz, por que todas as primeiras sílabas das dições, cuja primeira letra é r, esta tal será forte e não branda”.

<sup>45</sup> “E porque as palavras, que são o sujeito desta arte, **constam de letras, e as letras de voz**, começaremos da definição dela. E voz não é outra coisa, senão uma percussão ou ferimento do ar que se pronuncia pela boca do animal, e se forma com artéria, língua e beiços. E da voz há duas maneiras, uma articulada, e outra inarticulada ou confusa. Articulada se chama a que sendo ouvida, se entende e escreve, a qual também chamam declarada e inteligível. Confusa é a que não representa mais que um simples som, como um gemido. **E da voz articulada, e que se pode entender, a mais pequena parte e indiuidua é letra**”.

Letra he voz fimplez, que se nota com hũa figura soo, como .a. ou .b. E diz se letra, de *lego, legis*, & de *iter*, q quer dizer caminho: porq abre caminho ao que lee. (Leão, 1576: 1v)<sup>46</sup>

Desse modo, a partir dessa breve síntese relativa ao valor desses metatermos quando da emergência de uma tradição gramatical portuguesa, é possível afirmar que, de um modo geral, ao longo do século XVI: 1) os metatermos *letra*, *voz* e *figura* são centrais e têm presença obrigatória na discussão de temas de Fonética, Fonologia; 2) embora naturalmente não haja um uso sistemático dos metatermos, o que faz que em algumas passagens das obras eles pareçam ser equivalentes, *voz*, *figura* e *letra* têm, nessas descrições, estatutos diferentes: as *letras* são compostas por *figura* e *voz* (a *figura* é a expressão gráfica e a *voz* a expressão sonora da *letra*, essa unidade da língua existente nas suas modalidades escrita e oral).

### 3.2.2 *Letra para o século XIX*

#### 3.2.2.1 Couto e Melo

Em Couto e Melo (1818), *letra* ‘incide’ sobre a expressão gráfica dos *sons*: “*Lêtra é um sinal figurado, visível, e permanente. As lêtras servem para expressar as diversas infléssões ou modificações do som.*” (Couto e Melo, 1818: 46). Na página 50, o autor expõe um quadro, o qual denomina “*Sistema das Lêtras ou sinaes dos sons Elementares.*”, tomando, desse modo, *letra* como sinônimo de *sinal*, o que ratifica a afirmação acima de que a *letra* é expressão gráfica dos *sons*.

Como já mencionamos, essa gramática, pelo menos no que se refere à seção destinada aos estudos dos *sons*, apresenta uma proposta terminológica que se diferencia da tradicional portuguesa: as *letras* e os *sons* são apresentados em *classes*, *ordens*, *gêneros* e *espécies*, metatermos que carregam ‘marca disciplinar’ e ‘marca epocal’ (Swiggers 2010), já que parecem ter sido transferidos das Ciências Biológicas<sup>47</sup> para o campo da Gramática, num procedimento que reflete a conhecida valorização de tais ciências naquele período. Nas seções da gramática destinadas à *etimologia* e à *sintaxe*, Couto e Melo utiliza apenas o metatermo *espécie* dessa terminologia, sempre como referência a uma subclassificação de conceitos mais gerais de que está tratando. Por

<sup>46</sup> “Letra é voz simples, que se nota com uma figura só. Como ‘a’ ou ‘b’. E diz-se letra de *lego, legis* e de *iter*, que quer dizer caminho, por que abre caminho ao que lê”.

<sup>47</sup> Aparentemente tendo como referência, não explicitada, o sistema de classificação dos seres vivos criado pelo médico e naturalista sueco Carl von Linné (1707 – 1778). (Larousse, 1988, vol 18)

exemplo, afirma que há cinco “*espécies de vocábulos*”, que seriam *substantivo*, *adjetivo*, *verbo*, *preposição* e *conjunção*. Os *substantivos*, o autor classifica não apenas em *espécies* (eles podem ser *próprios* ou *comuns*), mas também em *gêneros*. Sem definir de forma específica o significado do metatermo, o autor emprega *gêneros* para marca se as palavras são masculinas ou femininas; assim, essa é uma classificação que não parece fazer parte da proposta inspirada nas classificações biológicas.

Reproduzimos abaixo o quadro das *letras* exposto em Couto e Melo (1818: 50-52):

<i>Sistema das Letras ou sinaes dos sons Elementares</i>	
<i>Classes</i>	1. <sup>a</sup> <i>Simple</i> s: v. g. <i>á, m, &amp;c.</i> 2. <sup>a</sup> <i>Combinadas</i> : v. g. <i>áe, ái, ão, dr.</i>
<i>Ordens</i>	1. <sup>a</sup> <i>Vogaes</i> : v. g. <i>á, ê, ã, &amp;c. áe, ão, &amp;c.</i> 2. <sup>a</sup> <i>Consoantes</i> : v. g. <i>m, dr, &amp;c.</i>
<i>Gêneros de vogaes</i>	1. <sup>a</sup> <i>Oraes</i> : v. g. <i>á, ê, &amp;c. áe, êi, &amp;c.</i> 2. <sup>a</sup> <i>Nasáes</i> : v. g. <i>ã, ã, &amp;c. ãe, ãe, &amp;c.</i>
<i>Espécies de vogaes simples</i>	1. <sup>a</sup> <i>Agudas</i> : v. g. <i>á, é, í, ó, ú. ã, ê, î, ô, û.</i> 2. <sup>a</sup> <i>Graves</i> : v. g. <i>â, ê, î, ô, û. an, en, in, on, un.</i> 3. <sup>a</sup> <i>Baixas</i> : v. g. <i>a, e, i, o, u.</i>
<i>Gêneros de consoantes</i>	1. <sup>a</sup> <i>Labiaes</i> : v. g. <i>m, l, &amp;c. br, &amp;c.</i> 2. <sup>a</sup> <i>Linguaes</i> : v. g. <i>d, t, &amp;c. dr, &amp;c.</i> 3. <sup>a</sup> <i>Guturaes</i> : * * * *
<i>Espécies de consoantes simples</i>	1. <sup>a</sup> <i>Fortes</i> : v. g. <i>p, f, c, qu, t, x, ch, ç, lh, nh, rr, ss.</i> 2. <sup>a</sup> <i>Fracas</i> : v. g. <i>b, v, g, *d, j, *z, l, n, r, s.</i> 3. <sup>a</sup> <i>Fraquíssimas</i> : v. g. <i>m, * *</i>
<i>Espécies de vogaes combinadas oraes</i>	1. <sup>a</sup> <i>Agudas</i> : v. g. <i>áe, ái, áo, áu, éi, éo, íe, íu, úe, úi, úo.</i> 2. <sup>a</sup> <i>Graves</i> : v. g. <i>âi, âu, êi, êo, êu, ôe, ôi, ôu.</i>
<i>Espécies de vogaes combinadas nasaes</i>	1. <sup>a</sup> <i>Agudas</i> : v. g. <i>ãa, ãe, ãi, ão, êe, êi, ãi, ãe, ãi, ão, ûi, ûu.</i> 2. <sup>a</sup> <i>Graves</i> : v. g. <i>am, em, im, um.</i>
<i>Espécies de consoantes combinadas</i>	1. <sup>a</sup> <i>Fortes</i> : v. g. <i>pl, pr, pç, pss, pt, fl, fr, cd, cl, cr, cç, cn, cs, ct, tm, tn, tr, trs.</i> 2. <sup>a</sup> <i>Fracas</i> : v. g. <i>mn, bl, br, vr, gd, gl, gr, gn, gs, gt, dm, dn, dr, ds.</i> 3. <sup>a</sup> <i>Fracas e Fortes</i> : v. g. <i>sm, sb, sp, sr, sf, sd, st, sj, sd, sç, sg, sc, sq, sl, sn, sr, sgr, sdr, scl, spr, sfr, scr, str, sbr.</i>

Embora o quadro apresente as *classes* das *letras* como sendo *simples* e *combinada* e as *ordens* como *vogal* e *consoante*, na explicação referente a esses conceitos, esses dados aparecem invertidos – as *classes* são *vogal* e *consoante* e as *ordens* são *simples* e *combinada*. Provavelmente o erro está no quadro, já que *classe* se encontra no ponto mais alto dessa hierarquização, e tanto as *vogais* quanto as *consoantes* podem ser *simples* ou *combinadas*.

Em Couto e Melo, *vogal* é o metatermo que ‘incide’ sobre a representação gráfica da *voz* e *consoante* sobre a representação gráfica da *articulação*. Desse modo, sempre que o autor se utiliza desses metatermos (*letra*, *vogal* e *consoante*), explica que eles são representação gráfica de um *som*, uma *voz* ou uma *articulação*: “*Vogal-simples*

é a expressão de som primitivo simples<sup>48</sup>”, “*Consoante combinada* é a expressão de duas ou mais articulações”.

Quanto às *ordens* das *vogais*, *simples* se refere às *vogais* sozinhas, elas representam um *som primitivo simples* (por exemplo, *á*); já as *combinadas* dizem respeito aos *ditongos*, ou seja, representam um *som primitivo combinado* (por exemplo, *ae*). As *vogais* podem ser de *gênero oral* ou *nasal*, expressando *voz oral* (como *á*) no primeiro caso, e *voz nasal* (por exemplo, *ã*) no segundo<sup>49</sup>.

As *espécies* das *vogais* definem-se em função da maior ou menor *elevação dos sons* e podem ser *aguda*, *grave* e *baixa*, ou seja, o autor lida, aqui, aparentemente, com o que atualmente entenderíamos como ‘abertura’ das vogais. No entanto, parece existir uma mescla, nesse texto do século XIX, entre o que atualmente seriam as ideias de ‘abertura’ e ‘tonicidade’, já que Couto e Melo inclui na tabela as *letras* “i” e “u”, que não variam com relação à ‘abertura’, mas sim quanto à ‘tonicidade’.

As *consoantes* também se classificam, quanto à *ordem*, em *simples* e *combinada*: *simples* é a *consoante* sozinha, é *expressão de articulação simples* (*l*, *r*, *m*); *combinada* é a expressão de duas ou mais *articulações* (por exemplo *br*, *str* etc). Os *gêneros* de consoantes são três: elas podem ser *labiais* – expressam a articulação causada pelo movimento dos lábios –, *linguais* – expressam a articulação causada pelo movimento da língua –, ou *guturais* – expressam a articulação causada pelo movimento da garganta. (cf. Couto e Melo, 1818: 48-49). O critério para essa classificação é, pois, articulatorio.

Quanto às *espécies* das *consoantes*, note-se o seguinte trecho:

A’ três géneros de *consoantes* relativamente ao mâiôr ou menor apêgo das partes mõeveis principaes da bõca e á mâiôr ou menor fõrça, com que se-expressa o ar sonoro; a sabêr: 1<sup>a</sup>*Fortes*, 2<sup>a</sup>*Fracas*, 3<sup>a</sup>*Fraquíssimas*.” (COUTO e MELO, 1818: 49)

Embora o trecho fale em *gênero*, acreditamos ser, novamente, um erro de digitação do autor, já que Couto e Melo, anteriormente, mencionou *labial*, *lingual* e *gutural* como sendo os *gêneros consonantais* e, no quadro síntese que apresentamos na página anterior, *forte*, *fraca* e *fraquíssima* aparecem como *espécie* das *consoantes*.

Couto e Melo não trata das *letras* uma a uma, não propõe um quadro, nem expõe o alfabeto completo com as *letras* do português. Menciona, particularmente, algumas

<sup>48</sup> Cf. seção 4.1.2 desta dissertação.

<sup>49</sup> Embora não comente essa marcação, Couto e Melo utiliza o *til* para identificar graficamente as *vogais nasais*.

*letras* apenas em algumas passagens de sua gramática, como exemplificação de algum conceito, como quando fala dos gêneros das consoantes: “Consoante labial é a expressão d’articulação causada pelo movimento dos beiços: v. g. m, d, br, &c.” (Couto e Melo, 1818: 48)

Como o quadro apresentado por Couto e Melo apresenta erro de digitação, o reorganizamos para tornar mais simples a sua leitura. Nessa reorganização não colocamos os exemplos, mas incluímos os conceitos dos elementos que o compõem:

<b>LETRA</b> (sinal figurado, visível e permanente)		
<b>Classes</b>	<b>Vogal</b> (expressa voz)	<b>Consoante</b> (expressa articulação)
<b>Ordem</b>	Simples (expressa som primitivo simples) ou Combinada (expressa som primitivo combinado)	Simples (expressa articulação simples) ou Combinada (expressa articulação combinada)
<b>Gênero</b>	Oral (expressa voz oral) ou Nasal (expressa voz nasal)	Labial (expressa articulação dos beiços) ou Lingual (expressa articulação da língua) ou Gutural (expressa articulação da garganta)
<b>Espécie</b>	Aguda, Grave ou Baixa (relativo a maior ou menor elevação ou extensão dos sons que expressam)	Forte, Fraca ou Fraquíssima (relativo ao maior ou menor apego das partes móveis principais da boca e a maior ou menor força com que se expressa o ar sonoro)

Quadro 1: Classificação das *letras* em Couto e Melo (1818) em *classe*, *ordem*, *gênero* e *espécie*.

Elaboramos abaixo um quadro-síntese que organiza a concepção de *letra* em Couto e Melo:

<b>LETRA</b>	
→ É a expressão gráfica dos <i>sons</i> ; apresenta <i>classe</i> , <i>ordem</i> , <i>gênero</i> e <i>espécie</i> ; Sinônimo: sinal	
<b>Vogal</b> (expressão gráfica das <i>vozes</i> )	<b>Consoante</b> (expressão gráfica das <i>articulações</i> )

Quadro 2: Organização do conceito de *letra* e suas classificações em Couto e Melo, 1818.

### 3.2.2.2 Soares Barbosa

*Letra*, em Soares Barbosa, é classificada em *vogais* e *consoantes* e estes metatermos, por sua vez, ‘incidem’ sobre a representação gráfica das *vozes* e *consonâncias*:

Os Grammaticos modernos chamão *Articulações* a estas consonancias. E com effeito o são. Mas, como as vozes tambem são articulações, não he este nome proprio para distinguir humas das outras. O de *Consonancias* caracteriza melhor a natureza particular destas modificações, que nunca são per si, mas so junctas ás vozes, que modificão; e



he outro sim mais analogo á nomenclatura ja recebida das **vozes**; as quaes, chamando-se assim porque **as Letras, que as figurão, se chamão vogaes**; tambem aquellas se devem chamar **Consonancias**; porque **as Letras, que as representão, se chamão Consoantes**. (Barbosa, 1822: 07, grifos nossos)

Conforme o trecho acima, as *letras figuram as vozes e consonâncias*, ou seja, o verbo “*figurar*” aparece como uma função desempenhada pela *letra*, que seria a de representar graficamente os *sons*. Já no trecho abaixo, *figura* aparece como uma subcategoria de *letra*:

**Todas as nossas Letras, tendo no presente uso da escriptura duas figuras**; huma grande como A, B, C, D, E, &c. e outra pequena como a, b, c, d, e, &c. he practica conforme não metter nunca Letra grande no meio das palavras, e pol-a sempre no principio. (Barbosa, 1822: 60, grifo nosso)

Na passagem seguinte, *figura* não aparece nem como uma propriedade de *letra*, nem como uma função sua (como quando o autor afirma que uma *letra figura determinado som*), mas os metatermos aparecem como sinônimos:

Ajuntando pois estas duas vozes Ambíguas ás 10 antecedentes, são por todas 12 as vozes Oraes Portuguezas. A nossa Orthographia não tem para as distinguir senão **cinco letras vogaes, a saber: a, e, i, o, u**. Porém **servindo-se das mesmas figuras a, e, o**, distingue-as, quando são grandes, ou dobrando-as, como fazião nossos antigos, escrevendo *Maa* em lugar de *má*, *See* em lugar de *Sé*, *Leer* ou *Ler* em lugar de *Lér*, *Sóo* em lugar de *Só*, e *Avoo* em lugar de *Avó*; ou marcando-as com os accents vogaes, ja agudo para as abertas, ja circumflexo para as fechadas, como se vê acima.” (Barbosa, 1822: 04, grifo nosso)

O português, desse modo, contaria com mais *vozes* (= *sons*) do que *letras vogais* (= *figuras* ou representação gráfica). Estas últimas são, desse modo, adaptadas – escritas duas vezes ou com acentos, para diferenciar abertas de fechadas.

Considerando os trechos acima, que contam com utilizações diversas do metatermo *letra*, podemos intuir que, em Soares Barbosa, *letra* ora é concebida como algo mais geral e abstrato do que *figura* e *som*, na medida em que ela conteria esses elementos mais concretos (*figura* e *som*) para realizá-la; ora *letra* ‘incide’ sobre o plano gráfico dos *sons*, sendo, neste caso, utilizada como sinônimo de *figura*.

O gramático oitocentista critica a nomenclatura ‘tradicional’ das *consonâncias*, uma vez que, segundo ele, poderia confundir os alunos que estariam se iniciando nos estudos de língua portuguesa, já que o *nome* dado a esses “sons” não corresponderia sempre ao seu *som* de fato.

A nomenclatura vulgar de muitas destas Consonancias como são *eMe*, *U*, *eFe*, *Gê*, *Cê*, *eSe*, *Xis*, *I*, *Ce*, *Hãgá*, *eNe*, *eNehagá*, *eLe Hagá*, *eRRe forte*, *eRRe brando*, de que se

servem ordinariamente os Mestres para ensinarem aos principiantes o Abecedario da Lingua, e depois a Soletração e Syllabação; he de hum grande embaraço para o seu aproveitamento. **Elle dá a muitas letras hum valor e som, que ellas não tem;** a outras accrescenta outros, que as mesmas não tem, e que não servem senão para embrulhar e confundir-se o som proprio e verdadeiro. (Barbosa, 1822: 13, grifo nosso)

Pelo trecho, nota-se que as *letras* podem contar com *som* e *valor*. De fato, o quadro que Soares Barbosa faz das *vozes portuguesas* traz uma nomenclatura que visa identificar e especificar a diferença entre essas *vozes*:

CORDA VOCAL PORTUGUEZA					
ORAL PURA			ORAL NASAL		
Figura	Nome	Valor	Figura	Nome	Valor
1. A', aa	Grande Aberto	Ma's, nome.	1. Ā, am, na	A til claro	Lã
2. A, a	Pequeno.	Mas, conj.	2. Ă.	A til surdo	Lama
3. E', ee	Grande Aberto	Sê, verbo	3. Ē, em, em	E til claro	Sêpre
4. Ê, e	Granje Fechado	Sê, verbo	4. Ĕ	E til surdo	Senha
5. E, e	Pequeno	Se, conj.			
6. E I	Abbiguo, ou Surd.	Cea'r Cia'r			
7. I, i	Commum.	Vi'cio.	5. Ī, im, in	I til claro	Sim
8. O', óo	Grande Aberto	Avó, femin.	6. Ō, om, on	O til claro	Som
9. Ô, ou	Grande fechado	Avô, masc.	7. Ȫ	O til surdo	[son]
10. O, o	Pequeno	O, artigo			
11. O U	Ambiguo, ou surd	Soa'r Sua'r			
12. U, u	Commum.	Tumulo.	8. Ū, um, un	U til claro	[um]

(Barbosa, 1822: 06)

Notamos que, apesar de o metatermo *letra* ser definido como a expressão gráfica das *vozes* e *consonâncias*, no quadro não há menção ao metatermo *letra*, o que aparece é *figura da voz*.

Além de *letra* e *figura*, há ainda o metatermo *caractere*, que também 'incide' sobre o plano gráfico das unidades sonoras. O *caractere*, segundo o trecho que segue abaixo, referente aos primórdios da história da gramática, é algo que pode ser *lido* ou *formado a partir de ponteiro ou pena*.

A *Grammatica*, (que quer dizer *Litteratura*) não foi ao principio outra couza, senão a sciencia dos caracteres, ou *Reaes*, representativos das couzas, ou *Nominaes*, significativos dos sons e das palavras. **Toda a sciencia do homem Letrado, ou Grammatico, se reduzia naquelles primeiros tempos a saber ler e formar, ou com o ponteiro, ou com a penna, estes caracteres.** (Barbosa, 1822: 01, grifo nosso)

Porém, no trecho abaixo, em que Barbosa explica um tipo de mudança que pode ocorrer nas palavras, *caractere* aparece como sinônimo de *letra*, e ambos parecem ser considerados tanto no plano gráfico quanto no sonoro:

O terceiro modo, porque se alterão os vocabulos, he a *Transposiçãõ*, chamada *Metathese* pelos Gregos. Faz-se esta, quando as letras ou Syllabas, de que se compõe a

palavra, se põem em huma ordem differente daquella, em que se achão no vocabulo primitivo, donde o mesmo se dirivou. **Esta transposição pôde ser, ou total da palavra inteira pela inversão de todos seus caracteres radicaes:** como *Frol* de *Flor*, *Clergo* de *Clerigo*: **ou parcial so de alguma Syllaba, ou Letra:** como *Contrairo* de *Contrario*, *Bolra*, de *Borla*. Esta transposição parcial ha tambem na nossa preposição *em*, **quando na Pronunção e na escriptura** mesma se troca o *m* em *n*, e elidido o *e*, se incorpora com o nosso Artigo, e com os Demonstrativos deste modo: *n'o*, *n'a*, *n'os*, *n'as*, *n'este*, *n'esse*, *n'elle*, *n'aquelle*, etc. em lugar de *emo*, *em a*, *em os*, *em as*, *em este*, *em esse*, *em elle*, *em aquelle* etc. (Barbosa, 1822: 24 – 25, grifos nossos)

Soares Barbosa prescreve algumas regras ortográficas, em que expõe, extensivamente as *letras* que constariam do alfabeto (cf. o longo trecho das páginas 58 a 59 da obra). Curiosamente, o autor considera dois alfabetos distintos, um que chama de *verdadeiro*, por carregar em si as *letras* representativas de todas as *vozes* e *articulações* e por separar as *consoantes* das *vogais*. O autor inclusive aplica esse alfabeto “verdeiro”, de inspiração fonética e não etimológica, em longo trecho dessa seção da gramática. O outro alfabeto é denominado de *vulgar* ou *tipográfico*; o autor o considera incompleto, por um lado, pois não expõe todas as vogais (não aparecem as nasais), as *consoantes* J e V e as *prolações*, e, por outro lado, o considera excessivo, uma vez que inclui as *letras* K, Y e H, desnecessárias à representação dos sons. Além disso, o critica por não dispor em uma ordem lógica as *vogais* e *consoantes*, já que aparecem misturadas. Destacamos, ainda, que *letra* e *caractere* aparecem, novamente, nesse trecho, como sinônimos.

Soares Barbosa acredita que as *letras* devem ser utilizadas ou de acordo com o *som* das palavras, ou seguindo sua etimologia, ou, ainda, segundo o padrão ortográfico geral da língua (o que “*se pratica*” com palavras semelhantes); por isso considera, por exemplo, a utilização do *h* no início de algumas palavras (como *hum*, por exemplo) algo equivocado.

Todos ainda os mais apaixonados pelas Etymologias, assentão não ser justo metter na escriptura das palavras Portuguezas Letras desnecessarias, e que lhes não competem, **nem em razão da pronunção, nem em razão da dirivação.** Como: escrever com H He, Hum, e com E no principio Esparto, Espaço, Estatua, Espirito, Especie, Estudo &c. quando **nem a pronunção o pede, nem as palavras Latinas** Est, Unus, Sparturn, Spatium, Statua, Spiritus, Species, Studium o tem, nem o mesmo se practica em outras semelhantes, como em, Scena, Sciencia, Scipião &c. (Barbosa, 1822: 59 – 60, grifo nosso)

Mais adiante, Soares Barbosa reflete sobre a necessidade de se marcar a etimologia das palavras, e chega à conclusão de que esse procedimento seja válido

apenas em um âmbito mais erudito, ao passo que, quando essas palavras passam a fazer parte de um domínio mais popular, a ortografia da pronúncia é a que deve ser usada:

Entretanto hum mui justo e razoado meio de conciliar os dois systemas oppostos da Orthographia Etymologica com o da Pronúncia, seria escrever as palavras Gregas e Latinas com as Letras das suas origens, em quanto ellas são so do uso dos Sabios e não tem passado ao do povo; e com as do nosso Alfabeto e pronúncia, huma vez que passão ao uso vulgar, como tem passado as de Filosofia, Fisica, Metafisica, Matematica, Teologia &c. (Barbosa, 1822: 76)

Organizamos as acepções de *letra* em Soares Barbosa no quadro abaixo:

<b>LETRA</b>	
Acepção 1: É a expressão gráfica dos sons; Sinônimos: figura e caractere. Acepção 2: É um elemento mais abstrato que contém <i>figura, nome e valor</i> .	
<b>Vogal</b> (expressão gráfica das <i>vozes</i> )	<b>Consoante</b> (expressão gráfica das <i>consonâncias</i> )

Quadro 3: Organização dos conceitos de *letra* e suas classificações em Soares Barbosa, 1822.

### 3.2.2.3 Constância

As *letras*, para Constância, “*notam os sons*” de uma língua. No caso do português, as *letras* seriam quase as mesmas existentes no latim, acrescentando-se a elas o *k*, o *y* e o *ç*:

**A serie das letras com que em portuguez se notão os sons elementares da lingua** he a mesma que em latim, á excepção do *k* e *y* que são gregos, e do *ç* que não existe em latim. Esta serie se denomina *alphabeto*, de *alpha* e *béta*, nomes das duas primeiras letras da serie vocal grega, ou *abêcê*, do nome das tres primeiras letras do nosso A, B, C. Quando se falla da serie de caracteres de huma lingua cujas letras correspondem a sons determinados, diz-se o *alphabeto* dessa lingua. **Os Chins escrevem em geral por meio de caracteres que designão ideias e não sons**; e os antigos Egypcios tinham diversos systemas de notação, huns para as ideias, outro para os sons. (Constância, 1823: 05, grifos nossos)

Há uma relação sinonímica entre *letra* e *caractere*, como se pode observar nos trechos em negrito da passagem acima, já que no primeiro o autor fala de *letras* que *notam os sons*, e no segundo, de *caracteres* que *designam sons* ou *ideias*.

Expomos, abaixo, outra passagem em que, assim como vimos em Soares Barbosa, a etimologia das palavras é a argumentação para uso de determinados *sinais* gráficos:

Em toda a palavra que tem vogal com accento escripto, a syllaba accentuada he a predominante; v. g. *tafetá*, *enxó*, *contribuirão*, etc. Exceptuão-se as palavras de mais de

huma syllaba que levão accento em huma vogal em razão de supressão de letra que antigamente se escrevia, v. g. *vêdor* por *veedor*, *sádio* por *saadio*, que tem a ultima predominante. (Constâncio, 1831: 250)

A regra, transposta para uma metalinguagem atual, é: *a sílaba acentuada é a tônica*. Porém, se se considerar a etimologia de algumas palavras, das quais uma *letra* foi excluída com o passar do tempo, o *acento escrito* pode representar apenas essa supressão da *letra*, ainda que não esteja presente na sílaba tônica.

Constâncio afirma que “*mais vale uma letra que um accento*” quando defende que é melhor conservar o modo “antigo” de grafia da forma verbal *é*, com *h*, “*he*”, do que utilizar-se do acento agudo, “*é*”. A principal razão é que, nos processos de impressão, muitas vezes, consideradas as contingências técnicas de sua época e contexto, o acento poderia ser omitido, causando, então, confusão com a conjunção *e*. Assim, um fato externo à linguagem influenciou o autor a escolher uma *letra* e não um *acento* na representação do plano da expressão de uma palavra. Desse modo, mais uma vez um critério externo à gramática em si é justificativa para o emprego de determinado *caractere*. Segue o trecho completo:

Em quanto a *he*, prefiro a orthographia antiga e usual á que escreve *é*, I<sup>o</sup> porque mais vale huma letra que hum accento, que mui facilmente se omitta na escripta e na impressão; tendo neste caso a tal omissão o gravissimo inconveniente de confundir o verbo com a conjunção *e*. (Constâncio, 1831: 270)

Constâncio elabora o seguinte quadro das *letras* do português (1831: 05 - 06)

Letras Portuguezas.		
Figura	Nome.	Som.
A, a	Á	á, ã, a surdo.
B, b	Bê	b.
C, c	Cê	K, antes de a, o, u; ç, antes de e, i, y
C, ç	cê cedilhado	ç, ss.
D, d	Dê	d.
E, e	É	é, ê, ë, e surdo ou mudo
F, f	Éfe	f.
G, g	Gê	gue, antes de a, o, u; j, antes de e, i, y.
H, h	Agá	não tem som proprio, ou he signal de aspiração apenas sensível.
I, i	I	i.
J, j	Ji	j.
K, k	Ká	k.
L, l	Éle	l.
M, m	éme	m.
N, n	Éne	n.
O, o	Ó	ó, ô, õ, o surdo.
P, p	Pê	p.
Q, q	Kê	k.
R, r	érre	r forte, brando.
S, s	ésse	ç, z, es.
T, t	Tê	t.
U, u	U	u.
V, v	Vê	v.
X, x	xis	ch, es, ss.
Z, z	Zê	z.
Y, y	ipsilon	i.

Segundo o quadro, as *letras* contariam com uma *figura* (representação gráfica), um *nome* (como as identificamos verbalmente) e um *som* (manifestação auditiva). Vemos, assim, que *som* substitui, nesse contexto, metatermos como *poder*, *força* e mesmo *voz* nas gramáticas do século XVI e naquelas do XIX mais alinhadas com a ‘tradição’. Em Constâncio, *letra* é, tal como nos textos da ‘tradição’, um conceito mais geral e abstrato que os outros três. Porém, como vimos, o autor utiliza o metatermo *letra* como, simplesmente, a representação gráfica dos *sons*, ou seja, como sinônimo do que o autor chama, no quadro acima, de as *figuras* das *letras*. Nessa outra configuração, o termo mais geral é, justamente, *som*, que, como vimos na seção desta dissertação a ele correspondente emerge claramente como um metatermo apenas no século XIX, num contexto de maior atenção conferida à demarcação das especificidades da oralidade em relação à da escrita. *Som*, nesse contexto, assume a centralidade antes conferida a *letra* nas descrições.

A citação a seguir acrescenta *senal* como metatermo que, como *figura*, ‘incide’ sobre o plano gráfico dos *sons*:

Ha varios sons simples na lingua para os quaes não temos signaes, e que se escrevem por duas letras, ou por huma com hum accento particular. (Constâncio, 1831: 06)

O gramático classifica as *letras* em *vogais* e *consoantes*.

**Chamão-se vogaes as letras *a, e, i, o, u, y*, porque representam sons proferidos por hum impulso da voz**, sem o concurso da acção da lingua, dos beiços ou dos dentes.

A. Quando o *a* tem hum som forte e prolongado, escreve-se *á* com o accento agudo. Os antigos que não usavão de accents, escrevião *aa* ou *ha*. O *a* tem o mesmo som, longo e forte, em muitas palavras em que não leva o accento, e nas quaes as regras da prosodia bastão para determinar o seu valor.

O *á* ou *â* indica muitas vezes supressão de letras: Ex. *amá-la* ou *amâ-la*, por *amar a ella*.

**Â corresponde á *an* ou *am*, e representa o som nasal ou palatal da letra**. Digo palatal, porque basta dirigir a voz contra o céu da boca para pronunciar o que se chamão sons nasaes, e não he necessario que o ar saia pelas ventas.” (Constâncio, 1831: 06 – 07, grifos nossos)

As *letras vogais* são, desse modo, a representação gráfica dos *sons* que dispensam o uso de *língua*, *dente* e *beiço* para serem produzidos. O trecho apresenta, novamente, a imprecisão do autor com relação ao metatermo *letra*. Na primeira parte em negrito, o autor afirma que as *letras representam* determinados *sons*, ou seja, são a expressão gráfica dos *sons*; na outra parte em destaque, em que o autor trata da *letra A*,

coloca “ã” como a representação do *som nasal da letra*, ou seja, neste segundo caso, há um conceito mais geral e abstrato, a *letra*, que conta com um ou mais *sons*, que são, por sua vez, representados por, por exemplo, *ã, á, a*. Como vimos, no quadro das *letras* portuguesas exposto pelo autor, essas representações seriam as *figuras das letras*.

Com relação às *letras consoantes*, Constâncio afirma o seguinte:

*Da natureza das letras consoantes.* Os grammaticos tem multiplicado **as classificações dos sons elementares das linguas e das letras que os representam**. Ignorando o verdadeiro mechanismo da voz humana, que ainda hoje não está bem conhecido, fizeram divisões mais ou menos inexactas, humas fundadas nos órgãos vocaes que contribuem a formar os sons, outras na propriedade que cada som tem de se ligar mais ou menos facilmente a outros. D’aqui nasceo a divisão em **letras labiaes, dentaes, palataes, puras ou compostas** d’estes elementos, e dos **sons sibilante, chiante, tremolante e nasal**. **Tambem se distinguirão as letras em mudas e semivogaes, em liquidas e fixas**, sem que d’essas denominações resulte utilidade real para a recta pronunciação ou orthographia. (Constâncio, 1831: 12 – 13, grifos nossos)

Mais uma vez, o autor afirma que *letras representam sons* (no primeiro trecho em destaque). Porém, na segunda parte em destaque, as *letras* evidenciariam o ponto de articulação dos sons. O quadro abaixo (Constâncio, 1831: 13 – 14), no qual elenca as consoantes prolongáveis, evidencia de modo mais claro essa nova distinção entre *letra* e *som* que aparece na obra:

<i>Sons e letras consoantes prolongaveis.</i>		
<i>v</i> forte <i>f</i> branda	labiaes dentaes.	<i>vá, viva, voz.</i> <i>fel, foz.</i>
<i>s, ç, ss</i> brandos <i>z, s</i> forte	linguae palataes. sibilantes.	<i>sal, cimo, çumo, osso.</i> <i>zaz, zorra, zagaia, uso.</i>
<i>x, ch</i> forte <i>j, g</i> brando	id. id. chiantes.	<i>xiar ou chiar, enxó.</i> <i>já, gíz.</i>
<i>r</i> brando e liquido <i>rr</i> ou <i>r</i> forte	lingual palatal. vibrante	<i>era, caro, bravo.</i> <i>raia, rei, ré, erro, arre.</i>

Embora, no trecho anteriormente citado, Constâncio critique a *divisão* das *consoantes* e seus *sons* pela terminologia exposta (*labial, dental, palatal, sibilante, chiante, muda* etc), se utiliza dela para identificar as consoantes, como no quadro acima e na passagem abaixo:

Restão as labiaes puras: *b* branda, *p* forte, e *m* nasal; as linguae dentaes, *d* branda, *t* forte; a liquida *l*, e *lh* forte, que são linguae palataes. O *n* he lingual, palatal e nasal branda, e *nh* forte. Excepto as gutturaes, todas as outras exigem hum som vogal para se tornarem bem distinctas. Chamão-se liquidas o *l* e *r*, porque se associão com grande facilidade com as mudas. Ex. *flavo, tecla, clavo, prelado, frouxo, traz, medrar, crer, adro*. (Constâncio, 1831: 14)

A permanência dessa terminologia, ainda que criticada pelo autor, revela a força da ‘marca teórica’ e ‘epocal’ (cf. Swiggers 2010) desses metatermos. Como vimos no trecho anterior, o autor afirma que “*os grammaticos tem multiplicado as classificações dos sons elementares das linguas e das letras que os representam*”, o que evidencia preocupação em compartilhar, ainda que a partir de uma postura crítica, um modelo de tratamento da língua em voga entre os gramáticos de sua época – e, de fato, tanto gramáticos anteriores a Constâncio (1831), como Couto e Melo (1818) e Soares Barbosa (1822), quanto gramáticos posteriores a ele, como Adolpho Coelho (1868), utilizam, em algum nível, essa terminologia criticada (por ser pexcessiva).

Constâncio também se refere a *letras dobradas* e a *prolações*.

As **letras dobradas que formão hum som simples**, não influem na vogal que as precede, nem as liquidas *fr, lh, nh, tr, gr, br, cr, dr, pr*. As longas podem ser fortes ou brandas. (Constâncio, 1831: 255, grifo nosso)

2º Não havendo letra correspondente, supprir-sehá por huma **prolação, isto he, por duas letras cujo som he simplez**: o *n* de *vinum* he substituido por *nh*; o *li* por *lh*, em *filho* de *filius*, *mulher* de *mulier*; o *pl* por *ch*, em *chuva*, *chover*, de *pluvia*, etc. (Constâncio, 1831: 268, grifo nosso)

Abaixo, encontra-se um quadro com a organização das possíveis acepções de *letra* em Constâncio:

<b>LETRA</b>	
Acepção 1: É a expressão gráfica dos sons; Sinônimos: figura, caractere e sinal. Acepção 2: É um elemento mais abstrato que contém <i>figura, nome</i> e <i>som</i> .	
<b>Vogal</b> (representa <i>voz</i> )	<b>Consoante</b> (representa <i>articulação</i> )

Quadro 4: Organização dos conceitos de *letra* e suas classificações em Constâncio, 1831.

### 3.2.2.4 Caldas Aulete

Em Caldas Aulete (1864), há a seguinte definição para o metatermo *letra*:

Os caracteres com que as vozes se representam por meio de escripta chamam-se *vogaes*; aquelles com que se figuram as *articulações* appellidam-se *consoantes*; uns e outros *letras*, e a collecção das letras denomina-se *alphabeta*. (Aulete, 1864, p. 04)

A partir do trecho acima, que parece tomar *letra* como sinônimo de *caractere*, podemos inferir que esse metatermo ‘incide’ sobre o plano gráfico das *vozes* (vogais) e *articulações* (consoantes).



Essa sinonímia entre *letra* e *caractere* é reforçada na passagem em que o autor expõe um quadro com o alfabeto do português, que, segundo ele, é a *coleção de letras* do idioma. O autor expõe o quadro afirmando que nele estão os 25 *caracteres* (e não *letras*) da nossa língua:

“Ha vinte e cinco caracteres para figurar todas as vozes e articulações da lingua portugueza. São os seguintes:”

Caracteres	Valor	Nome vulgar
A a .....	á à .....	Á
B b .....	bê.....	Bê
C c .....	qê sê.....	Cê
D d .....	dê.....	Dê
E e .....	é ê è i.....	É
F f .....	fê.....	Éffe
G g .....	guê Ge.....	Ge
H h .....	.....	Agha
I i .....	i.....	I
J j .....	jê.....	Ji
K k .....	qê.....	Cá
L l .....	le.....	ele
M m .....	mê!.....	eme
N n .....	nê.....	Éne
O o .....	ó, ô, u.....	Ó
P p .....	pê.....	Pê
Q q .....	qê.....	Qê
R r .....	rê rrê.....	erre
S s .....	sê xê zê.....	esse
T t .....	tê.....	Tê
U u .....	u.....	U
V v .....	vê.....	Vê
X x .....	xô csê zê sê.....	Chis
Y y .....	í.....	í grego
Z z .....	zê xê.....	Zê

(AULETE, 1864, p. 04)

O quadro acima evidencia as três características<sup>50</sup> de cada *voz* ou *articulação*; elas contam com: 1) um *caractere*, que é o modo pelo qual é representada graficamente, 2) um ou mais *valores*, que são as variações sonoras possíveis em suas realizações na fala, e 3) um *nome* pelo qual as identificamos (bê, efe, chis). O *valor* das *letras*, conforme mostra o trecho abaixo, pode ser marcado/indicado a partir do acréscimo de sinais diacríticos:

*Cedilha* (,) é um signal que se colloca por baixo da letra ç, quando fórma syllaba com as letras a, o, u para lhes dar o valor de s, que d’outra sorte não teria; exemplo: *Esperança, alvoroço, açucena.*” (AULETE, 1864: 06)

<sup>50</sup> Revelando uma manutenção do modelo tradicional de Letra, metatermo que conteria *figura, poder e nome*.

O metatermo *caractere* aparece apenas nesse momento inicial das descrições dos sons. No decorrer da *Grammatica*, toda vez que há menção à representação gráfica das vozes e articulações, é utilizado o metatermo *letra* ou suas subclassificações *vogal* e *consoante*. No trecho seguinte podemos observar essa substituição:

Não apresentámos o y. entre os sons por ser o mesmo **figurado** pela letra i, como também o K entre as articulações, porque é idêntica ao q; suprimimos o h por não ter valor; estas letras servem de symbolos etymologicos. – E igualmente não demos entre as articulações ç, por ter um valor igual ao do s; nem tão pouco o e com os seus dois valores de q e s, pois reservamos estas duas letras para **representarem** esses valores. (AULETE, 1864: 04, nota de rodapé, grifos nossos)

Se observarmos a terminologia das gramáticas anteriores a Caldas Aulete, perceberemos que, constantemente, uma das propriedades da *letra* é denominada *figura* (ao lado de *nome* e de *valor* ou *poder*) e que, embora o autor se utilize de *caractere* ou *letra* como representação gráfica dos sons, acaba revelando alguma conservação da terminologia da tradição gramatical portuguesa mais antiga, quando afirma que determinados sons são *figurados* por determinadas *letras*. Tanto *figura* quanto *letra* são metatermos pertencentes à ‘tradição’, mas o segundo, por ser mais exclusivo do contexto linguístico, é mantido nesta terminologia, enquanto *figura* parece ir sendo, aos poucos, substituído por *caractere*. Notamos aí, provavelmente, a manifestação da ‘marca teórica dos metatermos’, isto é, de acordo com Swiggers 2010, o fato de que a significação dos metatermos é controlada pela referência global ao modelo no qual eles se inserem. Como já dissemos, as produções gramaticais do século XIX têm sido associadas à busca de cientificidade. Assim, os autores aqui analisados parecem ter procurado adotar uma linguagem mais especializada, e concebida como mais científica, para descrever a língua. *Caractere* ou *letra* aparecem, nesse contexto, como metatermos mais específicos e mais deslocados de uma linguagem cotidiana do que *figura*, que continua a ser usado, ainda que com menos frequência, provavelmente por uma dificuldade de ruptura total com a tradição gramatical, que, como sabemos, apresenta em sua terminologia uma relativa estabilidade (cf. Auroux 1992, por exemplo). Coerções como essas (o gênero textual ‘gramática’, a ‘tradição’ previamente constituída, os apelos por cientificidade do século XIX) atuam no sentido de conferir certo hibridismo (ou uma certa tensão entre conservação e mudança) à terminologia empregada nesses textos oitocentistas (e, por hipótese, também às descrições que eles

apresentam). Voltaremos, é claro, a essa discussão, quando acumularmos mais elementos para sua sustentação.

Vale notar que, ao realizarmos uma pesquisa em gramáticas da tradição portuguesa anteriores ao século XIX (Fernão de Oliveira, 1536, João de Barros, 1540, Amaro de Roboredo, 1619, Argote, 1725 e Reis Lobato, 1770) quanto ao uso de *caractere* e/ou *figura*, encontramos *caractere* apenas em uma passagem de Fernão de Oliveira e em uma outra de João de Barros:

As figuras destas letras chamão os Gregos caracteres: τ os latinos notas: τ nos lhe podemos chamar finaes. Os quaes hão de fer tantos como as pronunçiações a q os latinos chamão elementos: τ nos aspodemos interpretar fundamêtos das vozes τ escritura. (Oliveira, 1536: 10)

LEtera(segundo os grammaticos) ç amais pequena pârte de qualquer diçam que fe pôde escreuer:aque os latinos chamáram nóta, e os grêgos carater, per cuia ualia e poder formamos as palâuras. (Barros, 1540: 3r)

Apesar de Oliveira afirmar que para os portugueses a representação gráfica das *letras* seria denominada *senal*, o autor se utiliza, na grande maioria das vezes, do metatermo *figura*. Barros considera *caráter* como sinônimo de *letra*, mas utiliza, assim como Oliveira, o metatermo *figura* para designar as representações gráficas das *letras*. Não encontramos *caractere* em nenhum dos outros autores citados anteriormente; todos se referem à representação gráfica por *figura*.

Como vimos, Aulete classifica as *letras* em *vogais* e *consoantes*.

As *vogais* representam as *vozes*, que, de acordo com Aulete, consistem nos *sons simples* do idioma:

Os sons simples que existem no nosso idioma; são: *á, â, é, ê, è, i, ó, ô, u*; exemplo: *pá, câmara, fé, rêde, li, pó, pouua, útil*. Estes sons denominam-se *vozes*. (AULETE, 1864: 03)

Aulete explica que pode ocorrer de duas *vogais* equivalerem a uma *voz simples*, esse seria um caso de *vogal composta*. As principais, segundo o autor seriam as seguintes: *ou* equivalendo a *ô*, *ie* equivalendo a *i* e *uo* equivalendo a *u*. Pode ocorrer, também, de duas *consoantes* ou uma *consoante* e uma *vogal*, representarem uma *articulação simples*, são as *consoantes compostas*, como *bb* equivalendo a *b*; *rr rh* equivalendo a *r*, e *ch* equivalendo a *x ou q*. Essas equivalências, embora isso não seja especificado pelo autor, parecem se referir ao nível da fala.

Há também o caso do *ditongo* ou *voz complexa*, em que duas *vozes* se combinam e formam uma sílaba, mas “fazendo-se sentir ambos os sons” (Aulete, 1864: 05), por exemplo, “*pae, aurora, oiro*”.

Ao descrever esses dois casos (*vogal composta* e *voz complexa*) fica clara a diferenciação que o autor faz entre o plano gráfico e o plano sonoro: no primeiro caso, é uma forma escrita que representa um fonema, e por isso duas *vogais* que representam uma *voz*. No segundo caso, como o autor trata apenas de um âmbito sonoro, nem sequer menciona o metatermo *vogal*, associado ao domínio da escrita, mas apenas o metatermo *voz*, o correspondente a *vogal* no domínio da fala.

Ainda com relação às *vogais*, Aulete descreve alguns sinais diacríticos que podem modificar essas letras: o trema, o til, os acentos agudo, circunflexo e breve, comentando os aspectos acústicos que ajudam a sinalizar.

Assim como as *vogais*, também podem ocorrer *consoantes compostas*, ou seja, duas *consoantes* ou uma *consoante* e uma *vogal* representando graficamente apenas uma *articulação*; alguns dos exemplos do autor são: *mm* representando *m*, *pp* representando *p*, *gu* representando *g*.

Há também as *articulações complexas*, ou seja, duas *articulações* juntas na mesma sílaba, e ambas perceptíveis (plano sonoro). Alguns exemplos desse caso são: *bl*, *br*, *cl*. Pode ocorrer, porém, de algumas *articulações complexas* serem empregadas como *simples*, articulando-se apenas a segunda *consoante*, como em “*acção, acto, augmento, assignar, omnipotente, presemção, sciencia*” (AULETE, 1864: 05 – 06). Aulete afirma que neste caso elas devem ser consideradas como *consoantes compostas*, e ressalta ainda que o *x* com o valor de *cs* deve ser considerado uma *articulação complexa*.

O quadro a seguir organiza o conceito de *letra* em Caldas Aulete:

<b>LETRA</b>	
É a expressão gráfica dos sons; Sinônimos: caractere e sinal.	
<b>Vogal</b> (representação gráfica das vozes)	<b>Consoante</b> (representação gráfica das articulações)

Quadro 5: Organização dos conceitos de *letra* e suas classificações em Caldas Aulete, 1864.

### 3.2.2.5 Adolpho Coelho

Em sua obra “*A Lingua Portuguesa*”, de 1868, Francisco Adolpho Coelho não oferece definições acerca dos conceitos com os quais estamos trabalhando, ou seja, o autor não diz “o que é” *letra, som, vogal, consoante* etc. Esse conhecimento parece ser um pré-requisito básico para o leitor de seu texto. Porém, a partir de trechos em que estes metatermos são utilizados, pudemos realizar uma análise dessa terminologia.

A *Lingua Portuguesa* está, como vimos no capítulo 2 desta dissertação, explicitamente inserida no conjunto das gramáticas que foram elaboradas a partir de concepções e técnicas da gramática Histórico-Comparativo (cf., por exemplo, Vasconcelos, 1929). Assumindo essa ‘marca teórica’, o objeto de análise central de Coelho (1868) é o *som do português* e, mais especificamente, a sua origem e o modo como se desenvolveu das línguas-fontes até chegar ao português. Como vimos, o autor divide a seção *Phonologia* (inédita no conjunto de textos estudados) em “sons das línguas fontes” e “sons portugueses e suas relações etimológicas”. As línguas-fontes do português, segundo Coelho (1868), são o latim (principal delas), o árabe e o teutônico.

No início de sua análise sobre a influência das línguas fontes, Coelho elabora o seguinte quadro (1868: 33):

	Alphabeto latino ordenado physiologicamente							
	Consoantes							Vogaes
	Continuas			Explosivas				
	Asperas	Brandas	Trilhadas	Asperas	Brandas	Nasaes		
Gutturaes	<i>h</i>	.....	.....	<i>c, q</i>	<i>g</i>	<i>n</i>		
Palataes	.....	<i>j</i>	.....	.....	.....	.....		
Linguaes	.....	.....	<i>r, l</i>	.....	.....	.....		
Dentaes	<i>s</i>	.....	.....	<i>t</i>	<i>d</i>	<i>n</i>		
Labiaes	<i>f</i>	<i>v</i>	.....	<i>p</i>	<i>b</i>	<i>m</i>		

Neste quadro, “*ordenado physiologicamente*”, as consoantes estão organizadas em conformidade com o que o autor chama de *órgãos* (ponto de articulação, em uma metalinguagem atual) e pelo que denomina de *sua natureza* (atualmente, o modo de articulação). As vogais *a, i, u* estão dispostas também em conformidade com os órgãos de sua articulação (guturais, palatais, labiais); as vogais *e, o*, estão posicionadas de modo que se veja sua origem: Coelho explica que *e* nasceu do ditongo *ai*, sendo, pois,

um som intermediário entre *a* e *i*; *o*, por sua vez, nasceu do ditongo *au*, sendo, portanto, um som intermediário entre *a* e *u*.

Embora não haja, na tabela, o metatermo que estaria no topo da taxionomia proposta pelo autor, a partir do seguinte trecho é possível afirmarmos que as *consoantes* e *vogais* da tabela fazem parte de um grupo mais geral denominado *letra*: “*Faltam na tabella as letras duplas (x, z), e os diphthongos (ae, ai, au, eu, oe, oi, ui)*” (Coelho, 1868: 34)

Nessa obra, os metatermos *letra* e *som* parecem se confundir. Embora o autor utilize *som* com muito mais frequência, muitas vezes parece que *letra* ‘incide’ sobre o plano sonoro dos fonemas que Coelho descreve, como por exemplo, no trecho abaixo:

*Decadencia Phonetica*. Em latim já se trocavam frequentemente algumas **letras** por outras numa e mesma palavra, como conhecemos pelo testemunho directo dos grammaticos, pelas inscripções, e ainda por formas classicas comparadas com archaicas. Mas essas alterações foram muito limitadas, e ainda **grande parte d’ellas não passavam do dominio do fallar popular**, desde o momento em que o latim começou a ser submettido á disciplina grammatical até á queda do imperio do occidente. Então a decadencia phonetica lavrou profundamente pelo campo da lingua latina, favorecida pela mudança na prosodia de que resultara a importancia do accentto e a perda das distincções da quantidade, mudança que já no IV seculo se tinha operado. (Coelho, 1868: 37, grifos nossos)

Essa *decadência fonética*, ou mudança de determinadas *letras* em algumas *palavras*, segundo o autor, pode ser notada tanto em registros escritos – o que coloca a *letra* como representação dos sons num plano gráfico –, quanto num domínio do falar – o que coloca a *letra* também como unidade do plano sonoro.

Em alguns momentos, quando Coelho quer se referir ao domínio escrito, utiliza os metatermos *caractere* ou *signal*, como nos trechos abaixo:

O *n guttural* e o *n dental* não se distinguem por **caracteres** particulares; *n* era guttural diante das consoantes gutturaes *c, q, g* (*n adulterinum*), não assim depois de *g*. logar em que era dental (Schleicher, *Comp. S.* 79). (Coelho, 1868:36, grifo nosso)

O *h* era para os latinos **signal** de profunda aspiração: *profundo spirita, anhelis fancibus, explose ore fundetur*, diz Mario Victorino (Diez I, 255) (Coelho, 1868:36, grifo nosso)

Com efeito, uma das preocupações de Coelho é a de indicar as diferenças de pronúncias entre o latim e o português. No trecho abaixo, em que trata da pronúncia de *c*, o metatermo *letra* aparece como elemento anafórico, referindo-se a *c, q* e *k*, ao que parece, em um âmbito da escrita. Não tendo sido operada ainda a “*degeneração da*

*explosiva áspera guttural c na spirante dental s antes de e e i*”, as três letras remetiam ao mesmo som [k] (nunca a [s]). :

O *c* era sempre pronunciado como *q* e *K*, e gr. *x* e nunca era = *s*, como o fazem na escolha antes, de *e* e *i*. *K et Q superante numero litterarum inseri doctorum plerique contendunt scilicet quod C littera harum officium possit implere..... non nihil tamen interest ultra carum prior sit, C seu Q sive K, quarum utranque exprimi fancibus alteram distenso, alteram productu rictu manifestum est*, diz Mario Victorino *Ars Grammatica*, I, VI, na lição de Gaisford). As diferenças que os grammaticos pretendiam achar **entre aquelas três letras** eram meras subtilidades como se vê da precedente e outras passagens; e elles, que eram tão subtis, não deixariam de indicar, se ella existisse, a degeneração da explosiva áspera guttural *c* na spirante dental *s* antes de *e* e *i*. Os latinos nunca confundiam *cinis* (cinza) com *sinis* (consentes), *cerrus* (veado) com *servus* (servo, escravo), *citus* (prompto) com *situs* (colocado), etc. (Coelho, 1868: 35 – 36)

Nota-se que, para se referir ao plano sonoro, no trecho acima, Coelho se utiliza de uma nomenclatura mais específica, fazendo remissão a características acústico-articulatórias, como em “*explosiva áspera guttural*”, “*aspirante dental*”. Segundo Coelho, os latinos, por especificarem todas as sutilezas dos sons e serem muito detalhistas em suas descrições, nos possibilitaram saber que nunca pronunciavam o *c* como *s*.

Coelho faz uma descrição de como as *letras* das línguas-fontes se representam em português. De acordo com o autor, na passagem do latim para o português, 1) as *vogais* não acentuadas são tratadas de um modo quase acidental, sem que tenham sido fixadas regras, e 2) as *vogais* acentuadas estão sujeitas a leis determinadas e formam “*o ponto medio, a alma da palavra*”, pois em torno delas acontecem muitas alterações, ou seja, são *destruídas letras e sílabas inteiras*.

Coelho afirma que, na passagem do latim para o português, as *vogais* acentuadas ou permanecem iguais ou são substituídas pela que tem o *som* mais próximo: *e* → *i*; *i* → *e*; *o* → *u*; *u* → *o*. Essas mudanças dependem da *quantidade* (se a *vogal* é longa ou breve), da *posição*, e da *influência* de outras *letras*. Essa afirmação nos permite observar que a *letra - vogal ou consoante -*, representa um *som*, e que são esses *sons* que regem as mudanças que ocorrem nas passagens das *letras* das línguas fontes para as do português.

Na parte da obra em que Coelho trata dos “sons portugueses e suas relações etimológicas”, aparecem descrições acústico-articulatórias de algumas consoantes. Por

exemplo, a *consoante tenue*<sup>51</sup> *guttural* seria expressa pelos sinais *c* seguido<sup>52</sup> de *a, o, u*; *qu*, seguido de *e, i*; *ch* em algumas palavras de origem grega, como *archanjo*; *k*, em algumas palavras de origem grega ou asiática, como *kilo, kiosque*. Nessas descrições, Coelho sempre utiliza o metatermo *sinal* para se referir à representação gráfica dos fonemas.

Após essa descrição da representação gráfica de algumas consoantes, Coelho afirma que as *letras duplas cc, tt, pp, gg, dd, ss*, etc. devem ser consideradas *um som simples*. Completa ainda com a afirmação de que muitas *letras* não têm, geralmente, *valor fonético* algum, como, por exemplo, no caso do *c* em *juncto, tactica* e o *m* em *somno*.

Expomos, abaixo, um quadro com as concepções de *letra* em Coelho 1868:

<b>LETRA</b>	
1 - Expressão gráfica dos sons; Sinônimos: caractere e sinal.	
2 - Unidade do plano sonoro; Sinônimo: som.	
<b>Vogal</b>	<b>Consoante</b>

Quadro 6: Organização dos conceitos de *letra* e suas classificações em Coelho 1868.

Em outro trabalho, as *Noções elementares de Língua Portuguesa* (1891), assumindo uma postura mais didática do que em sua obra de 1868, Coelho apresenta uma explicação conceitual clara sobre *letra* e *som*.

Os sons representam-se pelas LETTRAS e outros signaes auxiliares, como TIL, a CEDILHA e os ACCENTOS. Os sons pertencem á lingua fallada: são produzidos pelos movimentos dos nossos orgãos da voz; as letras e os signaes auxiliares pertencem á lingua escripta. Não devemos confundir os sons com as letras. Os sons e as letras que os representam dividem-se em VOGAES e CONSOANTES. (COELHO, 1891: 23)

Observamos, conforme o trecho acima, que *letra* ‘incide’ sobre o domínio escrito; *som*, sobre o domínio sonoro. *Vogal* e *consoante* são metatermos aplicáveis aos dois domínios. A escrita, além das *letras*, possuiria outros sinais gráficos para representar os *sons* – *til, cedilha* e *acentos*. Nesse trecho, observa-se também uma distinção mais ampla: o autor fala em duas *línguas*, uma falada e outra escrita. Esta percepção já é prenunciada na obra de 1868, que, como vimos, conta com uma extensa reflexão a respeito da pronúncia dos sons portugueses. Naquele momento, Coelho

<sup>51</sup> *Tênue*, segundo o *Dicionário de Linguística* de Duboi *et al*, é a maneira como muitos gramáticos chamavam as consoantes mudas, que não comportam nenhuma emissão de ar.

<sup>52</sup> O autor utiliza a expressão “atrás de” “c (atrás de a, o, u)”, que pode gerar uma confusão na compreensão, por isso, optamos por usar a expressão “seguido de”.



afirmou que sua intenção não seria a de propor uma nova ortografia para o português: ele a aceitava tal como se encontrava no período, mas tinha o objetivo de buscar, nessa ortografia, “*a linguagem viva, os sons como elles são pronunciados pelo povo que falla portuguez*”. (Coelho, 1868: 125-126)

No trecho que se segue, essa separação melhor definida entre *letra* e *som* é fortalecida, as *letras* sempre *representam* algum *som*:

**As letras do alfabeto que servem para representar esses sons** são: A B C D E F G H I J K L M N O P Q R S T U V W X Y Z a b c d e f g h i j k l m n o p q r s t u v w x y z  
**71. Alguns sons simples são representados por letras dobradas ou compostas:** *cc, tt, pp, gg, dd, bb, mm, nn, mn, rr, ll, ss, ff; nh, lh, ch, ph.*  
**Algumas letras simples representam ás vezes mais de um som:** exemplo, *sexto* em que *x* representa *is*. (COELHO, 1891: 26, grifo nosso)

Após essas afirmações, Coelho explica que, assim como uma *letra* pode representar mais de um *som*, um *som* pode ser representado por mais de uma *letra*. O autor descreve, então, como são representadas cada uma das vogais e consoantes do português, oferecendo exemplos em seguida. Os trechos abaixo exemplificam como essa descrição é feita:

- 1) O som *a* aberto ou *a* guttural é representado por *a*, com ou sem accento agudo, p. ex. *cabó, tafetá, palma*.
- 2) O som *a* fechado é representado a) por *a*, p. ex. *ama pesa*; b) por *e* no diphthongo *ei* ou quando é accentuado e seguido de *nh, lh, ch*, ou *j*; p. ex. *primeiro, telheiro, venha, lenha, conselho, espelho, fecho, seja!*
- 3) O som *e* aberto é representado por *e*, com ou sem accento agudo, p. ex. *serra, espera, fé*.
- 4) O som *e* fechado é representado por *e*, com ou sem acento circumflexo, p. ex. *pena, empeno, mercê*.
- 5) O som *e* surdo é representado a) por *e*; p. ex. *dedal, verão*; por *i* em syllaba que não tem accento tonico, seguida de outro *i* na syllaba que tem esse accento, p. ex. *ministro, visita, exquisito*. (COELHO, 1891: 27)

- 1) O som *k* é representado a) por *k* nalgumas palavras pouco numerosas, como *kilo, kepi*; b) por *c* ou *ce* antes de *a, o, u, l e r*, p. ex. *cara, colla, cume, accomodar, claro, crivo*; c) por *qu* em geral antes de *e e i*, p. ex. *queijo, aqui*; d) por *q* antes de *e* ou *i*, nas palavras em que o *u* que se segue ao *q* se pronuncia, como *eloquencia, delinquente, deinqur*; e) por *q* antes de *a* ou *o*, p. ex. *qualidade, qualquer, quadro, quanto, quota*; f) por *ch* antes de vogaes ou *r*; p. ex. *champerops* (planta), *architecto, christão*.
- 2) O som *t* é representado a) geralmente por *t* ou *tt*, p. ex. *tolo, prato, attingir, atenção*; b) em varias palavras por *th*, p. ex. *theatro, atheu, arithmetica*. (COELHO, 1891: 29)

Organizamos o seguinte quadro síntese:

LETRA	
Expressão gráfica dos sons	
Vogal	Consoante

Quadro 7: Organização do conceito de *letra* e suas classificações em Coelho, 1891.

### 3.2.3 Síntese

O metatermo *letra*, como observamos nas análises, parece ter sido desde o começo da tradição gramatical portuguesa utilizado de modo impreciso. Nos dois séculos analisados, encontramos ao menos três empregos distintos do metatermo, os quais sintetizamos do seguinte modo:

1) *letra* é a (ou parte da) expressão gráfica dos *sons*, neste caso, ao longo do tempo, relaciona-se a metatermos como *figura*, *caractere* ou *sinal*.

2) *letra* é a própria manifestação sonora, ou seja, relaciona-se a *som*.

3) *letra* é uma unidade linguística do plano da expressão que possui: a) *nome*, b) *figura* (ou *sinal*, *caractere*) e c) *som* (ou *poder*, *valor*).

No século XIX, porém, embora os autores persistam utilizando o metatermo desse modo ambíguo, é quando há uma definição de *letra* que se apresenta como mais consistente (mesmo que essa definição não encontre respaldo em uso consistente); as definições estabelecem que *letra* é estabelecida a representação gráfica dos *sons*: “*Lêtra é um sinal figurado, visível, e permanente*” (Couto e Melo, 1818: 46); “Os caracteres com que as vozes se representam por meio de escripta chamam-se *vogaes*; aquelles com que se figuram as *articulações* appellidam-se *consoantes*; uns e outros *letras*, e a collecção das *letras* denomina-se *alphabet*.” (Aulete, 1864, p. 04).

Adolpho Coelho, o último dos gramáticos que analisamos, em sua obra de 1868, como vimos, utiliza *letra* ora para indicar manifestação sonora, ora para indicar representação gráfica. Porém, em seu texto de 1891, o autor, provavelmente ciente da imprecisão histórica na definição e no emprego do metatermo em questão, determina de modo claro e prescritivo:

Os sons representam-se pelas LETTRAS e outros signaes auxiliares, como TIL, a CEDILHA e os ACCENTOS. **Os sons pertencem á lingua fallada: são produzidos pelos movimentos dos nossos órgãos da voz; as letras e os signaes auxiliares pertencem á lingua escripta. Não devemos confundir os sons com as letras.**  
Os sons e as letras que os representam dividem-se em VOGAES e CONSOANTES.  
(COELHO, 1891: 23)

Um outro aspecto a ser observado é que o século XIX é marcado pela busca da cientificidade nos estudos linguísticos, mas essa busca não se reflete de modo homogêneo em todo o período e tolera inconsistências, terminológicas ou descritivas, por vezes em uma mesma obra. No começo do século, ainda predomina o que

Vasconcelos (1929, 871) considera como “*um renovamento filosófico e crítico relativamente à concepção do que é um idioma*”. Pode-se notar, por exemplo, na seguinte passagem de Soares Barbosa (1822), que essa nova filosofia pretendia

indagar e descobrir nas leis physicas do som e do movimento dos corpos organicos o mecanismo da formação da Linguagem; e nas leis psychologicas as primeiras causas e razões dos procedimentos uniformes, que todas as Linguas seguem na analyse e enunciação do pensamento; então o systema, que daqui resulta, não he ja huma Grammatica puramente practica, mas scientifica e philosophica. (BARBOSA, 1822: IX)

Portanto, essa gramática filosófica ou racionalista visaria explicar questões gerais da língua, tratá-la do ponto de vista formativo, enfatizando as causas e razões que subjazem a ela.

De fato, Soares Barbosa, assim como Constâncio, busca, através de analogias, principalmente com o latim, explicar regras, normalmente ortográficas, do português:

Ainda que o H não tenha valor algum entre nós fóra talvez das Interjeições, comtudo deve-se conservar na escriptura das palavras, derivadas do Latim para mostrarem a sua origem e com ella sua significação primitiva. Pelo que devemos escrever com elle *Habil, Habitar, Habito, Haver, Herdar, Historia, Hombro, Honesto, Honra, Horror, Hospede, Homem, Humor, Hora*, e outros semelhantes. (Barbosa, 1822: 71)

Em fim, a contracção de *unum*, em *um* necessariamente exigio hum signal que desse força á vogal que suppre as duas da palavra latina. Em todas as linguas derivadas do latim a palavra que traduz *unus*, ou tem duas syllabas, ou sendo monosyllabica, he fortalecida por huma letra final. No antigo francez era, *ung*; em hespanhol e italiano, *uno*, ou *un* (soando o *n*); em allemão, *eine*; em inglez, *one* (soando *oane*). Só em portuguez e nos dialectos analogos he esta palavra huma vogal nasal pura *ũ*, e por isso requer algum apoio ou aspiração. (Constâncio: 1831, 260 – 2170)

Eles se pautam sempre em *palavras derivadas* do latim ou (raramente) do grego para prescrever estas regras ortográficas, mas não explicam as transformações dos sons de uma língua para outra.

Esse tipo de reflexão que procura acompanhar os estágios de transformação histórica, encontramos apenas em Coelho (1868), obra que, segundo Vasconcelos, inaugura um período da tradição gramatical portuguesa em que se estendeu “*a área da comparação linguística, tanto no campo especial como geral, de modo que se viu que existia regularidade e ordem natural em fenômenos outrora tidos como únicos ou caprichosos*” (1929, 886).

Como vimos, Coelho faz em “A Língua Portuguesa” um estudo das línguas fontes do português (em sua visão, o latim, o árabe e o teutônico) e das transformações que teriam ocorrido na passagem de formas dessas línguas para a lusitana. Abaixo

reproduzimos um trecho em que fica evidente o modo diferenciado, consideradas as gramáticas precedentes, como Coelho considera a passagem de unidades linguísticas de outras línguas para o português:

O *s*, ao que parece, ainda em latim se não abrandava em *z* (= nosso *z* não lat. *z*): assim *casa* pronunciava-se *cassa*, etc.

O *j* não tinha ainda degenerado em latim na palatal fraca como a pronunciamos em *justiça*, etc. O seu som confinava de perto ao da vogal *i*, de que não se distinguia graphicamente. (Coelho, 1868: 37)

Diferentemente de Barbosa e Constâncio, Coelho trata de cada um dos *sons*, e não de palavras derivadas. Faz referência, desse modo, sempre, exclusivamente, ao plano sonoro da língua. Enquanto os outros dois autores parecem sempre se valer da etimologia das palavras para justificar determinadas formas gráficas.

### 3.3 Metatermo Voz

#### 3.3.1 Voz para o século XVI

O metatermo *voz* foi utilizado, no século XVI, para referir uma unidade sonora. Aparecia, nesta medida, frequentemente relacionado à *figura*, que, por sua vez, se referiria ao registro gráfico desses segmentos. Aplicando os ‘parâmetros classêmicos’ propostos por Swiggers (2010), vimos que o metatermo *voz* tinha ‘incidência’ tanto sobre um único segmento fônico, geralmente chamado de *letra*, quanto sobre unidades com mais de um segmento (como *sílabas* e mesmo *palavras*).

##### 3.3.1.1 Fernão de Oliveira

Fernão de Oliveira, por exemplo, afirma que *letra é figura de voz*, e que pode ser classificada em *vogais* e *consoantes*. Assim, *letra* seria a expressão gráfica da *voz* (e esta a expressão sonora, fônica). O trecho completo está transcrito abaixo:

**LEtra e figura de voz estas dividimos em côfoantes τ vogaes. as vogaes tem em fi voz: τ as confoantes não se não junto cõ as vogaes. Como. a que he vogal: τ. b. que he côfoante: τ nam tẽ voz ao menos tão perfeyta como. a. vogal. ¶ As figuras destas letras chamão os Gregos caracteres: τ os latinos notas: τ nos lhe podemos chamar finaes. Os quaes hão de ser tantos como as pronunçiações a q os latinos chamão elementos: τ nos aspodemos interpretar fundamêtos das vozes τ escritura. (Oliveira, 1536: 10, grifo nosso)**

Oliveira explicita a diferença terminológica entre o grego e o latim para se referir à expressão gráfica das letras (*caracteres* para os gregos, *figura* para os latinos) e propõe um termo português que tenha ‘incidência’ sobre essas expressões gráficas: *sinais*. Essa proposta talvez se deva ao fato de que Fernão de Oliveira, em sua gramática, buscou defender a língua portuguesa, procurando, muitas vezes, ressaltar a independência dela com relação ao latim, ou qualquer outra língua<sup>53</sup>. Em passagens de sua gramática, porém, Oliveira constantemente retoma o termo latino (*figura*) para se referir à representação gráfica dos segmentos linguísticos.

Notamos também, nesse autor, que *voz*, além de representar a dimensão sonora relacionada às *figuras*, ‘incide’ sobre segmentos maiores, que vão desde sílabas até vocábulos, como se vê abaixo, trecho em que Oliveira destaca a oposição *voz* x *escritura*:

**Agora aqui não falamos das palauras fe não em qnto fãõ vozes: τ por tâto fo dízemos das cõdições da voz τ escritura deffas palauras:** as qes hãõ de ter ã fi ajütamêto de fyllabas allí como as fyllabas fe ajütãõ de letras. (Oliveira, 1536: 39, grifo nosso)

Além dos sentidos anteriormente mencionados, na passagem seguinte, por exemplo, em que Fernão de Oliveira critica certo arcaísmo característico de sua época, *voz* parece ser tomado como sinônimo de *palavra* (considerados os planos da expressão e do conteúdo)

Estas diz çißero no terçeiro liuro a feu irmão quinto. as velhas digo nos diz elle q guardãõ muito a anteguidade das linguas porq falãõ com menos gente: **acarãõ q quer dizer jũto ou a par: τ famicas que finifica por ventura: τ outras piores vozes ainda agora as ouuimos τ zõbamos ðllas: mas não e muito de marauilhar diz marco varrãõ q as vozes êuelheção τ as velhas alghũa ora pareção mal porq tambem envelheçẽ os homẽs cujas vozes ellas fãõ:** τ ifto e verdad q a fremofa meneniçe delpois de velha não e pa ver: τ allí como os olhos fe ofendẽ vendo as figuras q a elles não contentãõ allí as orelhas nã confintẽ a mulica τ vozes fora de feu tempo τ cofturne: τ muy poucas fãõ as coufas q durãõ por todas ou muytas idades em hũ eftado quanto mais as falas q fẽmpre fe conformãõ cõ os conceitos ou entenderes juyzos τ tratos dos homẽs (Oliveira, 1536: 49-50, grifo nosso)

---

<sup>53</sup> Como, por exemplo, o seguinte trecho: “Aqui quero lêbrar como em Portugal temos hũa coufa alhea τ com grande difonãcia onde menos fe deuia fazer: aqual τ esta. que a este nome rey damollhe artigo castelhano chamando lhe elrey: não lhe hauíamos de chamar fe nã: o rey: pofto q alghũs doçes dorelhas efranharãõ este meu parecer: fe não quiferẽ bem olhar quanto nele vay: τ cõ tudo ifto abalta para fer a minha melhor mulica que ha deftes: porque o nollõ rey τ fẽnhor pois tem terra τ mando: tenha tambem nome proprio τ deflinto por lí: τ a fua gente tenha fala ou linguagem não mal mefturada mas bem apartada: para que feja o rey mais nollõ dizer que elrey :ajuda me muito o natural da nollã lingua o qual imitação os castelhanos quando nos querem arremedar dizẽdo. Mãda o rey de portugal. τ não dizẽ mãda el rey de portugal: q a elles era mais proprio dizer mas ifto fazem cuidãdo q allí falãõ mais portugues τ de feito não fe enganãõ.” (Oliveira, 1536: 63 – 64)

A remissão feita ao universo clássico permite a analogia entre a língua e o que está fora dela, no que diz respeito ao processo (natural) de envelhecimento. Tem-se uma *visão* do objeto que vincula a língua a questões socioculturais (tempos, costumes, conceitos, entenderes, juízos e tratos) de relevância para o entendimento das transformações por que ela passa. E o metatermo *voz*, nesse caso, parece corresponder a *palavra*.

### 3.3.1.2 Barros e Nunes de Leão

Pelos exemplos a seguir, é possível notar que também para João de Barros (1540) e Nunes de Leão (1576) *voz* incide sobre expressão fônica:

fyllaba, e hũa das quátro pártes da nóffa Grammática que correponde á Profodia, que quer dizer acento e canto: **aqual fyllaba e aiütamêto de hũa uogal, cõ hũa e duas e as uezes tres cõfoantes, que iütamente fazê hũa fó uóz.** (Barros, 1540: 6v-7r, grifo nosso)

E porque as palavras, que são o sujeito desta arte, constam de letras, e as letras de voz, começaremos da difinição dela. **E voz não é outra coisa, senão ùa percussão ou ferimento do ar que se pronuncia pela boca do animal, e se forma com artéria, língua e beijos.** E da voz há duas maneiras, ùa articulada, e outra inarticulada ou confusa. Articulada se chama a que sendo ouvida, se entende e escreve: a qual também chamam declarada e, inteligível. Confusa é a que não representa mais que um simples som, como um gemido. **E da voz articulada, e que se pode entender, a mais pequena parte e indivídua, é letra.** (Leão, 1576 [1983]: 49, grifo nosso)

No segundo fragmento em negrito da passagem de Nunes de Leão acima citada, fica evidente que o autor considera a *voz articulada* como expressão fônica não apenas da *letra*, mas também de segmentos mais amplos.

Enquanto Fernão de Oliveira e João de Barros utilizam o metatermo *voz* ao longo de suas gramáticas, Nunes de Leão o utiliza apenas no começo de sua ortografia, parecendo substituí-lo depois por *pronunçiação*. No trecho que segue, constrói-se a oposição *pronunçiação* x *figura*. A sinonímia (*pronunçiação/voz*) reforça a compreensão que tivemos de que o metatermo *voz* ‘incide’ sobre as unidades do plano da expressão:

**Além destas letras temos mais quatro em pronunçiação, posto que não em figura,** que são: ç. ch. lh. nh., das quais usamos, acrescentando à primeira um sinal de diferença

do c comum, e as outras, *h*, nota de aspiração, para suprir as **figuras** das ditas letras, de que carecemos. (Leão, 1576 [1983]: 52, grifo nosso)

Embora normalmente o metatermo seja usado, no século XVI, para referir à expressão sonora de algum segmento, há textos que apresentam ambiguidade com relação ao seu uso.

Chegamos às seguintes considerações complementares:

- embora os metatermos *voz*, *figura*, *letra* e *palavra* em alguns trechos pareçam ser equivalentes, há um aparente consenso entre os autores do século XVI quanto ao fato de que as *letras* são compostas de *figura* e *voz* (a *figura* como sua expressão gráfica e a *voz* como sua expressão sonora).

- os três autores quinhentistas classificam as *letras* em *vogais* e *consoantes* – as vogais são, segundo suas definições, as *letras* que podem ser pronunciadas sozinhas, sem ajuda de nenhuma outra, e podem formar *sílaba*; as *consoantes* são as que precisam de uma vogal para poder ser pronunciadas e formar sílabas.

### 3.3.2 Voz para o século XIX

Verificamos, nas páginas anteriores, que, para esses autores oitocentistas, *letra*, de um modo geral, seria um sinal gráfico que, assim como para o século XVI, poderia ser classificada em *vogal* e *consoante*. Para Couto e Melo (1818), Soares Barbosa (1822) e Aulete (1864), como veremos adiante, *voz* é a expressão sonora das *vogais*. Esses autores têm em comum o fato de classificarem, ainda na escrita, as letras em *vogais* e *consoantes*. No plano sonoro, manifesta-se uma diferença: enquanto Couto e Melo e Aulete classificam as *letras*, nesse plano, em *voces* e *articulações*, Soares Barbosa as classifica em *voces* e *consonâncias*. Apesar de este último autor concordar em que as consoantes sejam *articulações* (ou seja, em que são produzidas com a articulação de órgãos específicos do aparelho da fala), afirma que as *vogais* também o são, e, por isso, acredita que o metatermo *articulação* seja menos preciso do que o metatermo *consonância*, quando se trata de distinguir segmentos vocálicos de consonantais. Em comparação, temos o seguinte quadro-síntese:

	<b>Plano escrito</b>	<b>Plano sonoro</b>
<b>Couto e Melo (1818)</b>	Vogais	Vozes
	Consoantes	Articulações
<b>Aulete (1864)</b>	Vogais	Vozes
	Consoantes	Articulações
<b>Soares Barbosa (1822)</b>	Vogais	Vozes
	Consoantes	Consonâncias

**Quadro 8:** voz, articulação, consonância

Vejam os detalhes das propostas de cada um dos autores:

### 3.3.2.1 Couto Melo

Desse modo, para Couto e Melo e Aulete o metatermo *voz* ‘incide’ sobre as *vogais*, enquanto *articulação* ‘incide’ sobre as *consoantes*. De acordo com a terminologia proposta por Soares Barbosa, o metatermo *articulação* ‘incide’ sobre as *letras* de um modo geral, ou seja, faz referência a uma propriedade (ser articulado pelos órgãos da fala) que o autor crê estar presente tanto nas *vogais* quanto nas *consoantes*.

Em Couto e Melo (1818), encontramos as seguintes passagens:

**Vóz é a inflexão do som causada pela diferente abertura da bôca e sem união dos beiços, nem da lingua, nem dos dentes, nem da garganta.** [...] Daqui vem o dizer-se, que qualquer *voz* tem por característica a possibilidade de prolongar-se, d’elevar-se e d’abaixarse quanto o permitir a respiração. (Couto e Melo, 1818: 39, grifo nosso)

**Articulação é a infléssão do som causada pela diferente união dos beiços, da lingua, dos dentes e da garganta.** [...] Daqui vem o dizêr-se, que qualquer articulação **não** tem a possibilidade de prolongar-se d’elevar-se d’abaixar-se como qualquer *vox*; por isso mésmo, que tira a sua essência da intercêssão do *som* por alguma das partes mõeveis do organ da fala. (Couto e Melo, 1818: 39-40, grifo nosso)

Nota-se nos trechos que, para este autor, o crucial é a união ou não de órgãos do aparelho fonador para que se consiga diferenciar as *vogais* das *consoantes*, ou, nos seus termos, as *vozes* das *articulações*. Não há, segundo ele, intercessão das partes mõeveis do órgão da fala na produção das *vozes* ou *vogais*. O que conta para as *vozes* é a abertura da boca, uma vez que é ela quem determina seu *tom* e sua *duração*. Couto e Melo, como já mencionamos, não expõe um inventário completo dos sons do português, apenas dá alguns exemplos quando trata dos tipos de *vogais* (que podem ser *orais* e *nasais*) e *consoantes* (que podem ser *labiais*, *guturais* ou *linguais*).



### 3.3.2.2 Caldas Aulete

Caldas Aulete (1864), por sua vez, define *voz* como

3. Os sons simples que existem no nosso idioma; são: *á, â, é, ê, è, i, ó, ô, u*; exemplo: *pá, câmara, fé, rêde, li, pó, pouua, útil*. **Estes sons denominam-se vozes**. 4. Quando os sons retumbam nas fossas nasaes nomeiam-se *vozes nasaes*: *ã, ã, ã, ã, ã*. 5. As vozes podem ser articuladas por muitas diferentes maneiras. A estas diversas maneiras de modificar as vozes chama-se *articulações*. (Aulete, 1864: 03, grifo nosso)

Complementa, ainda, observando que

Os caracteres com que as vozes se representam por meio de escripta chamam-se *vogaes*; aquelles com que se figuram as *articulações* appellidam-se *consoantes*; uns e outros *letras*, e a colleccão das letras denomina-se *alphabeta*. [...] Ha vinte e cinco caracteres para figurar todas as vozes e articulações da lingua portugueza. (Aulete, 1864: 04)

Assim, *consoante* é o caractere que serve de *figura* (grafema) para as *articulações* e *vogal* é o *caractere* que serve de *figura* (grafema) para as *vozes*. Tanto as *vozes* quanto as *articulações* têm um nome, um modo de representação gráfica (*figura*) e um valor, que seria o conjunto das suas possíveis manifestações sonoras. Baseando-se nessas distinções, Aulete expõe o seguinte quadro das *vozes* e *articulações* do português (cf. Aulete, 1864: 04):

Caracteres	Valor	Nome vulgar
A a .....	á à .....	Á
B b .....	bè.....	bè
C c .....	qè sè.....	cè
D d .....	dè.....	dè
E e .....	é ê è i.....	É
F f .....	fè.....	éffe
G g .....	guè Ge.....	Ge
H h .....	.....	agha
I i .....	i.....	I
J j .....	jê.....	Ji
K k .....	qè.....	cá
L l .....	le.....	elle
M m .....	mè!.....	eme
N n .....	nè.....	éne
O o .....	ó, ô, u.....	Ó
P p .....	pè.....	pê
Q q .....	qè.....	qê
R r .....	rè rrè.....	erre
S s .....	sè xè zè.....	esse
T t .....	tè.....	tê
U u .....	u.....	U
V v .....	vè.....	Vê
X x .....	xò csè zè sè.....	Chis
Y y <sup>2</sup> .....	i.....	i grego
Z z .....	zè xè.....	Zê

### 3.3.2.3 Soares Barbosa

Para Soares Barbosa (1822),

Chamam-se *Vozes* as diferentes articulações e modificações, que o som confuso, formado na glottis, recebe na sua passagem, das diferentes aberturas, e situações imóveis do canal da bocca. Este canal bem como hum tubo ou corda, póde ser tocado em diferentes pontos e aberturas desde sua extremidade interior até á exterior; e daqui a multidão e variedade de vozes nas Linguas das Nações. As Letras, que na Escripura as figurão, chamão-se vogaes. (Barbosa, 1822 02-03)

Como vimos anteriormente, Soares Barbosa considera as *vozes* também como *articulações*, conferindo à expressão sonora das *consoantes* o nome de *consonância*. As *vozes* são, para o autor, as *diferentes articulações e modificações* que ocorrem na passagem do som pelo que denominamos hoje como faringe e pregas vocais. O fato de esses sons poderem se formar em diversos *pontos de articulação* é o que origina as diversas *vozes* que produzimos. Soares Barbosa afirma que a língua portuguesa conta com 20 *vozes*, apresentando o quadro abaixo, com as subclassificações *oral pura* e *oral nasal*:

CORDA VOCAL PORTUGUEZA					
ORAL PURA			ORAL NASAL		
Figura	Nome	Valor	Figura	Nome	Valor
1. A', aa	Grande Aberto	Ma's, nome.	1. ã, am, an	A til claro	Lã
2. A, a	Pequeno.	Mas, conj.	2. ã.	A til surdo	Lama
3. E', ee	Grande Aberto	Sê, verbo	3. ê, em, en	E til claro	Sêpre
4. Ê, e	Granje Fechado	Sê, verbo	4. ê	E til surdo	Senha
5. E, e	Pequeno	Se, conj.			
6. E I	Abbiguo, ou Surd.	Cea'r Cia'r			
7. I, i	Commum.	Vi'cio.	5. ã, im, in	I til claro	Sim
8. O', óo	Grande Aberto	Avó, femin.	6. õ, om, on	O til claro	Som
9. Ô, ou	Grande fechado	Avô, masc.	7. õ	O til surdo	So
10. O, o	Pequeno	O, artigo			
11. O U	Ambiguo, ou surd	Soa'r Sua'r			
12. U, u	Commum.	Tumulo.	8. ã, um, un	U til claro	U

São então 12 *vozes orais*, e 8 *vozes nasais*. Assim como em Aulete, todas as *vozes* apresentam 1) uma ou mais *figuras* (*caractere*, no caso de Aulete), que é o grafema que a representa na escrita; 2) um nome, que é como são chamadas (bê, efe, por exemplo); e 3) um ou mais valores, que são, nesse contexto, as possíveis manifestações sonoras de cada *voz*.

Dos cinco autores do século XIX que temos estudado, Couto e Melo (1818), Aulete (1864) e Soares Barbosa (1822) são os que mais se aproximam entre si no que diz respeito ao conceito de *voz*.

### 3.3.2.4 Constâncio

Em Constâncio (1831), embora não haja uma definição para o metatermo, o seu emprego no contexto discursivo pode ser esclarecedor. O autor o utiliza ora para se referir à *voz humana*, aos sons da fala, ora para se referir à *palavra* ou a *vocábulo*, como podemos conferir nas citações seguintes:

**Os grammaticos tem multiplicado as classificações dos sons elementares das linguas e das letras que os representam. Ignorando o verdadeiro mecanismo da voz humana, que ainda hoje não está bem conhecido,** fizeram divisões mais ou menos inexactas, humas fundadas nos órgãos vocaes que contribuem a formar os sons, outras na propriedade que cada som tem de se ligar mais ou menos facilmente a outros. D'aqui nasceo a divisão em letras *labiaes, dentaes, palataes*, puras ou compostas d'estes elementos, e dos sons *sibilante, chiante, tremolante e nasal*. Tambem se distinguirão as letras em *mudas e semivogaes*, em *liquidias e fixas*, sem que d'essas denominações resulte utilidade real para a recta pronunciação ou orthographia. (Constâncio, 1831:12-13, grifo nosso)

Alem do que, hum grande numero de vozes gregas se achão introduzidas na litteratura de todas as linguas modernas, como *acephalo, philanthropia, anthropophago*, e todos os nomes de figuras de rhetorica. (Constâncio, 1831: 272)

3º As vozes gregas ou latinas que tem as duas ultimas syllabas breves, v. g. *geometra, perfido, avido, esqualido, timido* e muitas outras. (Constâncio, 1831: 252)

O primeiro trecho, no qual Constâncio critica as diversas classificações dos *sons* e *letras* que existiam no período, é um exemplo da utilização de *voz* com referência à *voz humana*. Nos outros dois trechos, o autor cita diversas *vozes* – metatermo que, neste caso, ‘incide’ sobre *palavra* –, que foram introduzidas do grego e do latim ao vocabulário português.

Observando-se os trechos que seguem, é possível notar, entretanto, que Constâncio, apesar de conceber *voz* de um modo diferente do dos outros três autores que vimos, tal como eles, também considera que a expressão sonora das *vogais* não se produz com articulação de *língua, dente, lábio* – do aparelho da fala – para se realizar. Além disso, o autor ressalta o fato de as *vogais* se diferenciarem entre si devido à abertura da boca e enfatiza também a importância da respiração para sua produção:

Chamão-se vogaes as letras *a, e, i, o, u, y*, porque representam sons proferidos por hum impulso da voz, sem o concurso da acção da lingua, dos beiços ou dos dentes. (Constâncio, 1831: 05)

O caracter das vogaes he serem susceptiveis de se prolongarem, e de se poderem modular ou cantar, propriedades que resultão de serem sons produzidos pela diversa abertura da boca, e força da emissão do ar expirado. (Constâncio, 1831: 13)

O gramático compartilha também da noção de *consoante* como *articulação ou som articulado*:

Dos sons consoantes, ou, como outros melhor lhe chamão, *articulações* ou *sons articulados*, huns podem prolongar-se, outros não; mas nenhum se pode cantar ou modular. Esta he a verdadeira distincção entre as vogaes e as consoantes. (Constâncio, 1831: 13)

As *consoantes* prolongáveis a que se refere o autor no trecho são as que chamamos em uma metalinguagem atual de fricativas.

Os trechos reiteram o que dissemos na seção relativa som: Constâncio utiliza o metatermo *som* para se referir à expressão sonora das vogais e consoantes (“o som vogal”, “o som consoante”). As *letras*, por sua vez, são os sinais gráficos que representam esses *sons*, tanto *vogais* quanto *consoantes*.

### 3.3.2.5 Adolpho Coelho

Em Adolpho Coelho (nas obras de 1868 e de 1891), não há ocorrência em que o metatermo *voz* ‘incide’ sobre qualquer tipo de unidade sonora da língua. Encontramos, em Coelho 1891, o metatermo como referência à fala:

Os **sons** pertencem á lingua fallada: são produzidos pelos movimentos dos nossos órgãos da **voz**; as **letras** e os **signaes** auxiliares pertencem á lingua escripta. **Não devemos confundir os sons com as letras. Os sons e as letras que os representam dividem-se em VOGAES e CONSOANTES.** (Coelho 1891: 23, grifo nosso)

O autor estabelece a distinção entre as modalidades escrita e falada, fazendo um esclarecimento que parece deixar implícito que tal confusão comumente se manifestava. Na distinção entre essas duas modalidades, diferencia também as unidades dos níveis gráfico e sonoro, utilizando-se, para isso, dos metatermos *som* e *letra*. Classifica, então, esses *sons* e *letras* em *vogais* e *consoantes*.

Como vimos, em sua obra de 1868, Coelho faz uma análise dos sons do português em uma perspectiva da gramática Histórico-Comparativa, levando em conta o que chama de “*línguas fontes*” – latim, árabe e teutônico – para tratar de cada uma dessas *letras*. O autor propõe a seguinte organização das vogais (Coelho, 1868: 128):

O seguinte quadro indica as gradações e modificações das vogaes portuguezes, posta de parte a sua nasalisação, de que tractamos adiante.			
A	á ( <i>caro</i> )	â ( <i>cama, amigo</i> )	a ( <i>tema</i> )
E	é ( <i>leme</i> )	ê ( <i>devo</i> )	e ( <i>ledor, tome</i> )
”		â ( <i>conçâlho</i> )	i ( <i>eleito</i> )
I	(não tem gradações)		
O	ó ( <i>fome</i> )	ô ( <i>dono</i> )	u ( <i>honesto</i> )
U	(não tem gradações)		

Como já observamos, Coelho (1868) analisa algumas das consoantes do português, levando em conta critérios acústicos, articulatórios, gráficos e etimológicos desses sons. Por exemplo, o autor afirma que /t/ é uma consoante *tenue dental* (critério acústico articulatório), que pode ser expressa por *t* (critério gráfico), geralmente em palavras de origem latina ou teutônica (critério etimológico), e por *th*, quando corresponde ao  $\theta$  grego. Detalharemos a análise de cada uma das consoantes expostas pelo autor na seção em que analisarmos o metatermo *consoante*.

Já em Coelho 1891, é exposto o seguinte inventário dos sons do português:

som vogal	exemplo de som vogal
a aberto	ha
a fechado	para
a guttural	sal
e aberto	sé
e fechado	sê
e surdo	dedal
i	li
o aberto	só
o fechado	avô
u	tu

som vogal nasal	exemplo de som vogal nasal
ã	rã
ẽ	vento
ĩ	fim
õ	som
ũ	um

som consoante	exemplo de som consoante
k	kilo
t	tu
p	pá
g	gato
d	dó
b	boi
m	mau
n	nó
r	para
rr	rato
l	lá
ũ ( <i>nh</i> )	unha
lh	velho
s ( <i>ch</i> )	chá
s atenuado	este
j	joio
j atenuado	dêste
s	só
z	zás
f	fé
v	vou

Após expor o inventário, em perspectiva que contempla também a ortografia, Coelho (1891) aponta os modos de representação gráfica de cada uma das *letras*, como, por exemplo, em “O som *t* é representado a) geralmente por *t* ou *tt*, p. ex. *tolo*, *prato*, *atingir*, *atenção*; b) em varias palavras por *th*, p. ex. *theatro*, *atheu*, *arithmeticã*.” (Coelho, 1891: 29). O autor não retoma os conceitos de *gutural*, *surdo*, *aberto*, *fechado* e *atenuado* utilizados no inventário, esses metatermos ficam sem definição na obra, o que pode levar a supor que já circulassem no período em questão.

### 3.3.3 Síntese

Quase todos os autores oitocentistas, com exceção de Couto e Melo (1818) e Coelho (1868), oferecem inventários completos de *vogais* e *consoantes* e oferecem algum tipo de classificação baseada em certos critérios acústico-articulatórios.

Também as formas de conceituar esses elementos guardam semelhanças. As obras do século XIX selecionadas para esta pesquisa entendem, de um modo geral, as *vogais* como equivalentes às *vozes*, definindo *vogal-voz* como *sons* que não dependem de língua, dente ou lábios para a produção, enquanto as *consoantes* ou *articulações* dependeriam da *união* entre *órgãos da fala* para serem produzidas – com a ressalva de que, para Soares Barbosa, as *vozes* também apresentariam *articulação*, que, neste caso, corresponde à abertura e ao fechamento da boca e à formação desses *sons* em diversos pontos de sua passagem pela faringe e pelas pregas vocais.

Ao procurar reconstruir a ‘rede’ de termos correlacionáveis a *voz*, vimos que todos os gramáticos empregam o metatermo em contextos de análise que pressupõem a consideração de uma dimensão acústico-articulatória e de uma outra dimensão, a dimensão gráfica, ambas do plano da expressão da língua (oral num caso, escrita no outro). Eles recorrem, para tanto, a outros metatermos, nomeadamente *letra*, *figura*, *valor*, *articulação*, *vogal*, *consoante*, que permitem, em análise contrastiva, delimitar melhor o que entendem por *voz*.

Ao que parece, o metatermo *voz*, com relação a sua ‘incidência’, é usado, no século XVI, para referir toda e qualquer unidade do plano da expressão sonora, mas, no século XIX, ele é preferencialmente usado com referência às unidades reconhecidas como *vogais* e, além disso, como referência à *voz/fala humana*. Há ainda o uso específico de Constâncio (1831), que o emprega como aparente sinônimo do que entenderíamos como *palavra*, em linha de continuidade com um emprego que também

vimos exemplificado em Fernão de Oliveira (1536), no século XVI. Quando chegamos em Coelho, o uso do metatermo *voz* está restrito à referência à *voz/fala humana*, como, aliás, tendemos a empregá-lo no contexto dos estudos da Fonética e da Fonologia atualmente.

Desse modo, *voz* tinha um papel central na metalinguagem relativa à Fonética e à Fonologia das gramáticas quinhentistas. De um modo geral, se referia ao plano sonoro dos segmentos linguísticos presentes no português – desde *letra* até *palavra*. Apresentando, ainda, uma polissemia, já que em certos trechos o metatermo se confunde com esses segmentos com que, normalmente, se faz referência ao plano sonoro. Já o século XIX apresenta algumas acepções diferentes com relação ao metatermo *voz*. Embora ele seja geralmente utilizado para se referir ao plano sonoro das *vogais*, encontramos em Costâncio (1831) uma sinonímia de *voz* com *palavra*, e em Adolpho Coelho (1891), uma perda da especialização do metatermo, já que neste autor o metatermo ‘incide’ sobre *fala* ou *voz humana*, ou seja, está mais próximo de seu valor em uma linguagem corrente do que de um valor metalinguístico.

*Voz* parece ser, no contexto atual, um metatermo menos claramente marcado como técnico. Sua história no contexto das descrições do plano da expressão na gramaticografia portuguesa, entretanto, sugere que ele teve um papel mais central na terminologia de descrição inicialmente e que foi, aos poucos, se deslocando para um lugar menos destacado e mais aproximado das palavras da linguagem corrente. Parece, também, que, quando inserido na terminologia relevante, do século XVI, por exemplo, ele se apresentava como metatermo polissêmico, ou, segundo nossos parâmetros de análise (Cf. Swiggers 2010), como um metatermo de *incidência* variada. Quando nos aproximamos do século XIX, também esse traço se altera, com significativa redução da *incidência* do termo, que, passa, inicialmente, a ser usado de forma mais restrita, para, em seguida, ter presença diluída no vocabulário gramatical empregado no tratamento do plano da expressão.

### **3.4 VOGAL**

#### **3.4.1 Vogal para o século XVI**

##### **3.4.1.1 Fernão de Oliveira**

Para Fernão de Oliveira (1536, cap. VI), a *vogal* é a *letra* [grafema] que tem uma *voz perfeita* [som], e não precisa estar acompanhada de outras para ser pronunciada.

No capítulo XII, que ocupa apenas uma página da gramática, Fernão de Oliveira descreve cada uma das *vogais* do português, como neste exemplo:

Esta letra .a. peqno tẽ figura douo cõ hũ escudete diãte τ a pôta do escudo em bayxo cãbada para çima: a sua pronũçiação e cõ a boca mais aberta q das outras vogaes τ toda a boca igual: a grãde tẽ figura de dous oouos ou duas figuras douo hũa pegada cõ a outra cõ hũ fo escudo diãte: a pronũçiação e cõ a mefma forma da boca lẽ não quanto traz mais efpirito. (Oliveira, 1536: capítulo XII)<sup>54</sup>

Vemos que Oliveira descreve tanto a forma escrita de cada uma das *vogais* (sua *figura*), quanto suas propriedades articulatórias, fazendo para isso uma análise da posição de *dente*, *língua*, *beiços* e abertura da *boca* para a realização de cada uma dessas *letras*.

No que diz respeito às vogais *a*, *e* e *o*, Oliveira as classifica em *grandes* e *pequenas*, isto é, abertas e fechadas, respectivamente, em uma metalinguagem atualizada. Ele propõe que essas vogais sejam grafadas de modo diferente, já que têm *vozes* diferentes: as *vogais grandes* (abertas) deveriam ser escritas com os seguintes caracteres: α, ε e ω, e as *pequenas* (fechadas), com os caracteres a, e, o. Notamos, no entanto, que Oliveira não faz uso desta grafia em sua obra, o que leva a supor que talvez existisse convenção mais vulgarizada em voga. Assim, ele diferencia, por exemplo, o *e* verbo do *e* conjunção usando, respectivamente, os símbolos “e”/“he”, e “τ”. E, algumas vezes, dobra as vogais, provavelmente para marcar que elas são abertas, como ocorre no trecho acima, em que ele afirma que o *a pequeno* tem “figura **dovo**”, ovo no singular, com o *o* fechado, e que o “a grande tem figura de dous **oouos**”, ovos, no plural, com o *o* aberto.

As *vogais grandes*, nos três casos, são, em sua descrição, diferenciadas por serem produzidas com mais *espírito* e *força*<sup>55</sup> do que as *pequenas*.

---

<sup>54</sup> Esta letra ‘a’ pequeno tem figura de ovo com um escudete diante e a ponta do escudo embaixo cambada para cima. A sua pronunçiação é com a boca mais aberta que das outras vogais e toda a boca igual. ‘a’ grande tem figura de dois ovos ou duas figuras de ovo, uma pegada com a outra, com um escudo diante. A pronunçiação é com a mesma forma da boca, se não quanto traz mais espírito.

<sup>55</sup> Os metatermos *força* e *espírito* não são definidos, nem utilizados de modo preciso por Oliveira. Notamos, no entanto, que se aplicam nas descrições dos mecanismos de produção das *letras*. Quando descreve as consoantes, afirma, por exemplo, que as que nomeamos hoje de *vozeadas* têm menos espírito do que as *desvozeadas*, como nos seguintes trechos (1536, capítulo XIII) “A pronunçiação do .g. e como a do .c. cõ menos força do spirito.”; “A força ou virtude do .p. e a mefma q a do .b. lẽ não que traz mays efpirito.”. Afirmamos que os metatermos não são utilizados de forma precisa, pois, como é possível verificar nos exemplos, Oliveira ora fala em *força do espírito*, ora afirma que a *força* é igual, mas que o *espírito* muda de uma consoante para outra.



A letra y não aparece neste capítulo das vogais. Fernão de Oliveira afirma que ela deve ser utilizada entre duas vogais, como em *meyo*. E completa

a mi me parece fer .y. τ não .i. vogal porq ella não faz sillaba por li: nẽ tã pouco .i. cõloãte na força q lhe nos demos mas ã outra qfi femelhãte aqlla muyto ãxuta lẽ nenhũa meſtura de colpinho τ nestes taes lugares podera feruir eſta figura de .y. τ fe nã he oçioſa. (Oliveira, 1536: capítulo XIV)<sup>56</sup>

Pelo trecho acima, parece que y não é tem nem o traço [vocálico], nem o traço [consonantal], já que entra no lugar de um som que estaria entre o *i vogal* e o *i consoante*. Porém, no final deste mesmo capítulo catorze, Oliveira expõe o abecedário do português e nele classifica y como consoante:

ſeja logo eſte o noſſo a. b. c. \* \* .a. a. b. c. ç. d. e. e. f. g. h. i. j. l. m. n. o. ω. p. q. r. rr. ſ. ſſ. t. v. u. x. z. **y.** ch. lh. nh. [...] Neſte noſſo .a. b. c. ha hi trita τ tres letras todas noſſas τ neçẽſſarias para noſſa lingua: das quaes **oito ão vogaes** τ chamãofe .a. .a. e. .e. i. o. .ω. .u. τ **vinta quatro confoantes** τ chamãofe .be.ce. çe. de. ef. gue. je. el. em. em. pe. qu. er. err. ef. eſſ. te. ve. xi. ze. **ye.** (Oliveira, 1536: capítulo XIV, grifo noſſo)<sup>57</sup>

A preocupação de Oliveira em descrever minuciosamente cada uma das *letras*, levando em conta seu ponto e seu modo de articulação, é explicada no capítulo VII, no qual o autor afirma que é a partir dessa descrição que se torna possível distinguir o que há de próprio em cada língua.

### 3.4.1.2 João de Barros

Também para João de Barros as *vogais* distinguem-se das *consoantes*, pois sozinhas têm *perfeita voz* (cf. Barros, 1540: 40v). Barros propõe, tal como Fernão de Oliveira, um modo de diferenciar graficamente as *vogais grandes* das *pequenas*. Elaboramos o seguinte quadro, no qual se encontram as propostas dos dois autores para a grafia destas vogais:

---

<sup>56</sup> A mim me parece ser ‘y’ e não ‘i’ vogal, porque ela não faz sílaba por si, nem tampouco ‘i’ consoante na força que lhe nós demos, mas em outra quase semelhante àquela, muito enxuta, sem nenhuma mistura de cuspinho. E nestes tais lugares poderá servir esta figura de ‘y’ e se não é ociosa

<sup>57</sup> Seja logo este o nosso a, b, c \*\* α, a, b, c, ç, d, e, e, f, g, h, i, j, l, m, n, o, ω, p, q, r, rr, s, ss, t, v, u, x, z, y, ch, lh, nh. [...] Neste nosso a, b, c há trinta e três letras, todas nossas e necessárias para a nossa língua. Das quais, oito são vogais e chamam-se α, a, e, e, i, o, ω, u. E vinte e quatro consoantes e chamam-se be, ce, çe, de, ef, gue, je, el, em, en, pe, qu, er, err, ef, eſſ, te, ve, xi, ze, ye.

	A		E		O	
	grande (aberto)	pequeno (fechado)	grande (aberto)	pequeno (fechado)	grande (aberto)	pequeno (fechado)
OLIVEIRA	a	a	ε	e	ω	o
BARROS	á	a	ε̇	e	ó	o

Quadro 9: proposta gráfica de vogais grandes e pequenas em Oliveira (1536) e Barros (1540).

Diferentemente de Oliveira, que não usa na própria gramática sua proposta gráfica para representar as *vogais*, Barros coloca em prática em seu texto o modo como propõe que se escrevam as *vogais* abertas e fechadas.

Embora afirme que o português conte com oito *vogais*, nomeadamente *á grande, a pequeno, ε grãde, e pequeno, i comũ, ó grãde, o pequeno, u comũ*, quando faz a descrição de cada uma delas, inclui o *y grego*. As descrições que faz das *vogais* são bem diferentes das de Oliveira. Barros, na verdade, ao passo que Oliveira descreve as propriedades articulatórias que identifica, Barros fala em *ofícios* de cada uma das vogais, em explicação que mescla os domínios fônico e morfológico. Exemplificamos com a *letra vogal a grande*:

tem quatro offícios, fêrue por fy só de preposiçám , per semelhante exemplo, quando uou á escóla , uou de boa uontáde. E fêrue de uerbo na terceira peľloa do numero língulár deste uerbo Ey,ás: como quando dizemos,á tanto tempo que uos nam uy, que iá uos estranháua. E fêrue de interieaçám per este exemplo,á má coufa,por que fázis illõ.E quando fêrue no quártio offiçio em compoziçám com as outras leteras, e per os exemplos açima ditos, e quer a fua prolaçám com hiáto da boca. (Barros, 1540: 43v)<sup>58</sup>

Há, desse modo, um deslizamento, quando o autor trata desse aspecto, do então híbrido domínio da fonética-fonologia-ortografia, para o domínio da morfossintaxe.

### 3.4.1.3 Nunes de Leão

Nunes de Leão (1576) classifica em *vogais* as seguintes *letras*: *a, e, i, o, u, y*. E, tal como Oliveira e Barros, afirma que elas são *vogais* porque podem ser pronunciadas e formar sílaba sem o auxílio de outras *letras*.

<sup>58</sup> tem quatro ofícios: serve por si só de preposição, por semelhante exemplo, quando vou à escola, vou de boa vontade. E serve de verbo na terceira pessoa do número singular deste verbo “haver”, como quando dizemos, há tanto tempo que vos não vi, que já vos estranhava. E serve de interjeição, por este exemplo, ah, má coisa, por que fazes isso. E quando serve no quarto ofício em composição com as outras letras, é pelos exemplos acima ditos, e quer dizer a sua prolação com hiato da boca.

No capítulo “Das letras, & de sua diuifão e natureza” de sua ortografia, Nunes de Leão faz uma descrição de cada uma das *letras* do alfabeto. Das *vogais*, podemos destacar os seguintes aspectos da sua descrição:

Nunes de Leão não acredita que existam, de fato, as *vogais a, e, o grandes e pequenas*, mas sim que elas são acentuadas de modo que **pareçam** ser *grandes e pequenas*. Pelo exemplo oferecido pelo autor com relação à letra *e*, fica claro que Leão está lidando, tal como Oliveira e Barros, com o critério de abertura das vogais. Notem-se, abaixo, as passagens em que questiona esse critério com relação às vogais *a* e *e*:

E a razão que faz **parecer** que são dous .aa. hum grãde, & hum pequeno, he a pronunçiação varia, que se caufa dos accentos, ou das letras, a que se ajunta esta vogal. Porque quando teem o accento agudo parece grande, como em prato, & quando graue, **parece** pequeno, como em prateleiro. (Leão, 1576: 02v – 03r, negritos nossos)<sup>59</sup>

E. He letra vogal fimplez, & não de duas maneiras, como algũs cuidão, que fazem .e. pequeno como em besta por animal, & .e. grande como em bésta per arma, & instrumêto de tirar: o que não ha. Porque na pronunçiação dessa letra, nenhũa differença teemos dos Latinos. E a differença, que vai dessa e. que aos vulgares parece lôgo, ao outro, a que erradamête chamão breue, notamos com accêto agudo ou circumflexo, ou graue (como teemos dicto do .a. & diremos a diante na letra .O) ou com dous .ee. (Leão, 1576: 06r)<sup>60</sup>

Nunes de Leão assume a existência do par mínimo *besta* (animal, com e fechado) x *besta* (arma/instrumento, com e aberto), mas afirma que consiste da mesma *letra e*, de origem latina, nos dois casos, com uma diferença apenas de acentuação. O autor justifica essas afirmações, explicando que “*ser grãde, ou pequeno, cõfiste na lôgura, & spaço da pronunçiação, & não na maneira della.*” (Leão, 1576: 03). Desse modo, segundo o autor, sempre que virmos essas três vogais variarem, isso decorre de o acento ser diferente, e não de ser outra *espécie de letra*. Nesse ponto, o autor se distancia dos gramáticos Oliveira e Barros, que, aparentemente, reconhecem nessa distinção fonemas diferentes. Ele insere na discussão sobre os valores dessas *letras* do português, a questão da determinação do seu estatuto (de unidades distintivas (como parecem apontar Oliveira e Barros) ou variantes (posição adotada por Nunes de Leão)).

---

<sup>59</sup> E a razão que faz parecer que são dois ‘aa’, um grande e um pequeno, é a pronunçiação vária, que se causa dos acentos, ou das letras, a que se ajunta esta vogal. Porque quando têm o acento agudo, parece grande, como em prato. E quando grave, parece pequeno, como em prateleiro.

<sup>60</sup> E é letra vogal simples e não de duas maneiras como alguns cuidam que fazem ‘e’ pequeno, como em besta por animal, e ‘e’ grande, como em besta por arma e instrumento de atirar, o que não há. Por que na pronunçiação desta letra, nenhuma diferença temos dos latinos. E a diferença, que vai desse ‘e’, que aos vulgares parece longo, ao outro, a que erradamente chamam breve, notamos acento agudo ou circumflexo, ou grave (como temos dito do ‘a’ e diremos adiante na letra ‘o’) ou com dois ‘ee’.

Com relação apenas ao *a*, afirma que além dos acentos, também quando depois dele seguem *m* ou *n*, **parece** pequeno, pois nesse caso o *a* é pronunciado “com menos hiato e abertura da boca”.

A letra *i* conta com duas pronúncias: uma própria e natural, por exemplo, em *imagem* e *ira*; e outra falsa e imprópria, que é a do *i* consoante e equivale ao *g* antes de *e* e de *i* vogal, como em *janela*, *justiça*. Segundo Nunes de Leão, essa consoante é de origem mourisca.

A letra *v* tem dois *ofícios*: um próprio, quando é vogal, como em *vffo*, *vfura*; e outro *emprestado*, quando *fere vogal*, e que se parece com o som de *f*, como em *verdade*, *virtude* (cf. Leão, 1576: 09v-10r).

O *y* é uma *vogal* grega que tanto no português quanto no latim deve se usar apenas para indicar, na grafia, essa origem das palavras. Nunes de Leão critica os idiomas espanhol e francês, afirmando que utilizam o *y* em palavras que não são de origem grega, substituindo o *i*. Acrescenta, ainda, que isso está errado, pois estas são duas vogais que contam, em suas origens, com pronúncias muito diferentes. Propõe, pois, que seja usado um critério etimológico para o uso desse grafema. Na mesma direção, o autor ainda argumenta que, se os latinos antigos escolheram, de suas vogais, o *u* para colocar no lugar de *y*, em certas palavras de origem grega, como *mylos* → *mulos*; *mys* → *mus*, isso se deve ao fato de *y* ter mais semelhança com *u* do que com *i*.

Assim, de um modo geral, para esses autores do século XVI, no que diz respeito ao ‘conteúdo contrastivo dos metatermos’, *vogal* aparece, sempre, ao lado de *consoante*, como primeiras classificações de *letra*. O metatermo ‘incide’ sobre os segmentos *da língua* que podem ser pronunciados sozinhos e formar *sílaba*. Há, como vimos, divergência em relação a que segmentos pertenceriam a tal categoria (v. discussão acerca do *y*), bem como do estatuto (variante ou fonema) dos segmentos “pequenos” (fechados) e “grandes” (abertos), e mesmo orais e nasais (apenas em Nunes de Leão).

Além disso, a ‘incidência’ da descrição das vogais é diferente nos três autores:

1) Fernão de Oliveira preocupa-se em fazer uma detalhada análise acústico-articulatória de cada uma das *letras*, usando para isso referências a aspectos fisiológicos gerais, a movimentações e a conformações dos órgãos da fala. Além disso, preocupa-se em descrever como são as *figuras* (grafemas) de cada uma destas *letras*.

2) João de Barros procura evidenciar o que chama de *ofícios* das *vogais*; com isso, suas considerações parecem não estar baseadas em uma distinção clara entre unidades significativas (palavras) e unidades apenas distintivas da língua (fonemas). Esse hibridismo entre os planos não se mostra nas descrições de vogais feitas pelos contemporâneos Oliveira e Leão.

3) Nunes de Leão tenta operar no nível das possíveis distinções (variantes e fonemas; pertença dos segmentos às categorias vogal ou consoante), para isso lidando com a questão da origem (latina, grega) dos segmentos. Parece que esse tipo de preocupação não esteve na mira de seus contemporâneos, ao menos não como ‘problema’ a ser discutido ou esclarecido.

O tratamento das vogais, em qualquer uma das três versões, é algo visto como prioritário e como dependente de certos esclarecimentos e de propostas de normatização, principalmente voltadas para a sua melhor representação na escrita.

### 3.4.2 Vogal para o século XIX

#### 3.4.2.1 Couto e Melo

As *letras*, para Couto e Melo, servem para expressar graficamente os *sons*. Elas são classificadas em *vogais* e *consoantes*.

Para se compreender o conceito de *vogal* em Couto e Melo, é necessário lembrar o que o autor entende por *voz*:

*Vóz* é a inflexão do som causada pela diferente abertura da bôca e sem união dos beijos, nem da língua, nem dos dentes, nem da garganta. (2) [...] (2) Daqui vem o dizer-se, que qualquer *voz* tem por característica a possibilidade de prolongar-se, d’elevar-se e d’abaixar-se quanto o permitir a respiração. (Couto e Melo, 1818: 39)

A *vogal* é, assim, a forma de registro gráfico das *vozes*.

Como vimos, Couto e Melo propõe que os *sons* e as *letras* sejam classificados em *classe*, *ordem*, *gênero* e *espécie*.

*Vogal* e *consoante* são as *classes* das *letras*, e correspondem a *voz* e *articulação* no domínio dos *sons*. As *vogais* possuem duas *ordens*: *simples*, quando expressa um

*som primitivo simples*, ou seja, são as vogais sozinhas, e *combinadas* quando expressam *som primitivo combinado*, ou seja, os ditongos. Os *gêneros* das *vogais* são *oral* e *nasal*; e as *espécies* são *aguda*, *grave* e *baixa* – a *espécie* diz respeito à elevação e extensão das *vozes* que essas *vogais* representam. Este autor, fugindo do padrão dos gramáticos que temos analisado, não trata de cada uma das *letras* ou dos *sons*. Faz apenas essa proposta classificatória, com poucos exemplos e sem apontar dados específicos.

### 3.4.2.2 Soares Barbosa

Assim como Couto e Melo, Soares Barbosa afirma que as *vogais* são as expressões gráficas das *vozes*. As *vozes* são classificadas, por este autor, em 12 *orais* e 08 *nasais*. O português conta, desse modo, com vinte *vozes*, porém há apenas 05 *vogais* para representá-las na escrita. Este problema é resolvido colocando-se *acentos vogais* (agudo e circunflexo) ou dobrando as *vogais* que forem *grandes* (isto é, **abertas**, em uma metalinguagem atual). Dobrar estas *vogais*, segundo Barbosa, corresponde ao modo que os gramáticos mais antigos utilizaram para solucionar o problema<sup>61</sup>. As *nasais* devem ser representadas ou com *til*, ou com o *m* ou *n* logo em seguida<sup>62</sup>.

O autor cita João de Barros ao compor a sua lista de *vogais*. Para ele, o autor quinhentista teria dado conta da descrição de dez dos segmentos que ele reconhece como *vogais orais* no português<sup>63</sup>. O que reconheceríamos como semivogais *i* e *u* continua – por sua relação de semelhança com as vogas correspondentes e como nas descrições do século XVI – a constituir ‘problema’. Este autor prefere não propor *figuras* específicas para sua representação gráfica, dada a sua semelhança com *i* e *u*.

Quanto às *nasais*, Soares Barbosa apresenta de forma explícita apenas as que classifica em *claras*, ou seja, são as que encerram em si toda a nasalidade. Apesar de não estarem nomeadas na explicação, há ainda três *nasais surdas* que aparecem na tabela exposta na página 06 da gramática:

- Nasais claras:

1) A *til*, *nasal claro*: *sã* ou *sam*, *irmã* ou *irmam*.

---

<sup>61</sup> De fato os gramáticos do século XVI utilizavam o procedimento de dobrar letras para marcar as vogais abertas, mas, como vimos na seção 4.4.1, ainda que não utilizassem regularmente, nas próprias obras, Oliveira e Barros propuseram uma grafia para essa marcação.

<sup>62</sup> Tratamos de modo mais detalhado das *nasais* na seção 4.6

<sup>63</sup> De fato, com exceção das vogais orais de número 06 e 11 do quadro de vogais proposto por Barbosa (cf seção 4.4.2.2), todas as outras vogais orais compõem o inventário de Barros (1540)

- 2) *E til, nasal claro*: tẽpo ou tempo, dẽte ou dente
  - 3) *I til nasal*: sĩ ou sim , lĩdo ou lindo
  - 4) *O til nasal claro*: sõ ou som, põto ou ponto;
  - 5) *U til nasal*: ù ou hum, ùto ou unto.
- Nasais surdas
- 6) *a til surdo*
  - 7) *e til surdo*
  - 8) *o til surdo*.

Segundo o autor, as *nasais surdas* são as que têm predominância do *acento agudo*, mas são seguidas por *consonâncias nasais* (*m*, *n* e *nh*) pertencentes à sílaba seguinte. Alguns exemplos presentes na obra: o “*a da primeira Syllaba de Ama*”; o “*e da primeira Syllaba de Penna*”; o “*o da primeira Syllaba de Somma*”.

Reproduzimos abaixo o quadro elaborado por Soares Barbosa que contempla todas as *vozes* da língua portuguesa:

“Taboa das vinte Vozes. Portuguezas com todas as suas escripturas” (Barbosa, 1822: 06)

CORDA VOCAL PORTUGUEZA					
ORAL PURA			ORAL NASAL		
Figura	Nome	Valor	Figura	Nome	Valor
1. A', aa	Grande Aberto	Ma's, nome.	1. ã, am, an	A til claro	Lã
2. A, a	Pequeno	Mas, conj.	2. ã.	A til surdo	Lama
3. E', ee	Grande Aberto	Sê, verbo	3. ê, em, en	E til claro	Sêpre
4. Ê, e	Grande Fechado	Sê, verbo	4. ê	E til surdo	Senha
5. E, e	Pequeno	Se, conj.			
6. E I	Abbiguo, ou Surd	Cea'r Cia'r			
7. I, i	Commum	Vi'cio.	5. ã, im, in	I til claro	Si[m] <sup>64</sup>
8. O', óo	Grande Aberto	Avó, femin.	6. õ, om, on	O til claro	So[m]
9. Ô, ou	Grande fechado	Avô, masc.	7. õ	O til surdo	So[n]
10. O, o	Pequeno	O, artigo			
11. O U	Ambiguo, ou surd	Soa'r Sua'r			
12. U, u	Commum	Tumulo.	8. ã, um, un	U til claro	U[m]

<sup>64</sup> Na versão digitalizada de que dispomos, estes caracteres marcados entre colchetes não estão legíveis, gerando dúvida se se trata de “m” ou “n”.

### 3.4.2.3 Constâncio (1831)

O autor afirma:

Chamão-se vogaes as letras *a, e, i, o, u, y*, porque representam sons proferidos por hum impulso da voz, sem o concurso da acção da lingua, dos beiços ou dos dentes. (Constâncio, 1831: 06)

Após essa breve conceituação, Constâncio descreve vogal por vogal, apontando propriedades acústicas e articulatórias e enfatizando a maneira como elas devem ser escritas, de acordo com sua tonicidade ou com relação à sua nasalidade. Apresentaremos aqui uma síntese de cada uma dessas descrições.

Vogal A:

Constâncio lista dois tipos de “a”, um que é forte e prolongado e que às vezes escreve-se com acento agudo “á”, e às vezes, sem acento – nestes casos, as regras de prosódia seriam suficientes para determinar a força desse “a”. O autor acrescenta que os *antigos*, que não utilizavam acento, grafavam esse a forte ou dobrando-o ou com o acréscimo do “h”: *aa* ou *ha*. O outro tipo de “a” possível é o nasal, ou palatal, metatermo mais adequado, segundo o autor 65. Constâncio afirma que “ã corresponde á *an* ou *am*”, não especificando qual seria, para ele, a maneira correta de grafar esta nasal. O *á* ou *â* pode indicar, segundo Constâncio, *supressão de letras*: Por exemplo, *amá-la* ou *amâ-la*, por *amar a ella*.

Vogal E:

Em Constâncio, é classificada em 1) *E forte e breve*, às vezes escrita com acento agudo, às vezes sem acento (como, por exemplo, *pelle*). Esta vogal, assim como o *a*, era representada pelos antigos sendo dobrada ou com o acréscimo do *h*; 2) *E doce e longo*, que às vezes é representada com acento circunflexo, às vezes sem acento (como *modelo*); 3) *surda*, não há exemplos, mas, segundo o autor, é uma vogal quase muda, que “*apenas sôa*”, e é representada pelo *e* sem acentos; 4) *palatal*, que é o *e* nasalizado que os *antigos* representavam com o til (ẽ), e que em seu tempo era grafado como *em*, como em *bem*, *tem*.

Vogal I:

---

<sup>65</sup> Voltaremos ao conceito *nasalidade* na seção 4.6 desta dissertação.



Segundo o autor, a vogal *i* tem sempre o mesmo som, seja *breve* (como em *doido*) seja *longo* (por exemplo, em *temido*). Em *timido*, o primeiro *i* é *longo* e o segundo *breve*, ao que parece, o autor considera longos os que são tônicos e breves os átonos ou os que compõem um ditongo. Essa vogal nunca é *surda* ou *muda*. A forma gráfica *î* deve ser utilizada para indicar que o *i* é longo em *casos duvidosos* (não há exemplos) ou para indicar que houve supressão de letras, o que faz com que a vogal se torne longa: como em *ouvî-la* por *ouvir a ella*. Por fim, há o *i palatal* (nasal), que deve ser grafado como *im* (exemplo: *fim, impaciente*) e não *ĩ*, com o faziam os antigos.

#### Vogal O:

Para o gramático, há 1) *forte e breve*, pode ser escrito com o acento agudo, *ó*, ou sem acento (*dó, bola*); 2) *brando e longo*, é representado com o acento circunflexo, *ô* ou sem acento (*avô, primeira sílaba de molho*); 3) *surdo*, soando quase como *u*, por exemplo, nas sílabas finais de *modo, desceu*. 4) Constâncio afirma que *õ* corresponde a *on* ou *om*, não especificando, nesse momento, qual seria a maneira correta de grafia desta nasal, porém, coloca como exemplo as palavras *leões, ocasiões, trovões*, que utilizam o til e não *on, om*. Em seguida, o autor faz uma análise histórica destes sons, afirmando que nos primeiros séculos da monarquia portuguesa, prevaleciam os sons *om, on*, que eram derivados do latim vulgar de províncias hispânicas do norte, mas que em pouco tempo a pronúncia foi *adoçada* e, desse modo, tais sons se transformaram no ditongo *ão*. Assim, *coraçom, razom*, passaram a *coração, razão*. Também se transformaram as palavras terminadas em *am/an*: de *mam*, por exemplo, a *mão*.

Segundo Constâncio, havia em seu tempo uma incoerência com relação à ortografia desses sons, isto é, com o uso do til ou de *m/n* para marcar as *vogais palatais*. Ele propõe, então, que, se os antigos usavam sempre *om/on* não importando se as sílabas eram *breves* ou *longas*, e se nossa língua transformou esses sons, devemos marcá-los sempre da mesma maneira, ou seja, com *ão*, pois é “*escusado multiplicar signaes para hum som da mesma natureza*” (1831: 09). Se isso gerar dúvida de leitura, a solução é marcar com acento a sílaba precedente a *ão*, quando este for *breve*: por exemplo, *armárão* (pretérito).

#### Vogal U:

Essa *vogal*, assim como o *i*, mantém o mesmo som quando *breve* e quando *longa*. Quando é possível haver ambiguidade, deve-se marcá-la com acento (por

exemplo, *cúmulo*, para diferenciar de *cumúlo* verbo). Muda seu som apenas quando é palatal. E, assim, deve ser marcada com auxílio do *m* e do *n* (*um*, *un*), e não com o til, *ũ*, como faziam, segundo Constâncio, os antigos. Há, ainda, o *u surdo*, que tem um som mais agudo do que o *o surdo*. Constâncio não dá exemplos do *u surdo*, mas apenas de casos em que se deve escrever *o* e não *u*: *Deos*, *mingoa*, *ouvio*, *deo*, *leo* em vez de *Deus*, *mingua*, *ouviu*, *deu*, *leu*; Nas desinências dos pretéritos dos verbos, afirma o autor, o *o* é preferível ao *u*.

#### Vogal Y:

Esta vogal, de acordo com o autor, equivale ao *i* e deve ser usada apenas em palavras de origem grega e em nomes estrangeiros. Na explicação desta letra, Constâncio faz uma crítica a Moraes Silva<sup>66</sup>, que, segundo ele, por um *capricho*, introduz o *y* como equivalente a *ii* em algumas palavras, tais como *praia*, *ideia*, *veia*. Para Constâncio, o *i* apenas se difere nas palavras por ser predominante ou subordinado do ditongo. Por exemplo, o *i* das seguintes palavras é o mesmo: *rio*, *eu me rio*, *rio-se*, mas “no primeiro exemplo he menos longa que no segundo, e no terceiro he quasi surda e breve, dominando nesta o *o*, posto que de sua natureza surdo, mas aqui prolongado.” (Constâncio, 1831: 11)

Vemos, assim, um esforço do autor para, de um lado, inserir novas propriedades como critérios para a distinção das vogais do português (palatal), de outro lado, rever a bibliografia anterior (os antigos), corrigindo-lhe pontos que lhe parecem imprecisos ou equivocados. A obra pretende oferecer uma sistematização nova e mais consistente para o sistema de vogais e um conjunto tomado como mais claro e apropriado para a sua representação na escrita.

#### 3.4.2.4 Caldas Aulete (1864)

Para Caldas Aulete (1864: 03), *vogal* e *consoante* são as representações gráficas das *vozes e articulações*. Segundo o autor, as *vozes* que existem no português são as seguintes: *á*, *â*, *é*, *ê*, *è*, *i*, *ó*, *ô*, *u*; e são exemplos do autor: *pá*, *câmara*, *fé*, *rêde*, *li*, *pó*, *povôa*, *útil*.

---

<sup>66</sup> Moraes Silva

Não há comentários, conceituações etc. sobre cada uma das letras nesta obra, mas há um inventário dos sons do português, do qual reproduzimos apenas as vogais:

Caractere	Valor	Nome vulgar
A a	á à	Á
E e	é ê è i	É
I i	I	I
O o	ó, ô, u	Ó
U u	U	U

Quadro 10: Vogais em Caldas Aulete

Como evidencia o quadro, as *vozes* contam sempre com dois *caracteres*, um maiúsculo e outro minúsculo. Os valores delas, isto é, suas diversas manifestações sonoras possíveis, são marcadas, aparentemente, pelos acentos agudo, circunflexo e grave, além de pela equivalência estabelecida com outras vozes (v. a segunda e quarta linhas da tabela, em que se menciona o valor de *i* para *e* o de *u* para *o*, respectivamente).

Mesmo não explicando estes *valores* mencionados na tabela, é possível notar que Caldas Aulete classifica as vogais de modo parecido com o de Soares Barbosa e Constâncio. Primeiro, deixa claro que as vogais *i* e *u* têm apenas um valor. Além disso, marca com acentos as vogais *a*, *e*, *o*, provavelmente, para distinguir se são abertas ou fechadas (*grande* e *pequeno* em Soares Barbosa; *forte* e *doce/brando* em Constâncio). Por fim, coloca como um dos valores de *e*, “*i*”, e como um dos valores de *o*, “*u*”; como vimos, essas ocorrências são, para Constâncio, a manifestação do tipo *vogal surda*. Para Soares Barbosa, tais *vogais* que não têm um nome, por estarem entre *e* e *i* e entre *o* e *u*. Estes sons correspondem, provavelmente, ao que classificamos como *glide* na linguística atual.

### 3.4.2.5 Adolfo Coelho

Como já vimos, a parte da gramática de Adolpho Coelho (1868) que trata da “Phonologia” é dividida em “sons das línguas fontes” e “sons portugueses e suas relações etimológicas”. Ao tratar dos sons das línguas fontes, Coelho descreve as relações do português com o latim, com o árabe e com o teutônico.

#### Vogais do Latim

O latim é a principal língua de influência do português, muitos sons *vocais* e *consonantais* têm origem dessa língua.

No início de sua descrição, Coelho desenha a seguinte tabela (1868: 33):

Alphabeto latino ordenado physiologicamente							
Consoantes						Vogaes	
Continuas			Explosivas				
Asperas	Brandas	Trilhadas	Asperas	Brandas	Nasaes		
Gutturaes	<i>h</i>	.....	.....	<i>c, q</i>	<i>g</i>	<i>n</i>	$\left. \begin{array}{l} a, \tilde{a} \\ i, \tilde{i} \\ o, \tilde{o} \\ u, \tilde{u} \end{array} \right\} e, \tilde{e}$
Palataes	.....	<i>j</i>	.....	.....	.....	.....	
Linguae	.....	.....	<i>r, l</i>	.....	.....	.....	
Dentaes	<i>s</i>	.....	.....	<i>t</i>	<i>d</i>	<i>n</i>	
Labiaes	<i>f</i>	<i>v</i>	.....	<i>p</i>	<i>b</i>	<i>m</i>	

Focaremos aqui, no que diz respeito às vogais. Voltaremos à tabela e ao tratamento das consoantes na seção 4.5 da dissertação.

As vogais *a, i, u* estão dispostas pelo ponto de articulação; as vogais *e, o*, estão posicionadas de modo que se veja sua origem, já que, segundo Coelho, não são vogais primitivas do indo-germânico: *e* nasceu do ditongo *ai*, isto é, *e* é um som intermediário de *a* e *i*; *o* nasceu do ditongo *au*, ou seja, *o* é um som intermediário de *a* e *u*.

Coelho afirma que não há dúvida de que os latinos pronunciavam as vogais simples do mesmo modo que os portugueses de seu tempo. Os ditongos *ae* e *oe*, porém, contam com diferenças de pronúncia entre os latinos e os portugueses do século XIX.

Após essas considerações, Coelho passa a tratar do modo como as *letras latinas* são representadas no português.

De acordo com o autor português, na passagem do latim para nossa língua,

1) as vogais não acentuadas são tratadas de um modo quase acidental, sem regras fixas, e

2) as vogais acentuadas estão sujeitas a leis determinadas e formam “o ponto medio, a alma da palavra”, pois em torno delas acontecem muitas alterações, ou seja, são destruídas letras e sílabas inteiras.

Na passagem do latim para o português, as vogais acentuadas ou permanecem iguais ou são substituídas pelas que têm os sons mais próximos: *e* → *i*; *i* → *e*; *o* → *u*; *u* → *o*. Essas mudanças dependem da *quantidade* (se a vogal é longa ou breve), da *posição*, e da *influência* de outras *letras*.

Considerando todos esses aspectos, Coelho passa, então, a examinar a passagem de cada uma das *vogais acentuadas* do latim para o português, explicando os processos envolvidos em cada caso.

Como vimos, para o autor, ao contrário das vogais acentuadas, não há regularidade na passagem do latim para o português no que se refere às vogais *não acentuadas*, “*nenhuma condição decide do seu destino, que assim fica entregue quasi ao acaso, ao arbitrario*” (Coelho, 1868: 47-48)

As vogais não acentuadas, desse modo,

1) ou estão em contato com *consoantes*, alguns tipos de situação são os seguintes: conservação da *vogal* (*děcember* → *dezembro*); permutação da *vogal* por outra (*aspargus* → *aspargo*); supressão da *vogal* (*quiritare* → *gritar*);

2) ou estão em contato com outras *vogais*, situação em que *nasce* o hiato. Se duas *vogais* em diferentes sílabas da mesma palavra estão em contato, o normal é que esse contato *se destrua*, e isso ocorre *por elisão, atração da primeira vogal, contração, introdução de uma consoante*.

Coelho conclui que os processos regulares a que foram submetidas as vogais acentuadas são os fenômenos mais importantes. Toda a alteração, segundo o autor, ocorre em um ciclo. Desse modo “*a muda em e, e em i, i em e, o em u, u em o: mas outras mudanças são inteiramente excepcionaes, e ainda não ultrapassam certos limites; a por exemplo nunca é representado por u.*” (Coelho, 1868: 56)

As descrições da passagem dos sons do latim para o português ocupam na gramática de Adolfo Coelho 73 páginas, as feitas pelo autor para a passagem do teutônico e do árabe para o português, juntas, ocupam 19. As descrições da passagem das vogais dessas duas línguas para o português é feita a partir de extensas listas de exemplos em que uma *letra* muda em outra, tal como o autor realizou na descrição da passagem do latim.

### **Vogais do teutônico**

Antes de começar a descrição dos sons do teutônico, Coelho indica os ramos da língua, que teriam se desenvolvido a partir de peculiaridades mórficas e fonéticas:



(Coelho, 1868: 106)

A e E – Estas duas vogais aparecem juntas na explicação de Coelho. O *a teutônico* equivaleria ao *a português*. O *ê gótico* equivale ao *e* do Antigo Alto Alemão. No *gótico* o *â* não aparece, mas aparece em português, mesmo quando é *e* no Antigo Alto Alemão. Por isso, segundo Coelho, são raros os exemplos em que há um *e* de origem teutônica.

I – O *i longo* teutônico é como o *i longo* latino (*lista (lîsta), rima (rîm)*). Segundo Coelho, assim como ocorre com o *i breve* latino, o *i breve* gótico e do antigo alto alemão incorporados por meio de certos itens lexicais ao português são representados por *e*, como em *arenga (hring), fresco (frisc)* etc. Há, porém, casos em que permanece o uso do *i*, por exemplo, *britor (britian), estinga (stinga)* etc.

O – O *o* do teutônico é o mesmo do português: *espora (sporo), roca (rocco)* etc.

U – Se *longo*, permanece inalterado (*escuma (scûm), exdruxulo (struhhal)*). Se *breve*, é representado por *o*: *mofar (mupfen), sopa (sup)*. Em alguns casos mantém-se o *u*: *estufa (stupa)*.

Após essas descrições, Coelho faz os seguintes comentários gerais sobre a passagem o estado das vogais de palavras do teutônico na sua incorporação ao português:

As vogaes teutonicas accentuadas comportam-se exactamente como as vogaes latinas accentuadas: *a, e, o* tanto longas como breves permanecem inalteradas; *i, u* longas conservam a sua qualidade, breves mudam-se em geral respectivamente em *e, o*. (Coelho, 1868: 108, itálico do autor)

### Vogais do árabe

Quanto aos sons árabes, Coelho explica que tais sons não eram produzidos pela população mulçumana da Espanha de um modo fiel ao que se encontra em produções literárias, pois esta tinha um dialeto próprio. A influência do árabe para o português já veio de uma língua árabe alterada pela população godo-romana.

A – Coelho afirma que o *a breve* árabe era, no *dv* (sigla do autor para dialeto árabe vulgar da Espanha) muitas vezes *pronunciado* como *e*; e o *a longo*, como *î* ou *é*. Em português, haveria mudanças fonéticas semelhantes a essas, por exemplo: *azeviche* (*as-as-badj*), *algemas* (*al-djâmi'a*).

I – Em português, o *i breve* árabe é representado por *i, e* ou *a*: *Alcatifa* (*al-catifa*); *acelga* (*as-silk, as-silka*), *almofreixe* (*al-mifrâch*). O *i longo*, normalmente mantém-se: *javali* (*djabalî*). Às vezes, muda para *e*: *enxaqueca* (*ach-chaquûca*).

O – Pode alterar-se em *i, alfofostigo* (*al-fofostoc*); em *a, alfandegas* (*al-fondoc*); em *u, aljube* (*al-djobb*); e pode permanecer como *o, almocreve* (*al-mocâri*).

U – Normalmente não se altera: *azambuja* (*az-zambudja*), *assucena* (*as-suçâna*), *fulano* (*fulân*).

Após descrever os sons das línguas fontes e os modos como o português os incorporou, Coelho passa a tratar, mais propriamente, dos sons do português.

Com relação às *vogais*, o autor oitocentista afirma que *a, e, o* contam com várias gradações, ou seja, elas podem ser *abertas, fechadas* e *mudas*. Coelho lista, então, diversas regras que especificam em quais situações cada uma dessas gradações aparecem nas vogais.

A – 1) é *aberto* apenas nas sílabas acentuadas, quando é final (*já, má*), ou quando está atrás de qualquer consoante, exceto *m* e *n* (*cavaca, taco*). 2) é *fechado* atrás de *m* e *n* (*ano, fama*), mesmo que a sílaba seja acentuada. Isso ocorre por *m* e *n*

*comunicarem* uma nasalidade para a vogal *a*. 3) é *fechado* em todas as sílabas não acentuadas. 4) *e*, por fim, é *mudo* em sílabas não acentuadas finais.

E – Não é tão regular quanto o *a* nas gradações percebidas por Adolpho Coelho: 1) nas sílabas acentuadas pode ser tanto *aberto* (*Mello, revelo*) quanto *fechado* (*pello, sello*). Embora Coelho afirme que não exista uma condição aparente que determine quando a vogal *e* comporta cada uma das gradações nesse caso, ele estabelece algumas regras:

Se ao *e* acentuado se segue uma syllaba com *e* mudo, ou um *l* final aquelle é aberto: *pelle, leme, reme, neve, sebe, fel, mel*. Ha algumas excepções como *elle* e nas formas verbaes como *esteve, teve*, em que o *e* acentuado é fechado. (Coelho, 1868: 126 – 127, itálico do autor)

2) Em monossílabos terminados em *e*, geralmente é *aberto* (*sé, pé, ré*). Exceção: *crê, vê, sê, dê* etc. 3) Nas palavras enclíticas, é *mudo*: *me, te, se, lhe*. 4) Se o *e* compõe uma palavra que originalmente contava com o segmento *ns* e o *n* é apagado com o passar do tempo, o *e* é *fechado*: *mensa* → *mesa*; *pensum* → *peso*. Exceção: formas verbais em que o *e* é *aberto*, p.e. *péso*. 5) Nas sílabas não acentuadas, o *e* é *mudo*, p.e. *gemer, parecer, rebelde*. 6) O *e* não acentuado inicial tem som de *i*: *egreja*, que segundo o autor, também se escreve *igreja*. 7) Atrás de *lhe* o *e* tem som de *a*, p.e., *conselho*, que segundo Coelho, se pronunciava *conçâlho*.

O – Coelho afirma que o som desta vogal é *exatamente idêntico* ao do ditongo *ou*, como é possível notar, por exemplo, em palavras que deveriam ser escritas com *ou*, mas são escritas com *o*. Exemplo: *bobo*, que vem de *balbus*. Aparentemente, o segmento *al* do latim, passaria ao ditongo *ou* no português, de acordo com Coelho, que dá como exemplo dessa passagem de forma correta a palavra *toup-eira*, que viria de *talpa*. Quanto às regras que determinam as gradações do *o* em aberto, fechado e mudo, o autor estabelece as seguintes: 1) O *o* acentuado é na maioria dos casos *fechado*, p.e., *soco, roto*. 2) Nas formas verbais, normalmente é aberto, distinguindo assim essas formas, dos seus correspondentes adjetivos e substantivos, p.e., *sóco, sôco; tópo, tôpo*. 3) Nos monossílabos, geralmente é aberto, *dó, pó, só*. 4) Nas sílabas não acentuadas, é mudo e soa como *u*: *honesto, modesto*, pronunciam-se *hunesto, mudesto*.



Adolpho Coelho não comenta as vogais *i* e *u*, mas apresenta o seguinte quadro em que explica (v. segunda coluna) que estas vogais não contam com gradações:

A	á (caro)	â (cama, amigo)	a (tema)
E	é (leme)	ê (devo)	e (ledor, tome)
>>		â (conçâlho)	i (eleito)
I	(não tem gradações)		
O	ó (fome)	ô (dono)	u (honesto)
U	(não tem gradações)		

(Coelho, 1868: 128, itálico do autor)

Embora não esteja escrito no quadro, fica evidente que a segunda coluna comporta as gradações correspondentes às vogais *abertas*, a terceira, às *fechadas* e a quarta às chamadas *mudas*.

Por fim, Coelho trata das relações etimológicas dos sons portugueses, afirmando que todos eles são originários das línguas fontes mencionadas. O autor lista, então essa relação em cada uma das vogais:

A – 1) Geralmente *nasce* de um *a* das línguas fontes. 2) Há palavras que do latim para o português, transformou-se o *e* em *a*: *verrere* → *varrer*. 3) Os ditongos *au*, *ae*, *ei* podem, em português, transformarem-se em *a*: *augustus* → *agosto*; *aerameu* → *arame*; *geil* → *gala*.

E – 1) provém do *e longo e breve* latinos e do *i breve acentuado latino*: *bībo* → *bebo*; *niger* → *negro*; *bacillum* → *bacello*; *seintilla* → *centelha*. 2) Pode ser a transformação do *a latino não acentuado*: *smaragdus* → *esmeralda*. 3) Pode ser a transformação do *i latino não acentuado*, p.e. *gingiva* → *gengiva*. 4) Raramente sua origem é do *e acentuado teutônico*, e não raramente do *i breve teutônico acentuado*, como em *hilms* → *elmo*. 5) Pode ter sua origem também no *a* ou *i árabes*.

I – 1) Geralmente o *i acentuado* vem do *i acentuado longo latino*. Pode vir também do *i breve*. 2) Em algumas palavras, representa o *e latino*: *esca* → *isca*. 3) Pode representar, também, o *i longo do teutônico* e o *i longo árabe*. 4) Na palavra latina *coruscare*, representa o *u*, já que em português fica *coriscar*. 5) Por fim, usa-se o *i* para representar o *y* de algumas palavras de origem grega.

O – 1) Tem origem do *o acentuado latino* e do *u acentuado breve latino*, como em *lŭpus* → *lobo*, *lumbus* → *lobo*; *furca* → *forca*. 2) Pode ter origem, também, do *o* e do *u* teutônicos. 3) Poucas vezes representa o *o árabe*. 3) Tem origem do segmento *al* latino, como em *balbus* → *bobo*.

U – Tem origem, geralmente, do *u* das línguas fontes. Mas raramente do *u breve acentuado latino*.

De todo o exposto, gostaríamos de destacar dois aspectos da descrição do autor: 1) o aparato de informações referentes a possíveis filiações e transformações históricas da língua, como um todo, e dos segmentos em análise, em particular; 2) a inserção de novos parâmetros de classificação, como, por exemplo, aqueles que levam em conta específicos contextos de distribuição dos sons. Esses dois aspectos confluem para um texto fortemente marcado pela tentativa de estabelecer regras gerais, processos regulares (e exceções), e oferecer bases seguras para a representação gráfica.

Nas **Noções Elementares**, obra de 1891 de Adolpho Coelho, o autor classifica os *sons vogais* em *nasais e orais* (ou *puros*). Segundo a classificação do autor, os seguintes são os *sons vogais* presentes no português:

Vogais Puras (orais)	Vogais Nasais
a aberto, por exemplo, ha	ã, por exemplo, rã
a fechado, por exemplo, para	ẽ, por exemplo, vento
a guttural, por exemplo, sal	ĩ, por exemplo, fim
e aberto, por exemplo, sé	õ, por exemplo, som
e fechado, por exemplo, sê	ũ, por exemplo, um
e surdo, por exemplo, dedal	
i, por exemplo, li	
o aberto, por exemplo, só	
o fechado, por exemplo, avô	
u, por exemplo, tu	

Quadro 11: Sons vogais do português em Coelho (1891)

Pelo quadro acima é possível verificar que Coelho reconhece como sons distintos as vogais *abertas*, as *fechadas* e os *sons nasais*. Como contamos apenas com cinco letras vogais, Coelho descreve como devem ser representados, na escrita, cada um desses *sons* do português.

Destacamos os seguintes pontos de seus comentários: 1) os acentos agudo e circunflexo são, em determinados casos, utilizados para diferenciar se as vogais *a*, *e*, e *o*, são *abertas* ou *fechadas*. 2) o reconhecimento do *som i* em algumas palavras que são escritas por *e*, afirmando que *e* é uma das *representações* de *i*. 3) o reconhecimento do

som *u* em algumas palavras que são escritas com *o*, afirmando que *o* é uma das representações de *u*. 4) as nasais são ora representadas com o uso do *til*, ora com as consoantes *n*, *m* (voltaremos a este tema no item 4.6 da dissertação). Reproduzimos abaixo o trecho completo do autor:

1) O som *a* aberto ou *a* guttural é representado por *a*, com ou sem accento agudo, p. ex. *cabo*, *tafetá*, *palma*. 2) O som *a* fechado é representado a) por *a*, p. ex. *ama pesa*; b) por *e* no diphthongo *ei* ou quando é accentuado e seguido de *nh*, *lh*, *ch*, ou *j*; p. ex. *primeiro*, *telheiro*, *venha*, *lenha*, *conselho*, *espelho*, *fecho*, *seja!* 3) O som *e* aberto é representado por *e*, com ou sem accento agudo, p. ex. *serra*, *espera*, *fê*. 4) O som *e* fechado é representado por *e*, com ou sem accento circumflexo, p. ex. *pena*, *empeno*, *mercê*. 5) O som *e* surdo é representado a) por *e*; p. ex. *dedal*, *verão*; por *i* em syllaba que não tem accento tonico, seguida de outro *i* na syllaba que tem esse accento, p. ex. *ministro*, *visita*, *exquisito*. 6) O som *i* é representado a) por *i*, p. ex. *isto*, *mirante*; b) por *e*, principalmente inicial, que não tem o accento tonico, p. ex. *emigrar*, *eleição*; c) por *y* em muitas palavras, principalmente d'origem grega, p.ex. *myrto*, *syllaba*, *Estoy*. 7) O som *o* aberto é representado por *o*, com ou sem accento agudo, p. ex. *escora*, *copa*, *fóra*, *pó*. 8) O som *o* fechado é representado: a) por *o*, com ou sem accento circumflexo, p. ex. *roto*, *abono*, *fôra*; b) por *ou*: p. ex. *couve*, *roubo*. 9) O som *u* é representado: a) por *u*, p. ex. *puro*, *duro*, *chuva*, *brutinho*; b) por *o* em syllabas que não têm accento tonico, p. ex. *colorido*, *fortuna*; c) por *w* nalgumas raras palavras d'origem estrangeira, p. ex. *whist*, *wisky*. 10) As vogaes nasaes *ã*, *ê*, *ĩ*, *ô*, *ũ* são representadas, quando se acham no começo ou no meio das palavras a) respectivamente por *am*, *em*, *im*, *om*, *um*, se são seguidas de *p* ou *b*, p. ex. *compra*, *cambada*; *tempo*, *lembro*, *limpo*, *linho*, *campo*, *limbo*, *cumpro*, *chumbo*, b) respectivamente por *an*, *en*, *in*, *on*, *um*, se são seguidas d'alguma das outras consoantes, p. ex. *anca*, *janto*, *ancho*, *tento*, *tenro*, *tinta*, *pincho*, *conto*, *concha*, *junto*, *funcho*. 11) As vogaes nasaes *ĩ*, *ô*, *ũ* são representadas por *im*, *om*, *um* no fim das palavras, p. ex. *fim*, *tom*, *atum*. 12) A vogal nasal *ã* é representada por *an* ou *ã* no fim das palavras, p. ex. *irmam*, *san* ou *irmã*, *sã*. 13) A vogal nasal *ĩ* é também representada por *yn* ou *ym* nalgumas palavras d'origem grega, como *lynce*, *lympha*. (Coelho, 1891: 27 – 28)

### 3.4.3 Síntese

Apresentamos abaixo dois quadros: um com o inventário das vogais pela visão dos gramáticos quinhentistas; e outro, segundo a visão dos gramáticos do século XIX. Como no XIX a distinção das expressões gráficas e sonoras é muito forte, acrescentamos no quadro os *sons* que as *letras* representariam.

Oliveira (1536)	Barros (1540)	Leão (1576)
a grande	a grande	A
a pequeno	a pequeno	e
e grande	e grande	i
e pequeno	e pequeno	o
i	i comum	u
o grande	o grande	y
o pequeno	o pequeno	
u	u comum	

Quadro 12: Inventário das vogais portuguesas nos autores quinhentistas

Couto e Melo (1818)	Soares Barbosa (1822)			Constâncio (1831)	
Não apresenta inventário	Vogal	Som		Vogal	Som
	a e i o u	Oral	Nasal	A	a forte e prolongado
		Á Grande	A til, nasal claro	e	a palatal (nasal)
		A Pequeno	E til, nasal claro	i	e forte e breve
	É Grande Aberto	I til nasal:	o	e brando e longo	
	Ê Grande Fechado	U til nasal	u	e surdo	
	E Pequeno	O til nasal claro	y	e palatal (nasal)	
	I Commum			i longo	
	Ó Grande Aberto			i breve	
	Ô Grande Fechado			i palatal (nasal)	
	O Pequeno			o forte e breve	
	U Commum			o brando e longo	
	Uma entre o E Pequeno e o I Commum			o surdo	
	Uma entre o O Pequeno e o U Commum			o palatal (nasal)	
				u breve	
				u longo	
				u palatal (nasal)	

Aulete (1864)		Coelho (1868)		Coelho (1891)	
Vogal	Som	Forma escrita	Som	Letra Vogal	Som Vogal
A a	á, â	a	a aberto	A	a aberto
E e	é, ê, è	e	a fechado	e	a fechado
I i	i	i	a mudo	i	a gutural
O o	ó, ô, u	o	e aberto	o	a nasal
U u	u	u	e fechado	u	e aberto
			e mudo		e fechado
			i, não tem gradação		e surdo
			o aberto		e nasal
			o fechado		i
			o mudo		i nasal
			u, não tem gradação		o aberto
					o fechado
					o nasal
					u
					u nasal

Quadro 13: Inventário das vogais portuguesas nos autores oitocentistas

Em comparação com o século XVI, a principal continuidade observada nos autores oitocentistas é o fato de *vogal*, junto com *consoante*, ser uma subclassificação de *letra*. A vogal ‘incide’, para estes autores, sobre os segmentos que podem ser pronunciados sozinhos. Ao passo que as *consoantes* apenas o podem se estiverem junto de alguma vogal.

Com exceção de Adolpho Coelho, que considera *vogal* e *consoante* tanto como subclassificação de *letra* quanto de *som*, em todos os autores os metatermos *letra*, *vogal* e *consoante* “incidem” sobre a expressão gráfica dos *sons* (ainda que, em alguns momentos, como vimos, haja algumas imprecisões em suas explicações e definições).

Do ponto de vista da língua descrita, Oliveira e Barros afirmam existir 08 vogais no português. Nunes de Leão, seis (contando o y), já que acredita que as vogais abertas

e fechadas são uma só, com acentuação diferente (isto é, que não há propriamente *distinção* entre elas).

No século XIX, os autores deixam mais clara a diferença entre o que seja expressão gráfica e expressão sonora. Assim, de um modo geral, concordam que existam cinco vogais (unidade gráfica) para representar mais do que cinco segmentos fônicos. Propõem como solução para o problema da grafia o uso de específica acentuação ou duplicação de grafemas no caso das *vogais grandes (abertas)*. Incorporam-se novos parâmetros para a classificação desses sons (por exemplo, o seu papel de variantes, antes explicitado discretamente apenas na discussão feita por Nunes de Leão) e também novos metatermos (Adolpho Coelho é o primeiro desses autores que substitui os metatermos *pequeno* e *grande* por *fechado* e *aberto*, tal como tendemos a usar atualmente).

Outro ponto é a mudança de estatuto dos segmentos nasais. Com exceção de Aulete, que não menciona vogais nasais ou nasalizadas, e de Coelho (1868), que menciona apenas que existe uma comunicação da nasalidade das consoantes *m* e *n* quando elas vêm logo depois das vogais, todas as obras do século XIX (até a mais tardia de Coelho (1891)) classificam as vogais em dois grupos, o das *orais* e o das *nasais* (ou *palatais*, no caso da gramática de Constâncio).

Entre os autores oitocentistas, a principal novidade é o tratamento dado por Adolpho Coelho à descrição dos *sons* em sua obra de 1868, pois nela o autor não se preocupa apenas em descrever cada som vocálico do português, mas em demonstrar a sua origem, tratando, para isso, dos sons das principais línguas fontes. Parece que o autor parte de uma análise do léxico para determinar quais seriam essas línguas. Ele seria preponderantemente latino, mas teria herdado alguns itens do teutônio e do árabe. Nas descrições realizadas, partindo das línguas-fontes, o autor acaba por verificar que o percurso histórico das diferentes vogais, carregadas pelos itens lexicais para o português, foi semelhante (qualquer que tenha sido a origem). Essa obra introduz a perspectiva histórica como fator essencial no tratamento dos segmentos fônicos.

### 3.5 CONSOANTES

#### 3.5.1 Consoantes para o século XVI

##### 3.5.1.1 Fernão de Oliveira

Oliveira classifica as *letras* em *vogais* e *consoantes*. As primeiras são as que contam com *voz perfeita* e as segundas as que não contam.

As *consoantes* são classificadas em *mudas* e *semivogais*. Quanto à incidência, a *consoante semivogal* corresponde a *consoantes* que, assim como as *vogais*, podem finalizar as *vozes*<sup>67</sup>. As *consoantes mudas*, por sua vez, não o podem. Desse modo, segundo o autor, as *semivogais* são: *l, r, s, z*. Das *semivogais r* e *l* são classificadas como *liquidas* por terem como característica ser *diminuídas de sua força*. As *mudas* são: *b, c, d, f, g, m, n, p, q, t, x*. Embora Oliveira assuma que seja comum observar palavras finalizadas com a *letra m*, afirma que isto é incorreto, defendendo, neste caso, o uso do *til*<sup>68</sup>.

*K, ph, e pf* são excluídas por Oliveira do alfabeto; para o autor, estas *vozes* nunca teriam sido ouvidas no português.

As *letras* apresentadas até aqui são chamadas por Oliveira de *acostumadas*. Inclui, após elas, as *letras menos acostumadas*, a saber: *ç, j, rr dobrado, ff. dobrado, v, y, ch aspirada, lh aspirada, nh aspirada*. Não fica totalmente claro o que significa uma *letra* ser mais ou menos *acostumada*, mas, aparentemente, são mais *acostumadas* as que estão há mais tempo em uso no português, e menos *acostumadas* as que estão há menos (mas não pouco) tempo: “*E posto q chamafemos a estas menos acostumadas: nẽ por yffo fãõ nouas: mas antes a neçeffidade as pos ja em ufo muyto ha.*” (Oliveira, 1536: capítulo X)

Depois de classificadas as *letras* nesses grupos, Oliveira passa à descrição acústico-articulatória de cada uma delas. Essa descrição que o autor faz leva em conta o que chama de *próprio* e de *comum* de cada letra, ou seja, as características únicas de cada letra e o que há de semelhante entre elas. Note-se, por exemplo, como o autor descreve as consoantes *b* e *p*; *d* e *t*<sup>69</sup>:

---

<sup>67</sup> Como vimos na seção 4.3.1, *voz*, para Oliveira, ‘incide’ sobre a manifestação sonora de qualquer segmento da língua, desde de *letra* até *palavra*. Provavelmente, nesta passagem de sua gramática, *voz* faz referência à *sílaba* e à *palavra*.

<sup>68</sup> Tratamos mais detalhadamente deste tema na seção 4.6, que analisa os metatermos *nasal* e *oral* nas obras de nosso *corpus*.

<sup>69</sup> A descrição, na gramática, é feita por ordem alfabética. Desse modo, *b*, não vem logo antes de *p*, e *d* não vem logo antes de *t*.

PRõũçiallẽ a letra .b. antros beyços aptados lâçãdo para fora o bafo com impeto: τ quali com baba.

A força ou virtude do .p. e a mefma q a do .b. fe não quetraz mays efpirito.

A prõunciação da letra .d. deita a lingua dos dentes δ çima com hũ pouco de efpirito.

O .t. tẽ a mefma virtude do .d. com mays efpirito toda via tira o .t. pera fora.

(cf. Oliveira, 1536: capítulo XIII)

Assim, as letras pronunciadas *com mais efpirito* são a que consideramos hoje desvozeadas, enquanto as que contam com *menos efpirito*, são as vozeadas.

Oliveira inclui no alfabeto a letra *q*, mesmo afirmando que Quintiliano teria dado a entender que ela seria *sobeja*, uma vez que sempre escreveram *c* ou *ç* no lugar dela.

Oliveira decide incluí-la, pois

como qr q feja nola auemos mester na noflã lingua allĩ para em alghũas dições q de neçellidade tẽ .u. liquido como quali quãdo. quãto. qual. τ outras femelhãtes como tambẽ pa qndo fe feguẽ .i. ou .e. por tirar a duuida q pode auer ãtre .c. τ .ç. (Oliveira, 1536: capítulo XIII)

As consoantes *ch*, *nh*, *lh* são chamadas de *aspiradas* por Oliveira. O autor observa que elas não têm *figura* própria. A diferença delas para as outras letras ocorre devido ao maior *espirito* com que são produzidas: “*mas e aspiração hũ grande efpirito grande digo eu em cõparação do acoftumado nas letras τ vezes: τ effe grande efpirito arrancado do eftamago*” (Oliveira, 1536: capítulo XVI)

### 3.5.1.2 João de Barros

As *letras consoantes*, para João de Barros, são aquelas que *soam* apenas se acompanhadas de *vogal*. Por exemplo, “*b, per fy fõ nam fõa, e com esta letera uogál, e, dizemos, be*” (Barros, 1540: 40v).

A classificação proposta por Barros tem como base o *nome* das *consoantes*.

1) *mudas*: *b, c, d, f, g, p, q, t*. São assim classificadas, pois, segundo Barros, quando separadas das vogais, ficam sem nome.

2) *meias vogais*: *l, m, n, r, s* são meias vogais, pois têm antes e depois de si vogais que as nomeiam (ele, ene etc).

2.1) *líquidas*: as *meias vogais l, m, r* são *líquidas*. *L* e *r*, de acordo com o autor, no meio das prolações são *diluídas*, *derretidas*, e, por isso, são quase imperceptíveis. Exemplifica com *clamor*, *cravo*. Com relação ao *m*, diz ser *consoante líquida* quando pode ser substituído por *til*, como em *pães*.

Após esses comentários gerais, Barros passa à descrição de cada *letra*, ou grupo de *letras*, do português. Essas descrições levam em conta, por exemplo, quais as posições da *dição*, ou *palavra*, que a *letra* pode ocupar, qual *vogal* pode ir depois de determinada *consoante*, quando determinadas *consoantes* são dobradas etc. Trata-se de uma descrição de contextos convencionados de ocorrência e não de uma descrição de propriedades.

### 3.5.1.3 Nunes de Leão

Para o autor, as *consoantes* são as *letras* que só podem ser pronunciadas se *tocarem* ou *ferirem* alguma *vogal*. Há, segundo Nunes de Leão, duas *espécies* de *consoantes*:

1) As *mudas*: b, c, d, f, g, k, p, q, t, i (consoante), u (consoante). São *mudas* por que não soam nem podem ser pronunciadas sem uma vogal.

2) As *semivogais*: l, m, n, r, s, x, z. Segundo o autor, não são *semivogais* por terem o nome iniciado e finalizado por uma vogal (tal como afirma Barros), mas por, apesar de sozinhas não formarem sílaba, serem formadas em um ponto da boca que faz com que não precisem de uma vogal para soar.

Nunes de Leão também descreve *letra* por *letra*. Com relação às *consoantes*, ele faz comentários sobre a origem de algumas delas, sobre a forma gráfica de outras, e mostra, por exemplo, as proximidades que existem entre algumas delas, como no seguinte trecho em que fala de *b* e *p*:

B. & P. ão letras mudas entre lí mui chegadas. E afsi como fe pronũciãõ, & formãõ na mefma parte da bocca, & qualí cõ a mefma poftura dos instrumẽtos, dãõ hum fom mui femelhante. Soo teẽ esta diferença, q o .b. pronũciamos, lançãdo do meo dos beiços o fom: & o .p. pronuncia fe apertando os nbeijos, & lançãdo o fpiritu & folego mais de dêtro. (Leão, 1576: 03v)

Desse modo, é possível afirmar que os autores do século XVI concordam que a *consoante* é a subclassificação de *letra* que não conta com uma *voz perfeita*, ou seja, que não pode ser pronunciada nem pode formar sílaba sem o auxílio das *vogais*.

Os três autores classificam as consoantes em *mudas* e *semivogais*, embora a definição desses conceitos, como vimos, não seja exatamente a mesma.

1) Fernão de Oliveira e Nunes de Leão consideram têm como base um critério acústico: Para Oliveira, as mudas não podem finalizar vozes, já as semivogais, assim



como as vogais, podem finalizar as vozes; para Leão, as mudas não soam nem podem ser pronunciadas sem vogal; as semivogais, embora não formem sílaba, não precisam de uma vogal para soar.

2) João de Barros se baseia na nomenclatura dessas letras, embora isso se reflita na pronúncia (critério acústico) desses segmentos: as consoantes mudas, quando separadas das vogais, ficam sem nome; as semivogais têm uma vogal que inicia e uma vogal que finaliza o seu nome (p.e. *ele, em*)

### 3.5.2 Consoantes para o século XIX.

#### 3.5.2.1 Couto e Melo

Para Couto e Melo, *consoante* é a expressão gráfica das *articulações*. Ela é, junto com as *vogais* (expressão gráfica das *vozes*), uma das *classes* de *letra*, que corresponde aos sinais *figurados, visíveis e permanentes* que expressam os *sons*.

As *consoantes* contam com:

1) duas *ordens*: *Consoante simples*, que é a “expressão d’articulação simples: v. g. *m, d, v, &c.*” e *Consoante combinada*, isto é, “a expressão de duas ou mais articulações: v. g. *br, str, &c.*”

2) três *gêneros*: *Consoante labial*, que “é a expressão d’articulação causada pelo movimento dos beiços: v. g. *m, d, br, &c.*”; *Consoante lingual*, ou seja, “a expressão d’articulação causada pelo movimento da língua: v. g. *d, l, dr, &c.*”; e *Consoante gutural*, isto é, “a expressão d’articulação causada pelo movimento da garganta”.

3) três *espécies*: esta classificação leva em conta critérios acústicos e é relativa “ao maior ou menor apêgo das partes móveis principais da boca e á maior ou menor força, com que se-expressa o ar sonoro; a saber: 1ª *Fortes*, 2ª *Fracas*, 3ª *Fraquíssimas*.”

Couto e Melo, como já dissemos na análise do metatermo *vogal*, não faz, como os outros autores, uma descrição *letra a letra* ou de grupos de *letras*, mas apenas os comentários gerais e a proposta classificatória apresentados acima.

### 3.5.2.2 Soares Barbosa

Em Barbosa (1822), as *consoantes* são a representação gráfica das *consonancias*. Assim como as *vozes* o são das *vogais*. Embora considere ambas como sendo *articulações*, o autor aponta três aspectos básicos que as diferencia:

1) As *vozes* são articulações de um *som* ainda sem forma da glótis; as *consonâncias* são articulação do *som* já formado em *voz*.

2) A articulação que forma as *vozes* se refere apenas à abertura da boca, enquanto a articulação das *consonâncias* envolve os movimentos das partes móveis do *órgão vocal* (suas partes móveis são os beijos e a língua (cf. barbosa, 1822: 08)).

3) O *som das vozes* pode durar tanto quanto durar a abertura e posição do canal que o produz, o *som das consonancias* é *instantâneo*.

As *classes de consonância* serão tantas quantas forem as partes móveis do órgão vocal, como essa partes são *lábios* e *língua*, as *consonâncias* são todas *labiais* ou *linguais*.

O autor descreve todo o mecanismo e movimento articulatório de cada uma dessas *consonâncias*:

As primeiras ou são *Labiaes Puras*, produzidas por ambos os beijos, que se unem para interceptar a voz, e se abrem para a soltar; ou são *Labiaes Dentaes*, produzidas pela interceptação do beijo inferior com os dentes superiores. As primeiras são tres, a saber: huma *Labial Branda*, porque o seu toque he menos forte como B em *Bála*; outra *Labial Forte*, assim chamada, porque não tem differença da primeira senão no gráo maior de força, com que se exprime, como P em *Pála*; e a terceira em fim *Labial Nasal*; porque o seu mecanismo faz refluir pelo nariz parte do som, que sae pelo canal da bocca, tal como M em *Mála*. (Barbosa, 1822: 08)

Colocamos acima o trecho em que descreve as *labiais puras, dentais e nasais* como ilustração do que dissemos a respeito do seu modo de descrever essas *letras*. Apresentamos a seguir, o quadro com as todas as *consonâncias* portuguesas para, em seguida, fazermos comentários mais gerais sobre os critérios de caracterização dessas *consonâncias*.

Tecla Labial Pura	Branda Forte Nasal	B P M	Bála Pála Mála	
Tecla Labial Dental	Branda Forte	V F	Vála Fála	
Tecla Lingual Guttural	Branda Forte	G, GU C, QU	Gálo, Guêto Cálo, Quêdo	
Tecla Lingual Dental	Branda Forte	D T	Dála Tála	
Tecla Lingual Palatal Sibilante	Branda Forte	S, Ç Z	Sáoco, Çumo Záco	
Tecla Ling. Palat. Chiante	Liquida Forte Branda Forte	S X J, G CH	Sciencia Xára Jára, Gêso Chárra	
Tecla Ling. Palat. Nasal	Branda Forte	N NH	Náfete Nhafete	
Tecla Ling. Palatal	Pura	Liquida Forte	L LH	Lama Lhama
	Tremo- lante	Liquida Forte	R RR	Caro Carro

(Barbosa, 1822: 11)

Podemos observar que, de um modo geral, a distinção que o autor faz entre consoantes *brandas* e *fortes*, equivale ao que hoje chamamos de *vozeadas* e *desvozeadas*, respectivamente.

Barbosa aponta na tabela os casos em que há dois modos de representar ortograficamente o mesmo *som*, como, por exemplo, em “tecla lingual gutural”, “g” e “gu”; “c” e “qu”.

Com relação às *labiais dentais*, Barbosa afirma que, por elas serem de um mecanismo mais fácil de pronúncia, são as primeiras produzidas pelas crianças. Por isso, chamam-se, também, *consonâncias infantis*.

As *sibilantes* são as que produzem uma espécie de *assobio*. As *chiantes*, as que fazem algum tipo de *chio*.

Além dessas classificações, Barbosa separa as *consonâncias em*:

1) *Mudas*: são as em que as *vozes* são totalmente interrompidas. São elas: B, P, M, V, D, T, G, C, N, NH, CH, L, LH.

2) *Semivogais*: são as que o *som* se intercepta parcialmente: “taes são o F, as duas Sibilantes S, Z, as tres Chiantes S, X, J, e as duas Tremolantes R, RR” (Barbosa, 1822: 12)

O critério para a divisão dessas consonâncias em *mudas* e *semivogais* que leva em conta os seus nomes (por exemplo, como vimos em João de Barros (cf. seção 4.5.1)), é, de acordo com Barbosa, equivocada, pois seria uma divisão originalmente

latina que não se aplicaria ao português.

Outra distinção existente entre as *consonâncias* as classifica em:

1) *líquidas*, ou seja, as que, por terem um mecanismo mais fácil de pronúncia, são mais fluidas e se associam *amigavelmente* a outras *consonâncias*, parecendo fazer com elas *um mesmo corpo*. São *líquidas*: o *S solitário* (quando não tem vogal adiante) e as duas *palataes brandas* L e R.

2) *Fixas*: seu mecanismo não sofre associação imediata com outras *consonâncias*, e por isso não fazem sílaba com elas. Fora as *líquidas* mencionadas acima, todas as outras *consonâncias* são *fixas*.

### 3.5.2.3 Constâncio

Constâncio classifica as *letras* e os *sons* em *vogais* e *consoantes*. As diferencia afirmando que as *consoantes* não podem ser *moduladas* nem *cantadas*, enquanto que as *vogais* o podem. Embora o autor não utilize o metatermo *articulação*, concorda que esta é uma boa maneira de se referir às *consoantes*. Segue abaixo o trecho completo:

O caracter das vogaes he serem susceptiveis de se prolongarem, e de se poderem modular ou cantar, propriedades que resultão de serem sons produzidos pela diversa abertura da boca, e força da emissão do ar expirado. Algumas vogaes requerem para se pronunciarem, certa posição dos beiços, como o *u* francez. Dos sons consoantes, ou, como outros melhor lhe chamão, *articulações* ou *sons articulados*, huns podem prolongar-se, outros não; mas nenhum se pode cantar ou modular. Esta he a verdadeira distincção entre as vogaes e as consoantes. (Constâncio, 1831: 13)

A partir de divisões que *Constâncio* considera inexatas, feitas por gramáticos que teriam ignorado o “*verdadeiro mecanismo da voz humana, que ainda hoje não está bem conhecido*” (1831: 12), chegou-se a classificação

em letras labiaes, dentaes, palataes, puras ou compostas d’estes elementos, e dos sons sibilante, chiante, tremolante e nasal. Tambem se distinguirão as letras em mudas e semivogaes, em líquidas e fixas, sem que d’essas denominações resulte utilidade real para a recta pronúncia ou orthographia. (Constâncio: 1831: 13)

Apesar da crítica que faz à nomenclatura apresentada, é ela que utiliza em suas explicações sobre as letras do português. O que pode nos fazer supor que ela tenha tido algum tipo de aceitação na época.

A classificação particular que faz é a das *consoantes prolongáveis* e das *não prolongáveis*. Apresenta o seguinte quadro das primeiras:

*Sons e letras consoantes prolongáveis.*

v forte f branda	labiaes dentaes.	vá, viva, voz. fel, foz.
s, ç, ss brandos z, s forte	linguaes palataes. sibilantes.	sal, cimo, çumo, osso. zaz, zorra, zagaia, uso.
x, ch forte j, g brando	id. id. chiantes.	xiar ou chiar, enxó. já, giz.
r brando e liquido rr ou r forte	lingual palatal. vibrante	era, caro, bravo. raia, rei, ré, erro, arre.

(Constâncio, 1831: 13 – 14)

O que o autor chama de *consoantes prolongáveis* parece equivaler ao que compreendemos hoje por *fricativas*.

Com relação às não prolongáveis, existem as seguintes:

1) *guturais*, ou seja, “*pronunciadas da garganta e parte posterior da boca, e tem grande analogia com as aspirações de outras linguas*”. São elas: “g/gu”, “q/qu”, “c/k”. Constâncio considera “g/gu” como as prolongáveis fortes.

2) *labiais puras*: branda (b); forte (p); nasal (m).

3) *linguais dentais*: branda (d); forte (t).

4) *linguais palatais*: líquida (l); líquida forte (lh); nasal branda (n); nasal forte (nh).

Constâncio explica que, tirando as *guturais*, todas as outras precisam de uma vogal para se distinguirem. E acrescenta que as consoantes L (lingual palatal não prolongável) e R (lingual palatal brando e líquido) são líquidas, pois se associam facilmente com as *consoantes mudas*. Por exemplo, em *tecla, frouxo, crer*.

No plano da ortografia, o autor assinala que há casos em que um *som consoante simples* é grafado por duas *letras*:

Ch equivale a x em *cixo*. Ex. *acha, acho, achas, chaga*. Soa k em muitas vozes de origem grega escriptas em latim por *ch* e em grego por *x*. Ex. *Monarchia, Archeo, Archonte, Acheronte, Achilles*, etc. *Gu* muitas vezes he guttural, como em *Guia*, sem soar o u.

*Lh*, quando forma syllaba com vogal, sôa como em *velho, malho*.

*Nh*, quando forma syllaba com vogal, sôa como em *manha, sanha*.

*Ph* sôa f em vozes de origem grega escriptas por φ e por *ph* em latim. Exemplo. *philosophia*, etc.

*Qu* muitas vezes sôa q. Ex. *querer, querido*.

*Rh, Th* sôão r, t: Ex. *rheumatismo, thuribulo*.

(Constâncio, 1831: 11 – 12)

E os casos em que há mais uma *letra* para grafar um único *som*:

Para o som de *k* temos o *c* antes de *a, o, u, o q e qu*.  
 Para o som de *ç*, temos *s, ss, x*.  
 Para o som de *f*, temos *ph*.  
 Para o som de *j*, temos *g* antes de *e, i*; *g* antes de *a, o, u*, sôa como em *ganhar, gozo, gula*.  
 Para o som de *x* temos *ch*, etc.  
 (Constâncio, 1831: 12)

### 3.5.2.4 Caldas Aulete

Em Caldas Aulete, as *consoantes* representam graficamente as *articulações*<sup>70</sup>.

As *consoantes* podem ser *compostas*, ou seja, *duas consoantes* ou *uma consoante e uma vogal* representando graficamente uma *articulação simples*. As principais, segundo Aulete (1864: 05), são:

ou <sup>71</sup> ..... equivale a ..... ô	mm ..... equivale a ..... m
ie ..... “ ..... i	nn ..... “ ..... n
uo ..... “ ..... u	pp ..... “ ..... p
bb..... “ ..... b	rr rh ..... “ .....r
cc ..... “ ..... c	ss ..... “ ..... s
dd..... “ ..... d	tt th pht ..... “ ..... t
ff ph .... “ ..... f	gu ..... “ ..... g
gg ..... “ ..... g	ch ..... “ ..... x ou q
ll ..... “ ..... l	qu ..... “ ..... q

No quadro acima, elaborado por Aulete, a primeira coluna corresponde à forma gráfica dos sons da segunda coluna.

Podem ocorrer, também, palavras em que haja duas *articulações* em uma mesma sílaba e as duas são perceptíveis. Estes casos Aulete denomina de *articulações complexas*. As principais, de acordo com o autor (1864: 05), são:

bl	gn	chr	pç
br	gr ggr	phl	ps
cl ccl	pl ppl	phr	pt
cr ccr	pr ppr	cç	sc
dr	tl	ct	st
fl ffl	tr ttr	gm	
fr ffr	vr	gn	
gl ggl	chl	mn	

Como vimos na seção 4.1 desta dissertação na qual tratamos do metatermo *som*, em Aulete (1864), a *articulação* é o elemento que *modifica* os *sons simples* (*voz/vogal*) da língua. As *consoantes* são a representação gráfica destes elementos.

<sup>70</sup> É possível conferir a tabela com todas as vogais e consoantes tratadas por este autor na seção XXXX desta dissertação

<sup>71</sup> Como vimos na seção 4.4.2, há também as *vogais complexas*, que correspondem aos três primeiros exemplos desta lista.

### 3.5.2.5 Adolpho Coelho

Assim como fizemos na seção desta dissertação em que tratamos das *vogais*, analisaremos as *consoantes* em Adolpho Coelho (1868) em duas partes: a primeira é a análise das *consoantes* no que diz respeito ao tratamento que ele dá para os *sons* das *línguas fontes* do português (ou seja, conforme ele estabelece, latim, árabe e teutônico), e a segunda corresponde à análise que ele faz na seção “*sons portuguesas e suas relações etimológicas*” na mesma obra. Apesar de a primeira parte receber o título de “sons das línguas fontes”, tanto esta quanto a segunda fazem referência à relação do português com as línguas fontes.

#### Consoantes do Latim

Como vimos, no início de sua descrição, Coelho desenha a seguinte tabela:

Alphabeto latino ordenado physiologicamente							
Consoantes						Vogaes	
Continuas			Explosivas			$\left. \begin{array}{l} a, \tilde{a} \\ i, \tilde{i} \\ o, \tilde{o} \\ u, \tilde{u} \end{array} \right\} e, \tilde{e}$	
Asperas	Brandas	Trilhadas	Asperas	Brandas	Nasaes		
Gutturaes	<i>h</i>	.....	.....	<i>c, q</i>	<i>g</i>		<i>n</i>
Palataes	.....	<i>j</i>	.....	.....	.....		.....
Linguaes	.....	.....	<i>r, l</i>	.....	.....		.....
Dentaes	<i>s</i>	.....	.....	<i>t</i>	<i>d</i>		<i>n</i>
Labiaes	<i>f</i>	<i>v</i>	.....	<i>p</i>	<i>b</i>	<i>m</i>	

(Coelho, 1868: 33)

Coelho explica que as *consoantes* estão expostas na tabela a partir *dos seus órgãos*, ou seja, pelo seu ponto de articulação; e pela *sua natureza*, isto é, pelo seu modo de articulação. Apesar de não explicar por que, afirma que faltam na tabela as letras duplas *x* e *z*. Um pouco mais para frente da obra são descritas quase todas as consoantes do latim, entre elas está o *z*. Porém, dessa descrição, é possível intuir que *letras duplas* refira-se a *letras* que contam com mais de um som. O *z*, por exemplo, segundo o autor, era pronunciado em latim como “*ds*”.

Coelho comenta uma nomenclatura que era, segundo ele, utilizada pelos *antigos gramáticos* e da qual, ainda em seu tempo, muitos *filólogos* se valiam: *r, l, m, n* eram chamadas de *liquiditas*; *c, t, p, g, d, b* de *mutas*; *c, t, p* *tenues*; *g, d, b* *medias*; *h, j, s, f, v*

de *spirantes* (cf. Coelho, 1868: 34). O autor explicita, ainda, os *pares de consoantes compatíveis em latim*, por exemplo, *cl, pl, bl, fl* no meio de palavras.

Passa, então, a tratar da *pronúncia* das consoantes do latim.

Após expor como seriam as pronúncias das *letras* no latim, Coelho explica que, no próprio latim, já se trocavam algumas *letras* por outras em determinadas palavras, o que é possível saber devido a testemunhos de gramáticos e por ser possível comparar textos em latim arcaico com textos em latim clássico. Essas mudanças, porém, teriam sido muito limitadas e reservadas, principalmente, ao domínio da fala popular. Essas alterações, que o autor denomina de *decadência fonética*, teriam tido efeito sobre a língua portuguesa.

O *modo* como essas consoantes se manifestam no português, ou seja, se são aspirantes, guturais etc, depende, principalmente, da posição que ocupam na palavra. Desse modo, Coelho classifica essas consoantes em *iniciais, mediais e finais*.

Da página 60 à página 95, Coelho (1868) faz longas listas de exemplos de como as consoantes latinas dão origem às do português, de acordo com suas posições *inicial, medial e final*. Para ilustrar, transcrevemos o trecho em que trata da *gutural c*:

Esta consoante é ora tractada como guttural, ora como spirante dental. Um terceiro modo de a representar revela influencia estrangeira.

I. 1. Atrás de *o, u* e em geral atrás de *a* conserva *c* o seu valor como guttural, dependendo a sua qualidade da posição na palavra.

Inicial lat. *c* = port. *c*: *canna, cadella* (catella), *cabresto* (capistrum), *causa, coito, cobra* (coluber), *cor* (color), *cortiça* (cortex \* corticia), *costa, corvo* (corbus), *culpa, cunho* (cureum), *curar, curvo, cultura*. Ha excepções em que o *c* nessa posição se acha representado por a media (*g*); assim *gamella* (camella), *gato* (catus), *gurgulho* (curculio), *gavea* (cavea). Em *gurgulho* ha um resultado da assimilhação: o segundo *c* mudado em *g* influi sobre o primeiro. (Coelho, 1868: 60 – 61, itálicos do autor)

As explicações sobre a *gutural c* seguem por mais oito páginas, nas quais Coelho exemplifica as combinações, germinações e as outras posições em que ocorre. O mesmo tipo de descrição é feita das outras consoantes, que são classificadas nos seguintes grupos:

Consoantes do latim	
Explosivas ásperas	Gutural c Gutural q Dental t Labial p
Explosivas brandas	Gutural g Dental d Labial b
Continuas Spirantes	Gutural h Palatal j



	Dental s Dupla dental z Labial aspera f, ph Labial branda v
Contínuas Trilladas	Lingual forte r Lingual fraca l
Explosivas nasais	Dental n Labial m

Quadro 14: Consoantes em Coelho (1868)

As consoantes do teutônico que teriam representação no português são, de acordo com Coelho (1868: 109 – 116), as que compõem o seguinte quadro:

Consoantes do Teutônico	
Explosivas asperas	K, T, P
Explosivas brandas	G, D, B
Continuas spirantes	H, J, S, F, W
Líquidas	L, N, R

Quadro 15: Consoantes do teutônico, Coelho (1868)

Para cada uma das consoantes, Coelho faz uma lista de palavras que evidencia como se deu a passagem das letras da língua germânica para o português. Um exemplo dessas listas é o trecho abaixo, em que o autor fala da *consoante explosiva aspera P*:

P. Tanto inicial como medial conserva-se o *p* em geral inalterado: *polé* (ing. *pull*, ansax. *pullian* vb.), *placa* (holl. *plak*), *espiar* (*spēhon*), *raspar* (*raspôn*), *tampa* (ing. *tap*), *estampar* (ing. *stamp*, aalall. *stamphôn*), *espeque* (holl. *spaecke*), *galopar* (got. *hlaupon*), *sopa* (anors. *saup*), *rapar* (hall. *rapen*)

Do aaltall. *f* por *pf* = *p* ha alguns exemplos: *garfo* (*krafo krapfo*), *esquife* (aaltall. *skif*, got. *skip*). O *f* acha-se representado por *v* em *esquivar* der. de *esquife*, *escavar* (holl. *scrafen*, maltail, *schrapfen*, etc.). (Coelho, 1868: 110 – 111, itálicos do autor)

A terceira língua fonte de que fala Coelho, o árabe, conta com as seguintes consoantes representadas no português (cf. 1868: 118 – 123):

Consoantes do árabe	
Ordem gutural	C, Q, Khâ, Gayn, Ha
Ordem palatal	Djim, Chin
Ordem dental	T, D, S, Z
Ordem labial	B, F, W
Líquidas	L, R, M, N

Quadro 16: Consoantes do árabe, Coelho (1868)

Assim como faz com as outras línguas fontes, lista palavras com cada uma das consoantes, evidenciando as alterações por que elas passaram (ou não) quando palavras árabes foram incorporadas ao léxico do português. Note-se, por exemplo, a letra *Khâ*:

Khâ. Ha um unico exemplo do *khâ* inicial: é *falifa* Eluc. (khauîfa). Medial é representado por *f*: *alforge* (al-khordj), *alfaiate* (al-khaivat), *alfombra* (alkhomra),

*alfange* (alkhandjar), *almofada* (al-mikhadda), *safra* (çakhrah), *tabefe* (tabikhe). Também algumas vezes é representado por *c* como em *alcachofa* (alkharchuf). (Coelho, 1868: 119, itálicos do autor)

A seção em que Coelho trata das consoantes portuguesas é a que ele denomina “*Sons portuguesas e suas relações etimológicas*”.

O primeiro ponto abordado pelo filólogo português é a questão da representação gráfica dessas consoantes. Como já dissemos anteriormente, o autor considera que os alfabetos português e latino são os mesmos, salva a distinção que há, no português, entre as letras *u* e *v*. Mas, embora seja o mesmo alfabeto, ele representa, em certos casos, sons diferentes em cada língua. Alguns desses sons foram *desenvolvidos organicamente* no português a partir de sons latinos, e, por isso, usa-se o sinal de origem da língua latina para representá-los.

A representação gráfica dessas consoantes que sofreram mudança na passagem do latim para o português é feita por Coelho a partir de uma análise acústico-articulatória. As *consoantes* que o autor identifica são as seguintes:

- a) *Tenue*<sup>72</sup> *guttural*: é expressa pelos sinais *c* seguido<sup>73</sup> de *a*, *o*, *u*; *qu*, seguido de *e*, *i*; *ch* em algumas palavras de origem grega, como *archanjo*; *k*, em algumas palavras de origem grega ou asiática, como *kilo*, *kiosque*.
- b) *Tenue dental*: é expressa por *t*, geralmente em palavras de origem latina ou teutônica; e por *th*, quando corresponde ao  $\theta$  grego.
- c) *Spirante aspera dental*: expressa por *s*, inicial, antes ou depois de consoante; *ç*, seguido de *a*, *o*, *u*; *ss*, medial, geralmente quando provém de geminação latina; *z* nos finais no singular, como em *abestruz*.
- d) *Spirante dental branda*: expressa por *z*, equivalente ao *c* latino, como em *prazer*, ou em grego *z* como em *zelo*; *s*, geralmente entre vogais.
- e) *Sibilante palatal fraca*: é representado por *g* quando provém do grego; e por *j* quando provém do *i* palatal latino.
- f) *Sibilante CH*: representada por *CH* e por *X*, quando provém do *x* e *ss* latinos.
- g) *Spirante labial aspera*: é representada pelo *f*, que é igual ao *f* latino; e por *ph*, que é igual ao  $\phi$  grego.

---

<sup>72</sup> *Tênue*, segundo o dicionário de Linguística de Duboi *et al* é a maneira como muitos gramáticos antigos chamavam as consoantes mudas, que não comportam nenhuma emissão de ar.

<sup>73</sup> O autor utiliza a expressão “atrás de” “*c* (atrás de *a*, *o*, *u*)”, que pode gerar uma confusão na compreensão, por isso, optamos por usar a expressão “*seguido de*”.

Após essa descrição da representação gráfica de algumas consoantes, Coelho afirma que as *letras duplas cc, tt, pp, gg, dd, ss*, etc devem ser consideradas *um som simples*.

Completa ainda com a afirmação de que muitas letras geralmente não têm *valor fonético* algum, como, por exemplo, no caso do *c* em *juncto, tactica* e o *m* em *somno*.

O autor, então, afirma que sua intenção não é propor uma nova ortografia para o português. Ele a aceitava tal como se encontrava no período (1868), mas tinha o objetivo de buscar, nessa ortografia, “*a linguagem viva, os sons como elles são pronunciados pelo povo que falla portuguez*”. (Coelho, 1868: 125-126)

Desse modo, o próximo passo de Coelho é o de listar as particularidades de alguns *sons* do português. Começa sua descrição com as *vogais*, e depois passa às *consoantes*, sobre as quais fala levando em consideração os seguintes aspectos:

a) No português há cinco consoantes que o latim não possui: *j* com som de *g* seguido de *e, i*; *ch*; *z* com som de *s brando*; e as consoantes molhadas *lh* e *nh*. A origem desses sons não é de outra língua, mas de um desenvolvimento orgânico no período da formação do português, pelo processo de *alteração* ou *decadencia phonetica*. “*O desenvolvimento d’esses novos sons é pois organico, e efetivamente elles não são mais que um resultado d’uma lei geral da formação romana: o enfraquecimento das consoantes fortes, resultado da relaxação muscular*” (Coelho, 1868: 128)

b) Sons que havia no latim, mas não existem no português: o *h*, enquanto som e não como sinal etimológico; o *i palatal*, segundo o autor é raro e mesmo duvidoso.

c) O *r* tem duas pronúncias ou gradações possíveis: *aspera*, sempre que é inicial, às vezes quando *medial*, escrevendo-o dobrado; geralmente é *branda* quando tem a posição medial e final. Além dessas pronúncias, há o caso do *h* colocado diante do *r*, que não indica som algum, apenas marca uma etimologia grega.

d) O *s* também conta duas gradações: uma em posição inicial ou medial geminado entre vogais, apresenta um som perfeitamente articulado; e uma

em posição final, antes e depois de consoante, é apenas uma *fácil aspiração* ou som *semi-articulado*.

Em português, o único par inicial de consoantes possível é o das *mudas* (*oclusivas*, em uma metalinguagem atual) com as *líquidas* (*r*, *l*). Em posição medial ocorrem outros pares de consoante que já havia em latim, mas com menos frequência: *ct*, por exemplo, só aparece em *facto*, *pacto* etc. Vale lembrar que, quando o autor fala das *letras duplas*, coloca em questão o *valor fonético* do *c* nas palavras *juncto*, *tactica*. Desse modo, o que parece é que apenas nas palavras *facto* e *pacto* esse fonema é, de fato, pronunciado.

Na língua portuguesa, há raros grupos de três consoantes, como em *combro*<sup>74</sup>. Este exemplo, assim como *facto* e *pacto*, reforça a ideia de que Coelho não está pensando em um número de *consoantes* em uma mesma sílaba, mas em um grupo de *consoantes* que aparecem seguidas em uma palavra, independentemente da estruturação silábica.

Há também *consoantes* específicas que podem aparecer em final de palavras. Seriam elas *s*, *z*, *r*, *l*, *n*, *m*, sendo que o *m* e o *n* apenas indicam a nasalidade das vogais que as precedem. “*É por esse característico da lingua que aos nomes das outras consoantes accresce no port. um e paragógico se elles são masculinos, um a se são femininos.*” (Coelho, 1868: 130). Nesta passagem, provavelmente Coelho quis dizer “aos nomes terminados pelas outras consoantes”, e não sua representação nominal.

Coelho conclui, após essa análise do sistema fônico do português, afirmando que “*não ha no systema vocal e consonantal do portuguez elemento algum que ou fosse extranho ao latim ou não se desenvolvesse organicamente*” (1868: 130).

### **Adolpho Coelho (1891)**

Segundo Coelho (1891), as *consoantes*, junto com as *vogais*, são os elementos que representam tanto os *sons* (plano da língua falada) quanto as *letras* (língua escrita).

A lista completa que o autor faz das *consoantes* e de seus exemplos é a seguinte:

---

<sup>74</sup> “elevação de terreno não muito alta; outeiro, duna” (Dicionário eletrônico Houaiss de Língua Portuguesa)

Os sons consoantes são os seguintes	
k	kilo
t	tu
p	pá
g	gato
d	dó
b	boi
m	mau
n	nó
r	para
rr	rato
l	lá
ñ (nh)	unha
lh	velho
š (ch)	chá
š atenuado	este
j	joio
j atenuado	desde
s	só
z	zás
f	fé
v	vou

(Coelho, 1891: 25)

Com relação às *consoantes*, o maior detalhamento consiste da longa lista que Coelho faz para explicitar os diversos modos por que um *som consoante* pode ser representado na escrita. Elaboramos o seguinte quadro para organizar essa lista que trata de cada uma das *consoantes* (cf. Coelho, 1891: 29-31):

Som	Representações do som
K	1) <i>k</i> em poucas palavras: <i>Kilo</i> 2) <i>c</i> ou <i>cc</i> antes de <i>a, o, u, l, r</i> : cara, colla, cume, accomodar, claro, crivo. 3) <i>qu</i> antes de <i>e</i> e <i>i</i> : queijo, aqui. 4) <i>q</i> antes de <i>e</i> e <i>i</i> em palavras que o <i>u</i> que segue o <i>q</i> se pronuncia: eloquencia. 5) <i>q</i> antes de <i>a</i> ou <i>o</i> : qualidade, quota. 6) <i>ch</i> antes de <i>vogal</i> ou <i>r</i> : champerops (planta), architecto, christão.
T	1) <i>t</i> ou <i>tt</i> : tolo, attingir 2) <i>th</i> : teatro, atheu
P	1) <i>p</i> ou <i>pp</i> : papel, applaudir
GH	1) <i>g</i> ou <i>gg</i> antes de <i>a, o, u, m, n, r, l, p</i> : gado, gota, gume, enigma, gnomo, digno, grito, gloria, aggrava. 2) <i>gu</i> antes de <i>e</i> ou <i>i</i> : guerra, guia.
D	1) <i>d</i> ou <i>dd</i> : dado, addição
B	1) <i>b</i> ou <i>bb</i> : bodo, abbade.
M	1) <i>m</i> inicial ou medial ou <i>mm</i> medial: maca, fama, commum.
N	1) <i>n</i> inicial ou medial: nada, lona. 2) <i>n</i> final: iman, abdomen. Nestas palavras a letra não exprime a nasalidade da vogal precedente. 3) <i>nn</i> : anno. 4) <i>mn</i> : columna.
NH	1) <i>nh</i> : cunha, junho. <i>Nota</i> : Em algumas palavras <i>nh</i> pronuncia-se como <i>n</i> : anhelu, inhabil, inhumano.
R	1) <i>r</i> entre <i>vogais orais</i> ou no fim de palavra: amora, flor.
RR	1) <i>rr</i> entre <i>vogais orais</i> : carro, morro.

	2) <i>r</i> no começo de palavra e depois de <i>vogal nasal</i> , <i>l</i> , ou <i>s</i> : ramo, tenro, guelra, israelita. 3) <i>r</i> simples entre <i>vogais orais</i> : prorogar. 4) <i>rh</i> ou <i>rrh</i> em muitas palavras de origem grega: reumatismo, catarrho.
L	1) <i>l</i> ou <i>ll</i> : lampada, illudir.
Š	1) <i>ch</i> : chapa, bicho. 2) <i>x</i> : xarope, lixo.
Š atenuado	Este som encontra-se apenas antes das consoantes <i>c (k)</i> , <i>t</i> , <i>p</i> , <i>ch</i> , <i>(x)</i> , <i>s</i> , <i>f</i> , seja na mesma palavra, seja na palavra seguinte. 1) <i>s</i> medial ou final: escada, as casas, fosforo. 2) <i>x</i> medial ou final: excelente, excluir, calix. 3) <i>z</i> final: a vez, o Vez percorre parte da provincia do Minho.
J	1) <i>j</i> : já, julho. 2) <i>g</i> ou <i>gg</i> antes de <i>e</i> ou <i>i</i> : genio, suggerir.
J atenuado	Este som só se ouve antes das consoantes: <i>g</i> , <i>d</i> , <i>b</i> , <i>m</i> , <i>n</i> , <i>r</i> , <i>l</i> , <i>j</i> , <i>z</i> , <i>u</i> , seja na mesma palavra, seja na seguinte. 1) <i>s</i> medial ou final: nesga, os gatos, dedos. 2) <i>z</i> final (quando a palavra seguinte começa por alguma das referidas consoantes): O rio Vez desagua no Lima. 3) <i>x</i> final (quando a palavra seguinte começa por alguma das referidas consoantes): calix dourado, Felix Martins.
S	1) <i>s</i> quando inicial: <i>sapo</i> , <i>sabão</i> . 2) <i>s</i> medial depois de <i>vogal nasal</i> : penso, manso. 3) <i>ss</i> medial: posso, fosso. 4) <i>c</i> ou <i>cc</i> antes de <i>e</i> ou <i>i</i> : prece, rocio, accidente. 5) <i>ç</i> ou <i>cç</i> antes de <i>a</i> , <i>o</i> , <i>u</i> : caça, acção, preço, foçura. 6) <i>x</i> : proximo. 7) <i>s</i> simples medial entre vogais em algumas palavras: proseguir.
Z	1) <i>z</i> inicial ou medial: zebra, razão. 2) <i>s</i> entre vogais na mesma palavra ou na seguinte, quando começa com vogal: casa, as armas. 3) <i>x</i> final seguido de vogal na mesma palavra ou na seguinte: exemplo, o calix é um vaso. 4) <i>s</i> depois de vogal nasal ou consoante: transito, absequio.
F	1) <i>f</i> ou <i>ff</i> : fato, affim. 2) <i>ph</i> : phrase.
V	1) <i>v</i> : vapor, cova. 2) <i>w</i> (em alguns substantivos de origem estrangeira): Wenceslau, wagon.
Grupo <i>is</i> ( <i>š</i> atenuado) ou <i>ij</i> ( <i>j</i> atenuado)	1) <i>x</i> (quando o <i>i</i> faz parte do ditongo <i>ai</i> ): sexto (pron. seišto), exministro (pron. <i>eijministro</i> )
Grupo <i>iz</i>	1) <i>x</i> (quando o <i>i</i> pertence ao ditongo <i>ai</i> e o <i>z</i> é seguido de vogal): exame (pron. eizame)
Grupo de sons <i>ks</i>	1) <i>x</i> : fixo, nexo.

Quadro 17: Consoantes em Coelho (1891)

O quadro acima, como é possível observar, conta com a primeira coluna, que contém símbolos que representariam um *som* (similar ao que compreendemos hoje por alfabeto fonético), e com a segunda coluna, que contém as diversas formas gráficas que podem representar esses sons na escrita. De um modo geral, as descrições das representações dos *sons* são elaboradas com base na posição da letra na palavra e na etimologia, além de propor uma reflexão sobre a produção de sons em *contextos fônicos*, que não respeitam limites entre as palavras.

Porém, foi possível destacar algumas peculiaridades nas explicações de Coelho.

Note-se, por exemplo, quando o autor trata dos sons *n* e *nh*, afirmando que *nh* pode ser pronunciado como *n*. Neste caso, a morfologia prevalece sobre a fonética (e a representação gráfica), já que, aparentemente, seu intuito seja o de diferenciar “nh” como representação “nhê” e “n-h”, hipótese sustentadas pelos exemplos de que se vale o autor, que usa palavras iniciadas por “h” e as quais é acrescentado um prefixo terminado em “n”.

### 3.5.3 Síntese

Todos os autores, tanto do XVI quanto do XIX consideram *consoante*, ao lado de *vogal*, uma primeira classificação de *letra (ou som)*.

Nas obras do século XVI que compõem nosso *corpus*, a *consoante* se diferencia da *vogal*, de um modo geral, por não poder ser pronunciada nem formar sílaba sozinha. Embora, como vimos, com definições um pouco divergentes, os três autores quinhentistas classificam as *consoantes* em *mudas* e *semivogais*.

Com relação ao século XIX, a *consoante* parece diferenciar-se da *vogal* pela observação da utilização dos órgãos da fala para sua produção, tais como lábios, língua, garganta e dentes. Esse modo de olhar as *consoantes* contribui para a classificação que ganham no século XIX, que é essencialmente acústico-articulatória. Inclusive Constâncio, como vimos, apesar de criticar essa nomenclatura, acaba utilizando-a em suas descrições.

Couto e Melo, Soares Barbosa e Caldas Aulete consideram a *consoante* a representação gráfica das *articulações*. Adolpho Coelho (1891) explica que *vogal* e *consoante* são classificações tanto da *letra* (plano escrito) quanto do *som* (plano auditivo).

O metatermo *consoante líquida* é uma constante nas gramáticas. Embora nem sempre seja definido de modo preciso, ele está sempre relacionado a certa facilidade de pronúncia destas consoantes, ou à facilidade delas se relacionarem com outras *letras* dentro de uma *sílaba*.

Com exceção de Couto e Melo, que faz apenas comentários gerais e exemplifica determinados tipos de *consoantes*, todos os autores oferecem uma lista completa das *consoantes* do português.

A obra de Adolpho Coelho (1868) é a que mais se diferencia entre elas, pois o autor faz uma longa descrição das consoantes das línguas fontes do português, já que sua obra faz parte do conjunto de gramáticas do tipo Histórico-Comparativo.

### 3.6 NASAL e ORAL

#### 3.6.1 Nasal e Oral para o século XVI

Em uma busca nas gramáticas de Fernão de Oliveira (1536) e de João de Barros (1540) e na ortografia de Nunes de Leão (1576), não encontramos os metatermos *nasal* e *oral*, mas pudemos verificar o modo por que estes autores trataram da questão da nasalidade.

##### 3.6.1.1 Fernão de Oliveira

Fernão de Oliveira (1536) defende que se deva marcar um som nasal, chamada por ele de *som escuro*, como veremos mais adiante, através do *til*. Segundo o autor, marcava-se incorretamente a nasalidade pelo *m* ou pelo *n*. Essa marcação não estaria correta, pois, segundo Oliveira, apenas as *vogais* e as *semivogais* (*consoantes* quase vogais, quais sejam, l, r, s e z, em sua descrição), podem finalizar palavras. As consoantes *m* e *n* seriam mudas, e por isso não ocupariam essa posição nos vocábulos. Abaixo é possível conferir um trecho no qual Oliveira defende o uso do *til* no lugar de *m* e *n*:

¶ Diffe q esta letra .m. não e femiuogal nem podẽ fenecer em ella as noſſas vozes: porq ifto e verdade q nellẽs cabos onde a eſcreuemos τ tambẽ no meyo das dições em cabo de muitas ſyllabas ſoa **hũa letra muy branda q nem he .m. nem. n.** como nos eſcreuemos ora hũa dellas: ora outra imitando os latinos. Mas ameu ver de neçeſſidadẽ **eſcreuamos nos taes lugares eſta letra que chamamos til** ainda q a alghũs pareçera ſobeja τ q não ſerue mais q de ſoprir por outras. Aos quaes eu pregunto ſẽ nas dições que acabão em ão: τ ães: τ ões: τ ãos: eſcreueremos m. ou. n. τ o poſeremos antre aquellas duas vogaes que ſoarã? ou ſẽ o poſeremos no cabo que pareçera? por onõ me parece teremos neçeſſidade de hũa letra q eſteja ſobre aquellas duas vogaes juntamente: a qual ſeja til. (Oliveira, 1536: capítulo IX, grifo nosso)<sup>75</sup>

<sup>75</sup> “Disse que esta letra ‘m’ não é semivogal, nem podem fenecer nela as nossas vozes, porque isto é verdade que nestes cabos onde a escrevemos e também no meio das dições em cabo de muitas sílabas, soa **uma letra muito branda, que nem é ‘m’, nem ‘n’**, como nós escrevemos ora uma delas, ora imitando os latinos. Mas, a meu ver, de necessidade **escrevamos nos tais lugares esta letra que chamamos til**, ainda que a alguns pareça sobeja e que não serva mais que de suprir por outras. Aos quais eu pergunto, se nas dições que acabam em ‘ão’, e ‘ães’ e ‘ões’, e ‘ãos’ escreveremos ‘m’ ou ‘n’ e o pusermos entre aquelas



*Til* é considerado por Oliveira como uma *letra* que, quando colocada em cima das *vogais*, muda o seu *som*, alterando, desse modo, as palavras:

allí como fazemos do til nas vogaes quando também mudão fua voz: digo q mudão a voz porque **não he a mefma voz vila τ vilã: mas o til q lhe pofemos muda a qualidade do .a. ð clara voz em efcura τ meteo mais pellos narizes**: outro tanto: nas outras vogaes como .e. τ .ẽ. i. τ .im<sup>76</sup>. o. τ .õ. u. τ .ũ. onde o til faz alghũa coufa τ tem poder alghũ: o qual fintem as orelhas: mas a boca o acha tão fofil tomãdoo por fi foo que o não fabe formar nẽ lhe da nome natural (Oliveira, 1536: capítulo XVI)<sup>77</sup>

Neste trecho fica claro que Oliveira considera que este som grafado pelo *til* é produzido com auxílio das fossas nasais. Ele afirma que a qualidade das vogais passa de *clara* para *escura*, o que provavelmente significa, em uma nomenclatura atual, que passam de *orais* para *nasais*.

O autor observa, ainda, a existência de *ditongos* nasais: “*E nos aq vemos τ fentimos co as orelhas q foa ali hũ til fobre ambas as letras vogaes do ditongo: como efcruião efcruiaões*” (Oliveira, 1536: capítulo XIX).

### 3.6.1.2 João de Barros

João de Barros (1540) também não distingue, especificamente, *letras* nasais e *orais*, mas trata do assunto ao afirmar que o *til* pode substituir o *m*, como na citação a seguir:

E estas meas uogáes, l, m, r, fe chamam liquidas. E ouueram este nome açerca dos latinos, por que todalas coufas que fe deffazem e córrem, chamam elles liquidas, cáfy dilidas e derretidas. Por que em pronunçiando algũa diçám onde ellas fferuem, nós às dilimos na prolaçám demaneira que cáfy fe nam fentem, como nestas dições, clamor, cráuo. **E, m, podemos dizer que açerca de nós liqueçe, quando em lugar delle fe pôde poer til, como nesta diçám pâes.** (Barros, 1540: 41r, grifo nosso)<sup>78</sup>

---

duas vogais, o que soará? Ou, se o pusermos no cabo, o que parecerá? Por onde, me parece termos necessidade de uma letra que esteja sobre aquelas duas vogais juntamente, a qual seja til”.

<sup>76</sup> Embora neste trecho o autor utilize o *m* e não o *til* para marcar a nasalidade da *vogal i*, em muitos trechos da obra aparecem palavras em que essa marcação é feita com o *til*, tais como *aïda*, *mï*, *Quïtiliano*.

<sup>77</sup> “Assim como fazemos do til nas vogais quando também mudam a voz: porque não é a mesma voz vila e vilã: mas o til q lhe pusemos muda a qualidade do .a. de clara voz em escura e meteu mais pelos narizes: outro tanto: nas outras vogais como .e. e .ẽ. .i. e .im. .o. e .õ. .u. e .ũ. onde o til faz alguma coisa e tem poder algum: o qual sentem as orelhas: mas a boca o acha tão sutil tomando-o por si só que o não sabe formar nem lhe dá nome natural”

<sup>78</sup> “E estas meias-vogais l, m, r, se chamam líquidas. E houveram este nome acerca dos latinos, por que todas as coisas que se desfazem e correm, chamam eles líquidas, quase diluídas e derretidas. Porque em pronunciando alguma dição, onde elas servem, nós as diluímos na prolação de maneira que quase não se sentem, como nestas dições, clamor, cravo. **E, m, podemos dizer que acerca de nós liquece, quando em lugar dele se pode pôr til, como nesta dição ‘pâes’.**”

Diferentemente de Oliveira, João de Barros considera o *m* como uma das letras semivogais e, dessa forma, não diz ser errado que se terminem as palavras com *m*. Barros não trabalha com a distinção vista em Oliveira entre *voz clara e voz escura*.

### 3.6.1.3 Nunes de Leão

Para Nunes de Leão (1576), o *til* não é uma *letra*, mas uma “*linha e abreviatura*” que, ora substitui algumas letras em palavras abreviadas<sup>79</sup>, ora substitui o *m* em alguns ditongos.

Nunes de Leão explica que, na maioria das línguas, quando um *m* aparece entre vogais, ele pertence à sílaba da segunda vogal, como em *a-mo*, *Ro-ma*. Mas que, no caso do português, há palavras em que o *m* pertence à primeira vogal e que, nestas situações, deve-se substituí-lo pelo *til*:

Como se vee nestas palauras, Alemam–o, capitam–o. Onde allí foa o .m. como se ficaffê com o .a. precedente, sem ferir no .o. que se segue. [...] Polo que para denotarmos esta differença, de quando vai com a vogal precedente, & he assi frouxo, o escreuemos neceariamête per a dicta abbreuiatura, por não teermos outra letra, cõ que o representemos. E assi dizemos, Alemão, capitão, falcões [...] (Leão, 1576: 24v).<sup>80</sup>

Quando apresenta a vogal *a*, explica que esta letra, se seguida de *m* ou *n* (*fama*, *cano*), é pronunciada “*com menos hiato, & [menos] abertura da bocca*”. Por isso, segundo o autor, a vogal parece ser pequena, mas não o é, pois, segundo sua explicação, as vogais serem grandes ou pequenas tem a ver com “*a longura e o espaço da pronunciação*”, e não com a *maneira* dela. O que ocorre, nesse caso da vogal *a* seguida por *m/n*, é que o *a* se forma a partir da abertura da boca, já as consoantes mencionadas são produzidas a partir de fechamento da boca, ou seja, seriam articulações contrárias:

E não se pôde em tam pequeno espaço, como se confume em hũa syllaba, feruir perfectamente a dous officios cõtrarios, de abrir, & cerrar a bocca. Por tâto ficamos

---

<sup>79</sup> A conjunção “que”, nestas obras do século XVI, por exemplo, muitas vezes aparecem apenas como a letra *q* com um *til* em cima.

Alguns outros exemplos, expostos por Leão, são: *Bispo* por *bpõ*; *apóstolo* por *aplõ*.

<sup>80</sup> “Como se vê nestas palavras, alemam-o, capitam-o. Onde assim soa o ‘m’ como se ficasse com o ‘a’ precedente, sem ferir no ‘o’ que se segue. [...] Pelo que para denotarmos esta diferença, de quando vai com a vogal precedente, e é assim frouxo, o escrevemos necessariamente pela dita abreviatura, por não termos outra letra com que o representemos. E assim dizemos, Alemão, capitão, falcões [...]”

pronunciando o.a. com aquella differença de pronunção, não menos longo em tẽpo. (Leão, 1576: 3r)<sup>81</sup>

Leão não define o que compreende por *longura*, *espaço* e *maneira* da pronunção das *letras*. Intuímos, porém, que a *maneira*, ao menos no caso das *vogais*, corresponderia à tonicidade delas, pois o autor explica que uma vogal pode ter *acento agudo* ou *grave*, mas que continua a mesma *vogal*, ou seja, que a *maneira* dela não influi para determinar se é *grande* ou *pequena*. O que determinaria, então, seria o *espaço* e a *longura*, que, provavelmente correspondem, respectivamente, à articulação e à duração das *vogais*.

Leão enumera os ditongos existentes no português e, entre eles, destaca oito que seriam nasais. Explica que devem ser escritos com *til*, mas que este substitui as consoantes *m/n*:

Mas em nossa lingua há XVI. diphthongos. f. ãa, ãe, ai, ão, au, êe, ei, eu, ij, ao, oi, õe, õo, ou, ui, ûu. [...] Porque effe til, assi soa no fim da dição, como .m. ou.n. por fer abbreuiatura das dictas letras. (Leão, 1576: 26v – 27r)<sup>82</sup>

Assim, para Oliveira e Barros, é identificada a distinção entre *vogais* nasais e orais, porém sem a utilização dessa expressão específica. A proposta é a de que *til* seja uma *letra*, que, em Oliveira modifica as *vozes* das *letras vogais* (de *clara* em *escura*), e, em Barros, pode substituir as letras *m* e *n*. Já Nunes de Leão, que também não menciona os termos *nasal/oral*, considera o *til* não como uma *letra*, mas como um símbolo que serviria para abreviatura e, principalmente, como substituto do *m* em alguns ditongos.

### 3.6.2 Nasal e oral no século XIX

#### 3.6.2.1 Couto e Melo

Na proposta de Couto e Melo (que lida com classe, ordem, gênero e espécie), os metatermos nasal e oral se encontram como os *gêneros* tanto dos *sons* quanto das *letras*. A diferença é que os *sons* (*nasais/orais*) são a própria manifestação auditiva e as *letras* (*nasais/orais*) são as representações gráficas desses *sons*.

---

<sup>81</sup> “E não se pode em tão pequeno espaço, como se consome em uma sílaba, servir perfeitamente a dois officios contrários, de abrir, e cerrar a boca. Portanto, ficamos pronunçando o ‘a’ com aquella differença de pronunção, não menos longo em tempo.”

<sup>82</sup> “Mas em nossa língua há 16 ditongos. ãa, ãe, ai, ão, au, êe, ei, eu, ij, ao, oi, õe, õo, ou, ui, ûu. [...]. Porque esse til, assim soa no fim da dição como ‘m’ ou ‘n’ por ser abbreuiatura das ditas letras”.

*Nasal* se opõe a *oral*: nos sons *nasais* há “maior refluxo do ar pelo nariz” e nos *orais* há “maior refluxo de ar pela boca”.

Na tabela a seguir, é possível verificar a classificação proposta por Couto e Melo com relação aos sons do português:

RECAPITULAÇÃO DO SISTEMA DOS SONS ELEMENTARES.	
<i>Classes</i>	1ª <i>Primitivos</i> : v. g. <i>a, áe, ê, êi, ã, ão, &amp;c.</i> 2ª <i>Derivados</i> : v. g. <i>má, dê, máis, mêi, mã, mão, &amp;c.</i>
<i>Ordens</i>	1ª <i>Simples</i> : v. g. <i>á, ê, ã, &amp;c.</i> 2ª <i>Combinados</i> : v. g. <i>ái, âi, ãe, &amp;c.</i>
<i>Gêneros</i>	1ª <i>Oraes</i> : v. g. <i>á, ê, áe, &amp;c.</i> 2ª <i>Nasáes</i> : v. g. <i>ã, ão, &amp;c.</i>
<i>Espécies</i>	1ª <i>Agudos</i> : v. g. <i>á, é, &amp;c. ái, ão, &amp;c.</i> 2ª <i>Graves</i> : v. g. <i>â, ê, c. âi, &amp;c.</i> 3ª <i>Baixos</i> : v. g. <i>a, e, &amp;c.</i>

(Couto e Melo, 1818: 45, grifo nosso)

Os *gêneros oral* e *nasal* estão presentes tanto nos *sons primitivos simples*, quanto nos *sons primitivos combinados*. Os *primitivos simples* são as *vogais* isoladas, os *combinados* correspondem aos ditongos. Desse modo, *som primitivo combinado nasal* se refere aos ditongos nasais, e *sons primitivos combinados orais* aos ditongos orais. Couto e Melo não utiliza o metatermo *ditongo*, apesar de ser um metatermo encontrado em todos os outros gramáticos analisados, tanto os quinhentistas quanto os oitocentistas.

A partir da exemplificação oferecida, destacada no quadro abaixo, notamos que o autor se utiliza tanto do *til* (~) para marcar a nasalidade das *vogais* (nos itens “*gênero de vogaes nasaes*” e “*Espécies de vogaes combinadas nasaes agudas*”), quanto das consoantes *m/n* (item “*Espécies de vogaes combinadas nasaes grave*”):

<i>Sistema das Letras ou sinaes dos sons Elementares</i>	
<i>Classes</i>	1ª <i>Vogaes</i> : v. g. <i>á, ê, ã, &amp;c. áe, ão, &amp;c.</i> 2ª <i>Consoantes</i> : v. g. <i>m, dr, &amp;c.</i> 1ª
<i>Ordens</i>	<i>Simples</i> : v. g. <i>á, m, &amp;c.</i> 2ª <i>Combinadas</i> : v. g. <i>áe, âi, ão, dr.</i>
<i>Gêneros de vogaes.</i>	1ª <i>Oraes</i> : v. g. <i>á, ê, &amp;c. áe, êi, &amp;c.</i> 2ª <i>Nasáes</i> : v. g. <i>ã, ã, &amp;c. ãe, ãe, &amp;c.</i>
<i>Espécies de vogaes simples</i>	1ª <i>Agudas</i> : v. g. <i>á, é, í, ó, ú. ã, ê, ã, ã, ã.</i> 2ª <i>Graves</i> : v. g. <i>â, ê, î, ô, û. an, en, in, on, un.</i> 3ª <i>Baixas</i> : v. g. <i>a, e, i, o, u.</i>
<i>Gêneros de consoantes.</i>	1.ª <i>Labiaes</i> : v. g. <i>m, l, &amp;c. br, &amp;c.</i> 2.ª <i>Linguae</i> : v. g. <i>d, t, &amp;c. dr, &amp;c.</i> 3.ª <i>Guturaes</i> : * * * *
<i>Espécies de consoantes simples.</i>	1.ª <i>Fortes</i> : v. g. <i>p, f, c, qu, t, x, ch, ç, lh, nh, rr, ss.</i> 2.ª <i>Fracas</i> : v. g. <i>b, v, g, *d, j, *z, l, n, r, s.</i> 3.ª <i>Fraquíssimas</i> : v. g. <i>m, * *</i>

<i>Espécies de vogaes combinadas oraes</i>	1. <sup>a</sup> <i>Agudas</i> : v. g. <i>áe, ái, áo, áu, éi, éo, íe, íu, úe, úi, úo.</i> 2. <sup>a</sup> <i>Graves</i> : v. g. <i>âi, âu, êi, êo, êu, ôe, ôi, ôu.</i>
<i>Espécies de vogaes combinadas nasaes.</i>	1. <sup>a</sup> <i>Agudas</i> : v. g. <i>ãa, ãe, ãi, ão, êe, êi, ñi, ñe, ñi, ño, ãi, ãu.</i> 2. <sup>a</sup> <i>Graves</i> : v. g. <i>am, em, im, om, um.</i>
<i>Espécies de consoantes combinadas.</i>	1. <sup>a</sup> <i>Fortes</i> : v. g. <i>pl, pr, pç, pss, pt, fl, fr, cd, cl, cr, cç, cn, cs, ct, tm, tn, tr, trs.</i> 2. <sup>a</sup> <i>Fracas</i> : v. g. <i>mn, bl, br, vr, gd, gl, gr, gn, gs, gt, dm, dn, dr, ds.</i> 3. <sup>a</sup> <i>Fracas e Fortes</i> : v. g. <i>sm, sb, sp, sr, sf, sd, st, sj, sd, sç, sg, sc, sq, sl, sn, sr, sgr, sdr, scl, spr, sfr, scr, str, sbr.</i>

(Couto e Melo, 1818: 50 – 52, grifo nosso)

Como é possível verificar no quadro, Couto e Melo não menciona *consoantes nasais* e *orais*. Em sua classificação, elas são divididas apenas nos *gêneros labial, lingual* e *gutural*.

### 3.6.2.2 Soares Barbosa

Soares Barbosa (1822) classifica, no plano gráfico, as *letras* em *vogais e consoantes*. No plano sonoro, os *sons* em *vozes e consoâncias*. Há, segundo o autor, vinte *vozes* na língua portuguesa: 12 *orais* e 08 *nasais*.

As *vozes oraes* são sempre *longas* quando *grandes* (isto é, abertas), e sempre *breves* quando *pequenas* (isto é, fechadas). Quando *comuns* (**i** e **u**) podem ser *longas* ou *breves*.

Como a ortografia da língua portuguesa tem apenas cinco *letras vogais* para representar todas as *vozes* mencionadas, Soares Barbosa afirma, como vimos ao tratarmos das vogais, que elas se distinguem graficamente ou através de acentos ou sendo dobradas.

Soares Barbosa define as *vozes nasais* do seguinte modo:

Além das *vozes Oraes* tem a nossa Língua oito *Nasaes*; assim chamadas, porque nas *Oraes*, saindo todo o ar sonoro pelo canal direito da bocca, nestas, parte delle sae pelo mesmo, e outra parte refluindo pelo canal curvo, que communica da garganta com o nariz, sae pelas duas aberturas das ventas, e nesta passagem recebe da elasticidade e sinuosidade do canal huma especie de resonancia, que distingue essencialmente as *vozes Nasaes* das puramente *Oraes*. (Barbosa, 1822: 04 – 05)

Desse modo, a diferença entre as *vozes oraes* e as *vozes nasais*, para Soares Barbosa, é que as *orais* são produzidas a partir do ar que passa apenas pela boca, enquanto na produção das *nasais* o ar passa não só pela boca, mas também pelas *ventas*.

As *vozes nasais*, para Barbosa, se subclassificam em *claras e surdas*.

VOZES NASAIS	
Claras	Surdas
<i>A til nasal claro - Irmã ou Irmam;</i> <i>E til nasal claro - Têpo ou Tempo</i> <i>I til nasal - Sî ou Sim</i> <i>O til nasal claro - Sõ ou Som</i> <i>U til nasal - ã ou hum</i>	<i>A da primeira Syllaba de Ama, Anua, Sanha</i> <i>E da primeira Syllaba de Penna, Temo, Tenho</i> <i>O da primeira Syllaba de Somma, Sonho.</i>

Quadro 18: Vozes nasais claras e surdas, Soares Barbosa, 1822.

As claras são as que têm a nasalidade toda sobre elas. São grafadas ou com *til* ou com *m* ou *n* (apenas se são *finais* ou se se seguem *consoantes*); as *escuras* têm o acento agudo como predominante, mas acabam assimilando a nasalidade de alguma das três *consonancias nasais* (n, m, nh), que vêm logo em seguida dessas *vozes*. As *vozes nasais*, tanto as *claras* quanto as *surdas*, são sempre *longas*.

As *consonancias nasais* assim são chamadas, de acordo com Barbosa, porque, assim como ocorre com as *vozes nasais*, parte do som reflui pelo nariz e sai pelo canal da boca.

Barbosa também classifica os *ditongos* em orais e nasais (ou finais). Chama-os de *finais*, por afirmar que eles ocorrem apenas em fim de palavra.

### 3.6.2.3 Constâncio

Constâncio (1831) também classifica as *letras* em *vogais* e *consoantes*. Estes três metatermos correspondem a um plano gráfico, e representam os *sons*. Para este autor, as vogais do português são *a, e, i, o, u, y*. Destas, apenas o *y* não apresenta uma manifestação *nasal*, ou *palatal*, segundo Constâncio. O autor explica que chama esses sons de palatais porque,

basta dirigir a voz contra o céu da boca para pronunciar o que se chamão sons nasaes, e não he necessario que o ar saia pelas ventas. (Constâncio, 1831: 07)

Assim, Constâncio difere-se de Couto e Melo (1818) e de Soares Barbosa (1822), que, como vimos, afirmam que, nos *sons nasais*, o ar sai, ou reflui, tanto pelo nariz quanto pela boca.

Provavelmente por acreditar que a melhor nomenclatura é a de *sons palatais*, diferente dos outros autores, Constâncio não contrapõe *nasal* e *oral*. *Oral* nem sequer é mencionado em sua gramática.

Constâncio concorda com Barbosa (1822) ao afirmar que as vogais que são seguidas por *m*, *n*, ou *nh*, adquirem um leve som *nasal* (ou *palatal*), e em dizer que as *nasais* são sempre *longas* (cf. Constâncio, 1831: 255). Não faz, porém, a distinção entre *vogais nasais claras e surdas*.

Quando enumera as consoantes, classifica em *nasais* as seguintes:

- 1) m nasal labial pura
- 2) n lingual palatal e nasal branda
- 3) nh lingual palatal e nasal forte

Os *ditongos* são classificados por Constâncio em:

- 1) *simples* ou *puros*: quando são formados de duas vogais simples.
- 2) *nasaes* ou *palataes*: quando uma das vogais é palatal ou nasal.

Constâncio propõe uma mudança gráfica para representação das *vozes nasais*. Enquanto Couto e Melo não prescreve nenhuma regra, mas nota essas vogais sempre com o uso do *til*, e Barbosa assume que se pode grafar tanto com *til*, como com *m* ou *n*, Constâncio afirma que os antigos é que grafavam as *nasais* com o *til*, e que o correto seria o uso do *m* e do *n*, exceto no caso do *a*. Há, abaixo, um exemplo de trecho em que o autor defende essa grafia:

*U* he longo ou breve, mas não muda de som, senão quando se torna palatal ou nasal. **Os antigos escrevião ù, mas hoje preferimos notar este som por um ou un.** (Constâncio, 1831: 09-10, grifo nosso)

#### 3.6.2.4 Caldas Aulete

Caldas Aulete (1864) também classifica, no plano gráfico, as *letras* em *vogais* e *consoantes* e, no plano sonoro, os *sons* em *vozes* e *articulações*.

Na citação seguinte, na qual explica o que são as *vozes* do português, ele diz:

Os sons simples que existem no nosso idioma; são: *á, â, é, ê, è, i, ó, ô, u*; exemplo: *pá, câmara, fé, rêde, li, pó, pouua, útil*. Estes sons denominam-se *vozes*. **Quando os sons retumbam nas fossas nasaes nomeiam-se vozes nasaes: *ã, ê, ã, õ, ù*.** (cf. Aulete, 1864: 03, grifo nosso)

Não há o metatermo *oral* nesta gramática, Aulete apenas diferencia como *nasais* os *sons* que *retumbam nas fossas nasais*.

Além das *vozes*, há, segundo o autor, *ditongos nasais*. Os ditongos são, segundo Aulete, a união de duas *vozes* para representar uma única sílaba. Os *nasais* ocorrem quando um dos sons que o compõe é *nasal*, como, por exemplo, *ãe*, *õe*, *ão* (cf. Aulete, 1864: 05)

Caldas Aulete não menciona consoantes nasais. Em uma nota de rodapé (cf. Aulete, 1864: 04), afirma que as *letras m e n* servem também para representar a nasalidade, mas, ao que parece, se referindo à nasalidade das vogais. No entanto, quando enumera as *vozes nasais* e quando exemplifica os *ditongos nasais*, usa sempre o *til* como marcador de nasalidade.

### 3.6.2.5 Adolpho Coelho

A *Lingua Portugueza*, de Adolpho Coelho (1868), apresenta, como já vimos, uma parte em que trata da fonologia das *línguas fontes* do português (latim, árabe e teutônico), e outra em que trata do próprio português e da influência que as línguas fontes tiveram para a formação dos seus *sons*.

Na seção em que apresenta os *sons* do latim, Coelho expõe um quadro em que há a classificação acústico-articulatória das *letras*. Neste quadro, *n* aparece tanto como uma *nasal gutural*, quanto como uma *nasal dental* e *m* como uma *nasal labial*. Não há conceituação ou definição desses metatermos.

Coelho percorre por todas essas *letras* latinas indicando como ocorreu a passagem delas para o português. As observações que faz podem se referir às mudanças (ou não) que ocorreram conforme a posição que a *letra* ocupa na palavra, como podemos observar no trecho seguinte:

Quando inicial permanece geralmente o *n* inalterado: *naris* (naris), *nardo*, *narrar*, *nascer*, *nadar* (natare), *nevoa* (nebula), *negar*, *negocio* (negotium), *nervo*, *negro* (nigrum), *nó* (nodus), *nome*, *não* (non), *nota*, *noxo*, *nutrir*, *noz* (nux). (Coelho, 1868: 91)

Com relação ao assunto aqui tratado, ou seja, a nasalidade e nasalização, é interessante notar a seguinte passagem, na qual o autor afirma que algumas vogais do português são nasalizadas devido ao apagamento da consoante *nasal n* no processo transformação do latim para as línguas romanas:

Um phenomeno que no campo das linguas romanas se dá unicamente no port., fr. e nalguns dialectos italianos é a destruição do *n* como som articulado, seguido da



nasalização da vogal que o precede: *vão* de *vanus*, *são* de *sanus*, *mão* de *manus*, *chão* de *planus*, *cão* de *canis*, *pão* de *panis*; *bom* = *bõ* de *bonus*, *som* = *sõ* de *sonus*, *tom* = *tõ* de *tonus*; *condição* de *conditionem*, *sermão* de *sermonem*. (Coelho, 1868: 93)

Vale lembrar que, nesta obra, o autor não enumera *vogais nasais*, apenas cita, como no caso acima, *vogais* que teriam passado por *nasalização*.

Com relação à influência árabe sobre a língua portuguesa, Coelho menciona a nasalidade do N, que seria assimilada por algumas vogais na passagem de uma língua para a outra:

N. – M. O *m* mostra também aqui a sua grande estabilidade; o *n* medial é algumas vezes syncopado, final comunica a sua nasalidade á vogal que o precede e deixa de ser articulado. Exemplos de *m*: *maquia* (mikyâla), *maravedi* (morabit'î), *matraca* (mit'raca) [...] Exemplos de *n*: *nenuphar* (naylufar); *laranja* (nârendj) com *l* por *n*; *quintal* (quintâr), *azeitona* (az-zeiytun. Syncope: *almoeda* (al-monâdiya). o *n* abrada em *nh* em *asenha* (as-sâniya).

Na seção em que trata dos sons do português e suas relações etimológicas, apresenta o seguinte quadro:

O seguinte quadro indica as gradações e modificações das vogais portuguesas, posta de parte a sua nasalização, de que tractamos adiante.

A	á ( <i>caro</i> )	â ( <i>cama, amigo</i> )	<i>a</i> ( <i>tema</i> )
E	é ( <i>leme</i> )	ê ( <i>devo</i> )	( <i>ledor, tome</i> )
>>		â ( <i>conçâlho</i> )	<i>i</i> ( <i>eleito</i> )
I	(não tem gradações)		
O	ó ( <i>fome</i> )	ô ( <i>dono</i> )	<i>u</i> ( <i>honesto</i> )
U	(não tem gradações)		

(Coelho, 1868: 128)

Na página 126, ao tratar das gradações da vogal *a*, afirma que quando ela vem antes de *m* ou *n*, é fechado, mesmo que este *a* faça parte de uma sílaba acentuada, pois a vogal assimila *certa nasalidade* das *consoantes nasais* (alguns exemplos do autor: *amo*, *fama*, *lama*, *cama*).

Coelho não faz esse tipo de observação com relação às outras *vogais* e, apesar de dizer antes da tabela acima que trataria das *nasais*, isso não ocorre.

Quando trata das consoantes do português, explica que as únicas que podem terminar palavras são *s*, *z*, *r*, *l*, *n*, *m*, sendo que as duas últimas, na verdade, indicariam a nasalidade das vogais que as precedem (*germen*, *homem*).

Nesta obra de 1868 não encontramos ocorrência do metatermo *oral*.

Em Adolpho Coelho (1891), as *letras* são a representação gráfica dos *sons* e tanto *letra* quanto *som* se divide em *vogais* e *consoantes*.

Tanto os *sons vogais*, quanto os *ditongos* são classificados nessa obra em puros/orais e nasais. Abaixo há a divisão com a lista completa destes sons presente na obra:

Sons Vogaes	
Puros (oraes)	Nasaes
a, ê, é, i, ô, ó, u	ã, ã, ã, ã, ã

Diphthongos	
Puros (oraes)	Nasaes
ai (a aberto), ai (a fechado), ei (e aberto), oi (o aberto), oi (o fechado), ui, au (a aberto), au (a fechado), eu (e aberto), eu (e fechado), iu, ou (o fechado)	ãi, õi, ãu, ãi

Quadro 19: sons nasais e orais, Coelho, 1891.

Nos exemplos vistos de *nasais* e *orais*, os *sons nasais* são indicados sempre pelo *til*, porém, de acordo com Adolpho Coelho (1891), os sons são representados de maneira diferente em palavras diferentes. Com relação às *nasais*, Coelho prescreve algumas regras de como se deve representá-las na escrita. A partir destas regras, conseguimos estabelecer três critérios.

As *vogais nasais*, em Adolpho Coelho (1891) são representadas na escrita:

**1º De acordo com a posição que ocupam na palavra:** “As vogais ã, õ, ã são representadas por *im, om, um* no fim das palavras, p. ex. *fim, tom, atum*” (Coelho, 1891: 28)

**2º De acordo com a consoante que antecede:** “As vogaes nasaes ã, ã, ã, ã, ã são representadas, quando se acham no começo ou no meio das palavras a) respectivamente **por am, em, im, om, um**, se são seguidas de **p ou b**, p. ex. *compra, cambada; tempo, lembro, limpo, linho, campo, limbo, cumpro, chumbo*, b) respectivamente **por an, en, in, on, um**, se são seguidas d’alguma das outras **consoantes**, p. ex. *anca, janto, ancho, tento, tenro, tinta, pincho, conto, concha, junto, funcho.*” (Coelho, 1891: 28 – 29, grifos nossos)

**3º De acordo com a tonicidade da sílaba:** “O diphthongo nasal ãu é representado a) **por ão nas syllabas que tem o accento tonico**, p. ex. *mão, irmão, irmão*; b) **por ão ou am nas syllabas finaes, que não tem accento tonico**, das formas verbaes,

p. ex. *amam* ou *amão*, *amarão* ou *amaram*; *erão* ou *eram*, *forão* ou *foram*.” (Coelho, 1891: 29, grifos nossos)

Coelho não fala em *consoantes nasais*. Quando trata das consoantes fala em **som m**, **som n** e **som nh**. Como vimos nas regras acima, as consoantes *m* e *n* servem para representar graficamente as *vogais nasais* em alguns casos. Aparentemente, nesta obra de Coelho, a nasalidade recai apenas nas vogais.

### 3.6.3 Síntese

Com relação a continuidades e discontinuidades entre os dois períodos analisados, podemos observar que, embora o XVI já destaque que existem sons vocálicos diferentes, que devem ser marcados ou pelo *til* ou por *m/n*, o metatermo *nasal* só entra na terminologia dos estudiosos da língua muito tempo depois, provavelmente no próprio século XIX. De fato, em uma busca nas gramáticas de Roboredo (1619), Argote (1725) e Reis Lobato (1770), não encontramos, tal como em seus antecessores no século XVI, ocorrência dos metatermos *nasal* e *oral*.

Além disso, há os metatermos *claro* e *escuro* propostos por Oliveira para diferenciar as vogais *nasais* das não *nasais*. Aí notamos uma discontinuidade, já que nenhum dos autores que temos analisado se utilizam dessa terminologia.

Com relação ao século XIX em si, podemos destacar que, de um modo geral, os autores contrapõem os metatermos *nasal* e *oral*, com exceção de Constâncio (1831). Além disso, eles são sempre subclassificações das *letras* e dos *sons*, que, de um modo geral, se referem, respectivamente, às representações das unidades gráficas e aos sons da língua.

A ‘incidência’ do metatermo *nasal* se dá, de um modo geral, sobre os sons que são produzidos a partir do ar que reflui pelo nariz. O único gramático que discorda disso é Constâncio, que propõe o metatermo *palatal* para substituir *nasal*, pois afirma que os sons nasais não precisam, necessariamente, ser produzidos com eliminação de ar pelo nariz, já que bastaria dirigir o ar para o céu da boca para produzir este tipo de som. Sua proposta, porém, não parece ter tido efeito sobre os gramáticos posteriores a ele, que continuaram a optar pelo metatermo *nasal* e pelas definições que fazem referência à passagem do ar pela cavidade nasal. Aliás, mesmo Constâncio, que critica esta

terminologia, recorre ao metatermo *nasal* com considerável frequência em sua gramática<sup>83</sup>.

Com exceção de Couto e Melo (1818) e Coelho (1868), todos destacam o modo de grafar as *letras nasais*, mais do que as propriedades dos sons a elas relacionados. De um modo geral, partilham da ideia de que tanto o *til* quanto as consoantes *m* e *n* servem para representar a nasalidade das *vogais*.

Apenas Soares Barbosa, Constâncio e Coelho (1868) mencionam a existência de *consoantes nasais*. E, com exceção de Coelho (1868), todos propõem, ainda que com listas diversas de exemplos, que haja, em português, *ditongos nasais*.

### 3.7 Síntese geral do Capítulo

Neste capítulo procuramos acompanhar as formas mais gerais de tratamento da fonética e da fonologia nas obras do século XIX, em contraposição aos seus antecedentes no século XVI, examinando uma rede de termos que, mais amplamente, articulam o tratamento desses níveis. Entre as características mais notáveis ao longo desse percurso, vimos:

- 1) Manutenção de algum nível de apelo às origens históricas da língua, desde o século XVI, acentuado na obra de Adolfo Coelho, que toma tais origens como elemento explicativo de valor central, sobretudo em seu texto de 1868.
- 2) Alteração dos critérios, tendente à ampliação, de descrição e classificação dos segmentos sonoros, com o conseqüente aumento ora dos dados em exame (ver as discrepâncias em relação ao número de vogais, que pode chegar a 20 em gramática do século XIX), ora da nomenclatura (que vai incluir, por exemplo, detalhamento de zonas e modos de articulação de consoantes).
- 3) Os elementos de organização do conceito de *letra* (*nome*, *figura* e *poder*), ainda que encontrem eco em descrições levadas a cabo no século XIX, vão perdendo sua centralidade e o conceito de *som*, antes pouco produtivo, passa a ser obrigatório como elemento organizador do tratamento dado à fonética e fonologia.
- 4) Em paralelo à ascensão do metatermo *som*, ocorre profunda alteração do metatermo *voz* que, primeiro, se especifica (valendo para *vogais*) e, mais adiante no século XIX, acaba por esvaziar-se de seu valor metalinguístico embora ambíguo e ainda persistente em gramática do século XIX. O

---

<sup>83</sup> Na seção que temos analisado da obra, ou seja, a “primeira parte”, que é a destinada aos *sons* e às *letras*, encontramos mais de 40 ocorrências do metatermo *nasal*.

metatermo *figura* também perde seu lugar, sendo substituído por *caractere*, *sinal*, ou ainda, pelo ressignificado metatermo *letra* (que, de elemento composto de *voz*, *nome*, *poder* e *figura*), reduz-se a um sinônimo de *caractere*, *sinal*. Ainda que esporadicamente, ‘letra’ era usado, no XVI, como sinônimo de ‘figura’, mas, aparentemente, por uma imprecisão nas descrições, pois pela definição seria um conceito mais geral, que abarcaria *figura*, *nome* e *poder*.

5) Nos dois momentos da gramaticografia portuguesa postos em contraste neste trabalho, a questão ortográfica aparece como central – como de resto permanecerá até hoje no gênero textual gramática. As discussões, desde o início, localizam-se em pontos diversificados do eixo que opõe critérios etimológicos a fônicos, ressaltando, em qualquer dos casos, a importância de um conjunto de diretrizes coerentes.

6) Os segmentos *nasais* e *nasalizados*, bem como as *semivogais*, apresentam-se como ‘problema’ para os dois grupos de estudiosos, que encontram soluções diversas para enfrentá-lo. No mesmo patamar estão as *vogais abertas* e *fechadas*, cujo estatuto sofre oscilações ao longo do tempo e mesmo em trabalhos de autores contemporâneos (veja Nunes de Leão em oposição a Oliveira e Barros). O tratamento das *vogais* da língua apresenta-se, nesta medida, como filão mais problemático quando consideramos a subclassificação considerada como mais básica dos *sons* (ou das *letras*): a oposição entre segmentos consonantais e vocálicos.

7) A distinção entre variantes e oposições na língua é apenas esparsamente explicitada, com mais força no século XIX. Assim, é sintomático que o metatermo *Phonologia* apareça apenas na obra de 1868 de Adolfo Coelho, já imbuída de valores importantes para a Gramática histórico-comparativa.

No capítulo seguinte, articularemos alguns dos resultados dessas análises com aqueles do capítulo 2, referentes aos contextos de produção e difusão desses conhecimentos.

## Capítulo 4: Resultados

Iniciamos esta dissertação tendo a hipótese de que o estudo da terminologia de descrição gramatical é parte essencial do processo de reconstrução histórica do conhecimento sobre as línguas (Swiggers 2010; Koerner 2014), pois os modos como foram identificados e denominados os fenômenos linguísticos ao longo do tempo pressupõem específicos modos de compreendê-los.

Em vista disso, procuramos contribuir para a compreensão do que os textos de Couto e Melo (1818), Soares Barbosa (1822), Constâncio (1831), Caldas Aulete (1864), Coelho (1868) e Coelho (1891), publicados ao longo de todo o século XIX, em Portugal, condensam em relação à maneira de conceber e tratar o plano da expressão da Língua Portuguesa.

A análise, que seguiu os pressupostos gerais da Historiografia Linguística – dentre eles, o que confere relevância ao estudo de aspectos ‘internos’ e ‘externos’ do *corpus* selecionado –, foi pautada, no que diz respeito à dimensão ‘interna’, no exame das configurações assumidas pelos metatermos *som*, *voz*, *letra*, *vogal*, *consoante*, *nasal* e *oral* ao longo do século XIX, quando comparadas com aquelas em que tais metatermos emergem na tradição (século XVI). Movimentos de conservação e mudança foram perseguidos a partir da aplicação dos ‘parâmetros classêmicos’ propostos por Swiggers (2010) para a análise de terminologias, com vistas a compreender as concepções gerais dos gramáticos do século XIX em relação à fonética e à fonologia.

A par disso, a pesquisa procurou oferecer um tratamento documental (epi-historiográfico) das obras analisadas e mapear, entre as dezenas que foram levantadas, os metatermos especificamente voltados para o estudo da fonética e da fonologia (veja anexo).

Examinando um conjunto representativo de obras do século XIX – tomado como última etapa de desenvolvimento dessa tradição sem a concorrência (e a interferência) da Filologia e da Linguística modernas –, no que diz respeito a um dos seus principais focos de interesse, o tratamento da fonética e da fonologia da língua, este trabalho promoveu uma comparação entre esses textos oitocentistas com os textos fundadores da gramaticografia portuguesa, no século XVI (época em que a fonética e a fonologia também estiveram no centro do interesse daqueles que se dedicaram ao tratamento gramatical da língua portuguesa, em função do processo de ‘gramatização’ (cf. Auroux

1992) da língua). Fizemos, em síntese, um estudo comparativo das ideias vigentes no século XIX com as registradas em obras quinhentistas, a fim de avaliar continuidades e descontinuidades no tratamento da fonética e da fonologia entre gramáticas consideradas inovadoras e aquelas que iniciaram a tradição gramatical lusitana.

Os resultados da investigação, no que diz respeito a seus objetivos epi-historiográficos (cf. Cap. 1), somam-se aos dos projetos mais amplos a que se vincula (*Documenta e Documenta (Português)*), constituindo-se de: digitalização das obras selecionadas por meio de fotografias; a sua digitação “conservadora”; levantamento do conjunto completo de seus metatermos; a organização de um conjunto de dados ‘externos’ tomados como relevantes para sua contextualização.

Nesse movimento de reconstrução dos contextos de produção e circulação de conhecimentos (ponto de vista ‘externo’), pudemos observar, no Capítulo 3, alguns aspectos centrais, tais como os seguintes:

No momento inicial de gramatização da Língua Portuguesa, ou seja, no século XVI, o foco era sistematizar a língua para que o produto deste trabalho, isto é, as gramáticas e ortografias, pudessem, além de contribuir para um movimento de consolidação de Portugal como nação independente (com sua própria língua e cultura), servir como instrumentos de ensino do português, já que estamos tratando de um período de forte expansão territorial. Assim, priorizar o estudo do significante linguístico, neste momento, apresentou-se como tarefa crucial. De fato, como vimos, as primeiras gramáticas (Oliveira (1536) e Barros (1540)) e a ortografia de Leão (1576), dedicam grande espaço para tratar de aspectos articulatórios, acústicos e gráficos de cada uma das então chamadas *letras* do português.

O século XIX é marcado pela especialização dos saberes. Com pretensões científicas, ainda que com bases teóricas distintas ao longo do século – no início, ainda embebido por características do iluminismo presente na Gramática Geral de Port Royal; no final, buscando aproximar-se do método Histórico-Comparativo iniciado na Alemanha – os estudiosos do período buscaram elevar os estudos linguísticos ao patamar de *ciência*. Desse modo, estudar os chamados *sons*, uma dimensão muito palpável da língua – em suas origens, seus modos de produção, articulação – mostrou-se trabalho de grande importância no período. As seis obras que estudamos do período dedicam, em alguma medida, parte de suas páginas às *letras* e aos *sons* do português, oferecendo, com exceção de Couto e Melo (1818), inventários completos desses elementos do português.

Do ponto de vista ‘interno’, em nosso caso, o da análise da terminologia de descrição considerada central para a tradição portuguesa nas descrições fonéticas e fonológicas, observamos, com base nos ‘parâmetros classêmicos’ propostos por Swiggers (2010), que:

- (a) Ao longo do século XIX, são observáveis alterações importantes nos valores de alguns metatermos “tradicionalis”. Assim, vimos, por exemplo, que *som* não era tão recorrente e central nas gramáticas quinhentistas quanto passou a ser nas oitocentistas. Há, com efeito, um paulatino aumento da especificação de um valor metalinguístico para *som* (de um emprego mais ambíguo e não definido explicitamente ao longo do século XVI, ele passa a ‘incidir’ com mais clareza e a ser textualmente definido como unidade mínima resultante de processos acústico-articulatórios). Nas primeiras gramáticas, os autores usam *som*, sem definir, parecendo utilizá-lo ou como referência a aspectos prosódicos da língua (Oliveira 1536 e Barros 1540), ou como expressão sonora de um segmento (Oliveira 1536 e Leão 1576). Nas gramáticas do século XIX, há, como vimos, conceituações explícitas do metatermo, e ele aparentemente ‘incide’ sobre a expressão sonora das *letras* ou de outros segmentos, como *ditongo* e *sílaba*. A esse movimento de especificação do uso corresponde uma mudança no estatuto de outros metatermos legados pela ‘tradição’, como *letra* e *voz*. Couto e Melo e Caldas Aulete parecem considerar *som* apenas as *vogais* (ou *vozes*), mas não as *consoantes* (ou *articulações*). Assim, quando definem *voz* e *articulação*, fazem normalmente a ressalva de que a *articulação* não pode ser pronunciada sem a presença de uma *voz* – ideia que vem desde o século XVI. Na organização que Couto e Melo, por exemplo, faz dos *sons*, na qual propõe *classe*, *ordem*, *gênero* e *espécie*, as *articulações* aparecem sempre nos *sons combinados*, ou seja, *som* que vem junto de alguma *voz*.
- (b) Sobre *letra*, se observarmos a terminologia das gramáticas anteriores a Caldas Aulete, perceberemos que, constantemente, uma das suas propriedades é denominada *figura* (ao lado de *nome* e de *valor* ou *poder*) e que, embora o autor se utilize de *caractere* ou *letra* como representação gráfica dos *sons*, acaba revelando alguma conservação da terminologia da tradição gramatical portuguesa mais antiga, quando afirma que determinados sons são *figurados* por



determinadas *letras*. Tanto *figura* quanto *letra* são metatermos pertencentes à ‘tradição’, mas o segundo, por ser exclusivo do contexto linguístico, é mantido nesta terminologia, enquanto *figura* parece ir sendo, aos poucos, substituído por *caractere*, ou *sinal*, *letra*. No século XIX, entre *letra* e *som*, o termo mais geral é o último, que, como vimos, emerge como um metatermo mais específico apenas nesses anos 1800, num contexto de maior atenção conferida à demarcação das especificidades da oralidade em relação às da escrita.

- (c) Com relação ao metatermo *voz*, vimos que, no século XVI, era um metatermo central que poderia ‘incidir’ sobre o plano sonoro de qualquer segmento da língua (desde letra até palavra). No século XIX, o metatermo se especifica, tornando-se, em um momento inicial, equivalente a vogal, para, no final do século, perder seu valor metalinguístico nas obras de Adolfo Coelho.
- (d) Quanto a *vogal*, vale notar que a principal continuidade, tendo em vista os dois períodos analisados, é que *vogal* e *consoante* são uma subclassificação de *letra*. A *vogal* é, no século XVI, aquela que possui *voz perfeita*, ou seja, pode ser pronunciada sozinha. No século XIX, as *vogais* são, de um modo geral, a expressão gráfica das *vozes*. Os autores oitocentistas propõem inventários que, embora sejam convergentes com relação à expressão gráfica dessas *letras vogais* (são cinco a, e, i, o, u, com exceção de Constâncio que acrescenta o y), divergem quanto às possíveis manifestações sonoras. A gramática de Aultete, por exemplo, apresenta dez *sons* vocálicos, enquanto a de Soares Barbosa expõe 22 pronúncias de vogais no português.
- (e) Sobre *consoante*, observamos que, no século XVI, é a subclassificação de *letra* que não possui *voz perfeita*, ou seja, não pode ser pronunciada se não junto com uma *vogal*. As *consoantes* são então classificadas em mudas e semivogais. O século XIX, com descrições um pouco mais técnicas, diferencia as *consoantes* das *vogais*, de um modo geral, afirmando que as primeiras utilizam os órgãos da fala para serem produzidas (isto é, lábio, língua, garganta, dente). Esta observação se reflete na metalinguagem por eles adotada, que passa a classificar as consoantes em *linguais*, *palatais*, *nasais* etc.
- (f) Finalmente, acerca de *nasal* e *oral*, podemos afirmar que, nas obras quinhentistas, embora não haja a ocorrência destes metatermos, a distinção entre esses sons, no que diz respeito às vogais, é evidenciada em suas descrições, com a discussão da utilização do *til*, do *m* e do *n* para representá-los. *Nasal* e *oral*

parecem surgir como metatermos classificatórios dos *sons* do português apenas no século XIX.

Em vista dessas observações, cremos que o trabalho tenha demonstrado que, mesmo em relação a significantes persistentes na tradição, é possível observar deslizamentos relevantes operados pelos gramáticos do século XIX, quanto a significados e ‘incidência’ (isto é aplicação que deles é feita com relação a um nível de descrição ou de teorização) dos metatermos, considerada a sua relação com os textos fundadores da gramaticografia lusitana. Além disso, parece ter se comprovado nossa hipótese inicial de que a permanência e a mudança mais bem se capturam com a análise de ‘redes terminológicas’ (aferíveis pelo exame do ‘conteúdo constrastivo’ dos metatermos) do que pelo exame isolado dos ‘conteúdos focais’ dos metatermos.

Do ponto de vista das questões linguísticas e dos estudos gramaticais envolvidos com os deslizamentos terminológicos observados, podemos destacar:

- (a) A preocupação de se estabelecerem e discutirem os problemas da proposta de equivalência entre *som* e *letra*, ou seja, da proposta de que cada *som* teria uma *letra* para representá-lo na escrita e vice-versa. Assim, como vimos, os autores enumeram as situações em que isso não ocorre, como, por exemplo, quando um *som* é representado por mais de uma *letra*, ou quando uma *letra* não representa *som* a ela consistentemente associado, mas é usada como marca etimológica. Muitas vezes, a questão ortográfica aparece como central, sendo discutida no eixo que opõe critérios etimológicos a fônicos. Por exemplo, como vimos em Soares Barbosa (1822):

Assim o vocabulo *Ortografia*, escripto por este modo, representa ao justo os sons de sua pronunção viva na Lingua Portugueza. Porêem escripto, como se vê ao principio [orthographia], representa, não so os sons, que tem presentemente, mas tambem os que teve em outro tempo no uso vivo da Lingua Grega, donde o houvemos. (Barbosa, 1822: 56)

- (b) A manutenção do apelo às origens históricas da língua, desde o século XVI. A história é um elemento permanente quando se explicam a fonética, a fonologia, e também a etimologia e a ortografia. Lembrando que esta remissão às origens históricas se manifesta de modo mais veemente em Adolpho Coelho e sua obra histórico-comparativa (1868), por exemplo, quando explica sobre as representações gráficas de algumas consoantes que sofreram mudança na

passagem da língua fonte para o português, como com relação à consoante “tenue dental”, que seria, de acordo com o autor, expressa por *t*, geralmente em palavras de origem latina ou teutônica; e por *th*, quando corresponde ao *θ* grego.

- (c) Aumento dos tipos de dados em exame (ver o aumento do número de vogais no século XIX) e da nomenclatura (emergem novos metatermos, para lidar como pontos e modos de articulação, por exemplo, ou para propor revisão de terminologia usual, considerada imprecisa (v. Adolfo Coelho)).
- (d) Os segmentos *nasais* e *nasalizados*, bem como as *semivogais*, apresentam-se como ‘problema’ para os dois grupos de estudiosos, que encontram soluções diversas para enfrentá-lo. Por exemplo, Constâncio, que critica o uso do metatermo *nasal*, e defende, como substituto, o metatermo *palatal*, afirmando que os *sons nasais* não precisam ser produzidos com eliminação de ar pelo nariz, pois bastaria dirigir o ar para o céu da boca para realizá-los.
- (e) A polêmica existente em relação ao estatuto das *vogais abertas e fechadas* no século XVI, quando se consideram as visões conflitantes de Oliveira e Leão sobre o assunto, parece ter se resolvido no século XIX. Os autores oitocentistas, embora usem metalinguagens diferentes entre si (aberta/fechada; grande/pequena; forte/doce e brando), concordam em que haja uma distinção tal como observamos hoje e propõem uma solução gráfica (acentuação) para marcá-la na escrita.
- (f) O tratamento das *vogais* da língua apresenta-se como filão mais problemático quando consideramos a subclassificação tida como mais básica dos *sons* (ou das *letras*): a oposição entre segmentos consonantais e vocálicos.
- (g) Distinção entre variantes e oposições sistêmicas na língua é apenas esparsamente explicitada, com mais força no século XIX. Assim, é sintomático que o metatermo *Phonologia* apareça apenas em obra de 1868, ainda com um valor ambíguo entre o que hoje compreendemos por fonética e fonologia.
- (h) É insinuada, quando se falam em contextos para aparecimento de segmentos (Adolfo Coelho) e em variações de um único segmento, uma oposição entre elementos distintivos e não-distintivos. No entanto, essa oposição não é formalizada e, mesmo ao final do século XIX, sistema e uso, assim como oralidade e escrita, não se apresentam de um modo que possam permitir ao leitor a sensação de que são claramente diferentes para os autores (ou para os pretensos usuários dos textos).

Acreditamos que a partir dos metatermos selecionados para a análise, tenhamos conseguido percorrer o pensamento sobre aspectos de fonética e fonologia dos séculos XIX e XVI. Mais amplamente, esperamos que os apontamentos de dados contextuais, somados às comparações realizadas entre os dois períodos, evidenciando continuidades e descontinuidades, tenham revelado, em alguma medida, o desenvolvimento dos estudos em fonética e fonologia presente em gramáticas importantes da tradição gramaticográfica lusitana.

## Considerações finais

A gramaticografia portuguesa é frequentemente revisitada em pesquisas acadêmicas, porém ainda são poucas as que tenham como foco o estudo sobre o que e como esta tradição pensou quanto à fonética e fonologia do português.

Nossa pesquisa partiu da metalinguagem de nove obras descritoras do português (três quinhentistas e seis oitocentistas), chegando a uma rede de termos correlacionáveis, sincrônica e diacronicamente, que ajudou a nos aproximarmos do modo como se dava o estudo dos *sons* em dois períodos determinantes das reflexões gramaticais em Portugal. Por um lado, o século XVI, que inicia a tradição gramatical portuguesa; por outro, o XIX, que, embora de modos diferentes durante o século, buscou elevar os estudos da língua e a gramática a um estatuto científico. A análise dos sete metatermos selecionados (*som, letra, voz, vogal, consoante, nasal e oral*), além de possibilitar que atestássemos a importância da observação dos metatermos em seu âmbito contrastivo, isto é, da relação que estabelecem com outros metatermos em uma obra, contribuiu para que verificássemos, nesse processo, continuidades e descontinuidades fundamentais para a compreensão do percurso histórico dessa área do conhecimento linguístico do português. Assim, acreditamos ter chegado a uma avaliação dos modos de descrição e de concepções linguísticas usuais no contexto do século XIX, que variam tanto em relação às obras quinhentistas, quanto entre os diferentes períodos dos anos 1800.

Outra contribuição de nossa pesquisa diz respeito à documentação das obras de nosso *corpus*. A digitalização, digitação e a reunião de dados externos em fichas descritivas<sup>84</sup> não só são fundamentais para a conservação deste material, mas, certamente, serão de grande serventia para futuras pesquisas que venham a ter a gramaticografia portuguesa como objeto de estudos.

Ficam abertas algumas possibilidades de continuidade deste trabalho, por exemplo, verificar a relação entre aspectos de fonética e fonologia do português levando em conta preceitos específicos da Gramática Histórico-Comparativa do século XIX e da Linguística, que se inaugura como disciplina pouco tempo depois. Ou, ainda, verificar o quanto se aproximam os estudos de fonética e fonologia de gramáticas oitocentistas

---

<sup>84</sup> Este material será organizado e disponibilizado no site do *Documenta* : <http://www.fflch.usp.br/dl/documenta/>

portuguesas e brasileiras, já que a variedade linguística brasileira já parecia, segundo nos mostram os textos publicados no Brasil nos anos 1800, distanciar-se da lusitana naquele momento. Estas são sugestões de temas que são amplos, diversos e importantes para a compreensão da Historiografia Linguística do português.

## Referências bibliográficas

**AGUIAR**, Monalisa dos Reis. *As reformas ortográficas da língua portuguesa: uma análise histórica, linguística e ideológica*. Revista Filologia e Linguística Portuguesa, n. 9, p. 11-26, 2007.

**ALTMAN, C e COELHO, O.** *Documenta Grammaticae et Historiae: projeto de documentação linguística e historiográfica (sécs. XVI-XIX)*. São Paulo, CEDOCH-DL-USP/CNPq, 2006 – 2010.

**ARGOTE, J. C. de.** *Regras da lingua portugueza, espelho da lingua latina: ou disposição para facilitar o ensino da lingua latina pelas regras da portugueza*. Lisboa: Officina da Musica, 1725 [1722].

**AUROUX, Sylvan.** *A revolução tecnológica da gramatização*. Campinas: Editora da Unicamp, 2009 [1992].

**BACELLAR, Bernardo de Lima e Melo.** *Grammatica Philosophica e Orthographia Racional da Lingua Portugueza*. Lisboa: Oficina de Simão Thaddeo Ferreira, 1783

**BARBOSA, Jerônimo Soares.** *Grammatica Philosophica da Lingua Portugueza ou Principios da Grammatica Geral Applicados à nossa Linguagem*. Lisboa: Typographia da Academia, 1822.

**BARROS, J. de.** *Grammatica da lingua portuguesa*. Dialogo em louvor da nossa linguagem. Olyssipone: Lodouicum Rotorigiu[m], 1540.

**BUESCU, Maria Leonor C.** *Babel ou a Ruptura do Signo. A Gramática e os Gramáticos Portugueses do Século XVI*, Lisboa, Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1983.

----- *Historiografia da Língua Portuguesa. Século XVI*, Lisboa: Livraria Sá da Costa, Colecção Nova Universidade. Linguística, nº 11, 1984.

----- *Gramáticos portugueses do século XVI*. Portugal: ICP, 1978.

**CAGLIARI**, Luiz Carlos. *A descrição fonética na Grammatica da Lingoagem Portugueza (1536) de Fernão de Oliveira*. Alfa, São Paulo, 52 (2): 565-577, 2008 565.

----- A escrita na gramática de Jerônimo Soares Barbosa. In: Seminários do GEL, 1985, Bauru. Estudos Lingüísticos X - Anais de Seminários do GEL. Bauru: GEL. v. 1. p. 93-97

**CALDAS AULETE**, Francisco Julio. *Grammatica Nacional*. Lisboa: Typ. da Sociedade Typographica Franco-Portugueza, 1864.

**CARDOSO**, Adelino. “Filosofia e História das Ciências: a inteligibilidade científica no Portugal oitocentista” in *História do Pensamento Filosófico Português IV* tomo 02 (org. Pedro Calafate e Manuel Cândido Pimentel). Lisboa: Caminho, 2004.

**COELHO**, Francisco Adolpho. *Noções elementares de grammatica portugueza*, 1891.

----- *A Lingua Portugueza. Phonologia, Etymologia, Morphologia e Sintaxe*. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1868.

**COELHO**, Olga. *Documenta Grammaticae et Historiae (Português): projeto de documentação linguística e historiográfica (1536 – 1900)*. São Paulo, CEDOCH-DL-USP/CNPq, 2010 – 2014.

----- **COELHO**, O. F. e **CAVALIERE**, Ricardo. *Fonologia e morfologia na gramática científica brasileira*. Niterói, EdUFF, Coleção Ensaio, n. 16, 2000, Revista Confluência nº 21. Rio de Janeiro: Liceu Literário Português - Instituto de Língua Portuguesa, 2001 (Resenha).

----- *Ortografia e nacionalismo no Brasil do século XIX*. In: Maurício Silva. (Org.). “Ortografia da língua portuguesa: história, discurso e representações”. 1 ed. São Paulo: Contexto, 2009, v. 1, p. 115-132.

**COELHO**, Sonia. *As ideias linguísticas nos Prólogos das gramáticas de Pedro José da Fonseca (1799) e de Jerónimo Soares Barbosa (1822)*. Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Textos Seleccionados, XXVI Encontro da Associação Portuguesa de Linguística, Lisboa, APL, 2011, pp. 168-181.



**CONSTÂNCIO**, Francisco Solano: *Grammatica analytica da lingua portugueza*, offerecida á mocidade estudiosa de Portugal e do Brasil. Paris : Na Off. Typ. de Casimir, 1831.

**COUTO**, Manuel Amor. *Gramática e teorização linguística em Portugal: a Gramática Filosófica de Jerónimo Soares Barbosa*. Universidade de Santiago de Compostela. *Revista Galega de Filoloxía*, ISSN 1576-2661, 2004, 5: 11-31.

**COUTO** e **MELO**, João Crisóstomo do. *Grammatica Philosophica da linguagem portugueza*. Lisboa: Impressão Régia, 1818.

**CRUDIS Rodrigues**, Julia de. *Descrição gramatical e política linguística. A instrumentalização da Arte da Grammatica da Lingua Portugueza (1770) no Período Pombalino*. Relatório de I.C. São Paulo: CNPq, 2008.

----- *Descrição gramatical e política linguística. A Arte de Reis Lobato e a tradição precedente ao Período Pombalino (1759 – 1808)*. Relatório de I.C. São Paulo: CNPq, 2009.

----- *Questões ortográficas nas primeiras obras descritoras da língua portuguesa: uma análise da metalinguagem em Fernão de Oliveira (1536), João de Barros (1540) e Nunes de Leão (1576)*. Relatório de I.C. São Paulo: FFLCH, 2011.

**DUBOIS**, Jean (*et al*). *Dicionário de Linguística*. Tradução de Izidoro Blikstein. São Paulo : Cultrix, 2006.

**FÁVERO**, Leonor Lopes. “A Grammatica Descritiva de Maximino Maciel”. In Bastos, N. B. (org.). *Língua Portuguesa – Reflexões Lusófonas*. Editora PUC: São Paulo, 2006

----- “A produção gramatical brasileira no século XIX – da gramática filosófica à gramática científica.” In Barros, D.L.P. de (org). *Os discursos do descobrimento – 500 e mais anos de discurso*. São Paulo: Edusp/FAPESP, 2000

----- “A grammatica philosophica da lingua portugueza – definição e divisão” In Abralim, Boletim da Associação Brasileira de Linguística nº14, s/d

----- “A atualidade da grammatica philosophica da lingua portugueza de Jerônimo Soares Barbosa” In Atas do I encontro de centros de estudos portugueses do Brasil, volume 2. São Paulo: Humanitas, 2001

**FERNANDES**, Gonçalo. *A Primeira Gramática do Português como Língua Estrangeira (Lugduni 1672)*. Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro. Centro de Estudos em Letras, s/d. Disponível em: <http://dlac.utad.pt/10.%20Primeira%20Gram%Eltica%20do%20Portugu%EAs.pdf>

**GONÇALVES**, Maria Filomena. *Madureira Feijó, ortografista do século XVIII: para uma história da ortografia portuguesa*. Lisboa, Ministério da Educação, Inst. de Cultura e Língua Portuguesa, 1992.

----- “A ortografia na antiga gramaticografia portuguesa (século XIX)”. In *Actas do Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*, Lisboa: Colibri, 1996.

----- *As ideias ortográficas em Portugal: da etimologia à reforma (1734-1711)*, Universidade de Évora, 2 volumes, tese de doutorado, 1998.

----- *Notas sobre as “Prosas Portuguesas” de Rafael Bluteau e a Historiografia Linguística do século XVIII*. Revista Filologia e Linguística Portuguesa, n. 5, p. 07-25, 2002.

----- “Notas sobre a pontuação e a gramática no século XIX”. In *História da Língua e História da Gramática*, Head, B. F., Teixeira, J., Lemos, A. S., Barros, A. L. de, Pereira, A. (Organizadores). Actas do encontro – Centro de Estudos Humanísticos, Coleção Poliedro 11, Universidade do Minho, 2002.

----- *As ideias ortográficas em Portugal: de Madureira Feijó a Gonçalves Viana (1734 - 1911)*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian; Fundação para a Ciência e a Tecnologia; Ministério da Ciência e do Ensino Superior, 2003.

----- *Treinta años de historiografía lingüística del portugués*. Actas del XXXV Simposio Internacional de la Sociedad Española de Lingüística. Universidad de León, 2006.

----- “Correntes paralelas da gramaticografia peninsular: o problema da "ordem das palavras" (1750-1850)”, in Ángel Marcos de Dios (ed.), *Actas del Congreso Internacional Relaciones Lingüísticas e Literárias entre Portugal y España*, Salamanca, Ediciones de la Universidad de Salamanca, 2007.

----- ‘Desagravo’ da gramática portuguesa (1820 – 1824) – Contribuições para uma historiografia das polémicas gramaticais em Portugal. s/d. Disponível em: <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/8315.pdf>.

**HACKEROTT**, Maria Mercedes Saraiva. 1994. *A passagem da Minerva para a Gramática\_Geral na História da Gramática Portuguesa*. Tese de Doutorado. FFLCH/USP, São Paulo.

**HOMEM**, Amadeu Carvalho. “Jacobinos, Liberais e democratas na edificação do Portugal contemporâneo” in *História de Portugal* (org. José Tengarrinha). Bauru: Edusc; São Paulo: Unesp; Portugal: Instituto Camões, 2001.

**KOERNER**, Konrad. “Questões que Persistem em Historiografia Lingüística”. In: *Revista da Anpoll*, 1996.nº02, p. 45-70

----- Models in Linguistic Historiography. **Practicing linguistic historiography: selected essays**. KOERNER, K. (ed.). Amsterdam: John Benjamins, 1989, p. 47 – 59.

----- Professing Linguistic Historiography. John Benjamin Amsterdam/Philadelphia, 1995.

----- Quatro décadas de Historiografia Lingüística: estudos seleccionados. Seleção de textos de Rolf Kemmler e Cristina Altman. Organização de Carlos Assunção. Vila Real: Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, 2014

**KOSSÁRIK**, Marina. Introdução do *Methodo Grammatical para todas as Linguas*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2002.

**LEÃO**, Duarte Nunes de. *Orthographia da lingua portuguesa: obra vtil & necessaria assi pera bem screuer a lingua Hespanhol como a Latina & quaesquer outras que da*

Latina tem origem. Item hum tractado dos pontos das clausulas. Lisboa: João de Barreira, 1576.

**LEITE**, Marli Quadros. A construção da norma linguística na gramática do século XVIII. Alfa, São Paulo, 55 (2): 665-684, 2011.

----- *O nascimento da gramática portuguesa: Uso e Norma*. São Paulo: Humanitas e Paulistana, 2007.

**LOBATO**, Antonio José dos Reis. *Arte da grammatica da lingua portugueza*. Lisboa: Regia Officina Typografica, 1770.

**MARTINS**, Ernesto C. “Ideário da escola pública portuguesa entre os séculos XIX e XX”. In: *Revista Montagem*. V. 10, n. 10. Ribeirão Preto: Centro Universitário Moura Lacerda, 2008. Disponível em: <http://repositorio.ipcb.pt/handle/10400.11/849>;

**NETO**, Serafim da Silva. *Introdução ao estudo da filologia portuguesa*. Rio de Janeiro: Grifo, 1976.

**NETO**, Waldemar Ferreira. *Introdução à fonologia da língua portuguesa*. São Paulo: Hedra, 2001.

**OLIVEIRA**, Fernão. de *Grammatica da lingoagem portuguesa*. Lisboa: Germão Galharde, 1536.

**PEREIRA**, Bento. *Ars Grammaticæ pro Lingua Lusitana addiscenda Latino Idiomate proponitur, in hoc libello, velut in quadam academiola divisa in quinque classes, instructas subselliis, recto ordine dispertitis, ut ab omnibus tum domesticis, tum exteris frequentari possint. Ac finem ponitur Orthographia, ars recte scribendi, ut sicut prior docet recte loqui, ita posterior doceat recte scribere linguam Lusitanam. In gratiam Italorum conjugationibus Lusitanis Italæ correspondent. Ludguni: Sumptibus Laurentii Anisson, 1672.*

----- *Regras geraes breves e comprehensivas da melhor orthographia com que se podem evitar erros no escrever da lingua latina, e portugueza*. Lisboa: Domingos Carneiro, 1666.

**PINTO**, Edith Pimentel. *História da Língua Portuguesa*. São Paulo: Ática, 1988.

**QUEIRÓS**, Francisco A. F. *Annaes das Sciencias, das Artes e das Letras (1818-1822)*. 2ª parte. s/d. Disponível em: <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/5872.pdf>;

**REY-DEBOVE, J.** *Données élémentaires sur le métalangage. Le Métalangage*. Collection L'ordre des mots. Paris: Le Robert, 1978.

**ROBINS**, *Pequena história da linguística*. Tradução de Luiz Martins Monteiro de Barros. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1983 [1979].

**ROBOREDO**, Amaro de. *Methodo Grammatical para todas as Linguas*. Lisboa: pro Pedro Craesbeeck, 1619.

**SCHAFER-PREIEB**, Barbara. *Entre a gramática filosófica e a linguística histórico-comparativa: Francisco Solano Constâncio e a sua Grammatica analytica da lingua portugueza de 1831*. In *Estudos da gramaticografia e lexicografia portuguesas*, Frankfurt am Main: Domus Editoria Europaea, 2002.

**SILVA**, José Pereira da. *O método em Filologia*. Revista Soletas, nº 23, 2012.

**SILVA**, Maurício (org.). *A questão ortográfica na Gramática da Linguagem Portuguesa (1536), de Fernão de Oliveira: uma introdução*. Alfa, São Paulo, 50 (1): 23-38, 2006.

----- Maurício Silva (org.). *Ortografia da língua portuguesa: história, discurso, representações*. São Paulo: Editora Contexto, 2009.

**SOARES BARBOSA**, Jerônimo. *Grammatica Philosophica da Lingua Portugueza*. Lisboa : Typographia da Academia das Sciencias, 1822.

**SWIGGERS**, Pierre. *Le métalangage de la Linguistique: reflexions à propos de la terminologie et de la terminographie linguistiques*. São Paulo: Revista do Gel, 2010, p. 9-29.

----- Modelos, métodos y problemas en la historiografía de la lingüística. Nuevas aportaciones a la historiografía lingüística. *Actas del IV Congreso Internacional de la SEHL, 2005* [2004].

----- A historiografia da linguística: objeto, objetivos, organização. Confluência, 2013

**TEYSSIER**, Paul. (1980). *História da língua portuguesa*. Lisboa: Sá da Costa.

**VAGONES**, E.W. A fonética e seus precursores. *Alia*, São Paulo, 24: 179-85, 1980.

**VASCONCELOS**, Jose Leite de, *Opúsculos Vol. IV*, Coimbra: Imprensa da Universidade, 1929.

**WEEDWOOD**, Barbara. 2002. *História Concisa da Linguística* [tradução de *A concise story of linguistics* por Marcos Bagno]. São Paulo: Parábola Editorial.

## Anexo: Levantamento de metatermos referentes à fonética e à fonologia das obras do século XIX do *corpus* deste trabalho.

### 1. Couto e Melo (1818)

#### ACENTO

- ortoépico: “Entre os diferentes sons componentes de qualquer vocábulo poli-sílabo á sempre um mais agudo, ou mais extenso, que tódos os outros; e é por esta máior agudêza, ou máior extensão de voz, que des-aparece a monotonia ou confusão de sons, que qualquer ouvido necessariamente experimentalia, sentindo a pronunciação d’um vocábulo, cujos sons fôssem igualmente agudos ou graves ou baixos: evita-se esta confusão, fazendo predominar um som em tódo o vocábulo a respeito dos mais, que êle expressar; e que por esta razão o chãmam *som predominante*: eu porém o chãmarei *acento ortoépico*.” (COU, 1818: 56); “O *acento ortoépico* de qualquer vocábulo poli-sílabo é sempre expressado por uma das três últimas sílabas componentes do mêsmo vocábulo: v. g. em *sabêr*, em *assinãlados*, em *esquãlida*, e em *contrário*.” (COU, 1818: 56)

**ARTICULAÇÃO:** “*Articulação* é a inflêssão do som causada pela diferente união dos beiços, da lingua, dos dentes e da garganta.” (COU, 1818: 39-40); “Daqui vem o dizêr-se, que qualquer articulação não tem a possibilidade de prolongar-se d’elevantar-se d’abaixar-se como qualquer *vox*; por isso mêsmo, que tira a sua essência da intercêssão do *som* por alguma das partes mõeveis do organ da fala.” (COU, 1818: 40)

**BEIÇO:** “*Vóz* é a inflêssão do som causada pela diferente abertura da bôca e sem união dos beiços, nem da lingua, nem dos dentes, nem da garganta.” (COU, 1818: 39)

**BOCA:** “*Vóz* é a inflêssão do som causada pela diferente abertura da bôca e sem união dos beiços, nem da lingua, nem dos dentes, nem da garganta.” (COU, 1818: 39)

**CONSOANTE** (cf. letra)

**DENTE:** “*Vóz* é a inflêssão do som causada pela diferente abertura da bôca e sem união dos beiços, nem da lingua, nem dos dentes, nem da garganta.” (COU, 1818: 39)

**DURAÇÃO** (cf. som): “*Duração* é a inflêssão do som causada pela sua extensão.” (COU, 1818: 40)

**EXPRESSÃO:** “A’ dous gêneros de *sílabas*, relativamente á sua expressão, a sabêr: 1ª *Pronunciadas*, 2ª *Escritas*.” (COU, 1818: 53); “A expressão dos sons componentes de qualquer vocábulo é o, que chãmo *pronunciação do mêsmo vocábulo*.” (COU, 1818: 55)

**FALA:** “Som da voz omana ou *som articulado*, é a sensação causada no sentido auricular pelo organ da fala.” (COU, 1818: 39)

**GARGANTA:** “*Vóz* é a inflêssão do som causada pela diferente abertura da bôca e sem união dos beiços, nem da lingua, nem dos dentes, nem da garganta.” (COU, 1818: 39)

**LETRA:** “25. Lêtra é um sinal figurado, visível, e permanente. 26. As *lêtras* servem para expressar as diversas inflêssões ou modificações do som. 27. A’ duas classes de *lêtras*, a sabêr: 1ª *Vogaes*, 2ª *Consoantes*.” (COU, 1818: 46)

- consoante: “*Lêtra consoante* é a, que expressa articulação: v. g. *m, d, v, l, c, &c.*” (COU, 1818: 46); “A’ duas ordens de *consoantes*, a asbêr: 1ª *Simples*, 2ª *Combinadas*.” (COU, 1818: 47-48); “A’ três gêneros de *consoantes*, a sabêr: 1ª *Labiaes*, 2ª *Linguae*, 3ª *Guturæes*.” (COU, 1818: 48); “A’ três gêneros de *consoantes* relativamente ao máior ou menor apêgo das partes mõeveis principaes da bôca e á máior ou menor fôrça, com que se-expressa o ar sonoro; a sabêr: 1ª *Fortes*, 2ª *Fracas*, 3ª *Fraquíssimas*.” (COU, 1818: 49)

-- combinada: “*Consoante combinada* é a expressão de duas ou mais articulações: v. g. *br, str, &c.*” (COU, 1818: 48)

-- gutural: “*Consoante gutural* é a expressão d’articulação causada pelo movimento da garganta” (COU, 1818: 48-49)

-- labial: “*Consoante labial* é a expressão d’articulação causada pelo movimento dos beiços: v. g. *m, d, br, &c.*” (COU, 1818: 48)

-- lingual: “*Consoante lingual* é a expressão d’articulação causada pelo movimento da lingua: v. g. *d, l, dr, &c.*” (COU, 1818: 48)

-- simples: “*Consoante simples* é a expressão d’articulação simples: v. g. *m, d, v, &c.*” (COU, 1818: 48)

- vogal: “*Lêtra vogal* é a, que expressa voz: v. g. *a, ã, &c.*” (COU, 1818: 46) “A’ duas ordens de *vogaes*, a sabêr: 1ª *Simples*, 2ª *Combinadas*.” (COU, 1818: 46); “A’ dous gêneros de *vogaes*, a sabêr: 1ª *Oraes*, 2ª *Nasaes*.” (COU, 1818: 46); “A’ três espécies de *vogaes* relativamente á máior ou menor elevação, ou extensão dos sons, que expressam, a sabêr: 1ª *Agudas*, 2ª *Graves*, 3ª *Baixas*.” (COU, 1818: 46)

-- agudas

-- baixas

-- combinada: “*Vogal-combinada* é a expressão de som primitivo combinado: v. g. *áe, âi, ãe, &c.*” (COU, 1818: 46)

-- grave

-- nasal: “*Lêtra vogal-nasal* é a expressão de voz nasal: v. g. *ã, &c. ãe, &c.*” (COU, 1818: 46)

-- oral: “*Lêtra vogal-oral* é a expressão de voz oral: v. g. *á, ê, &c. áe, éi, &c.*” (COU, 1818: 46)

-- simples: “*Vogal-simples* é a expressão de som primitivo simples: v. g. *á, ê, ã, &c.*” (COU, 1818: 46)

**LÍNGUA:** “Vóz é a inflexão do som causada pela diferente abertura da bôca e sem união dos beiços, nem da língua, nem dos dentes, nem da garganta.” (COU, 1818: 39)

**MELODIA:** “*Melodia* é o prazêr, que resulta de se-ouvirem mûitos sons seguidamente; a *armonia* o, que resulta de se-ouvirem ao mêsmo tempo: géral e erradamente se-tôma *armonia* por *melodia*.” (COU, 1818: 57)

**MELODIOSA:** “Para que a pronunção de qualquer vocábulo poli-sílaba possa sêr melodiosa, é necessário graduar a dos sons componentes do mêsmo vocábulo pela quantidade das sílabas, que os expressarem; a qual é sempre distinta pelos caracteres: por tanto, deve o Leitôr abitar-se a firmar a voz nas sílabas longas, a passar delas insensivelmente para as breves, e destas para as brevíssimas.” (COU, 1818: 57)

**PRONUNCIÇÃO:** “A expressão dos sons componentes de qualquer vocábulo é o, que chãmo *pronunção do mêsmo vocábulo*.” (COU, 1818: 55); “A’ três espécies de pronunção, a sabêr: 1ª *Pronunção declamando*, 2ª *Pronunção lendo*, 3ª *Pronunção conversando*.” (COU, 1818: 57)

- conversando: “*Pronunção conversando* é a ação de dizêr em voz menos alta, que na *pronunção lendo*, qualquer discurso; fazendo menos firmêza nas sílabas longas, que aquela, que se-deve fazêr na pronunção lendo: atendendo sempre a que não aja afêtação nem acanhamento; e de nenhuma sorte a elevação e duração de som, gestos e ações, que competem á *pronunção declamando e lendo*.” (COU, 1818: 58)

- declamando: “*Pronunção declamando* é a ação de dizêr em voz alta algum discurso com o tom e duração competente, e acompanhando a voz do gesto e ação.” (COU, 1818: 57)

- lendo: “*Pronunção lendo* é a ação de dizêr em voz mênos alta, que a da *pronunção declamando*, algum discurso com o tom e duraç~]ao competente, sem acompanhar a voz do gesto nem d’ação: deve porê, atendêr-se, que a voz sêja naturalmente expedida com tom dôce e agradável, acompanhada do ar polido e delicado, que os antigos chamavam *urbanidade*; e pelo qual se-distinguem mûi facilmente os *Provinciãnos* dos *Cortesãos*.” (COU, 1818: 58)

**RESPIRAÇÃO:** “Daqui vem o dizer-se, que qualquer voz tem por característica a possibilidade de prolongar-se, d’evar-se e d’abaixarse quanto o permitir a respiração.” (COU, 1818: 39)

**SÍLABA:** “*Sílaba* é a expressão de qualquer som elementar.” (COU, 1818: 52); “A’ duas classes de sílabas, a sabêr: 1ª *Naturaes*, 2ª *Artificiaes*.” (COU, 1818: 53); “A’ dous gêneros de sílabas, relativamente á sua expressão, a sabêr: 1ª *Pronunciadas*, 2ª *Escritas*.” (COU, 1818: 53); “A’ três espécies de sílabas, relativamente á duração dos sons, que elas expressam, a sabêr: 1ª *Longas*, 2ª *Breves*, 3ª *Brevíssimas*.” (COU, 1818: 54)

- artificial

- breve: “*Sílaba-breve* é a expressão d’um som baixo e curto: v. g. *a, da, &c.*” (COU, 1818: 54)

- brevíssima: “*Sílaba-brevíssima* é a expressão d’uma articulação: v. g. *b, d, &c.* ou *b’, d’, &c.*” (COU, 1818: 54)

- escrita: “*Sílaba escrita* é a expressada pelas lêtras.” (COU, 1818: 53)

- longa: “*Sílaba-longa* é a expressão d’um som agudo ou grave: v. g. *á, dá, &c.*” (COU, 1818: 54)

- natural: “*Sílaba-natural* é a expressão de qualquer articulação, v. g. *m’, d’, &c.*” (COU, 1818: 53)

- pronunciada: “*Sílaba pronunciada* é a expressada pela fala.” (COU, 1818: 53)

**SOM** (cf. voz): “Vóz é a inflexão do som causada pela diferente abertura da bôca e sem união dos beiços, nem da língua, nem dos dentes, nem da garganta.” (COU, 1818: 39); “A’ duas Classes de *sons* relativamente á sua origem, a saber: (2) 1ª *Primitivos*, 2ª *Derivados*.” (COU, 1818: 40); “A’ três espécies de *sons* relativamente ao tom e duração, a sabêr: 1ª *Agudos*, 2ª *Graves*, 3ª *Baixos*.” (COU, 1818: 44); “A expressão dos sons componentes de qualquer vocábulo é o, que chãmo *pronunção do mêsmo vocábulo*.” (COU, 1818: 55); “Tôdo o vocábulo escrito, para sêr bem pronunciado, deve mostrar exatamente figurados tôdos os sons, que o formarem.” (COU, 1818: 55)

- acumulado: “*Som agudo* ou *acuminado* é o, que se-expressa com agudêza ou elevação: v.g. *á, é, &c.*” (COU, 1818: 44)

-agudo: “*Som agudo* ou *acuminado* é o, que se-expressa com agudêza ou elevação: v.g. *á, é, &c.*” (COU, 1818: 44)

- articulado: “*Som da voz omana* ou *som articulado*, é a sensação causada no sentido auricular pelo orgam da fala.” (COU, 1818: 39)

- baixo e curto: “*Som-baixo e curto* é o, que se-expressa com menor agudêza e extensão, que a do *agudo* e a do *extenso*: v. g. *a, e, &c.*” (COU, 1818: 44)

- derivado: “*Som-derivado* é o expressádo por uma ou mais vozes combinadas com uma ou mais articulações: v. g. *má, dê, máis, &c.*” (COU, 1818: 41); “A’ duas ordens de *sons derivados*, a sabêr: 1ª *Simples*, 2ª *Combinados*.” (COU, 1818: 41-42)

--combinado: “*Som-derivado-combinado* é o expressado n’um só tempo por duas ou mais vozes unidas a uma ou mais articulações: v. g. *mão, mãos, mãior, mão, brêo, brêos, &c.*” (COU, 1818: 42)

-- simples: “*Som-derivado-simples* é o expressado por qualquer voz combinada com uma ou mais articulações: v. g. *má, más, dê, bra, bras, &c.*” (COU, 1818: 42)

- extenso: “*Som-grave* ou *extenso* é o, que se-expressa com gravidade ou extensão: v. g. *â, ê, &c.*” (COU, 1818: 44)

- grave: “*Som-grave* ou *extenso* é o, que se-expressa com gravidade ou extensão: v. g. *â, ê, &c.*” (COU, 1818: 44)

-predominante: “Entre os diferentes sons componentes de qualquer vocábulo poli-sílaba á sempre um mais agudo, ou mais extenso, que tôdos os outros; e é por esta mãior agudêza, ou mãior extensão de voz, que desaparece a monotonia ou confusão de sons, que qualquer ouvido necessariamente experimentarã, sentindo a pronunção d’um vocábulo, cujos sons fôssem igualmente agudos ou graves ou baixos: evita-se esta confusão, fazendo predominar um som em tôdo o vocábulo a respeito dos mais, que êle expressar; e que



por esta razão o chãmam *som predominante*: eu porém o chãmarei *acento ortoépico*.” (COU, 1818: 56)

- primitivo: “*Som-primitivo* é o expressado por uma ou mais vozes n’um só tempo: v. g. *á, ê, ái, &c.*” (COU, 1818: 40); “A’ duas ordens de *sons primitivos*; a sabêr: 1ª *Simples*,

2ª *Combinados*.” (COU, 1818: 41)

-- combinado: “*Som-primitivo-combinado* é o expressado por mais d’uma voz n’um só tempo, e com uma única expiração sonora: v. g. *áe, ái, ãe, ão, &c.*” (COU, 1818: 41); “A’ dous gêneros de *sons-primitivos-combinados*, a sabêr: 1ª *Oraes*, 2ª *Nasaes*.” (COU, 1818: 43)

--- nasal: “*Som-primitivo-combinado-nasal* é o expressado n’um só tempo por uma voz nasal e outra: ex. *ão, &c.*”

--- oral: “*Som-primitivo-combinado-oral* é o expressado por mais d’uma voz oral n’um só tempo: v. g. *áe, &c.*” (COU, 1818: 43-44)

-- simples: “*Som-primitivo-simples* é o expressado por uma só voz: v. g. *á, é, â, ê, &c. ã, ãi, &c.*” (COU, 1818: 41); “A’ dous gêneros de *sons-primitivos-simples*, a sabêr: 1ª *Oráes*, 2ª *Nasáes*.” (COU, 1818: 42)

--- nasal: “*Som-primitivo-simples-nasal* é o expressado com mair reflyso d’ar pelo nariz, que pela bôca: v. g. *ã, &c.*” (COU, 1818: 42-43)

--- oral: “*Som-primitivo-simples-oral* é o expressado com mair reflyso d’ar pela bôca, que pelo nariz: v. g. *á, ê, &c.*” (COU, 1818: 42)

**TOM** (cf. som): “*Tom* é a inflêssão do som causada pela sua elevação.” (COU, 1818: 40)

## 2. Soares Barbosa (1822)

**ABECEDÁRIO** (cf. Alfabeto): “O Abecedario vulgar, ou Typographico de 23 Letras, a saber: A, B, C, D, E, F, G, H, I, K, L, M, N, O, P, Q, R, S, T, U, X, Y, Z, por huma parte he incompleto e falto não menos que de onze Letras, a saber: das cinco Nasaes *Ã, Ê, Ì, Ò, Û*; das duas Consoantes *J*, e *V*, e das quatro Prolações *CH*, *NH*, *LH*, *RR*, que são humas verdadeiras Consoantes, posto que figuradas com duas Letras: e por outra parte o mesmo Abecedario vulgar he sobejo de tres Letras, a saber: o *k*, e *Y*, que são Gregas, e o *H*, que, ainda sendo signal de aspiração, não deve ter lugar entre as Consoantes, mas sim entre os *Accentos* Prosodicos, aonde pertence.” (BAR: 1822, 59); “Qualquer palavra, que se queira escrever, pronuncie-se primeiro bem, e distinguidos todos os sons, de que he composta, estes se escrevão pela mesma ordem com os caracteres, que lhes competem nos Abecedarios completos, e exactos, que ficão lançados nos Capitulos I. e II. da Orthoepia, e no Cap. I. Regra I. da Orthographia, e a palavra assim escripta ficará sem erro de Orthographia.” (BAR, 1822: 77)

**ABERTO** (cf. Letra, voz)

**ACENTO**: “ou *accidentaes*, assim chamados, porque se ajuntão aos primeiros, e os modificão, ja extendendo, mais ou menos, a sua duração; ja augmentando ou diminuindo a sua elevação: e taes são as modificões

**VOCÁBULO**: “*Vocábulos* é a expressão d’um ou mais sons. 57. A’ duas classes de *vocábulos*, relativamente ao número de sílabas, de que constam, a sabêr: 1.ª *Mono-sílabos*, 2.ª *Poli-sílabos*.” (COU, 1818: 54-55); “A expressão dos sons componentes de qualquer vocábulo é o, que chãmo *pronunciação do mesmo vocábulo*.” (COU, 1818: 55); “Tôdo o vocábulo escrito, para sêr bem pronunciado, deve mostrar exatamente figurados tôdos os sons, que o formarem.” (COU, 1818: 55)

- monossílabo: “*Vocábulo-mono-sílabo* é o, que consta d’uma só sílaba: v. g. *á, dá, ou, dou, ãe, ão. as, das, &c.*” (COU, 1818: 55)

- polissílabo: “59. *Vocábulo-poli-sílabo* é o, que, consta de muitas sílabas; consequentemente, di-sílabo é o, que consta de duas; tri-sílabo o, que consta de três; quadri-sílabo o, que consta de quatro; &c. : v. g. *adro, igual, ontem fôram*, (di-sílabos); *faltaram, faltãrãis*, (tri-sílabos); &c.” (COU, 1818: 55)

**VOGAL** (cf. letra)

**VOZ** (cf. som): “*Vóz* é a inflêssão do som causada pela diferente abertura da bôca e sem união dos beiços, nem da lingua, nem dos dentes, nem da garganta.” (COU, 1818: 39)

“Daqui vem o dizer-se, que qualquer *voz* tem por característica a possibilidade de prolongar-se, d’elevantar-se e d’abaixar-se quanto o permitir a respiração.” (COU, 1818: 39)

- humana: “Som da voz omana ou *som articulado*, é a sensação causada no sentido auricular pelo orgam da fala.” (COU, 1818: 39)

*Prosodicas*, accrescentadas aos mesmos sons fundamentaes, ou pela *Quantidade*, ou pelo *Accento*.” (BAR: 1822, 02); “As modificações *Prosodicas* porém, nascidas, ou da maior e menor duração das *Syllabas*, a que damos o nome de *Quantidade*; ou da sua maior, e menor elevação, ou aspiração, a que damos o nome de *Accento*; tem outro orgão, que he o da *Glottis*, em que se termina o tubo interior da *Trachia Arteria*, e em que se forma o som; ou *mais breve*, se a figsa da *Glottis* persiste aberta pouco tempo; ou *mais longo*, se persiste aberta por mais tempo; ou *mais grave*, se as cordas da mesma *Glottis* se entezão *menos*; ou *mais agudo*, se se entezão *mais*; ou *menos aspirado*, se por ella se deixa passar hum menor volume de ar; ou *mais aspirado*, se o volume he maior.” (BAR: 1822, 27); “*Accento*, que quer dizer *Canto accrescentado á palavra, ou Tom*, he a maior, ou menor elevação relativa, com que se pronunciação as vozes, nascida da maior ou menor intensidade, que as fibras da *Glottis* dão a seu som. A mesma differença, que ha entre hum som mais, ou menos intenso, e hum som mais, ou menos extenso; ha tambem entre o *Accento* e a *Quantidade* de huma *Syllaba*. Esta *Syllaba* pôde ser longa e tão extensa como duas breves; e comtudo não ser intensa, como o he a que tem *accento agudo*. *Orção*, por exemplo, tem a ultima longa; porque he hum *Diphthongo*, comtudo o seu som não he tão intenso e agudo como o da primeira tambem longa. He pois certo não so nas *Linguas*, Grega, e

Latina, mas também na Portuguesa que o *accento* das Syllabas he couza muito distincta da sua quantidade.” (BAR: 1822, 39); “Como não temos tantas vogaes, quantas são as vozes Portuguezas, servirmos-nos dos *Accentos* para com as mesmas vogaes, diversamente accentuadas, distinguirmos as vozes grandes das pequenas;” (BAR: 1822, 40); “*Não ha palavra alguma, que per si faça corpo, a qual não tenha Accento Agudo, ou Circumflexo.*” (BAR: 1822, 42)

#### - composto

-- **circumflexo**: “Ajuntando pois estas duas vozes Ambiguas ás 10 antecedentes, são por todas 12 as vozes Oraes Portuguezas. A nossa Orthographia não tem para as distinguir senão cinco letras vogaes, a saber: *a, e, i, o, u*. Porém servindo-se das mesmas figuras *a, e, o*, distingue-as, quando são grandes, ou dobrando-as, como fazião nossos antigos, escrevendo *Maa* em lugar de *má*, *See* em lugar de *Sé*, *Leer* ou *Ler* em lugar de *Lér*, *Sóo* em lugar de *Só*, e *Avoó* em lugar de *Avó*; ou marcando-as com os *accentos* vogaes, já agudo para as abertas, já circumflexo para as fechadas, como se vê acima.” (BAR: 1822, 04); “Destes dois *Accentos* he composto o *Accento Circumflexo*, que he aquelle, com que sobre a mesma Syllaba em diferentes tempos levantamos, e abaixamos successivamente o tom da voz. A sua figura he igualmente composta das duas linhas verticaes, que servem de nota ao Agudo e Grave, unidas em cima e abertas em baixo em fórma de augulo agudo deste modo (^), como em *Mêe*. O Grave he menos hum *accento*, do que huma privação do *accento Agudo*.” (BAR: 1822, 40)

- **de aspiração**: “Além destes tres *Accentos* ha outro de *Aspiração*, que os Gregos notavão ao principio com dois EË virados hum para outro, ou unidos deste modo H, e depois com a figura de huma virgula ás avessas, lançada por cima da vogal; e os Romanos com o primitivo H dos Gregos, posto na mesma linha antes da vogal aspirada.” (BAR: 1822, 41)

- **prosódico**: “Porém, como succede ordinariamente cahir o *Accento Agudo*, e o *Circumflexo* sobre as mesmas vozes que o tem realmente, ficão tendo dois usos entre nós os signaes do *Accento Agudo* e *Circumflexo*; hum para indicar a qualidade da voz, e outro para mostrar que he Aguda, ou *Circumflexa*. No primeiro são *Accentos Vogaes*, no segundo *Accentos Prosódicos*.” (BAR: 1822, 41); “e por outra parte o mesmo Abecedário vulgar he sobejo de tres Letras, a saber: o k, e Y, que são Gregas, e o H, que, ainda sendo signal de aspiração, não deve ter lugar entre as Consoantes, mas sim entre os *Accentos Prosódicos*, aonde pertence.” (BAR: 1822, 59)

#### -simples

-- **agudo**: “Ajuntando pois estas duas vozes Ambiguas ás 10 antecedentes, são por todas 12 as vozes Oraes Portuguezas. A nossa Orthographia não tem para as distinguir senão cinco letras vogaes, a saber: *a, e, i, o, u*. Porém servindo-se das mesmas figuras *a, e, o*, distingue-as, quando são grandes, ou dobrando-as, como fazião nossos antigos, escrevendo *Maa* em lugar de *má*, *See* em lugar de *Sé*, *Leer* ou *Ler* em lugar de *Lér*, *Sóo* em lugar de *Só*, e *Avoó* em lugar de *Avó*; ou marcando-as com os *accentos* vogaes, já agudo para as abertas, já circumflexo para as fechadas, como se vê acima.” (BAR: 1822, 04); “Os *Accentos* simples são dois, *Agudo*, e *Grave*. O *Agudo* he aquelle, com que levantamos o tom da voz sobre aqualquer Syllaba, e a

apoiamos com mais força. O *Signal*, com que os Gregos, e Romanos notavão este *Accento agudo*, era huma pequena linha vertical, lançada da direita par a a esquerda sobre a vogal deste modo ( ^ ), como em *Chinô*.” (BAR: 1822, 40); “*O Accento Agudo nunca tem lugar senão em huma das tres ultimas Syllabas de qualquer vocabulo, ou a ultima, ou a penultima, ou a antepenultima. Para traz não pôde passar.*” (BAR: 1822, 42); “*Tem Accento Agudo na ultima Syllaba todas as Palavras, quer sejam Nomes, quer Verbos, quer Particulas, que acabarem, ou em alguma das nossas cinco vozes grandes á, é, ê, ó, ô; ou nas duas communs i, u; ou em alguma das quatro Nasaes claras ã, ã, õ, ù, quer se escrevão assim, quer com m deste modo am, im, om, um; ou em algum dos Diphthongos Oraes ái, áo, éi, éo, éo, ío, ói, ôi, úi, ou dos Nasaes ãi, ão, êe, ôi, ôo, ùi, quer se escrevão assim, quer de qualquer outro modo; e bem assim tem a ultima aguda todas as palavras, ou sejam nomes ou verbos, que acabarem no numero Singular por alguma das nossas tres Liquidas L, R, S, ou esta ultima se escreva assim, ou com Z, como o uso introduzio.*” (BAR: 1822, 44-45); “*Todas as palavras esdruxulas, isto he, de tres ou mais Syllabas com a ultima, e penultima breves, tem o accento agudo na antepenultima.*” (BAR: 1822, 46); “*Todas as mais palavras a fóra as das duas Regras antecedentes, ou sejam dissyllabas, ou trissyllabas, ou polysyllabas, o Accento Agudo na penultima sem exetpção alguma, como Vóto, Virtúde, Humanidáde.*” (BAR: 1822, 47)

-- **grave**: “O *Accento grave* pelo contrario he aquelle, com que, depois de levantar o tom da voz, o abaixamos em huma, ou mais Syllabas, pronunciando-as com menos força e intensidade. O seu *signal* era a mesma linha vertical, porém com direcção contraria á da aguda deste modo ( ` ), como em *Chinô*.” (BAR: 1822, 40)

- **vogal**: “Porém, como succede ordinariamente cahir o *Accento Agudo*, e o *Circumflexo* sobre as mesmas vozes que o tem realmente, ficão tendo dois usos entre nós os signaes do *Accento Agudo* e *Circumflexo*; hum para indicar a qualidade da voz, e outro para mostrar que he Aguda, ou *Circumflexa*. No primeiro são *Accentos Vogaes*, no segundo *Accentos Prosódicos*.” (BAR: 1822, 41)

**AFÉRESE**: “Da mesma sorte se no principio do vocabulo se tira huma Syllaba, chama-se *Apherese*, isto he *Abstracção*.” (BAR: 1822, 23)

**ALFABETO** (cf. Abecedário): “A *Orthographia* he a Arte de escrever certo, isto he, de representar exactamente aos olhos por meio dos caracteres Litteraes do Alfabeto Nacional, os sons, nem mais nem menos, de qualquer vocabulo, e na mesma ordem, com que se pronunciação no uso vivo da Lingua: ou bem assim os que o mesmo vocabulo em outro tempo teve nas Linguas mortas, donde o houvemos.” (BAR: 1822, 56); “Toda a palavra Portugueza, que for derivada ou da Lingua Grega, ou da Latina, deve conservar na escriptura os caracteres da sua origem, que se podem representar pelos do nosso Alfabeto, e forem compatíveis com a nossa pronunciação. Mas o uso faz nesta regra todas as excepções, que quer.” (BAR: 1822, 68)

- **nacional**: “Os Caracteres proprios da Lingua Grega, que não entrão no nosso Alfabeto Nacional, mas que se podem substituir com as nossas Letras, são sete, a

saber: dois simples que são o *Kappa* e o *Ypsilon*; quatro aspirados a saber o *Théta*, o *Phi*, o *Rho*, e o *Chi*, e hum duples que he o *Psi*; porque o X he commum a Lingua Latina.” (BAR: 1822, 68)

**APÓCOPE:** “Pelo contrario se no fim do vocabulo se faz esta mutilação da Syllaba, tem o nome de *Apocope*, isto he, *Mutilação*.” (BAR: 1822, 23)

#### AR

**-sonoro:** “Doze destas são *Oraes*, e oito *Nasaes*. As primeiras são as que se formão no canal direito da bocca, e as segundas as que se formão no mesmo e junctamente no canal curvo do nariz, por onde reflue parte do ar sonoro.” (BAR: 1822, 03)

**ARTICULAÇÃO:** “Chamão-se *Vozes* as differentes articulações e modificações, que o som confuso, formado na glottis, recebe na sua passagem, das differentes aberturas, e situações immoveis do canal da bocca.” (BAR: 1822, 02); “Assim como as *Vozes* articulão e modificão o som confuso ou estrondo, formado pela Glottis; assim tambem as *Consonancias* articulão e modificão as vozes mesmas, que sendo continuadas farião igualmente hum som indistincto e confuso. As *Consonancias* por tanto são as Articulações, e modificações da voz, que reprezada na bocca, e largada de repente, recebe na passagem as impressões do movimento oscillatorio das partes moveis da mesma bocca. Os Grammaticos modernos chamão *Articulações* a estas consonancias. E com effeito o são. Mas, como as vozes tambem são articulações, não he este nome proprio para distinguir humas das outras.” (BAR: 1822, 07); “na Pronunciação de huma Lingua as Syllabas medem-se, não pelo vagar, ou pela velocidade accidental da mesma pronunciação; mas relativamente ás proporções immutaveis, que as fazem, ou longas, ou breves. Dois homens, hum dos quaes he summamente veloz no falar, e outro por extremo vagaroso e compassado, não deixão por isso de observar a mesma quantidade, ainda que o primeiro pronuncie mais depressa huma longa que o outro huma breve. Ambos dois não deixão de fazer exactamente breves as que são breves, e longas as que são longas, so com a differença que hum gasta duas, tres, e quatro vezes mais tempo, que o outro para as articular.” (BAR: 1822, 28)

**ÁSPERO:** “Nenhuma Orthographia dobra nas palavras as quatro consoantes V, Z, J, X nem tão pouco as cinco prolações CH, LH, NH, GU, QU. As mais, fóra estas nunca se dobrão, se não entre vogaes, como o R quando he forte e aspero escrevendo Carro, Carregar com dois RR; porque está entre vogaes e pelo contrario Abalroar, Honra, Genro com hum so R, porque não se acha entre vogaes.” (BAR: 1822, 65)

**BARROS:** “Esta divisão das vozes Portuguezas he a mesma com pouca differença, que a de João de Barros na sua Grammatica da edição de Lisboa 1785 pag. 186.” (BAR: 1822, 04); “Havendo porém necessidade de distinguir com isto duas palavras equivoacas como *Prégar* (prædicare), e *Pregar* (figere): seria bom para estes casos tornar a introduzir o ç dobrado de que usa para os mesmos casos o nosso João de Barros, ou dobrar a vogal, escrevendo *Vaadío*, *Prégar*, ou *Preegar*, *Sosinho*.” (BAR: 1822, 61)

**BEIÇO:** “As vozes *Oraes*, segundo a ordem da sua mesma geração, principiando desde a garganta ate á extremidade dos beiços, são:” (BAR: 1822, 03)

**BOCA:** “Chamão-se *Vozes* as differentes articulações e modificações, que o som confuso, formado na glottis, recebe na sua passagem, das differentes aberturas, e situações immoveis do canal da bocca. Este canal bem como hum tubo ou corda, póde ser tocado em differentes pontos e aberturas desde sua extremidade interior até á exterior; e daqui a multidão e variedade de vozes nas Linguas das Nações.” (BAR: 1822, 02-03); “Os sons fundamentaes, assim vogaes como consoantes, formão-se todos no canal da bocca, onde so se articula e forma em vozes o som informe, e confuso da Glottis pelas differentes posturas immoveis da mesma bocca, e estas mesmas vozes se articulão e formão em *Consonancias* pelo movimento oscillatorio das partes moveis da mesma, quando reprezão a voz e de repente a soltão. A bocca pois he o orção proprio, assim das vozes, como das *Consonancias*.” (BAR: 1822, 27)

**BREVE** (cf. Letra, voz)

**CANAL:** “Além das vozes *Oraes* tem a nossa Lingua oito *Nasaes*; assim chamadas, porque nas *Oraes*, saindo todo o ar sonoro pelo canal direito da bocca, nestas, parte delle sae pelo mesmo, e outra parte refluindo pelo canal curvo, que communica da garganta com o nariz, sae pelas duas aberturas das ventas, e nesta passagem recebe da elasticidade e sinuosidade do canal huma especie de resonancia, que distingue essencialmente as vozes *Nasaes* das puramente *Oraes*.” (BAR: 1822, 04-05); “Ora está claro que esta operação mechanica deve levar mais tempo do que, quando o ar sae livremente so pelo canal direito da bocca. Isto, e a resonancia mesma, que as vozes adquirem na concavidade da bocca e das ventas, e com a qual se fazem mais cheias, e corpulentas, tudo concorre para de sua natureza serem mais longas.” (BAR: 1822, 32)

**CARACTERE:** “A *Orthographia* he a Arte de escrever certo, isto he, de representar exactamente aos olhos por meio dos caracteres Litteraes do Alphabeto Nacional, os sons, nem mais nem menos, de qualquer vocabulo, e na mesma ordem, com que se pronunciação no uso vivo da Lingua: ou bem assim os que o mesmo vocabulo em outro tempo teve nas Linguas mortas, donde o houvemos.” (BAR: 1822, 56); “O uso da Nação adoptou para isto 31 Caracteres fundamentaes, a saber: 5 vogaes *oraes* A, E, I, O, U; 5 *Nasaes* Á, Ê, Í, Ô, Û; e 21 *Consoantes* B, P, M, V, F, G, C, D, T, S (com vogal diante) Z, S, (sem vogal diante), X, J, CH, N, NH, L, LH, R, RR, como se póde ver no Livro I. da *Orthoepia*, Cap. I, e II. Para exprimir as duas Gutturales antes de E e I ajuntou ás Consoantes muitas vezes do Ç cedilhado em lugar do S, e do G em lugar do J antes de E e I.” (BAR: 1822, 58); “Toda a palavra Portugueza, que for dirivada ou da Lingua Grega, ou da Latina, deve conservar na escriptura os caracteres da sua origem, que se poderem representar pelos do nosso Alphabeto, e forem compatíveis com a nossa pronunciação. Mas o uso faz nesta regra todas as excepções, que quer.” (BAR: 1822, 68)

**CÉU DA BOCA:** “As *Consonancias Linguae* são todas produzidas pela Lingua, que para interceptar e

tapar a voz, ou faz encontro na sua extremidade interior contra a garganta, ou na exterior contra os dentes superiores, ou no meio contra varias partes do paladar, chamado *Ceo da bocca*.” (BAR: 1822, 8)

**CÍCERO:** “A *Natureza* (diz Cicero Orat. 58) *tomando, para assim dizer, a seu cargo o modular a Lingua dos homens, quiz que em toda palavra houvesse huma voz Aguda e não mais.* Se a não houvesse, as palavras ficarião monotonas, isto he, serião todas pronunciadas com hum mesmo tom, ou teção das fibras da Glottis, que as cançaria logo. Alem do que toda palavra, para ser huma, deve reunir todas as suas Syllabas em hum ponto commum de apoio, e este he a Aguda, para Cuja elevação preparão as que precedem, e da mesma descem as que se seguem. Huma oração, composta de vocabulos monotonos, seria mais huma fiada de Syllabas, do que hum tecido de palavras.” (BAR: 1822, 42)

**CONSOANTE:** “Assim como as *Vozes* articulão e modificão o som confuso ou estrondo, formado pela Glottis; assim tambem as *Consonancias* articulão e modificão as vozes mesmas, que sendo continuadas farião igualmente hum som indistincto e confuso. As *Consonancias* por tanto são as *Articulações*, e modificações da voz, que reprezada na bocca, e largada de repente, recebe na passagem as impressões do movimento oscillatorio das partes moveis da mesma bocca. Os *Grammaticos* modernos chamão *Articulações* a estas consonancias. E com effeito o são. Mas, como as vozes tambem são articulações, não he este nome proprio para distinguir humas das outras. O de *Consonancias* caracteriza melhor a natureza particular destas modificações, que nunca soão per si, mas so junctas ás vozes, que modificão; e he outro sim mais analogo á nomenclatura ja recebida das vozes; as quaes, chamando-se assim porque as Letras, que as figurão, se chamão vogaes; tambem aquellas se devem chamar *Consonancias*; porque as Letras, que as representão, se chamão *Consoantes*.” (BAR: 1822, 07); “Os sons fundamentaes, assim vogaes como consoantes, formão-se todos no canal da bocca, onde so se articula e forma em vozes o som informe, e confuso da Glottis pelas diferentes posturas immoveis da mesma bocca, e estas mesmas vozes se articulão e formão em *Consonancias* pelo movimento oscillatorio das partes moveis da mesma, quando repreção a voz e de repente a soltão. A bocca pois he o orção proprio, assim das vozes, como das *Consonancias*.” (BAR: 1822, 27)

**CONSONÂNCIA:** “Assim como as *Vozes* articulão e modificão o som confuso ou estrondo, formado pela Glottis; assim tambem as *Consonancias* articulão e modificão as vozes mesmas, que sendo continuadas farião igualmente hum som indistincto e confuso. As *Consonancias* por tanto são as *Articulações*, e modificações da voz, que reprezada na bocca, e largada de repente, recebe na passagem as impressões do movimento oscillatorio das partes moveis da mesma bocca.” (BAR: 1822, 07); “Mas, como as vozes tambem são articulações, não he este nome proprio para distinguir humas das outras. O de *Consonancias* caracteriza melhor a natureza particular destas modificações, que nunca soão persi, mas so junctas ás vozes, que modificão; e he outro sim mais analogo á nomenclatura ja recebida das vozes; as quaes,

chamando-se assim porque as Letras, que as figurão, se chamão vogaes; tambem aquellas se devem chamar *Consonancias*; porque as Letras, que as representão, se chamão *Consoantes*.” (BAR: 1822, 07); “Humas e outras se differença essencialmente I.º Porque as *vozes* são articulações do som informe da Glottis, as *Consonancias* são articulações do mesmo som ja formado em vozes. 2.º Porque aquellas são produzidas pelas aberturas e situações immoveis do orgão; e estas são produzidas pelo movimento das partes moveis do mesmo orgão, que as intercepta e desintercepta. 3.º Porque o som das vozes pode-se fazer durar por todo tempo, que dura a abertura e posição do canal, que o produz; o das *Consonancias* sempre he instantaneo, como o movimento dos orgãos, que repreção e largão a voz. Solta esta, a *Consonancia* desaparece, e a voz fica. Sendo pois as *Consonancias* produzidas pelo movimento das diferentes partes moveis, ou teclas do orgão vocal; quantas forem estas partes moveis, tantas serão as classes de *Consonancias*.” (BAR: 1822, 07-08); “Finalmente cumpre advertir que todas estas *Consonancias* Portuguezas são sons simples, quer se escrevão com huma letra so, quer com duas, quer com as letras dobradas dos Gregos, e Romanos. Taes são as tres CH, LH, NH (que os nossos antigos *Grammaticos* chamavão *Prolações*); as duas Gutturales GU, QU, que assim se escrevem quando vem antes de *e* e *i*; a Tremolante Forte RR, quando no meio das palavras se acha entre vogaes; e as duas Palataes Fortes Z, e X, que entre os Gregos, e Romanos erão dobradas.” (BAR: 1822, 12); “Os sons fundamentaes, assim vogaes como consoantes, formão-se todos no canal da bocca, onde so se articula e forma em vozes o som informe, e confuso da Glottis pelas diferentes posturas immoveis da mesma bocca, e estas mesmas vozes se articulão e formão em *Consonancias* pelo movimento oscillatorio das partes moveis da mesma, quando repreção a voz e de repente a soltão. A bocca pois he o orção proprio, assim das vozes, como das *Consonancias*.” (BAR: 1822, 27); “As *Consoantes*, que mais embaraso cauão na Orthografia por eisprimirem uma mesma consonancia, sendo diferentes caracteres do mesmo som, são as quatro Gutturales; duas brandas G, GU, e duas Fortes C, QU; as tres Sibibintes brandas SS, C, Ç; as duas Sibilantes fortes Z, e S entre vogaes; as duas Chiantes fortes J e G; e as duas Chiantes, branda e forte X, e CH. Como estas *Consoantes* nas suas respetivas clases se pronunsião do mesmo modo, mal se póde saber pela pronunsião qual delas avemos de tomar, e qual deixar para screver serto.” (BAR, 1822: 79)

**-eufônica:** “Temos para isto duas *Consonancias Euphonicas*, que costumamos metter entre as palavras consecutivas, quando sua junctura he de hum som desagradavel.” (BAR: 1822, 25)

-- palatal líquida L

-- palatal nasal N

**-fixa:** “Ainda ha outra differença notavel entre estas *Consonancias*. Humas são Liquidas, isto he, *Correntes* porque seu mecanismo he tão facil, e para assim dizer, tão fluido, que na composição das Syllabas complexas se associão tão amigavelmente com as outras *Consonancias*, que parecem fazer com ellas hum mesmo corpo. Taes são, o nosso S Solitario (quando não tem vogal diante), e as duas Palataes Brandas L e R. Outras porém são *Fixas*, assim chamadas, porque seu mecanismo não soffre associação immediata com outras da mesma especie para fazer Syllaba com ellas; e

taes são a fóra as tres Liquidas, todas as mais.” (BAR: 1822,12)

- **infantil** (cf. consonância labial dental)

-**labial**: “Ora estas partes moveis são so duas, a saber: os *Beijos* e a *Lingua*, e daqui as duas unicas especies de Consonancias, que são ou *Labiaes* ou *Linguae*. Todas ellas compõem huma oitava no Teclado vocal.” (BAR: 1822, 08)

-- **dental**: “As primeiras ou são *Labiaes Puras*, produzidas por ambos os beijos, que se unem para interceptar a voz, e se abrem para a soltar; ou são *Labiaes Dentaes*, produzidas pela interceptação do beijo inferior com os dentes superiores.” (BAR: 1822, 08) “As *Labiaes Dentaes*, são so duas”; “Estas Consonancias chamão-se *Infantis*; porque, sendo de hum mecanismo o mais facil, por ellas principião as crianças a fazer os primeiros ensaios da Linguagem articulada.” (BAR: 1822, 08)

--- **branda**: “huma *Branda* como V em *Viga*,” (BAR: 1822, 08)

---**forte**: “e outra *Forte* como F em *Figa*.” (BAR: 1822, 08)

-- **pura**: “As primeiras ou são *Labiaes Puras*, produzidas por ambos os beijos, que se unem para interceptar a voz, e se abrem para a soltar; ou são *Labiaes Dentaes*, produzidas pela interceptação do beijo inferior com os dentes superiores. As primeiras são tres, a saber:” (BAR: 1822, 08);

--- **branda**: “huma *Labial Branda*, porque o seu toque he menos forte como B em *Bála*,” (BAR: 1822, 08)

--- **forte**: “outra *Labial Forte*, assim chamada, porque não tem differença da primeira senão no grão maior de força, com que se exprime, como P em *Pála*,” (BAR: 1822, 08)

--- **nasal**: “e a terceira em fim *Labial Nasal*; porque o seu mecanismo faz refluir pelo nariz parte do som, que sae pelo canal da bocca, tal como M em *Mála*.” (BAR: 1822, 08)

-**lingual**: “Ora estas partes moveis são so duas, a saber: os *Beijos* e a *Lingua*, e daqui as duas unicas especies de Consonancias, que são ou *Labiaes* ou *Linguae*. Todas ellas compõem huma oitava no Teclado vocal.” (BAR: 1822, 08); “As *Consonancias Linguae* são todas produzidas pela *Lingua*, que para interceptar e tapar a voz, ou faz encontro na sua extremidade interior contra a garganta, ou na exterior contra os dentes superiores, ou no meio contra varias partes do paladar, chamado *Ceo da bocca*.” (BAR: 1822, 08)

-- **gutural**: “As primeiras, chamadas por isso *Linguae Gutturaes*, são duas” (BAR: 1822, 08-09)

---**branda**: “huma *Guttural Branda*, como G em *Gálla*” (BAR: 1822, 09)

-- **forte**: “e outra *Guttural Forte*, como C em *Cálla*.” (BAR: 1822, 09)

-**dental**: “As segundas, chamadas por isso *Linguae Dentaes*, são tambem duas,” (BAR: 1822, 09)

-- **branda**: “a *Lingual Dental Branda* D, como em *Dála*,” (BAR: 1822, 09)

-- **forte**: “e a *Lingual Dental Forte* T, como em *Tála*.” (BAR: 1822, 09)

-**líquida**: “Ainda ha outra differença notavel entre estas Consonancias. Humas são Liquidas, isto he, *Correntes* porque seu mecanismo he tão facil, e para assim dizer, tão fluido, que na composição das Syllabas complexas se associão tão amigavelmente com as outras Consonancias, que parecem fazer com ellas hum mesmo

corpo. Taes são, o nosso S Solitario (quando não tem vogal diante), e as duas Palataes Brandas L e R. Outras porém são *Fixas*, assim chamadas, porque seu mecanismo não soffre associação immediata com outras da mesma especie para fazer Syllaba com ellas; e taes são a fóra as tres Liquidas, todas as mais.” (BAR: 1822, 12)

-**muda**: “De todas estas Consonancias humas são *Mudas*, e outras *Semivogaes*. As primeiras são aquellas, em que a voz se intercepta totalmente, de sorte que não se sentem, senão ao abrir da bocca, taes como estas treze B, P, M, V, D, T, G, C, N, NH, CH, L, LH. As segundas são aquellas, em que o som se intercepta so parcialmente, de sorte que seu sonido se faz preeber surdamente ainda com o orgão meio fechado, e taes são o F, as duas Sibilantes S, Z, as tres Chiantes S, X, J, e as duas Tremolantes R, RR. Os que dividem as mudas das Semivogaes segundo seus nomes tem ou não e atraz, guiarão-se pela divisão Latina, que he errada, applicada ás nossas Consonancias.” (BAR: 1822, 11-12)

- **palatal**: “As terceiras, chamadas *Linguae Palataes*, tem mais variedade em razão da maior extensão do ceo da bocca e dos muitos pontos de apoio, que por isso offerece á *Lingua* para intereceptar a voz.” (BAR: 1822, 09)

-- **chiante**: “Outras fazem huma especie de *Chio*, chamadas por isso *Chiantes*; porque a *Lingua* apoiada em toda a sua circumferencia contra as gengivas superiores, tufando-se na ponta mais ou menos, deixa escapar por ella e pela fisga dos dentes o ar coado com este som. Os quatro grãos de maior ou menor quantidade de ar, e de maior ou menor força, com que ahi o interecepta, produzem as quatro differenças, que o ouvido sente nas nossas quatro *Palataes Chiantes*, S (quando não tem vogal diante), como em *Sciencia*; X como em *Xara*; J como em *Jarra*; e CH como em *Charra*. A primeira he *Líquida*, a segunda *Forte*, a terceira *Branda*, e a quarta *Forte*, porque nesta se interecepta a voz inteiramente.” (BAR: 1822, 09)

---**branda**

---**forte**

---**líquida**

-- **nasal**: “Outras *Linguae Palataes* tem hum som *Nasal*; por que a *Lingua* fincando a ponta contra a entrada do ceo da bocca, comprime ao mesmo tempo com a sua reigada os musculos da cortina do Paladar, e o ar reprezado deste modo, ao largar-se reflue, parte pelo canal do nariz, e parte pela bocca; e produz assim as duas *Palataes Nasaes*, huma *Branda*, como N em *Náfete* (*Neophyto*), e outra *Forte*, como NH em *Nháfete* (o mesmo).”

--- **branda**

---**forte**

--**pura**: “Outras finalmente tem hum som puramente Palatal; porque a *Lingua*, complanando-se em toda a sua extensão, e apoiando-se em roda contra as gengivas dos dentes superiores, deixa passar o ar ao longo della e de todo o ceo da bocca: e se tapando o ar em roda, o deixa so escapar com hum golpe de sua ponta naquella parte do ceo da bocca, que está vizinha aos dentes incisores de cima, produz a *Palatal Pura Líquida* L como em *Lama*: e se o desintercepta ao mesmo tempo em roda sua redondeza, produz a *Palatal Pura Forte* LH, como em *Lhama* (tela de fio de prata).” (BAR: 1822, 10)

--- **branda**

---líquida

--- forte

--**sibilante**: “Humas fazem huma especie de *assobio*, chamadas por isso *Sibilantes*, o qual assobio he produzido na fisga dos dentes pela ponta da Lingua, que com elles quasi cerrados ja faz menos esforço para interceptar a voz, e assim produz a *Palatal Sibilante Branda S* (quando tem vogal diante), como em *Sêllo*; ja faz mais esforço, e produz *Palatal Sibilante Forte Z*, como em *Zelo*.” (BAR: 1822, 09)

--**branda**

---forte

--**tremolante**: “Se a mesma Lingua porêem, formando dois arcos contrarios á maneira de hum S tombado, não intercepta totalmente o ar, e este saindo por succussos causa em sua ponta hum movimento tremulo; he a nossa *Palatal Tremolante Liquida R*, como em *Caro*; e se o tremor se faz em todo o comprimento da Lingua e com maior força, he a *Palatal Tremolante Forte RR*, como em *Carro*.”

--- líquida

---forte

-**semivogal**: “De todas estas Consonancias humas são *Mudas*, e outras *Semivogaes*. As primeiras são aquellas, em que a voz se intercepta totalmente, de sorte que não se sentem, senão ao abrir da bocca, taes como estas treze B, P, M, V, D, T, G, C, N, NH, CH, L, LH. As segundas são aquellas, em que o som se intercepta so parcialmente, de sorte que seu sonido se faz preeber surdamente ainda com o órgão meio fechado, e taes são o F, as duas Sibilantes S, Z, as tres Chiantes S, X, J, e as duas Tremolantes R, RR. Os que dividem as mudas das Semivogaes segundo seus nomes tem ou não *e* atraz, guiarão-se pela divisão Latina, que he errada, applicada ás nossas Consonancias.” (BAR: 1822, 11-12)

**CORDA VOCAL**: “A Lingua Portugueza porêem toca mais dois pontos ou vozes na sua corda vocal” (BAR: 1822, 04)

**CRASE**: “Para o mesmo fim de procurar á Lingua a mór euphonia possível, e evitar os hiatos, que nascem do concurso e collisão das vozes finaes e iniciaes de duas palavras consecutivas; fazemos frequentemente na Pronunção e na escriptura a Crase, ou mistura de Preposição a com o Artigo feminino e com o Demonstrativo *Aquelle*, tanto do singular como do plural, contrahindo em hum so *á* longo os dois, da preposição, e da palavra seguinte deste modo: *á moda*, *às avessas*, *áquelle*, *áquella*, em lugar de *a a moda*, *a as avessas*, *a aquelle*, *a aquella*.” (BAR: 1822, 26)

**DENTE**: “As *Consonancias Linguae* são todas produzidas pela Lingua, que para interceptar e tapar a voz, ou faz encontro na sua extremidade interior contra a garganta, ou na exterior contra os dentes superiores, ou no meio contra varias partes do paladar, chamado *Ceo da bocca*.” (BAR: 1822, 8)

**DITONGO** (cf. Som composto)

**ENCLÍTICA**: “Chamão-se *Encliticas* as particulas de huma Lingua, que se encostão sobre a palavra antecedente, e se unem com ella de tal sorte, que não parecem fazer na pronunção senão huma unica palavra com aquella, a que se ajuntão. Esta

sociabilidade procede ja da sua pequenez e brevidade, que não excede a duas Syllbas, e essas breves; ja por que occorrendo a cada passo no discurso estas Encliticas, se fizessem corpo á parte, obrigarião a fazer pausas mui curtas e repetidas, que fatigarião o pulmão em demazia; ja em fim, porque sendo destinadas para indicar as differentes relações das ideas, não ha couza mais conforme & razão do que ajuntar, para assim dizer, em hum corpo os termos das ideas, e os das suas relações.” (BAR: 1822, 48)

**EPÊNTESE**: “Se o Vocabulo se accrescenta no meio, interealando-se-lhe huma Syllaba, chama-se *Epenthese*, isto he, *Entreposição*” (BAR: 1822, 23)

**ESCOLA PÚBLICA**: “O meio unico e o mais geral para emendar no Povo estes e outros vicios da Linguagem, e rectificar a sua pronunção he o das Escolas Publicas das Primeiras Letras; onde a Leitura e Pronunção se aprende por principios, conhecendo e distinguindo practicamente os sons elementares da Lingua, e ensaiando-se debaixo da direccão de bons Mestres a pronuncial-os com toda a certeza, e expressão, e a combinal-os depois, ja soletando-os, ja syllabando-os, ja pronunciando-os junctamente nos vocabulos, e no discurso, e ligando tudo por meio de huma Leitura certa, desembaraçada, e elegante; o que nunca se conseguira com os methodos e cartas informes, e mais escriptos de letra tirada, de que até agora se tem usado; mas sim com Abecedarios e Syllabarios exactos e completos, e principiando a Leitura por cartas e livros de letra impressa, mais regular, mais uniforme, mais certa, e por isso mesmo tambem mais facil, e mais propria para dar o leite das Primeiras Letras á tenra idade. Os Meninos, em quanto tem os órgãos flexiveis, facilmente contrahem o habito de pronunciar bem a sua Lingua, ouvindo-a falar assim a seus Mestres, e Condiscipulos ja adiantados; e quando vem a ser pais de familias, communicão a seus filhos a mesma Linguagem, porque não sabem outra.” (BAR: 1822, 54)

**ESCRITURA**: “A Lingua compõe-se de Orações, as Orações de palavras, as palavras de sons articulados, e tudo isto se figura aos olhos, e se fixa por meio da escriptura.” (BAR: 1822, 01)

**ETIMOLOGIA**: “Daqui as quatro partes naturaes da Grammatica, a saber: a *Orthoepia*, que ensina a distinguir, e a conhecer os sons articulados, proprios da Lingua, para bem os pronunciar; A *Orthographia*, que ensina os signaes Litteraes, adoptados pelo uso, para bem os representar; A *Etymologia*, que ensina as especies de palavras, que entrão na composição de qualquer Oração, e analogia de suas variações e propriedades geraes; E a *Syntaxe* finalmente, que ensina a coordenar estas palavras e dispol-as no discurso de modo, que fação hum sentido, ao mesmo tempo distincto, e ligado” (BAR: 1822, 01)

**FECHADO** (cf. Letra, voz)

**FIGURA** (cf. VOZ)

**FORTE**: “Nenhuma Orthographia dobra nas palavras as quatro consoantes V, Z, J, X nem tão pouco as cinco prolações CH, LH, NH, GU, QU. As mais, fóra estas nunca se dobrão, se não entre vogaes, como o R quando

he forte e aspero escrevendo Carro, Carregar com dois RR; porque está entre vogaes e pelo contrario Abalroar, Honra, Genro com hum so R, porque não se acha entre vogaes.” (BAR: 1822, 65)

**GARGANTA:** “As vozes *Oraes*, segundo a ordem da sua mesma geração, principiando desde a garganta ate á extremidade dos beiços, são:” (BAR: 1822, 03); “As *Consonancias Linguaes* são todas produzidas pela Lingua, que para interceptar e tapar a voz, ou faz encontro na sua extremidade interior contra a garganta, ou na exterior contra os dentes superiores, ou no meio contra varias partes do paladar, chamado *Ceo da bocca*.” (BAR: 1822, 8)

**GLOTIS:** “Chamão-se *Vozes* as diferentes articulações e modificações, que o som confuso, formado na glottis, recebe na sua passagem, das diferentes aberturas, e situações immoveis do canal da bocca. Este canal bem como hum tubo ou corda, pôde ser tocado em diferentes pontos e aberturas desde sua extremidade interior até á exterior; e daqui a multidão e variedade de vozes nas Linguas das Nações.” (BAR: 1822, 02-03); “As modificações *Prosodicas* porém, nascidas, ou da maior e menor duração das Syllabas, a que damos o nome de *Quantidade*; ou da sua maior, e menor elevação, ou aspiração, a que damos o nome de *Accento*; tem outro orgão, que he o da Glottis, em que se termina o tubo interior da *Trachia Arteria*, e em que se forma o som; ou *mais breve*, se a fissa da Glottis persiste aberta pouco tempo; ou *mais longo*, se persiste aberta por mais tempo; ou *mais grave*, se as cordas da mesma Glottis se entezão *menos*; ou *mais agudo*, se se entezão *mais*; ou *menos aspirado*, se por ella se deixa passar hum menor volume de ar; ou *mais aspirado*, se o volume he maior.” (BAR: 1822, 27); “*Accento*, que quer dizer *Canto accrescentado á palavra*, ou *Tom*, he a maior, ou menor elevação relativa, com que se pronunciação as vozes, nascida da maior ou menor intensidade, que as fibras da Glottis dão a seu som. A mesma differença, que ha entre hum som mais, ou menos intenso, e hum som mais, ou menos extenso; ha tambem entre o *Accento e a Quantidade* de huma Syllaba. Esta Syllaba pôde ser longa e tão extensa como duas breves; e comtudo não ser intensa, como o he a que tem *accento agudo*. *O'rção*, por exemplo, tem a ultima longa; porque he hum Diphthongo, comtudo o seu som não he tão intenso e agudo como o da primeira tambem longa. He pois certo não so nas Linguas, Grega, e Latina, mas tambem na Portugueza que o *accento* das Syllabas he couza muito distincta da sua quantidade.” (BAR: 1822, 39)

**GRAMÁTICA:** “*GRammatica* he a Arte de falar e escrever correctamente a propria Lingua. A Lingua compõe-se de Orações, as Orações de palavras, as palavras de sons articulados, e tudo isto se figura aos olhos, e se fixa por meio da escriptura. Daqui as quatro partes naturaes da Grammatica, a saber: a *Orthoepia*, que ensina a distinguir, e a conhecer os sons articulados, proprios da Lingua, para bem os pronunciar; A *Orthographia*, que ensina os signaes Litteraes, adoptados pelo uso, para bem os representar; A *Etymologia*, que ensina as especies de palavras, que entrão na composição de qualquer Oração, e analogia de suas variações e propriedades geraes; E a *Syntaxe* finalmente, que ensina a coordenar estas palavras e

dispol-as no discurso de modo, que fação hum sentido, ao mesmo tempo distincto, e ligado: quatro partes da Grammatica Portugueza, que farão a materia dos quatro Livros desta obra.” (BAR: 1822, 01).

**GRANDE** (cf. Letra, voz)

**H:** “e por outra parte o mesmo Abecedario vulgar he sobejo de tres Letras, a saber: o k, e Y, que são Gregas, e o H, que, ainda sendo signal de aspiração, não deve ter lugar entre as Consoantes, mas sim entre os *Accentos Prosodicos*, aonde pertence.” (BAR: 1822, 59)

**K:** “e por outra parte o mesmo Abecedario vulgar he sobejo de tres Letras, a saber: o k, e Y, que são Gregas, e o H, que, ainda sendo signal de aspiração, não deve ter lugar entre as Consoantes, mas sim entre os *Accentos Prosodicos*, aonde pertence.” (BAR: 1822, 59)

**LABIAL** (cf. Consonância)

**LEI FÍSICA** “Huma Syllaba pode ser breve, ou longa por duas razões, ou por *Natureza*, ou por *Uso*. He breve, ou longa por natureza, quando os sons, de que se compõe, dependem de algum movimento organico, cujo mecanismo natural se não pôde executar senão, ou com presteza, ou com vagar, segundo as Leis Physicas o dirigem. He breve ou longa por uso somente, quando o mecanismo da pronunciação per si não pede, nem presteza, nem vagar; mas que o uso fez breves ou longas a seu arbitrio, pondo em humas o *accento* predominante em outras não.” (BAR: 1822, 30)

**LETRA** (cf. Voz, Consonância): “As vozes *Oraes*, segundo a ordem da sua mesma geração, principiando desde a garganta ate á extremidade dos beiços, são: 1.º *Á Grande*, como *á* primeira Letra do Abecedario, e o *á* do adjectivo feminino do plural *más*. 2.º *A Pequeno*, com o *a* artigo feminino, e o *a* da Conjuncção *mas*. 3.º *O É Grande Aberto*, como em *Sé*, nome. 4.º *O É Grande Fechado*, como em *Sê*, verbo. 5.º *O E Pequeno*, como em *Se*, Conjuncção. 6.º *O I Commum*, quer breve, quer longo, como em *vicio*. 7.º *O Ó Grande Aberto*, como em *só*, adjectivo, e em o substantivo *Avó*, feminino. 8.º *O Ô Grande Fechado*, como no Substantivo *Avô*, masculino. 9.º *O O Pequeno*, como o *O*, artigo masculino. 10.º *O U Commum*, quer breve, quer longo, como em *Cumulo*, *Tumulo*. Esta divisão das vozes Portuguezas he a mesma com pouca differença, que a de João de Barros na sua Grammatica da edição de Lisboa 1785 pag. 186.” (BAR: 1822, 03-04); “Os sons fundamentaes, assim vogaes como consoantes, formão-se todos no canal da bocca, onde so se articula e forma em vozes o som informe, e confuso da Glottis pelas diferentes posturas immoveis da mesma bocca, e estas mesmas vozes se articulão e formão em Consonancias pelo movimento oscillatorio das partes moveis da mesma, quando reprezão a voz e de repente a soltão. A bocca pois he o orção proprio, assim das vozes, como das Consonancias.” (BAR: 1822, 27)

- **consoante** (cf. consonância): “Outras tres são *Nasaes Surdas*, ou menos sensiveis. Porque, achando-se com o *accento agudo* e predominante, e sendo seguidas immediatamente de alguma das tres consoantes *nasaes m, n, nh* pertencentes á Syllaba seguinte; participão destas alguma parte da sua nasalidade, qual hum ouvido

fino percebe no *a* da primeira Syllaba de *Ama*, *Anua*, *Sanha*; no *e* da primeira Syllaba de *Penna*, *Temo*, *Tenho*; e no *o* da primeira Syllaba de *Somma*, *Sonho*.” (BAR: 1822, 05); “Assim como as *Vozes* articulã e modificão o som confuso ou estrondo, formado pela Glottis; assim tambem as *Consonancias* articulã e modificão as vozes mesmas, que sendo continuadas farião igualmente hum som indistincto e confuso. As *Consonancias* por tanto são as Articulações, e modificações da voz, que reprezada na bocca, e largada de repente, recebe na passagem as impressões do movimento oscillatorio das partes moveis da mesma bocca. Os Grammaticos modernos chamão *Articulações* a estas consonancias. E com effeito o são. Mas, como as vozes tambem são articulações, não he este nome proprio para distinguir humas das outras. O de *Consonancias* caracteriza melhor a natureza particular destas modificações, que nunca soão per si, mas so junctas ás vozes, que modificão; e he outro sim mais analogo á nomenclatura ja recebida das vozes; as quaes, chamando-se assim porque as Letras, que as figurão, se chamão vogaes; tambem aquellas se devem chamar *Consonancias*; porque as Letras, que as representão, se chamão *Consoantes*.” (BAR: 1822, 07); “O uso da Nação adoptou para isto 31 Caracteres fundamentaes, a saber: 5 *vogaes oraes* A, E, I, O, U; 5 *Nasaes* ã, ê, î, õ, û; e 21 *Consoantes* B, P, M, V, F, G, C, D, T, S (com vogal diante) Z, S, (sem vogal diante), X, J, CH, N, NH, L, LH, R, RR, como se pôde ver no Livro I. da *Orthoepia*, Cap. I, e II. Para exprimir as duas Gutturæes antes de E e I ajuntou ás Consoantes muitas vezes do Ç cedilhado em lugar do S, e do G em lugar do J antes de E e I.” (BAR: 1822, 58)

- **dobrada**: “Havendo porêm necessidade de distinguir com isto duas palavras equivocadas como *Prégar* (prædicare), e *Pregar* (figere): seria bom para estes casos tornar a introduzir o ç dobrado de que usa para os mesmos casos o nosso João de Barros, ou dobrar a vogal, escrevendo *Vaadío*, *Prégar*, ou *Preegar*, *Sosínho*.” (BAR: 1822, 61)

- **figura da ~**: “Todas as nossas Letras, tendo no presente uso da escriptura duas figuras; huma grande como A, B, C, D, E, &c. e outra pequena como a, b, c, d, e, &c. he practica conforme não metter nunca Letra grande no meio das palavras, e pol-a sempre no principio.” (BAR: 1822, 60)

--grande

--pequena

- **vogal**: “Ajuntando pois estas duas vozes Ambiguas ás 10 antecedentes, são por todas 12 as vozes Oraes Portuguezas. A nossa Orthographia não tem para as distinguir senão cinco letras vogaes, a saber: *a, e, i, o, u*. Porêm servindo-se das mesmas figuras *a, e, o*, distingue-as, quando são grandes, ou dobrando-as, como fazião nossos antigos, escrevendo *Maa* em lugar de *má*, *See* em lugar de *Sé*, *Leer* ou *Ler* em lugar de *Lér*, *Sóo* em lugar de *Só*, e *Avoo* em lugar de *Avó*; ou marcando-as com os accentos vogaes, ja agudo para as abertas, ja circumflexo para as fechadas, como se vê acima.” (BAR: 1822, 04); “Mas, como as vozes tambem são articulações, não he este nome proprio para distinguir humas das outras. O de *Consonancias* caracteriza melhor a natureza particular destas modificações, que nunca soão persi, mas so junctas ás vozes, que modificão; e he outro sim mais analogo á nomenclatura ja recebida das vozes; as quaes, chamando-se assim porque as Letras, que as figurão, se chamão vogaes;

tambem aquellas se devem chamar *Consonancias*; porque as Letras, que as representão, se chamão *Consoantes*.” (BAR: 1822, 07)

--**nasal**: “O uso da Nação adoptou para isto 31 Caracteres fundamentaes, a saber: 5 *vogaes oraes* A, E, I, O, U; 5 *Nasaes* ã, ê, î, õ, û; e 21 *Consoantes* B, P, M, V, F, G, C, D, T, S (com vogal diante) Z, S, (sem vogal diante), X, J, CH, N, NH, L, LH, R, RR, como se pôde ver no Livro I. da *Orthoepia*, Cap. I, e II. Para exprimir as duas Gutturæes antes de E e I ajuntou ás Consoantes muitas vezes do Ç cedilhado em lugar do S, e do G em lugar do J antes de E e I.” (BAR: 1822, 58)

--**oral**: “O uso da Nação adoptou para isto 31 Caracteres fundamentaes, a saber: 5 *vogaes oraes* A, E, I, O, U; 5 *Nasaes* ã, ê, î, õ, û; e 21 *Consoantes* B, P, M, V, F, G, C, D, T, S (com vogal diante) Z, S, (sem vogal diante), X, J, CH, N, NH, L, LH, R, RR, como se pôde ver no Livro I. da *Orthoepia*, Cap. I, e II. Para exprimir as duas Gutturæes antes de E e I ajuntou ás Consoantes muitas vezes do Ç cedilhado em lugar do S, e do G em lugar do J antes de E e I.” (BAR: 1822, 58)

**LÍNGUA**: “A Lingua compõe-se de Orações, as Orações de palavras, as palavras de sons articulados, e tudo isto se figura aos olhos, e se fixa por meio da escriptura.” (BAR: 1822, 01)

**LINGUAL** (cf. Consonância)

**LONGO** (cf. Letra, voz)

**MEMBRO**: “Agora pelo que pertence ás Consonancias; quando as Syllabas são incomplexas, nenhuma difficuldade podem causar. Ellas são as que ordinariamente extremão as Syllabas, formando cada huma hum membro, ou Syllaba com a voz, Diphthongo, ou Synerese, a que precede ou se segue. Assim nesta palavra *Insensibilidade* as Consonancias mesmas separão as Syllabas deste modo *In-sen-si-bi-li-da-de*.” (BAR: 1822, 20)

**MUDO**: “Porêm todas tambem deverião na escriptura fazer distincção do U quando he mudo, como o he em *Quatorze*, *Gueto*, *Quoto*, *Quita*, e quando o não he, mas sim vogal, como em *Qual*, *Guarda*, *Equestre*, *Quinquagesima* &c. E para tirar toda a equivocação bem seria introduzir na nossa Orthographia o signal da Dierese chamado *Trema* pelos Francezes, que são dois pontos horisontaes sobre o u quando tem valor, e fazer o mesmo no concurso das duas vogaes, quando fazem Diphthongo” (BAR: 122, 65)

**NARIZ**: “Doze destas são *Oraes*, e oito *Nasaes*. As primeiras são as que se formão no canal direito da bocca, e as segundas as que se formão no mesmo e junctamente no canal curvo do nariz, por onde reflue parte do ar sonoro.” (BAR: 1822, 03)

**NOME** (cf. VOZ)

**ORAÇÃO**: “A Lingua compõe-se de Orações, as Orações de palavras, as palavras de sons articulados, e tudo isto se figura aos olhos, e se fixa por meio da escriptura.” (BAR: 1822, 01)

**ORTOÉPIA**: “Daqui as quatro partes naturaes da Grammatica, a saber: a *Orthoepia*, que ensina a



distinguir, e a conhecer os sons articulados, proprios da Lingua, para bem os pronunciar; A *Orthographia*, que ensina os signaes Litteraes, adoptados pelo uso, para bem os representar; A *Etymologia*, que ensina as especies de palavras, que entrão na composição de qualquer Oração, e analogia de suas variações e propriedades geraes; E a *Syntaxe* finalmente, que ensina a coordenar estas palavras e dispol-as no discurso de modo, que fação hum sentido, ao mesmo tempo distincto, e ligado” (BAR: 1822, 01)

**ORTOGRAFIA:** “Daqui as quatro partes naturaes da Grammatica, a saber: a *Orthoepia*, que ensina a distinguir, e a conhecer os sons articulados, proprios da Lingua, para bem os pronunciar; A *Orthographia*, que ensina os signaes Litteraes, adoptados pelo uso, para bem os representar; A *Etymologia*, que ensina as especies de palavras, que entrão na composição de qualquer Oração, e analogia de suas variações e propriedades geraes; E a *Syntaxe* finalmente, que ensina a coordenar estas palavras e dispol-as no discurso de modo, que fação hum sentido, ao mesmo tempo distincto, e ligado” (BAR: 1822, 01); “A *Orthographia* he a Arte de escrever certo, isto he, de representar exactamente aos olhos por meio dos caracteres Litteraes do Alphabeto Nacional, os sons, nem mais nem menos, de qualquer vocabulo, e na mesma ordem, com que se pronunciação no uso vivo da Lingua: ou bem assim os que o mesmo vocabulo em outro tempo teve nas Linguas mortas, donde o houvemos. Assim o vocabulo *Ortografia*, escripto por este modo, representa ao justo os sons de sua pronunciação viva na Lingua Portugueza. Porém escripto, como se vê ao principio, representa, não so os sons, que tem presentemente, mas tambem os que teve em outro tempo no uso vivo da Lingua Grega, donde o houvemos.” (BAR: 1822, 56); “Qualquer palavra, que se queira escrever, pronuncie-se primeiro bem, e distinguidos todos os sons, de que he composta, estes se escrevão pela mesma ordem com os caracteres, que lhes competem nos Abecedarios completos, e exactos, que ficão lançados nos Capitulos I. e II. da *Orthoepia*, e no Cap. I. Regra I. da *Orthographia*, e a palavra assim escripta ficará sem erro de *Orthographia*.” (BAR, 1822: 77)

- **etimológica:** “A segunda chama-se *Etymologica*, ou de *Dirivação*; porque admitte letras, que presentemente não tem outro prestimo senão para mostrar a origem das palavras.” (BAR: 1822, 57)

- **da pronunciação:** “A primeira *Orthographia* chama-se da *Pronunciação*; porque não emprega caracteres alguns ociosos e sem valor: mas tão somente os que correspondem aos sons vivos da Lingua.” (BAR: 1822, 56-57)

- **usual:** “Entre estas duas *Orthographias* caminha a *usual*, assim chamada, porque não tem outra auctoridade se não a do uso presente e dominante; ja para seguir as *Etymologias*, e introduzir arbitrariamente escripturas mui alheas da pronunciação presente; ja para não fazer caso da *dirivação* mesma, e incoherente em seus procedimentos escrever, por ex: *He*, *Huma* com H, que não ha na origem Latina; e *Filosofia*, e *Fyzica* com F e Z, que não ha nas palavras Gregas.” (BAR: 1822, 57); “*Ortografia* usual não discorda em nada da *Ortografia* da pronunsiassão no que pertense á scitura das nosas 12 vozes Oraes, e das nosas 5 Nazaes claras. Se á alguma discrepansia, é na eispresão das nosas quatro vozes surdas, ou ambguas, e na do ô Grande

Fechado, que umas vezes se escreve assim, outras com *ou*.” (BAR, 1822: 78)

**PALAVRA:** “A Lingua compõe-se de Orações, as Orações de palavras, as palavras de sons articulados, e tudo isto se figura aos olhos, e se fixa por meio da escriptura.” (BAR: 1822, 01)

-**esdrúxula:** “*Todas as palavras esdruxulas, isto he, de tres ou mais Syllabas com a ultima, e penultima breves, tem o accento agudo na antepunultima.*” (BAR: 1822, 46)

**PARAGOGE:** “Se este mesmo accrescentamento de huma Syllaba se faz no fim do vocabulo, chama-se *Paragoge*, isto he, *Posposição*.” (BAR: 1822, 23)

**PEQUENO** (cf. Letra, voz)

**PONTUAÇÃO** “A Pontuação he a Arte de na escriptura distinguir com certas notas as differentes partes, e membros da oração, e a subordinação de huns aos outros a fim de mostrar a quem lê as pausas menores e maiores, que deve fazer, e o tom e inflexão da voz, com que as deve pronunciar.” (BAR, 1822: 85); “Os signaes recebidos no uso geral para a pontuação são: os Espacos em branco entre palavra, e palavra; o *Ponto*, ou *Simples* (.) , ou de *Interrogação* (?), ou de *Exclamação* (!) , a *Virgula* (,) ; o *Ponto e Virgula* (;) ; *Dois Pontos* (:); a *Parentethese* (.....); a *Risca de União* (-); o *Viraccento* (´); o *Trema* (¨); o *Accento Agudo* (´); o *Accento Grave* (`); e o *Accento Circumflexo* (^). O uso de todos estes signaes na escriptura he o objecto dos dois §§. seguintes.” (BAR, 1822: 85); “As orações, que se podem distinguir com virgula somente, não se devem pontuar com ponto e virgula; e as que se podem distinguir so com ponto e virgula, não se devem pontuar com dois pontos: porque a pontuação nunca deve ser superflua, e o que se pôde fazer com menos, não se deve fazer com mais. A regra mesma serve de exemplo practico.” (BAR, 1822: 87)

- **accento:** “Os *Accentos* figurados, que tomámos dos Gregos e dos Romanos, são três, *Grave* (`) *Agudo* (´), e *Circumflexo* (^). Estes *accents* para com aquelles Povos sempre erão *prosodicos*, isto he, destinados para mostrar nas *Syllabas* o tom ou de elevação da voz, ou de abatimento da mesma em differentes *Syllabas*, ou ambos os tons na mesma. Neste sentido, que uso elles tenham na nossa Lingua, ja o deixamos mostrado no Cap. VII. da *Orthoepia*. Porém estes mesmos *accents* para com nosco não são so *prosodicos*, mas tambem *vogaes*. Pois nos servimos do *accento agudo* e *circumflexo*, não so para notar a *prosodia* das *Syllabas*, mas tambem differentes especies de *vogaes* com a mesma letra deifferentemente *accentuada*, visto não termos no nosso Abecedario tantas *vogaes*, quantas são as vozes da nossa pronunciação. Com o *accento agudo* e *circumflexo*, postos sobre a mesma vogal, ou com a privação delles, chegamos a multiplicar-a, fazendo de cada a dois, e de cada e e de cada o tres, a saber: o *á grande*, o *a pequeno*; o *é grande aberto*, o *ê grande fechado*, e o *e pequeno*; o *ó grande aberto*, o *ô grande fechado*, e o *o pequeno*.” (BAR, 1822: 95-96)

- **apóstrofe:** “O *Viraccento*, ou *Apostrophe* (´) he huma virgula, não ja posta em baixo para signal de pausa, mas no alto de huma consoante para mostrar que se lhe supprimmio a sua vogal fial antes de outra inicial da palavra seguinte, com a qual vogal se ajunta a mesma

consoante, pronunciando-se juntas as duas palavras, como *Minh'alma*.” (BAR, 1822: 94)

- **dois pontos**: “Nunca se use de ponto e virgula, sem que de antes haja virgulas; nem tambem de dois pontos, sem que d’antes preceda ponto e virgula: porque a pontuação mais forte suppõe d’antes a mais fraca. Apontuação desta mesma Regra serve de exemplo.” (BAR, 1822: 87); “Assim como quando em hum ponto, ou periodo ha huma unica divisão de orações simples, esta se nota so com virgulas; mas quando se passa a huma segunda divisão de membros compostos de varias orações, esta ja se deve marcar com ponto e virgula: assim tambem, quando succede haver huma terceira divisão das duas partes principaes do periodo, chamadas antecedente e consequente, que comprehendem em si varios membros; esta não pode ser marcada se não com dois pontos, para se ver que ella he a divisão mestra e principal do sentido total, á qual todas as mais ficão subordinadas.” (BAR, 1822: 91)

- **espaço em branco**: “Toda a parte da Oração se deve distinguir e separar na escriptura com hum pequeno espaço em branco entre cada huma das palavras, como se vê aqui entre as palavras desta mesma Regra.” (BAR, 1822: 86)

- **parênteses**: “A *Parenthese* (palavra Grega, que quer dizer *Interposição*) he o signal de dois semicirculos oppostos, dentro dos quaes se costuma metter alguma oração, que interrompe o sentido de outra, dentro da qual está; mas que he necessaria para a intelligencia da mesma. Nesta mesma definição se vê o exemplo.” (BAR, 1822: 93)

- **ponto**

--**afirmativo**: “E se ella não affirmar, nem perguntar, mas exclaimar, tem ponto de Admiração, como: Oh Ceos! Oh Terra!” (BAR, 1822: 86)

-- **interrogativo**: “Se a Oração porêm não affirmar simplesmente, mas perguntar alguma couza; tem ponto de Interrogação, como: quem fez o Ceo e a Terra?” (BAR, 1822: 86)

--**simples**: “Toda a Oração, que faz sentido perfeito, e grammaticalmente independente de outra, quer seja pequena, quer grande, quer conste de huma so proposição, quer de muitas; tem hum ponto simples no fim: se he simplesmente enunciativa. O que aqui mesmo se vê.” (BAR, 1822: 86)

- **ponto e virgula**: “Nunca se use de ponto e virgula, sem que de antes haja virgulas; nem tambem de dois pontos, sem que d’antes preceda ponto e virgula: porque a pontuação mais forte suppõe d’antes a mais fraca. Apontuação desta mesma Regra serve de exemplo.” (BAR, 1822: 87); “Em qualquer ponto ou periodo, onde houver duas proposições totaes, dependentes huma da outra, e compostas de varias orações parciaes, entre huma e outra se porá ponto e virgula; se ambas não necessitarem de outra pontuação, se não virgulas, para subdividirem as suas orações parciaes.” (BAR, 1822: 90)

- **risca de união**: “A *Risca de união* ( - ) seve para distinguir, e ao mesmo tempo ajuntar na escriptura duas palavras a fim de se pronunciarem junctas como se fossem huma so; ou dois membros da mesma palavra, que foi necessario dividir. Na Orthographia Portugueza usamos deste signal em dois casos. O primeiro no fim da regra para dividir as palavras, e servir de reclamo para a regra seguinte. O segundo para separar os verbos dos pronomes encliticos, que lhes costumamos ajuntar immediatamente para se pronunciar tudo seguido, como

*Louvo-me, Louvo-te, Louvo-o, Louvamo-nos, Louvão-se, Louvão-no.*” (BAR, 1822: 93)

- **trema**: “O *Trema*, ou *Dierese* ( . . ) são dois pontos, postos horizontalmente sobre a prepositiva das duas vogaes, que costumão fazer Diphthongo, para mostrar quando o não fazem ou no ù das prolações GU, QU, para mostrar, que não he liquido, ou mudo, e que faz Synerese com a voz seguinte.” (BAR, 1822: 95)

- **virgula**: “Todos os sujeitos, todos os attributos, todos os verbos da proposição composta, e mais partes da oração continuadas que se não modificão, nem concordão, nem se regem mutuamente; querem virgula depois de si; porque cada huma com o verbo commum, e os verbos cada hum persi, fazem sua oração distincta.” (BAR, 1822: 88); “Toda a Oração encravada, isto he, metida entre outras, sem as modificar, nem ser modificada, deve estar entre virgulas; e bem assim toda a addição, que não faz parte de sua constituição grammatical. As *Parentheses*, vocativos, exclamações, e interrogações entrão nesta regra; as primeiras; porque não so não fazem parte da sua constituição grammatical, mas nem ainda de seu sentido (que por isso se mettem entre semicirculos servindo-lhes de virgulas), e os vocativos, exclamações, e interjeições; porque são humas orações ellipticas.” (BAR, 1822: 88-89); “Antes das conjunções e, nem ou, como, que e outras semelhantes so se põe virgula, quando as palavras e frases que ellas atão excedem a medida commum de huma pausa ordinaria pelas orações incidentes, e complementos que trazem consigo: quando porêm as palavras e frases são curtas e simples, as virgulas são desnecessarias; porque as mesmas conjunções servem de separação aos diferentes sentidos parciaes.” (BAR, 1822: 89); “A todas as palavras e orações transpostas da sua ordem natural, he de razão por-se-lhes virgula, como tambem ás palavras ambiguas, de dois sentidos, referiveis a dois objectos diferentes.” (BAR, 1822: 90)

**POSIÇÃO**: “As primeiras quatro Regras nenhuma excepção tem; estas duas ultimas so tem huma, que he a da *Posição*; quando as *Syllabas* breves de sua natureza ou communs se achão no vocabulo antes de duas Consoantes; porque então ficão longas.” (BAR: 1822, 37)

**PRONUNCIACÃO** “na Pronunciação de huma Lingua as *Syllabas* medem-se, não pelo vagar, ou pela velocidade accidental da mesma pronunciação; mas relativamente ás proporções immutaveis, que as fazem, ou longas, ou breves. Dois homens, hum dos quaes he summamente veloz no falar, e outro por extremo vagaroso e compassado , não deixão por isso de observar a mesma quantidade, ainda que o primeiro pronuncie mais depressa huma longa que o outro huma breve. Ambos dois não deixão de fazer exactamente breves as que são breves, e longas as que são longas, so com a differença que hum gasta duas, tres, e quatro vezes mais tempo, que o outro para as articular.” (BAR: 1822, 28); “Entre as diferentes pronunciações, de que usa qualquer Nação nas suas diferentes provincias, não se póde negar que a da Corte, e territorio, em que a mesma se acha, seja-preferivel ás mais, e a que lhes deva servir de Regra. Os Gregos, e Romanos assim o julgavão; aquelles a respeito de Athenas, e estes a respeito de Roma; e nós o devemos igualmente julgar a respeito de Lisboa, ha muitos annos Corte de nossos Reis, e centro politico de toda a Nação.” (BAR: 1822,

50); “Outro modo de errar na pronunçiação da Lingua he, ou accrescentando mais vozes áquellas, de que naturalmente he composto o vocabulo; ou *diminuindo-as*; ou conservados os mesmos sons, *invertendo-lhes* a ordem de sua composiçào.” (BAR: 1822, 53)

**-vícios da ~:** “ Reduzindo ja a certos pontos os vícios da pronunçiação; estes procedem ou da *Troca* das vozes, das Consonancias, dos Diphthongos, e das Syllabas, humas por outras; ou do *Accrescentamento*, *Diminuiçião*, ou *Tranposiçião* dos sons, de que se compõem os vocabulos da Lingua.” (BAR: 1822, 51); “Mas o peor vicio de todos, e o que mostra mais rusticidade, he o de inverter os sons das palavras, perturbando a ordem de suas Syllabas, e dizer, por exemplo: *Alvidrár* por *Arbitrár*, *Crélgo* por *Clérigo*, *Fról* por *Flôr*, *Contrairo* por *Contrario*, *Maninconia* por *Melancolia*, *Pouchana* por *Choupana*, *Fanatego* por *Fanatico*, Percissão por Procissão, *Preguntar* por *Perguntar*, *Prove* por *Pobre*, e *Socresto* por *Sequestro*, e assim infinitas outras.” (BAR: 1822, 53-54)

**PRÓTESE:** “Se no principio do vocabulo se accrescenta huma Syllaba sem nada mudar na signifiçação, he o que os Grammaticos chamão *Prothese*, isto he *Apposiçião*.” (BAR: 1822, 22)

**PULMÃO:** “Chamão-se *Encliticas* as particulas de huma Lingua, que se encostão sobre a palavra antecedente, e se unem com ella de tal sorte, que não parecem fazer na pronunçiação senão huma unica palavra com aquella, a que se ajuntão. Esta sociabilidade procede ja da sua pequenez e brevidade, que não excede a duas Syllbas, e essas breves; ja por que occorrendo a cada passo no discurso estas Encliticas, se fizessem corpo á parte, obrigarião a fazer pausas mui curtas e repetidas, que fatigarião o pulmão em demazia; ja em fim , porque sendo destinadas para indicar as diferentes relações das ideas, não ha couza mais conforme & razão do que ajuntar, para assim dizer, em hum corpo os termos das ideas, e os das suas relações.” (BAR: 1822, 48)

**QUANTIDADE:** “ou *accidentaes*, assim chamados, porque se ajuntão aos primeiros, e os modificão, ja extendendo, mais ou menos, a sua duração; ja augmentando ou diminuindo a sua elevação; e taes são as modificações *Prosodicas*, accrescentadas aos mesmos sons fundamentaes, ou pela *Quantidade*, ou pelo *Accento*.” (BAR: 1822, 02); “As modificações *Prosodicas* porém, nascidas, ou da maior e menor duração das Syllabas, a que damos o nome de *Quantidade*; ou da sua maior, e menor elevação, ou aspiração, a que damos o nome de *Accento* ; tem outro orgão, que he o da Glottis, em que se termina o tubo interior da *Trachia Arteria*, e em que se forma o som; ou *mais breve*, se a fissa da Glottis persiste aberta pouco tempo; ou *mais longo*, se persiste aberta por mais tempo; ou *mais grave*, se as cordas da mesma Glottis se entezão *menos*; ou *mais agudo*, se se entezão mais; ou *menos aspirado*, se por ella se deixa passar hum menor volume de ar; ou *mais aspirado*, se o volume he maior.” (BAR: 1822, 27); “A *Quantidade* he a medida da duração, que damos á pronunçiação de qualquer Syllaba. Esta duração he toda relativa, bem como o he a das notas da Musica, em que huma não he mais longa senão comparada com outra, que o he menos.” (BAR: 1822, 27-28); “*Accento*, que quer dizer *Canto*

*accrescentado á palavra, ou Tom*, he a maior, ou menor elevação relativa, com que se pronunçião as vozes , nascida da maior ou menor intensidade, que as fibras da Glottis dão a seu som. A mesma differença, que ha entre hum som mais, ou menos intenso, e hum som mais, ou menos extenso; ha tambem entre o *Accento e a Quantidade* de huma Syllaba. Esta Syllaba póde ser longa e tão extensa como duas breves; e comtudo não ser intensa, como o he a que tem *accento agudo*. *O'rçião*, por exemplo, tem a ultima longa; porque he hum Diphthongo, comtudo o seu som não he tão intenso e agudo como o da primeira tambem longa. He pois certo não so nas Linguas, Grega, e Latina, mas tambem na Portugueza que o *accento* das Syllabas he couza muito distincta da sua quantidade.” (BAR: 1822, 39)

**REIS LOBATO:** “De tudo isto, que temos dicto, e dos exemplos, com que o comprovamos, se póde ver a falsidade, com que Antonio Jose dos Reis Lobato diz em sua *Arte de Grammatica da Lingua Portugueza*, reimpressa em Lisboa em 1771 no Liv. VI. da *Prosodia*: “Que a Syllaba longa he aquella, em cuja pro“nunçiação se levanta a voz ferindo-se a vogal. .. e “Syllaba breve pelo contrario aquella, em cuja pronunçiação se abaixa a voz sem ferir a vogal” afirmando na Nota (b) ao mesmo lugar que “Nas Linguas vulgares, rigorosamente falando, não ha Syllabas longas nem breves, por se distinguirem “pelo *accento*.” Elle, como outros, confundio a quantidade com o *Accento*, couzas mui diferentes, como ja vimos, e passamos a ver no Capitulo seguinte.” (BAR: 1822, 38-39)

**RESSONÂNCIA** “Ora está claro que esta operação mechanica deve levar mais tempo do que, quando o ar sae livremente so pelo canal direito da bocca. Isto, e a resonancia mesma, que as vozes adquirem na concavidade da bocca e das ventas, e com a qual se fazem mais cheias, e corpulentas, tudo concorre para de sua natureza serem mais longas.” (BAR: 1822, 32)

**SÍLABA** (cf. Som composto) “na Pronunçiação de huma Lingua as Syllabas medem-se, não pelo vagar, ou pela velocidade accidental da mesma pronunçiação; mas relativamente ás proporções immutaveis, que as fazem, ou longas, ou breves. Dois homens, hum dos quaes he summamente veloz no falar, e outro por extremo vagaroso e compassado , não deixão por isso de observar a mesma quantidade, ainda que o primeiro pronuncie mais depressa huma longa que o outro huma breve. Ambos dois não deixão de fazer exactamente breves as que são breves, e longas as que são longas, so com a differença que hum gasta duas, tres, e quatro vezes mais tempo, que o outro para as articular.” (BAR: 1822, 28); “Huma Syllaba pode ser breve, ou longa por duas razões, ou por *Natureza*, ou por *Uso*. He breve, ou longa por natureza, quando os sons, de que se compõe, dependem de algum movimento organico, cujo mecanismo natural se não póde executar senão, ou com presteza, ou com vagar, segundo as Leis *Physicas* o dirigem. He breve ou longa por uso somente, quando o mecanismo da pronunçiação per si não pede, nem presteza, nem vagar; mas que o uso fez breves ou longas a seu arbitrio, pondo em humas o *accento* predominante em outras não.” (BAR: 1822, 30)

**SÍNCOPE:** “Finalmente esta mesma diminuiçião de Syllabas, que se faz no principio e fim dos vocabulos, se

acha também no meio dos mesmos, e então tem o nome de *Syncope*, isto he, *Concisão*” (BAR: 1822, 24)

**SINTAXE:** “Daqui as quatro partes naturaes da Grammatica, a saber: a *Orthoepia*, que ensina a distinguir, e a conhecer os sons articulados, proprios da Lingua, para bem os pronunciar; A *Orthographia*, que ensina os signaes Litteraes, adoptados pelo uso, para bem os representar; A *Etymologia*, que ensina as especies de palavras, que entrão na composição de qualquer Oração, e analogia de suas variações e propriedades geraes; E a *Syntaxe* finalmente, que ensina a coordenar estas palavras e dispol-as no discurso de modo, que fação hum sentido, ao mesmo tempo distincto, e ligado” (BAR: 1822, 01)

**SOM:** “Assim como dos nossos 41 sons elementares, differentemente combinados, se formão as 18 o Syllabas Portuguezas: assim destas mesmas Syllabas, variamente combinadas, se formão todos os vocabulos da Lingua Portugueza, que compõem o seu *vocabulario*, e que passão de 40.0000.” (BAR: 1822, 21); “As modificações *Prosodicas* porém, nascidas, ou da maior e menor duração das Syllabas, a que damos o nome de *Quantidade*; ou da sua maior, e menor elevação, ou aspiração, a que damos o nome de *Accento*; tem outro orgão, que he o da Glottis, em que se termina o tubo interior da *Trachia Arteria*, e em que se forma o som; ou *mais breve*, se a físga da Glottis persiste aberta pouco tempo; ou *mais longo*, se persiste aberta por mais tempo; ou *mais grave*, se as cordas da mesma Glottis se entezão *menos*; ou *mais agudo*, se se entezão *mais*; ou *menos aspirado*, se por ella se deixa passar hum menor volume de ar; ou *mais aspirado*, se o volume he maior.” (BAR: 1822, 27)

- **articulado:** “A Lingua compõe-se de Orações, as Orações de palavras, as palavras de sons articulados, e tudo isto se figura aos olhos, e se fixa por meio da escriptura.” (BAR: 1822, 01); “Para bem pronunciar he preciso distinguir, e conhecer os sons articulados, proprios da Lingua, que se fala.” (BAR: 1822, 02)

-- **fundamental:** “Estes sons articulados, ou são *fundamentaes* assim chamados, porque fazem a base da boa pronunção, como são as *Vozes* e as *Consonancias*, os *Diphthongos*, e as *Syllabas*.” (BAR: 1822, 02)

--- **simples:** “Os sons fundamentaes, ou são simples, ou compostos. Os simples não tem mais que hum som elemental. Taes são as *Vozes* e as *Consonancias*” (BAR: 1822, 02)

--- **composto:** “os compostos contêm dois ou mais sons em huma so emissão. Taes são os *Diphthongos* e as *Syllabas*.” (BAR: 1822, 02)

-- **accidental:** “ou *accidentaes*, assim chamados, porque se ajuntão aos primeiros, e os modificão, ja extendendo, mais ou menos, a sua duração; ja augmentando ou diminuindo a sua elevação: e taes são as modificações *Prosodicas*, accrescentadas aos mesmos sons fundamentaes, ou pela *Quantidade*, ou pelo *Accento*.” (BAR: 1822, 02)

-**composto:** “Nem as primeiras, por levarem H, são por isso aspiradas, ou fazem hum som composto; nem as segundas tem outro som, escriptas com duas letras, do que tem, escriptas com huma so, como G, e e antes de *a*, *o*, *u*. Da mesma sorte a tremolante forte, quando no meio das palavras se escreve com dois RR, e no principio das mesmas com hum so R; e bem assim,

quando o S Sibilante se escreve com C, ou cedilhado ou sem cedilha antes das vogaes *e e i*; e o J Chiante se escreve com G antes das mesmas vogaes: não se segue que sejam differentes Consonancias; mas sim que são differentes escripturas do mesmo som, que o uso introduzio, e que podéra não ter introduzido, se quizesse; nem talvez devêra, se fosse mais coherente comsigo mesmo. Quanto ás dobradas X e Z, ellas não o são na nossa Lingua, excepto quando pronunciamos o X á Latina em lugar de e S como em *Reflexão* etc.” (BAR: 1822, 12-13); “Os sons compostos, o podem ser, ou de vozes tão somente, ou de vozes e Consonancias. Os primeiros chamão-se *Diphthongos*, os segundos *Syllabas*.” (BAR: 1822, 14)

-- **ditongo** (cf. voz prepositiva e voz subjuntiva): “*Diphthongo* quer dizer *hum som feito de dois*, isto he, duas vozes unidas em hum som. Mas duas vozes nunca se podem unir em hum som, sem que huma dellas pela sua brevidade e rapidez se acoste á outra, dando-lhe parte de sua quantidade, e esta fique muito mais longa em comparação da outra. Huma pois necessariamente ha de ser mais longa e outra brevissima. A primeira na ordem das duas, que compõem o Diphthongo, chama-se *Prepositiva*, e a segunda *Subjunctiva*.” (BAR: 1822, 14); “Isto supposto, a nossa Lingua conta, nem mais nem menos, que 16 Diphthongos, dos quaes 10 são *Oraes* e 6 *Nasaes*” (BAR: 1822, 15)

--**sílaba:** “SYllaba quer dizer *Comprehensão*; porque he o ajuntamento de huma, ou mais Consonancias com huma voz, Diphthongo, ou Synerese, comprehendido tudo em huma so emissão. Huma voz pois, hum Diphthongo, huma Synerese val por Syllaba; porque também se pronunção de hum so jacto, ou emissão: mas não são propriamente Syllabas, ou ajuntamentos; nome que não póde convir ás vozes per si, e que unidas em hum so som, tem ja seu nome proprio, e particular.” (BAR: 1822, 18-19); “Que toda voz, *Diphthongo*, ou *Synerese* val como Syllaba ainda per si so, sem consonancia alguma; e que assim, quantas forem as vozes, ou simples, ou combinadas em Diphthongo, ou Synerese, que houver em qualquer vocabulo; tantas serão as suas Syllabas.” (BAR: 1822, 20); “Agora pelo que pertence ás Consonancias; quando as Syllabas são incomplexas, nenhuma difficuldade podem causar. Ellas são as que ordinariamente extremão as Syllabas, formando cada huma hum membro, ou Syllaba com a voz, Diphthongo, ou Synerese, a que precede ou se segue. Assim nesta palavra *Insensibilidade* as Consonancias mesmas separão as Syllabas deste modo *In-sen-si-bi-li-da-de*.” (BAR: 1822, 20); “Porque a voz nunca se abaixa senão depois de se ter levantado. Pelo que nas Syllabas, que se seguem & que tem o *accento Agudo*, se entende sempre o *accento Grave*, e por isso não se costuma escrever. As Syllabas, que no vocabulo precedem o *accento Agudo*, nem são *Agudas* nem *Graves*, e chamão-se *Não Agudas*, ou *Indifferentes*.” (BAR: 1822, 40); “Depois da voz sobir na *Aguda*, necessariamente ha de descer a não ter de acabar nella. Ora as Syllabas, pelas quaes a voz desce e se abate, chamão-se *graves*. Logo as Syllabas, que se seguem á *Aguda*, necessariamente devem ser *graves*, quer sejam breves, quer longas; porque huma Syllaba pode ser extensa, sem ser intensa.” (BAR: 1822, 43)

---**aguda:** “A *Syllaba Aguda* sempre he longa, ou por natureza, ou por uso. Mas a longa nem sempre he *Aguda*.” (BAR: 1822, 43)

---**analógica:** “Todas as nossas Syllabas *Analogicas*, isto he, cuja combinação não repugna ao mecanismo, e uso da nossa Lingua, porque tem no mesmo uso exemplo de semelhantes combinações; sobem ainda acima de duas mil. Porém as nossas Syllabas *usuaes*, cujas combinações se provão com exemplos em algumas palavras Portuguezas, andão por 1800 pouco mais ou menos. Vejão-se os nossos *Syllabarios* completos, dados á luz na *Eschola Popular das Primeiras Letras* em Coimbra em 1796.” (BAR: 1822, 19)

--- **complexas:** “Por ordem ao numero das Consonancias as Syllabas são ou Incomplexas, isto he, que não levão se não huma unica Consonancia, assim como *Lá, al*, que são ao mesmo tempo Simples e incomplexas; ou Complexas, isto he, compostas de muitas Consonancias; e estas podem ser, ou duas somente como *Gal*, ou tres como *Gral*, ou quatro como *Fróes*, e mais não. Esta ultima Syllaba he complexa e ao mesmo tempo composta por causa do Diphthongo.” (BAR: 1822, 19); “As nosas Silabas complexas são compostas de duas consoantes seguidas, e ao muito de tres, e mais não. Em todas elas huma sempre é *Fixa*, a outra, ou as outras sempre são *Líquidas*. Quando a Silaba é composta de duas consoantes, a fixa sempre é alguma das liquidas L, ou R, como *Flor, Cravo*, e a liquida S sempre presede á fixa, de sorte que, sendo a Silaba de tres consoantes, a fixa sempre vai no meio das duas como *Stado, Strado, Scravo*.” (BAR, 1822: 84)

--- **composta:** “Como pois as Syllabas comprehendem vozes e Consonancias; por ordem ás vozes dividem-se em duas especies. Humas são Simples, e outras *Compostas*. As Simples são as que tem huma so voz, ainda que tenham muitas Consonancias, como *Má, Más*. As Compostas são as que tem duas vozes unidas, quer em Diphthongo, como *Pai, Pão*, quer em Synerese, como a primeira Syllaba de *Guarda*, e de *Qual*.” (BAR: 1822, 19)

--- **incomplexas:** “Por ordem ao numero das Consonancias as Syllabas são ou Incomplexas, isto he, que não levão se não huma unica Consonancia, assim como *Lá, al*, que são ao mesmo tempo Simples e incomplexas; ou Complexas, isto he, compostas de muitas Consonancias; e estas podem ser, ou duas somente como *Gal*, ou tres como *Gral*, ou quatro como *Fróes*, e mais não. Esta ultima Syllaba he complexa e ao mesmo tempo composta por causa do Diphthongo.” (BAR: 1822, 19)

--- **simples:** “Como pois as Syllabas comprehendem vozes e Consonancias; por ordem ás vozes dividem-se em duas especies. Humas são Simples, e outras *Compostas*. As Simples são as que tem huma so voz, ainda que tenham muitas Consonancias, como *Má, Más*. As Compostas são as que tem duas vozes unidas, quer em Diphthongo, como *Pai, Pão*, quer em Synerese, como a primeira Syllaba de *Guarda*, e de *Qual*.” (BAR: 1822, 19)

---**sinerese:** “Além dos Diphthongos ha outros sons compostos de vozes, chamados Synereses; quando de duas vozes consecutivas e de sons distinctos se faz huma so Syllaba em razão de serem ou ambas muito breves, ou a primeira brevissima a respeito da segunda. Assim os Poetas fazem dissyllabas as palavras *Gloria, Agoa, Lacteo*, e ajuntão muitas vezes em huma Syllaba so as primeiras vozes de *Theatro, Fiado, Fiança, Boato*,

*Suave &c.* Na nossa prosa so faz synerese o *u* brevissimo seguido de outra voz longa depois das Consoantes G, e Q, como *Guarda, Guela, Igual, Qual, Quasi, Equestre, Quinario, Quinquagesima &c.*” (BAR: 1822, 18)

- **confuso:** “Chamão-se *Vozes* as diferentes articulações e modificações, que o som confuso, formado na glottis, recebe na sua passagem, das diferentes aberturas, e situações immoveis do canal da bocca.” (BAR: 1822, 02)

**TECLA:** “Sendo pois as Consonancias produzidas pelo movimento das diferentes partes moveis, ou teclas do órgão vocal; quantas forem estas partes moveis, tantas serão as classes de Consonancias.” (BAR: 1822, 08)

**TIL:** “Destas oito vozes *Nasaes*, cinco são *claras*, porque a nasalidade cahe toda sobre ellas, e por isso se costumão escrever, ja com *Til* por cima, ja com *n* ou *m* adiante, sendo finaes, ou seguindo-se consoante, o que então val o mesmo que o *Til*. Taes são, por exemplo, o *A til*, nasal claro, em *Sã* ou *Sam, Irmã* ou *Irmam*; o *E til*, nasal claro, em *Têpo* ou *Tempo, Dête* ou *Dente*; o *I til* nasal, como em *Sĩ* ou *Sim, Lído* ou *Lindo*; o *O til* nasal claro, como em *Sõ* ou *Som, Põto* ou *Ponto*; e o *U til* nasal, como em *ũ* ou *hum, ùto* ou *unto*.” (BAR: 1822, 05)

**TOM:** “Accento, que quer dizer *Canto accrescentado á palavra, ou Tom*, he a maior, ou menor elevação relativa, com que se pronuncião as vozes, nascida da maior ou menor intensidade, que as fibras da Glottis dão a seu som. A mesma differença, que ha entre hum som mais, ou menos intenso, e hum som mais, ou menos extenso; ha tambem entre o *Accento* e a *Quantidade* de huma Syllaba. Esta Syllaba póde ser longa e tão extensa como duas breves; e comtudo não ser intensa, como o he a que tem accento agudo. *O'rção*, por exemplo, tem a ultima longa; porque he hum Diphthongo, comtudo o seu som não he tão intenso e agudo como o da primeira tambem longa. He pois certo não so nas Linguas, Grega, e Latina, mas tambem na Portugueza que o accento das Syllabas he couza muito distincta da sua quantidade.” (BAR: 1822, 39)

**TRANSPOSIÇÃO:** “O terceiro modo, porque se alterão os vocabulos, he a *Transposição*, chamada *Metathese* pelos Gregos. Faz-se esta, quando as letras ou Syllabas, de que se compõe a palavra, se põem em huma ordem differente daquella, em que se achão no vocabulo primitivo, donde o mesmo se dirivou. Esta transposição póde ser, ou total da palavra inteira pela inversão de todos seus caracteres radicaes: como *Frol* de *Flor, Clergo* de *Clerigo*; ou pareial so de alguma Syllaba, ou Letra: como *Contrario*, *Bolra*, de *Borla*.” (BAR: 1822, 24-25)

**TREMA:** “Porém todas tambem deverião na escriptura fazer distincção do U quando he mudo, como o he em *Quatorze, Gueto, Quoto, Quita*, e quando o não he, mas sim vogal, como em *Qual, Guarda, Equestre, Quinquagesima &c.* E para tirar toda a equivocação bem seria introduzir na nossa Orthographia o signal da Dierese chamado *Trema* pelos Francezes, que são dois pontos horisontaes sobre o u quando tem valor, e fazer o mesmo no concurso das duas vogaes, quando fazem Diphthongo” (BAR: 122, 65)

**USO:** “A *Orthographia* he a Arte de escrever certo, isto he, de representar exactamente aos olhos por meio dos caracteres Litteraes do Alphabeto Nacional, os sons, nem mais nem menos, de qualquer vocabulo, e na mesma ordem, com que se pronunciação no uso vivo da Lingua: ou bem assim os que o mesmo vocabulo em outro tempo teve nas Linguas mortas, donde o houvemos.” (BAR: 1822, 56); “O uso da Nação adoptou para isto 31 Caracteres fundamentaes, a saber: 5 *vogaes oraes* A, E, I, O, U; 5 *Nasaes* Ã, Ê, Ì, Ò, Û; e 21 *Consoantes* B, P, M, V, F, G, C, D, T, S (com vogal diante) Z, S, (sem vogal diante), X, J, CH, N, NH, L, LH, R, RR, como se pôde ver no Livro I. da *Orthoepia*, Cap. I, e II. Para exprimir as duas Gutturales antes de E e I ajuntou ás Consoantes muitas vezes do Ç cedilhado em lugar do S, e do G em lugar do J antes de E e I.” (BAR: 1822, 58); “Toda a palavra Portugueza, que for derivada ou da Lingua Grega, ou da Latina, deve conservar na escriptura os caracteres da sua origem, que se poderem representar pelos do nosso Alphabeto, e forem compatíveis com a nossa pronunciação. Mas o uso faz nesta regra todas as excepções, que quer.” (BAR: 1822, 68)

**VALOR** (cf. VOZ)

**VENTA:** “Além das vozes *Oraes* tem a nossa Lingua oito *Nasaes*; assim chamadas, porque nas *Oraes*, saindo todo o ar sonoro pelo canal direito da bocca, nestas, parte delle sae pelo mesmo, e outra parte refluindo pelo canal curvo, que communica da garganta com o nariz, sae pelas duas aberturas das ventas, e nesta passagem recebe da elasticidade e sinuosidade do canal huma especie de resonancia, que distingue essencialmente as vozes *Nasaes* das puramente *Oraes*.” (BAR: 1822, 04-05)

**VOCÁBULO:** “Assim como dos nossos 41 sons elementares, differentemente combinados, se formão as 18 o Syllabas Portuguezas: assim destas mesmas Syllabas, variamente combinadas, se formão todos os vocabulos da Lingua Portugueza, que compõem o seu *vocabulario*, e que passam de 40.0000.” (BAR: 1822, 21); “*Vocabulo* não he outra couza senão hum composto de sons, ou de syllabas graves, subordinados todos a hum som, ou Syllaba aguda e predominante; que he como o centro de união, ao qual todos os mais se reportão.” (BAR: 1822, 21); “Os *Vocabulos* alterão-se na pronunciação de dois modos, ou accrescentando-lhes Syllabas, para lhes accrescentar, ou diversificar as ideas accessorias, que com estas mudanças accrescem á significação principal da palavra; e estas alterações, como se fazem por meio da declinação dos nomes, da Conjugação dos verbos, e da derivação ou composição das palavras, pertencem á Etymologia: ou accrescentando-lhes, diminuindo, e transpondo Syllabas para abbreviar, e facilitar mais a pronunciação dos vocabulos, sem lhes alterar a significação; e estas alterações são as que propriamente pertencem á *Orthoepia*. Estas alterações, como acabamos de dizer, fazem-se de tres modos, ou por *Accrescentamento* de alguma Syllaba, ou por *Diminuição* della, ou por *Transposição*, e todas estas mudanças pôdem acontecer ou no principio do vocabulo, ou no fim, ou no meio.” (BAR: 1822, 22)

**-dissílabo:** “Os *Vocabulos*, por ordem ao numero das

Syllabas, são de quatro formas, ou *Monosyllabos*, isto he de huma so Syllaba, como *Der*; ou *Dissyllabos*, isto he, de duas Syllabas, como *Prender*; ou *Trisyllabos*, isto he, de tres Syllabas, como *Aprender*; ou *Polysyllabos*, isto he, de mais de tres até nove Syllabas, para cima do qual numero não sobem os nossos vocabulos.” (BAR: 1822, 22)

**-monossílabo** (cf. vocábulo dissílabo)

**-polissílabo** (cf. vocábulo dissílabo)

**-trissílabo** (cf. vocábulo dissílabo)

**VOGAL** (cf. Letra)

**VOZ:** “Estes sons articulados, ou são *fundamentaes* assim chamados, porque fazem a base da boa pronunciação, como são as *Vozes* e as *Consonancias*, os *Diphthongos*, e as *Syllabas*.” (BAR: 1822, 02); “Chamão-se *Vozes* as differentes articulações e modificações, que o som confuso, formado na glottis, recebe na sua passagem, das differentes aberturas, e situações immoveis do canal da bocca. Este canal bem como hum tubo ou corda, pôde ser tocado em differentes pontos e aberturas desde sua extremidade interior até á exterior; e daqui a multidão e variedade de vozes nas Linguas das Nações. As Letras, que na Escriptura as figurão, chamão-se *vogaes*.” (BAR: 1822, 02-03); “A Lingua Portugueza conta por todas, vinte vozes, segundo as vinte situações differentes que a bocca toma para as pronunciar, independentemente da sua quantidade e *accento*.” (BAR: 1822, 03); “As vozes *Oraes*, segundo a ordem da sua mesma geração, principiando desde a garganta ate á extremidade dos beijos, são: 1.º *Á Grande*, como á primeira Letra do Abecedario, e o *á* do adjectivo feminino do plural *más*. 2.º *A Pequeno*, com o *a* artigo feminino, e o *a* da Conjunção *mas*. 3.º *O É Grande Aberto*, como em *Sé*, nome. 4.º *O É Grande Fechado*, como em *Sê*, verbo. 5.º *O E Pequeno*, como em *Se*, Conjunção. 6.º *O I Commum*, quer breve, quer longo, como em *vicio*. 7.º *O Ó Grande Aberto*, como em *só*, adjectivo, e em o substantivo *Avó*, feminino. 8.º *O Ô Grande Fechado*, como no Substantivo *Avô*, masculino. 9.º *O O Pequeno*, como o *O*, artigo masculino. 10.º *O U Commum*, quer breve, quer longo, como em *Cumulo*, *Tumulo*. Esta divisão das vozes Portuguezas he a mesma com pouca differença, que a de João de Barros na sua *Grammatica* da edição de Lisboa 1785 pag. 186.” (BAR: 1822, 03-04); “A Lingua Portugueza porêem toca mais dois pontos ou vozes na sua corda vocal; huma entre o *E Pequeno* e o *I Commum*; e outra entre o *O Pequeno* e o *U Commum*, as quaes, por serem surdas e pouco distinctas, se podem chamar *Ambiguas*, e por isso não tem signal Litreral proprio, e se notão na escriptura, a primeira ja com *e* ja com *i*, e a segunda ja com *o* ja com *u*. Taes são as que mal se percebem, quando estas mesmas vogaes se achão em qualquer palavra, ou antes de alguma voz grande immediata, ou depois da mesma nos *Diphthongos*, e no fim das palavras. Assim *e* parece ter o mesmo som que *i* nas palavras *Cear*, e *Ciar* (ter zelos) e nos *diphthongos* destas *Paes*, *Pai*; e pelo mesmo modo *o* tem o mesmo som confuso que *u* nas finaes de *Paulo*, *Justo*, *Amo*, e nas palavras *Soar*, e *Suar*, e nos *Diphthongos*, como em *Pão Paulo*, *Seo Seu*.” (BAR: 1822, 04); “Taes são as vinte vozes Portuguezas, que para se verem todas em hum ponto de vista, representamos na Taboa seguinte com sua figura, nome, e valor. As vozes *Oraes* grandes, e todas as *Nasaes*

sempre são longas: as Oraes pequenas sempre são breves, menos por posição; e as Oraes communs, como *o i e u*, ja são breves, ja longas, segundo nellas cahe o accento predominante, como veremos adiante, quando tractarmos da quantidade.” (BAR: 1822, 05) “Assim como as *Vozes* articulação e modificação o som confuso ou estrondo, formado pela Glottis; assim tambem as *Consonancias* articulação e modificação as vozes mesmas, que sendo continuadas farião igualmente hum som indistincto e confuso. As *Consonancias* por tanto são as Articulações, e modificações da voz, que reprezada na bocca, e largada de repente, recebe na passagem as impressões do movimento oscillatorio das partes moveis da mesma bocca.” (BAR: 1822, 07); “Humas e outras se differença essencialmente I.º Porque as *vozes* são articulações do som informe da Glottis, as *Consonancias* são articulações do mesmo som ja formado em vozes. 2.º Porque aquellas são produzidas pelas aberturas e situações immoveis do órgão; e estas são produzidas pelo movimento das partes moveis do mesmo órgão, que as intercepta e desintercepta. 3.º Porque o som das vozes pode-se fazer durar por todo tempo, que dura a abertura e posição do canal, que o produz; o das *Consonancias* sempre he instantaneo, como o movimento dos órgãos, que reprezão e largão a voz. Solta esta, a *Consonancia* desaparece, e a voz fica.” (BAR: 1822, 07-08); “Que toda voz, *Diphthongo*, ou *Synerese* val como *Syllaba* ainda per si so, sem consonancia alguma; e que assim, quantas forem as vozes, ou simples, ou combinadas em *Diphthongo*, ou *Synerese*, que houver em qualquer vocabulo; tantas serão as suas *Syllabas*.” (BAR: 1822, 20); “Como não tem tantas vogaes, quantas são as vozes Portuguezas, servirmos-nos dos *Accentos* para com as mesmas vogaes, diversamente accentuadas, distinguirmos as vozes grandes das pequenas;” (BAR: 1822, 40)

- **ambigua:** “A *Lingua* Portugueza porêm toca mais dois pontos ou vozes na sua corda vocal; huma entre o *E Pequeno* e o *I Commum*; e outra entre o *O Pequeno* e o *U Commum*, as quaes, por serem surdas e pouco distinctas, se podem chamar *Ambiguas*, e por isso não tem signal Litral proprio, e se notão na escriptura, a primeira ja com *e* ja com *i*, e a segunda ja com *o* ja com *u*.” (BAR: 1822, 04); “REGRA V. *Todas as nossas vozes Oraes Pequenas a, e, o, e as Surdas, ou Ambiguas, como e ou i, o ou u, são breves de sua mesma natureza.*” (BAR: 1822, 34)

- **aguda:** “A *Natureza* (diz *Cicero* Orat. 58) *tomando, para assim dizer, a seu cargo o modular a Lingua dos homens, quiz que em toda palavra houvesse huma voz Aguda e não mais.* Se a não houvesse, as palavras ficarião monotonas, isto he, serião todas pronunciadas com hum mesmo tom, ou teção das fibras da Glottis, que as cançaria logo. Alem do que toda palavra, para ser huma, deve reunir todas as suas *Syllabas* em hum ponto commum de apoio, e este he a *Aguda*, para Cuja elevação preparão as que precedem, e da mesma descem as que se seguem. Huma oração, composta de vocabulos monotonos, seria mais huma fiada de *Syllabas*, do que hum tecido de palavras.” (BAR: 1822, 42)

- **comum:** “*São Communs as duas vozes Portuguezas i e u; e so o uso da Lingua he que as faz ja longas pelo accento agudo, com que as pronuncia, ja breves, pronunciando-as sem elle.* [...] A razão he; porque o som destas duas vozes, e por consequencia o mecanismo de sua formação he o mesmo, quer sejam longas, quer sejam

breves, e não varia com a sua quantidade, como varia o som das outras vozes, quando são grandes, e quando pequenas.” (BAR: 1822, 35)

- **nasal:** “Doze destas são *Oraes*, e oito *Nasaes*. As primeiras são as que se formão no canal direito da bocca, e as segundas as que se formão no mesmo e junctamente no canal curvo do nariz, por onde reflue parte do ar sonoro.” (BAR: 1822, 03); “Além das vozes *Oraes* tem a nossa *Lingua* oito *Nasaes*; assim chamadas, porque nas *Oraes*, saindo todo o ar sonoro pelo canal direito da bocca, nestas, parte delle sae pelo mesmo, e outra parte refluindo pelo canal curvo, que communica da garganta com o nariz, sae pelas duas aberturas das ventas, e nesta passagem recebe da elasticidade e sinuosidade do canal huma especie de resonancia, que distingue essencialmente as vozes *Nasaes* das puramente *Oraes*.” (BAR: 1822, 04-05)

-- **clara:** “Destas oito vozes *Nasaes*, cinco são *claras*, porque a nasalidade cahe toda sobre ellas, e por isso se costumão escrever, ja com *Til* por cima, ja com *n* ou *m* adiante, sendo finaes, ou seguindo-se consoante, o que então val o mesmo que o *Til*. Taes são, por exemplo, o *A til*, nasal claro, em *Sã* ou *Sam*, *Irmã* ou *Irmam*; o *E til*, nasal claro, em *Têpo* ou *Tempo*, *Dête* ou *Dente*; o *I til* nasal, como em *Sĩ* ou *Sim*, *Lido* ou *Lindo*; o *O til* nasal claro, como em *Sõ* ou *Som*, *Pôto* ou *Ponto*; e o *U til* nasal, como em *ũ* ou *hum*, *ũto* ou *unto*.” (BAR: 1822, 05); “As vozes *Nazaes* claras screvem-se como fica dito na Regra VII. do Cap. I. Quanto as *Nazaes* surdas, para mostrar a sua *Nazalidade*, e ao mesmo tempo indicar que sobre elas cai o asento predominante, será bom asentual-as sempre com o *Til*, deste modo: *ãmo, ãno, sã nha, pẽna, lẽnha, sõma, sõnho*.” (BAR, 1822: 78)

-- **surda:** “Outras tres são *Nasaes Surdas*, ou menos sensiveis. Porque, achando-se com o accento agudo e predominante, e sendo seguidas immediatamente de alguma das tres consoantes *nasaes m, n, nh* pertencentes á *Syllaba* seguinte; participão destas alguma parte da sua nasalidade, qual hum ouvido fino percebe no *a* da primeira *Syllaba* de *Ama, Anua, Sanha*; no *e* da primeira *Syllaba* de *Penna, Temo, Tenho*; e no *o* da primeira *Syllaba* de *Somma, Sonho*.” (BAR: 1822, 05); “As vozes *Nazaes* claras screvem-se como fica dito na Regra VII. do Cap. I. Quanto as *Nazaes* surdas, para mostrar a sua *Nazalidade*, e ao mesmo tempo indicar que sobre elas cai o asento predominante, será bom asentual-as sempre com o *Til*, deste modo: *ãmo, ãno, sã nha, pẽna, lẽnha, sõma, sõnho*.” (BAR, 1822: 78)

- **oral:** “Doze destas são *Oraes*, e oito *Nasaes*. As primeiras são as que se formão no canal direito da bocca, e as segundas as que se formão no mesmo e junctamente no canal curvo do nariz, por onde reflue parte do ar sonoro.” (BAR: 1822, 03); “Ajuntando pois estas duas vozes *Ambiguas* ás 10 antecedentes, são por todas 12 as vozes *Oraes* Portuguezas. A nossa *Orthographia* não tem para as distinguir senão cinco letras vogaes, a saber: *a, e, i, o, u*. Porêm servindo-se das mesmas figuras *a, e, o*, distingue-as, quando são grandes, ou dobrando-as, como fazião nossos antigos, escrevendo *Maa* em lugar de *mã*, *See* em lugar de *Sé*, *Leer* ou *Ler* em lugar de *Lér*, *Sóo* em lugar de *Só*, e *Avoo* em lugar de *Avó*; ou marcando-as com os *accentos* vogaes, ja agudo para as abertas, ja circumflexo para as fechadas, como se vê acima.” (BAR: 1822, 04)

-- breve: “Por que de cada huma destas vozes,

duas junctas equivalem a huma das grandes, como fica mostrado na Regra I. e por consequencia a huma longa. Ora huma longa equivale a duas breves. Logo cada huma das duas pequenas, que se contrahem na longa , per si he breve.” (BAR: 1822, 34); “Nem so são breves as que se achão dentro do vocabulo; mas ainda todas as que se lhe ajuntão como Encliticas, as quaes, não tendo nunca *accento proprio* se acostão na pronunciação ás palavras, que o

tem, formando, para assim dizer , hum mesmo corpo com ellas debaixo do mesmo *accento dominante*, que constitue centro commum da união de todas estas Syllabas. E taes são o Artigo *o, a, os, as*, e os pronomes obliquos das tres pessoas *me, nos, te, vps, se, o, a, os, as, lhe, lhes*”. (BAR: 1822, 35)

longa: “Por que de cada huma destas vozes, duas junctas equivalem a huma das grandes, como fica mostrado na Regra I. e por consequencia a huma longa. Ora huma longa equivale a duas breves. Logo cada huma das duas pequenas, que se contrahem na longa , per si he breve.” (BAR: 1822, 34)

-- pequena: “REGRA V. *Todas as nossas vozes Oraes Pequenas a, e, o, e as Surdas, ou Ambiguas, como e ou i, o ou u, são breves de sua mesma natureza.*” (BAR: 1822, 34)

-prepositiva: “Nos Diphthongos Portuguezes as Prepositivas sempre são as longas e as Subjunctivas as breves. Pelo que, como as nossas cinco vozes Oraes grandes, e as nossas cinco Nasaes claras sempre são longas; e as Communs *i e u* o podem ser tambem ainda fóra do caso de posição: as Prepositivas dos nossos Diphthongos sempre são tiradas destas duas classes de vozes; e se são Oraes, formão os nossos Diphthongos Oraes, e se Nasaes, formão os nossos Diphthongos Nasaes, chamados tambem *Finaes*,

porque ordinariamente so se achão no fim das palavras.” (BAR: 1822, 14-15)

-subjuntiva: “Quanto ás *Subjunctivas*, como estas devem ser rapidas e brevissimas a respeito das Prepositivas, e nós não temos outras desta especie senão as duas vozes surdas ou ambiguas, que mal se percebem na passagem do *e* breve para o *i* tambem breve, e do *o* breve para o *u* tambem breve: segue-se que toda subjunctiva dos nossos Diphthongos necessariamente ha de ser alguma destas duas vozes surdas, ou a primeira, exprimida por *e* ou *i*, ou a segunda, exprimida por *o* ou *u*. E como não ha razão para preferir huma vogal mais que outra para representar estes sons ambiguos: daqui veio a variedade do uso em escrever as Subjunctivas dos mesmos Diphthongos promiscuamente ja com *e* ou com *i*, ja com *o* ou com *u*; o que se não deve criminar, visto não terem estas vozes ambiguas character algum proprio e particular.” (BAR: 1822, 15)

- surda: “A Lingua Portugueza porêm toca mais dois pontos ou vozes na sua corda vocal; huma entre o E *Pequeno* e o I *Commum*; e outra entre o O *Pequeno* e o U *Commum*, as quaes, por serem surdas e pouco distinctas, se podem chamar *Ambiguas*, e por isso não tem signal Litreral proprio, e se notão na escriptura, a primeira ja com *e* ja com *i*, e a segunda ja com *o* ja com *u*.” (BAR: 1822, 04); “REGRA V. *Todas as nossas vozes Oraes Pequenas a, e, o, e as Surdas, ou Ambiguas, como e ou i, o ou u, são breves de sua mesma natureza.*” (BAR: 1822, 34)

Y: “e por outra parte o mesmo Abecedario vulgar he sobejo de tres Letras, a saber: o k, e Y, que são Gregas, e o H, que, ainda sendo signal de aspiração, não deve ter lugar entre as Consoantes, mas sim entre os *Accentos Prosodicos*, aonde pertence.” (BAR: 1822, 59)

### 3. Constância (1831)

**ACENTO:** “No começo d’esta grammatica fiz a enumeração dos sons elementares da lingua portugueza e dos signaes com que os figuramos, ou *accentos*. D’estes temos unicamente dois, o chamado agudo (´) e o circumflexo (^), que modificão o som breve ou surdo das vogaes, tornando-o mais longo ou mais forte, e muitas vezes alongando-o e fortalecendo-o, como acontece todas as vezes que ha letra suprimida depois d’aquella que leva o *accento*” (CON, 1831: 249)

-agudo: “Quando o a tem hum som forte e prolongado, escreve-se *á* com o *accento agudo*. Os antigos que não usavão de *accentos*, escrevião *aa* ou *ha*, O *a* tem o mesmo som, longo e forte, em muitas palavras em que não leva o *accento*, e nas quaes as regras da prosodia bastão para determinar o seu valor.” (CON, 1831: 06-07); “O, com *accento agudo* *ó*, representa o som forte e breve; com o circumflexo *ô* o som d’esta vogal brando e longo. Exemplos: *dó, nó, avó; avô*. O *o* sem *accento* corresponde ora a *ô*, como em *mola, bola*, e na primeira syllaba de *voto, chove*, etc.; ora a *ó*, como na primeira syllaba de *movo, rojo, molho* s. , etc.; ora a *o* surdo e quasi soando *u*, como nas finaes de *do, modo, cobrio, desceo, etc.*” (CON, 1831: 08)

- circumflexo: “O, com *accento agudo* *ó*, representa o som forte e breve; com o circumflexo *ô* o som d’esta vogal brando e longo. Exemplos: *dó, nó, avó; avô*. O *o*

sem *accento* corresponde ora a *ó*, como em *mola, bola*, e na primeira syllaba de *voto, chove*, etc.; ora a *ô*, como na primeira syllaba de *movo, rojo, molho* s. , etc.; ora a *o* surdo e quasi soando *u*, como nas finaes de *do, modo, cobrio, desceo, etc.*” (CON, 1831: 08)

- vogal: “A maior ou menor força de voz com que se pronunciação as vogaes, e o tempo maior ou menor que se gasta em as pronunciar, são os dois elementos da nossa prosodia; o segundo se chama *quantidade*, e dá ás syllabas o character de *longas* ou de *breves*; ao primeiro se dá em geral o nome de *accento vogal*, para o não confundir com os signaes orthographicos que o representão.” (CON, 1831: 247-248)

**ALFABETO:** “A serie das letras com que em portuguez se notão os sons elementares da lingua he a mesma que em latim, á excepção do *k* e *y* que são gregos, e do *ç* que não existe em latim. Esta serie se denomina *alphabeto*, de *alpha* e *bêta*, nomes das duas primeiras letras da serie vocal grega, ou *abêcê*, do nome das tres primeiras letras do nosso A, B, C. Quando se falla da serie de characters de huma lingua cujas letras correspondem a sons determinados, diz-se o *alphabeto* dessa lingua.” (CON, 1831: 05)

**ALENTEJANO:** “Os Algarvios e os Alemtejanos dizem *ei* por *eu*; v. g. *mei pai, meis amigos*, e os rusticos



dos arredores de Lisboa e das provincias trocão os pluraes dos nomes em *ão*, e dizem *tostães*, *grães*, em vez de *tostões*, *grãos*, etc., *fruta* por *fruta*.” (CON, 1831: 260)

**ALGARVIO:** “Os Algarvios e os Alemtejanos dizem *ei* por *eu*; v. g. *mei pai*, *meis amigos*, e os rusticos dos arredores de Lisboa e das provincias trocão os pluraes dos nomes em *ão*, e dizem *tostães*, *grães*, em vez de *tostões*, *grãos*, etc., *fruta* por *fruta*.” (CON, 1831: 260)

**ANALOGIA:** “A lingua portugueza he derivada da latina, mas não directamente do latim classico, e por isso differe d’aquella, tanto no som das palavras como no valor d’ellas, e na construcção. D’aqui nasce a imperfeição da nossa orthographia, imperfeição inherente á origem e irregular derivação da lingua; porque, se, para nos conformarmos com os radicaes latinos, adoptamos a orthografia da lingua-mãe, muito nos affastaremos da pronunciação em hum grande numero de vocabulos que ainda conservão bastante analogia com as fórmas latinas; e se, desprezando a derivação, escrevemos como hoje pronunciamos, não só perderemos inteiramente a filiação das vozes e o meio mais certo de conhecer o sentido primitivo d’ellas, recorrendo á fonte de que emanão, mas teremos de mudar a orthographia ao passo que mudar a pronuncia, como já por tantas vezes o fizerão os nossos maiores. E sendo certo que em menos de hum seculo experimenta toda a lingua viva notaveis mudanças na pronunciação, segue-se adoptando esta por base da orthographia, tomaremos por guia o cego, arbitrio e variavel uso, desprezando a razão.” (CON, 1831: 260-261)

**ARTICULAÇÃO** (cf. som consoante)

**BARBOSA:** “Posto que os grammaticos portuguezes, e entre elles o senhor Jeronymo Soares Barboza, na sua *Grammatica philosophica da lingua portugueza*, publicada por ordem da Academia das Sciencias em 1822, digão que em todos os diphthongos portuguezes a voz prepositiva ou antecedente he sempre a longa e dominante, e a subjunctiva a breve, he facil mostrar ser isto hum engano palpavel, visto que em *ruim*, e em *igual*, *qual*, *guarda*, *agua* ou *agoa*, *egoa* ou *egua*, *quanto*, a segunda syllaba d’estes diphthongos predomina sobre a antecedente que he breve e até brevissima.” (CON, 1831: 15); “*Observações criticas sobre as regras dadas pelo Snr Jeronymo Soares Barboza*. Antes de terminar este capitulo julguei necessario examinar a doutrina do autor da *Grammatica philosophica da Lingua portugueza* sobre a orthographia, visto ser obra approvada pela Academia real de Lisboa, e impressa á custa della. Citarei textualmente as proprias palavras do autor em cada huma das suas regras que me parecem erradas ou inexactas.” (CON, 1831: 284)

**BEIÇO:** “*Sons Vogaes*. Chamão-se vogaes as letras *a*, *e*, *i*, *o*, *u*, *y*, porque representão sons proferidos por hum impulso da voz, sem o concurso da acção da lingua, dos beiços ou dos dentes.” (CON, 1831: 06)

**BEIRÃO:** “Os Beirões trocão *ou* por *oi*, e dizem *coive*, *oivir*, por *couve*, *ouvir*.” (CON, 1831: 260)

**BRASILEIRO:** “Os Brasileiros, e especialmente os Bahianos, tem muitos vicios de pronunciação intoleraveis: 1º accentuação syllabas subordinadas: v. g. *ménino*, *pápel*, *Brásil*, *ássentado*; 2º quasi que suprimem o *r* final, pronunciando *acabá*, *senhô*, *fazê*, por *acabar*, *senhor*, *fazer*; 3º invertem o lugar dos pronomes, dizendo *mi deixe* em vez de *deixe-me*; 4º nos pluraes em *s*, apenas fazem soar esta letra, dizendo *minhá* por *minhas*, ou lhe dão o som de *z*; 5º mudão o *e* mudo em *i*, v. g. *mi*, por *me*, *minino*, por *menino*, *di* por *de*.” (CON, 1831: 259); “Hum, he o uso inadmissivel do *y* á maneira dos Francezes; o outro, o de *êi* por *em*, que ambos procedem de huma pronunciação viciosa brasileira; o terceiro he a omissão do *h* em *hum*, em *he*.” (CON, 1831: 263)

**CARACTERE:** “A serie das letras com que em portuguez se notão os sons elementares da lingua he a mesma que em latim, á excepção do *k* e *y* que são gregos, e do *ç* que não existe em latim. Esta serie se denomina *alphabeto*, de *alpha* e *béta*, nomes das duas primeiras letras da serie vocal grega, ou *abêcê*, do nome das tres primeiras letras do nosso A, B, C. Quando se falla da serie de caracteres de huma lingua cujas letras correspondem a sons determinados, diz-se o *alphabeto* dessa lingua.” (CON, 1831: 05); “Do que precede se vê que temos letras diversas para exprimir hum mesmo som, e que nos faltão caracteres para outros sons simples, alem da necessidade de signaes orthographicos para marcar o diverso valor das vogaes. Para o som de *k* temos o *c* antes de *a*, *o*, *u*, o *q* e *qu*. Para o som de *ç*, temos *s*, *ss*, *x*. Para o som de *f*, temos *ph*. Para o som de *j*, temos *g* antes de *e*, *i*; *g* antes de *a*, *o*, *u*, sôa como em *ganhar*, *gozo*, *gula*. Para o som de *x* temos *ch*, etc.” (CON, 1831: 12); “A mesma regra e observações se applicão á substituição de letras gregas por dois caracteres latinos ou portuguezes. Estas são o  $\theta$  *theta* por *th*, o  $\chi$  por *ch*, o  $\phi$  por *ps*; v. g.: *pathos*, *pathetico*, *thoro*; *Acheronte*, *archanjo*, *archivo*, *archonte*, *chorea*, *monarchia*; *psalmo*, *psalterio*, *pseudo*, *apside*, e mudando *ps* em *bs*, em muitas palavras. Outro tanto se applica ao *y* grego, que substituido por *i*, induz em grave erro; v. g.: *oligarchia*, significa o *governo de poucos* (de *oligos*, pouco, e *árché* ou *gárché*, supprimindo o *g* a aspiração, que significa *autoridade*, etc.); e *Olympo*, *olympiada*, etc., que escriptos por *i* parecem vir de *olim*, antigamente, e não de *ολος*, que significa *todo*, *inteiro*.” (CON, 1831: 273)

**CÉU DA BOCA:** “ $\tilde{A}$  corresponde á *an* ou *am*, e representa o som nasal ou palatal da letra. Digo palatal, porque basta dirigir a voz contra o céu da boca para pronunciar o que se chamão sons nasaes, e não he necessario que o ar saia pelas ventas.” (CON, 1831: 07)

**CHINÊS:** “Os Chins escrevem em geral por meio de caracteres que designão ideias e não sons; e os antigos Egypcios tnhão diversos systemas de notação, huns para as ideias, outro para os sons.” (CON, 1831: 05)

**CONSOANTE** (cf. som consoante)

**DENTE:** “*Sons Vogaes*. Chamão-se vogaes as letras *a*, *e*, *i*, *o*, *u*, *y*, porque representão sons proferidos por hum impulso da voz, sem o concurso da acção da lingua, dos beiços ou dos dentes.” (CON, 1831: 06)

**DIALETO VULGAR:** “*Õ* representa o som palatal d’esta vogal, e equivale a *om*, *on*, como em *leões*, *ocasiões*, *trovões*. Nos primeiros seculos da monarchia portugueza prevalecia este som de *om*, *on*, e assim se escrevia, por ser derivado dos dialectos vulgares do latim nas provincias hispanicas do norte. Pouco depois, adoçando-se a pronuncia, converteo-se o *om* de *coraçom*, *razom*, *nom*, no diphthongo *ão* de que logo fallarei, e começou-se a pronunciar e a escrever *coração*, *razão*, *não*, e neste díphthongo se mudarão igualmente as terminações longas e breves em *am* ou *an* dos verbos ou dos nomes masculinos: por ex. *mão* em vez de *mam*” (CON, 1831: 08)

**DICIONÁRIO ETIMOLÓGICO:** “Concluindo direi que não existe outro meio de fixar a opinião do publico sobre as anomalias da nossa orthographia senão a publicação de hum bom dictionario etymologico. Por falta d’elle vemos até autores de grammaticas e de sistemas de orthographia escrever *Hypocrates*, em vez de *Hippocrates*, *dyscolo*, por *discolo*, e dar as mais erradas e disparatadas etymologias a certos termos.” (BAR, 1822: 91)

**DITONGO:** “Chama-se diphthongo a intima união de dois sons vogaes pronunciados com um só impulso da voz que não deixa separação sensível entre ambos.” (CON, 1831: 14); “Em portuguez todos os diphthongos são pronunciados como se escrevem, isto he, fazem-se sentir os dois sons ligados, não se convertendo em hum só, como em latim em *æ, œ*.” (CON, 1831: 15); “Posto que os grammaticos portuguezes, e entre elles o senhor Jeronymo Soares Barboza, na sua *Grammatica philosophica da lingua portugueza*, publicada por ordem da Academia das Sciencias em 1822, digão que em todos os diphthongos portuguezes a voz prepositiva ou antecedente he sempre a longa e dominante, e a subjunctiva a breve, he facil mostrar ser isto hum engano palpavel, visto que em *ruim*, e em *igual*, *qual*, *guarda*, *agua* ou *agoa*, *egoa* ou *egua*, *quanto*, a segunda syllaba d’estes diphthongos predomina sobre a antecedente que he breve e até brevissima.” (CON, 1831: 15); “São evidentemente longas as vogaes nasaes, as dobradas ou diphthongos; e as vogaes simples dominantes, ou sejam escriptas com accento ou não, tambem são longas, relativamente á vogaes não accentuadas e não dominantes. Tambem são longas as vogaes seguidas de duas consoantes, ou de *x* soando *cs*, das quaes huma he articulada com a vogal antecedente, v. g. *omnipotente*, *armar*, *folgar*, *estudar*, *nexo*, *annexar*, *polvora*, *morte*” (CON, 1831: 255)

**-fanhoso** (cf. ditongo nasal)

**- nasal:** “e nasaes ou palataes, quando huma d’ellas (quasi sempre a primeira) he palatal ou nasal.” (CON, 1831: 15); “Os diphthongos puros são formados de vogaes puras; os nasaes tem huma nasal, que he sempre a primeira, excepto sendo ã a segunda.” (CON, 1831: 15); “Não são diphthongos nasaes *bem*, *bens*, *bom*, *bons*, etc., qua não tem senão huma syllaba nasal, e não formão diphthongo. Escrever hoje estas palavras *bêe*, *bêis*, *bão*, *bãos*, he erro crasso, que a pronuncia moderna não autorisa. Os antigos escrevião e pronuncião *hum*, *bêe*, *bão*, mas nós pronuncia os *hũ*, *bê*, *bão*.” (CON, 1831: 18); “Os diphthongos nasaes são aquelles cuja primeira vogal he nasal e a segunda surda, v. g. *mão*, *dão*, *põe*, *mãe*, *botões*, *cães*; por isso a primeira deve sempre levar o til. Como podem ser

syllabas longas ou breves, predominantes ou subordinadas na mesma palavra, he preciso em caso de duvida, e quando he diverso o sentido da palavra segundo o valor do diphthongo nasal, pôr hum accento na syllaba antecedente, quando esta for a predominante; v. g. *amárão*, *morrêrão*, *ferirão* (preteritos), em que *ão* he breve, para os differencar dos futuros, *amarão*, *morrerão*, *ferirão* (futuros).” (CON, 1831: 279)

**--duplicado:** “*Õe* ou *oem* he hum diphthongo nasal duplicado; Ex. *põem*, terceira pessoa do plural do presente do indicativo de *Pôr*, que bem se differença do som de *põe*, terceira pessoa do singular, em que só a primeira he nasal.” (CON, 1831: 18)

**- palatal:** “e nasaes ou palataes, quando huma d’ellas (quasi sempre a primeira) he palatal ou nasal.” (CON, 1831: 15)

**- puro:** “São simples ou puros quando são formados de duas vogaes simples” (CON, 1831: 14-15); “Os diphthongos puros são formados de vogaes puras; os nasaes tem huma nasal, que he sempre a primeira, excepto sendo ã a segunda.” (CON, 1831: 15)

**- simples:** “São simples ou puros quando são formados de duas vogaes simples” (CON, 1831: 14-15)

**EGÍPCIO:** “Os Chins escrevem em geral por meio de caracteres que designão ideias e não sons; e os antigos Egypcios tinhão diversos systemas de notação, huns para as ideias, outro para os sons.” (CON, 1831: 05)

**ETMOLOGIA:** “Em *agua*, *lingua*, a etymologia he favoravel ao uso do *u*; mas como ignoramos a verdadeira pronuncia desta letra pelos Romanos, que a substituião a *y* em *Sulla* (*Sylla*), etc., não ha inconveniente em lhe substituir o *o*.” (CON, 1831: 10); “Em quanto á etymologia, he certo que o *u* lhe he conforme em *agua*, *tabua*, *lingua*, etc.; mas, como della nos desviamos em muitos outros vocabulos, e particularmente quando a vogal breve se segue *u* surdo, v.g. *mutuus*, *varius*, *fatuus*, de que fizemos *mutuo*, *vario*, *fatuo*, e não *mutuu*, *variu*, *fatuu*, não ha razão para não seguirmos neste ponto a analogia tirada da pronuncia. Alem do que, bem sabido he que as vogaes breves e brevissimas sempre se trocarão no grego, no latim e em todas as mais linguas, e até na hebraica e arabiga, se não escrevião. O *o* latino e o *u*, ora ao *ypsilon* ou *oi*, e nos primeiros tempos da republica os Romanos escrevêrão o por *u*.” (CON, 1831: 277-278)

**FRANCÊS:** “Hum, he o uso inadmissivel do *y* á maneira dos Francezes; o outro, o de *êi* por *em*, que ambos procedem de huma pronunciação viciosa brasileira; o terceiro he a omissão do *h* em *hum*, em *he*.” (CON, 1831: 263)

**IMPULSO:** “*Sons Vogaes*. Chamão-se vogaes as letras *a*, *e*, *i*, *o*, *u*, *y*, porque representam sons proferidos por hum impulso da voz, sem o concurso da acção da lingua, dos beijos ou dos dentes.” (CON, 1831: 06)

**LETRA** (cf. som vogal, som consoante): “A serie das letras com que em portuguez se notão os sons elementares da lingua he a mesma que em latim, á excepção do *k* e *y* que são gregos, e do *ç* que não existe em latim. Esta serie se denomina *alphabeto*, de *alpha* e *bêta*, nomes das duas primeiras letras da serie vocal grega, ou *abêcê*, do nome das tres primeiras letras do

nosso A, B, C. Quando se falla da serie de caracteres de huma lingua cujas letras correspondem a sons determinados, diz-se o *alphabeto* dessa lingua.” (CON, 1831: 05)

- **ajuntada**: “A mesma regra se applica aos diversos casos de letra ajuntada, tirada, substituida ou transposta, nas palavras derivadas do latim. Deve seguir-se, quando for possivel, a orthographia dos radicaes nas palavras que mais conservão a pureza da derivação” (CON, 1831: 264)

-**dobrada**: “As letras dobradas que formão hum som simples, não influem na vogal que as precede, nem as liquidas *fr, lh, nh, tr, gr, br, cr, dr, pr.*” (CON, 1831: 255)

- **indispensável**: “Muitos homens de sizo e de instrução tem proposto em Portugal, em França, e em outras nações, tomar por base da orthographia a pronuncia, não empregando letras inuteis, e dando a cada caracter valores constantes, ou pelo menos, dando hum valor invariavel ás combinações de letras indispensaveis para figurar sons que não tem caracteres simples appropriados.” (CON, 1831: 261)

- **inútil**: “Muitos homens de sizo e de instrução tem proposto em Portugal, em França, e em outras nações, tomar por base da orthographia a pronuncia, não empregando letras inuteis, e dando a cada caracter valores constantes, ou pelo menos, dando hum valor invariavel ás combinações de letras indispensaveis para figurar sons que não tem caracteres simples appropriados.” (CON, 1831: 261)

- **líquida**: “As letras dobradas que formão hum som simples, não influem na vogal que as precede, nem as liquidas *fr, lh, nh, tr, gr, br, cr, dr, pr.*” (CON, 1831: 255)

- **portuguesas**: “Ha varios sons simples na lingua para os quaes não temos signaes, e que se escrevem por duas letras, ou por huma com hum accento particular.” (CON, 1831: 06); “Do que precede se vê que temos letras diversas para exprimir hum mesmo som, e que nos faltão caracteres para outros sons simples, alem da necessidade de signaes orthographicos para marcar o diverso valor das vogaes. Para o som de *k* temos o *c* antes de *a, o, u, o q* e *qu*. Para o som de *ç*, temos *s, ss, x*. Para o som de *f*, temos *ph*. Para o som de *j*, temos *g* antes de *e, i; g* antes de *a, o, u*, sôa como em *ganhar, gozo, gula*. Para o som de *x* temos *ch*, etc.” (CON, 1831: 12); “Os grammaticos tem multiplicado as classificações dos sons elementares das linguas e das letras que os representam. Ignorando o verdadeiro mecanismo da voz humana, que ainda hoje não está bem conhecido, fizerão divisões mais ou menos inexactas, humas fundadas nos orgãos vocaes que contribuem a formar os sons, outras na propriedade que cada som tem de se ligar mais ou menos facilmente a outros. D’aqui nasceo a divisão em letras *labiaes, dentaes, palataes*, puras ou compostas d’estes elementos, e dos sons *sibilante, chiante, tremolante e nasal*. Tambem se distinguirão as letras em *mudas e semivogaes*, em *liquidas e fixas*, sem que d’essas denominações resulte utilidade real para a recta pronunciação ou orthographia.” (CON, 1831: 12-13)

- **substituída**: “A mesma regra se applica aos diversos casos de letra ajuntada, tirada, substituida ou transposta, nas palavras derivadas do latim. Deve seguir-se, quando for possivel, a orthographia dos radicaes nas palavras que mais conservão a pureza da derivação” (CON, 1831: 264)

- **tirada**: “A mesma regra se applica aos diversos casos de letra ajuntada, tirada, substituida ou transposta, nas palavras derivadas do latim. Deve seguir-se, quando for possivel, a orthographia dos radicaes nas palavras que mais conservão a pureza da derivação” (CON, 1831: 264)

- **transposta**: “A mesma regra se applica aos diversos casos de letra ajuntada, tirada, substituida ou transposta, nas palavras derivadas do latim. Deve seguir-se, quando for possivel, a orthographia dos radicaes nas palavras que mais conservão a pureza da derivação” (CON, 1831: 264)

**LÍNGUA**: “*Sons Vogaes*. Chamão-se vogaes as letras *a, e, i, o, u, y*, porque representam sons proferidos por hum impulso da voz, sem o concurso da acção da lingua, dos beiços ou dos dentes.” (CON, 1831: 06)

- **alemã**: “A lingua alleman he a unica das da Europa em que se tem conseguido reproduzir exactamente o metro latino e grego.” (CON, 1831: 257)

- **castelhana**: “Porém he de advertir que no caracter da nossa prosodia e no da lingua roman e da castelhana, a desinencia *an*, a que corresponde a nossa *am*, he uniformemente longa. Ex. *Traran, vuelveran*, e em portuguez *Adam, Aiuam, Seringapatam, Balaam, Roboam*, tem todos a final longa; e os antigos escrevião por *om* as finais longas e as breves. Ex. *matarom, morrerom, farom*, futuros, e *matarom, morrerom, fazerom*, preteritos;” (CON, 1831: 09)

- **derivadas do latim**: “As linguas derivadas do latim são pouco rhythmicas; e até o italiano tão cantavel, he nimiamente monotono na razão da escassez de terminações variadas, e pela nimia regularidade do lugar que nas palavras occupa o accento prosodico. O mesmo acontece em portuguez, em hespanhol, e ainda mais em francez.” (CON, 1831: 257)

- **européia**: “A lingua alleman he a unica das da Europa em que se tem conseguido reproduzir exactamente o metro latino e grego.” (CON, 1831: 257)

- **grega**: “Pelo contrario, no latim e no grego, alem de haver poucas syllabas mudas e brevissimas, são variadissimas as terminações, e o lugar dos accentos prosodicos: tambem são infinitas as contracções e outras licenças com que os poetas mudão o accento e a quantidade, adaptando-as ao metro. Nós somos quasi escravos das regras grammaticaes da prosa, e muito particularmente no que respeita á prosodia.” (CON, 1831: 257)

- **latina**: “Pelo contrario, no latim e no grego, alem de haver poucas syllabas mudas e brevissimas, são variadissimas as terminações, e o lugar dos accentos prosodicos: tambem são infinitas as contracções e outras licenças com que os poetas mudão o accento e a quantidade, adaptando-as ao metro. Nós somos quasi escravos das regras grammaticaes da prosa, e muito particularmente no que respeita á prosodia.” (CON, 1831: 257)

- **latim clássico**: “A lingua portugueza he derivada da latina, mas não directamente do latim classico, e por isso differe d’aquella, tanto no som das palavras como no valor d’ellas, e na construcção. D’aqui nasce a imperfeição da nossa orthographia, imperfeição inherente á origem e irregular derivação da lingua; porque, se, para nos conformarmos com os radicaes latinos, adoptamos a orthografia da lingua-mãe, muito nos affastaremos da pronunciação em hum grande numero de vocabulos que ainda conservão bastante

analogia com as fórmulas latinas; e se, desprezando a derivação, escrevemos como hoje pronunciamos, não só perderemos inteiramente a filiação das vozes e o meio mais certo de conhecer o sentido primitivo d'ellas, recorrendo á fonte de que emanão, mas teremos de mudar a orthographia ao passo que mudar a pronuncia, como já por tantas vezes o fizeram os nossos maiores. E sendo certo que em menos de hum seculo experimenta toda a lingua viva notaveis mudanças na pronunciação, segue-se adoptandoesta por base da orthographia, tomaremos por guia o cego, arbitrario e variavel uso, desprezando a razão.” (CON, 1831: 260-261)

**-portuguesa:** “A lingua portugueza he derivada da latina, mas não directamente do latim classico, e por isso differe d'aquella, tanto no som das palavras como no valor d'ellas, e na construcção. D'aqui nasce a imperfeição da nossa orthographia, imperfeição inherente á origem e irregular derivação da lingua; porque, se, para nos conformarmos com os radicaes latinos, adoptamos a orthografia da lingua-mãe, muito nos affastaremos da pronunciação em hum grande numero de vocabulos que ainda conservão bastante analogia com as fórmulas latinas; e se, desprezando a derivação, escrevemos como hoje pronunciamos, não só perderemos inteiramente a filiação das vozes e o meio mais certo de conhecer o sentido primitivo d'ellas, recorrendo á fonte de que emanão, mas teremos de mudar a orthographia ao passo que mudar a pronuncia, como já por tantas vezes o fizeram os nossos maiores. E sendo certo que em menos de hum seculo experimenta toda a lingua viva notaveis mudanças na pronunciação, segue-se adoptandoesta por base da orthographia, tomaremos por guia o cego, arbitrario e variavel uso, desprezando a razão.” (CON, 1831: 260-261)

**- romana:** “Porém he de advertir que no caracter da nossa prosodia e no da lingua roman e da castelhana, a desinencia *an*, a que corresponde a nossa *am*, he uniformemente longa. Ex. *Traran, vuelveran*, e em portuguez *Adam, Aiuam, Seringapatam, Balaam, Roboam*, tem todos a final longa; e os antigos escrevião por *om* as finaes longas e as breves. Ex. *matarom, morrerom, farom*, futuros, e *matarom, morrerom, fazerom*, preteritos;” (CON, 1831: 09)

**- viva:** “A lingua portugueza he derivada da latina, mas não directamente do latim classico, e por isso differe d'aquella, tanto no som das palavras como no valor d'ellas, e na construcção. D'aqui nasce a imperfeição da nossa orthographia, imperfeição inherente á origem e irregular derivação da lingua; porque, se, para nos conformarmos com os radicaes latinos, adoptamos a orthografia da lingua-mãe, muito nos affastaremos da pronunciação em hum grande numero de vocabulos que ainda conservão bastante analogia com as fórmulas latinas; e se, desprezando a derivação, escrevemos como hoje pronunciamos, não só perderemos inteiramente a filiação das vozes e o meio mais certo de conhecer o sentido primitivo d'ellas, recorrendo á fonte de que emanão, mas teremos de mudar a orthographia ao passo que mudar a pronuncia, como já por tantas vezes o fizeram os nossos maiores. E sendo certo que em menos de hum seculo experimenta toda a lingua viva notaveis mudanças na pronunciação, segue-se adoptandoesta por base da orthographia, tomaremos por guia o cego, arbitrario e variavel uso, desprezando a razão.” (CON, 1831: 260-261)

**MINHOTO:** “Os Minhotos dizem *om* em vez de *ão*, e pronunciação *ão* em vez de *ou*; v. g. *amáróm, razóm, fizerom, sujeiçom*, por *amárão, razão, fizerão, sujeiçãõ*; e *são* por *sou*, *estão* por *estou*, e *ai agoa* por *a agoa*.” (CON, 1831: 260)

**MONARQUIA PORTUGUESA:** “*Õ* representa o som palatal d'esta vogal, e equivale a *om, on*, como em *leões, occasiões, trovões*. Nos primeiros seculos da monarchia portugueza prevalecia este som de *om, on*, e assim se escrevia, por ser derivado dos dialectos vulgares do latim nas provincias hispanicas do norte. Pouco depois, adoçando-se a pronuncia, converteo-se o *om* de *coraçom, razom, nom*, no diphthongo *ão* de que logo fallarei, e começou-se a pronunciar e a escrever *coraçãõ, razão, não*, e neste díphthongo se mudarão igualmente as terminações longas e breves em *am* ou *an* dos verbos ou dos nomes masculinos: por ex. *mão* em vez de *mam*” (CON, 1831: 08)

**MONOSSÍLABOS:** “2º comparadas com os monossyllabos analogos, quando ellas tem huma só syllaba.” (CON, 1831: 248)

**ORTOGRAFIA:** “*Õ* representa o som palatal d'esta vogal, e equivale a *om, on*, como em *leões, occasiões, trovões*. Nos primeiros seculos da monarchia portugueza prevalecia este som de *om, on*, e assim se escrevia, por ser derivado dos dialectos vulgares do latim nas provincias hispanicas do norte. Pouco depois, adoçando-se a pronuncia, converteo-se o *om* de *coraçom, razom, nom*, no diphthongo *ão* de que logo fallarei, e começou-se a pronunciar e a escrever *coraçãõ, razão, não*, e neste díphthongo se mudarão igualmente as terminações longas e breves em *am* ou *an* dos verbos ou dos nomes masculinos: por ex. *mão* em vez de *mam*; *andarão*, por *andaram* preterito, e *andaram* futuro; *razão*, em vez de *razam*; *traição* em vez de *traicam*; *chão* por *cham*, *cão* por *cam*; e os presentes *amão, levão, armão*, por *amam, levam, armam*, etc. Mas neste particular continuou e continua ainda grande discrepancia e incoherencia na orthographia. Porém he de advertir que no caracter da nossa prosodia e no da lingua roman e da castelhana, a desinencia *an*, a que corresponde a nossa *am*, he uniformemente longa. Ex. *Traran, vuelveran*, e em portuguez *Adam, Aiuam, Seringapatam, Balaam, Roboam*, tem todos a final longa; e os antigos escrevião por *om* as finaes longas e as breves. Ex. *matarom, morrerom, farom*, futuros, e *matarom, morrerom, fazerom*, preteritos; donde se segue que o *ão* actual deve igualmente servir

quando he longo e quando he breve, sendo escusado multiplicar signaes para hum som da mesma natureza, e bastando, em casos de duvida, accentuar a syllaba precedente quando *ão* he breve. Ex. *armarão* preterito. Os que escrevem por *am* a desinencia breve *ão*, devem, para ser consequentes, escrever *soam*, terceira pessoa do verbo *soar*, e *suam* a do verbo *suar*, confundindo-se ambas com o vento *Suam* ou *Soam*, que assim se acha escripto em muitos autores antigos. Por este systema igualmente se confunde *tão* comparativo, de *tantus*, com *tam* adverbio, cujo significado he bem diverso: *tam pouco* e *tão pouco* são expressões inteiramente differentes.” (CON, 1831: 08-09); “A lingua portugueza he derivada da latina, mas não directamente do latim classico, e por isso differe d'aquella, tanto no som das

palavras como no valor d'ellas, e na construcção. D'aquí nasce a imperfeição da nossa orthographia, imperfeição inherente á origem e irregular derivação da lingua; porque, se, para nos conformarmos com os radicaes latinos, adoptamos a orthografia da lingua-mã, muito nos affastaremos da pronunciação em hum grande numero de vocabulos que ainda conservão bastante analogia com as fórmas latinas; e se, desprezando a derivação, escrevemos como hoje pronunciamos, não só perderemos inteiramente a filiação das vozes e o meio mais certo de conhecer o sentido primitivo d'ellas, recorrendo á fonte de que emanão, mas teremos de mudar a orthographia ao passo que mudar a pronuncia, como já por tantas vezes o fizerão os nossos maiores. E sendo certo que em menos de hum seculo experimenta toda a lingua viva notaveis mudanças na pronunciação, segue-se adoptandoesta por base da orthographia, tomaremos por guia o cego, arbitrario e variavel uso, desprezando a razão.” (CON, 1831: 260-261); “A orthographia dos pluraes em *ães, ões*, escriptos *aens, oens*, he igualmente viciosa, porque o *n* torna nasal a vogal *e* que o não he, deixando simples a que he nasal, isto he, o *a* e o *o*.” (CON, 1831: 280)

- **antiga**: “Adoptando a orthographia antiga, direi que *eea* e *eee* formão triphthongos, como em *dêem, premêem*, que se podem escrever *deeẽ, premeẽ* ou *premeiem*.” (CON, 1831: 17-18); “Em quanto a *he*, prefiro a orthographia antiga e usual á que escreve *é*, 1º porque mais vale huma letra que hum accento, que mui facilmente se omitta na escripta e na impressão;” (CON, 1831: 270)

#### **PALAVRA:**

-**corpo** -: “Existe duvida nas terminações em *o* ou em *u* das terceiras pessoas do preterito dos verbos que tem o infinitivo em *ar, er* ou *ir*; v. g. *deo, ardeo, verteo, abrio, ferio*, que os antigos e alguns modernos escrevem, *deu, ardeu, abriu, feriu*; e igualmente em adjectivos que em latim terminão em *us*, como *Judeo, Phariseo*, e nos pronomes *meu, teu, seu*, e no corpo das palavras que em latim se escrevem por *u*, como *agua, egua, lingua*, que outros escrevem por *o*. A estas e outras duvidas do mesmo genero convem a regra seguinte. Regra VIIª. Em todas as palavras em que a pronuncia constante portugueza tem dado a preferencia ao som o mais surdo do *e* e do *o*, estas letras se devem substituir, e primeira ao *i*, e a segunda ao *u* latino nas palavras derivadas desta lingua; e usar-se-ha de *e* e de *o* em preferencia a *i* e a *u*, todas as vezes que o som for mais surdo.” (CON, 1831: 277)

-**família de** -: “Estabelecer uniformidade entre estas familias de palavras he cousa impossivel, porque as que mais se desviam da raiz, são justamente aquellas que mais antigamente forão aporuguezadas, e que por conseguinte constituem a base da lingua. Não ha pois outro partido a tomar senão de respeitar a corrupção do radical em humas, deguindo nas outras a cor recta derivação. Quem hoje dissesse ou escrevesse *aqua, aquila*, por *agua, aguia* seria com razão taxado de pedante.”

**PARTÍCULA**: “Quando no fim da regra he preciso partir a palavra em duas porções, a regra racional he cortá-la por maneira que fique a syllaba inteira no fim da regra, e toda a difficuldade existe no modo de soletrar, o qual sendo muitas vezes vicioso nas palavras compostas, faz cortar a palavra de maneira a separar

hum dos seus elementos indivisivel; v. g. *destruir*, e todos os compostos das particulas latinas inseparaveis: *re, pre, de, in, ob, con, a*.” (BAR, 1822: 190)

**PRONÚNCIA**: “Applicando esta regra, digo que todas as vezes que huma letra radical he pronunciada, na conversação, na tribuna, no pulpito ou na declamação theatral, em diversas palavras huma familia, deverá escrever-se, ainda naquellas em que nunca soa; v. g. *signal, assignalar; acção, acto; victoria, victorioso; dicto, dictado, dictador; prompte, excepto, correcto*, etc., e derivados, posto que nos mais d'elles e no radical portuguez, não soe o *g, c, ou p*, mas por soar huma destas letras em *signo, insignia, promptuario, exceptuar, correcção, correcional, actual, actor*.” (CON, 1831: 264)

-**delicadeza de** -: “A brevidade relativa das syllabas, depende em grande parte das consoantes, das quaes algumas se podem prolongar sem mistura de som vogal, ou do *scheva* ou *e* mudo imaginado por grammaticos que não têm conhecimento de muitas linguas em que se prolongão consoantes puras. Estas delicadezas de pronuncia só o uso as pode ensinar e a frequentação de pessoas cultas.” (CON, 1831: 256)

- **variação**: “O *x* tem em portuguez mui diversos valores; ora soa *cs*, como em *convexo, nexo*; ora *ch* (como em *chover*), em *eixo, deixar*; ora *z* em *exemplo, exercito, exercer, exacto, exactidão*; ora *iz*, como em muitas das mesmas palavras em que soa *z*; v.g. *exercito, exemplo, executar*, que ora se pronunciação, *ezercito, exemplo, ezeutar*, ora *eizercito, eizeemplo, eizeutar*. Por ventura deveremos substituir ao *x* estes tres equivalentes? Nada seria mais desacertado; 1º porque estas maneiras de pronunciar são variaveis, e são todas modificações das duas unicas verdadeiras pronuncias do *x*; 2º porque, se assim mudarmos a orthographia segundo as continuas variações da pronuncia, muitas das quaes são defeituosas, cedo teremos que mudar todos os valores alphabeticos.” (CON, 1831: 275)

- **vício de** -: “Entre os vicios de pronunciação, huns são tradicionaes e conformes ao uso antigo, como o *ch*, pronunciado *tch* pelos Trasmontanos, o *b*, por *v* dos Mínhotos, o *ç* pronunciado *tç*; *õa, ùa*, por *oa, uma*, v. g. em *bõa, algũa* (boa, alguma), *precurar* e derivados por *procurar*, etc; *calidade* por *qualidade, perguntar* por *perguntar, frol* por *flor, pirola* por *pilula, antre* por *entre, proluxo* por *perluxo, rezão* em vez de *razão*, e muitos outros que hoje são só usados pelos rusticos ou ignorantes, mas que todos se achão nos classicos antigos, e alguns ainda mais desviados da sua derivação latina ou estrangeira.” (CON, 1831: 257-258); “O maior vicio de todos, e que tambem he commum nos autores antigos, he o de *invertir* os sons das palavras, perturbando a ordem das suas syllabas, v. g. *crelgo* por *clerigo, esnoga* por *synagoga, contrairo* por *contrario, frol* por *flor, prove* por *pobre, interpetre* por *interprete*, etc.” (CON, 1831: 258)

- **vulgar**: “Os nossos maiores, seguindo a pronunciação vulgar, e desprezando a origem latina da nossa lingua, escrevêrão incorrectissimamente os vocabulos portuguezes, e quando autores eruditos e versados no clamação. A isto accresce o não termos ainda hum bom dictionario etymologico e de pronuncia. latim quizerão emendar a orthographia e latinisar a pronuncia, cahirão no excesso opposto. Todavia João de Barros escreve

*milhor* por *melhor* (de *melior*), e muitas outras palavras, conformando-se á pronuncia de seu tempo, e não á derivação.” (CON, 1831: 258-259)

**PROSÓDIA:** “Quando o a tem hum som forte e prolongado, escreve-se *á* com o accento agudo. Os antigos que não usavão de accentos, escrevião *aa* ou *ha*. O *a* tem o mesmo som, longo e forte, em muitas palavras em que não leva o accento, e nas quaes as regras da prosodia bastão para determinar o seu valor.” (CON, 1831: 06-07); “A maior ou menor força de voz com que se pronunçião as vogaes, e o tempo maior ou menor que se gasta em as pronunciar, são os dois elementos da nossa prosodia; o segundo se chama *quantidade*, e dá ás syllabas o caracter de *longas* ou de *breves*; ao primeiro se dá em geral o nome de *accento vogal*, para o não confundir com os signaes orthographicos que o representão.” (CON, 1831: 247-248)

**QUANTIDADE:** “A maior ou menor força de voz com que se pronunçião as vogaes, e o tempo maior ou menor que se gasta em as pronunciar, são os dois elementos da nossa prosodia; o segundo se chama *quantidade*, e dá ás syllabas o caracter de *longas* ou de *breves*; ao primeiro se dá em geral o nome de *accento vogal*, para o não confundir com os signaes orthographicos que o representão.” (CON, 1831: 247-248); “D’aqui se colhe que em huma mesma palavra pode haver syllabas mais ou menos longas, mais ou menos breves, e brevissimas, isto he, que são as mais breves de todas; v. g. em *levemente*, a primeira he longa, relativamente á segunda e á ultima, e breve, comparada com a penultima. A segunda he mais breve que a ultima, a qual he brevissima. Não existe portanto senão quantidade relativa e não absoluta.” (CON, 1831: 248)

**RITMO:** “A razão disto não he o carecer a lingua de quantidade prosodica ou de pés metricos, mas sim da distribuição das breves e das longas nas palavras, e da sua combinação com o accento prosodico. Só com a ajuda da musica podemos approximar o nosso rhythmio ao dos antigos; mas deve advertir-se que nós declamamos ou recitamos as nossas odes e tragedias, e que elles as cantavão com acompanhamento de instrumentos de sopro.” (CON, 1831: 256-257)

**RÚSTICO:** “Os rusticos mudão o *z* em *g*, v. g. *vigitar* por *vizitar*; o *r* em *l*, como *priol* por *prior*, ou o *l* em *r*, como *prantar* por *plantar*, e muitas vezes a *lh* substituem *l* simples, v. g. *le* por *lhe*. Em quanto ás vozes *leixar*, *trouve*, *dixe*, *fruíta*, etc., se hoje o povo as diz, he porque assim o escrevêrão e prounciãrão antigamente os doutos. *Leixar*, vem de *laisser*, que em francez significa *deixar*. *Dixe* he conforme ao latim *dixi*.” (CON, 1831: 259-260)

**SEPARAR PALAVRAS:** “Quando no fim da regra he preciso partir a palavra em duas porções, a regra racional he cortá-la por maneira que fique a syllaba inteira no fim da regra, e toda a difficuldade existe no modo de solettrar, o qual sendo muitas vezes vicioso nas palavras compostas, faz cortar a palavra de maneira a separar hum dos seus elementos indivisivel; v. g. *destruir*, e todos os compostos das particulas latinas inseparaveis: *re*, *pre*, *de*, *in*, *ob*, *con*, *a*.” (BAR, 1822: 190)

**SIGNIFICADO:** “Quando pode haver equivocação do significado da palavra, o *u* longo escrevese com o accento agudo: Ex. *cúmulo* s. para o differenciar de *cumúlo* verbo.” (CON, 1831: 10)

#### **SÍLABA:**

**-breve:** “D’aqui se colhe que em huma mesma palavra pode haver syllabas mais ou menos longas, mais ou menos breves, e brevissimas, isto he, que são as mais breves de todas; v. g. em *levemente*, a primeira he longa, relativamente á segunda e á ultima, e breve, comparada com a penultima. A segunda he mais breve que a ultima, a qual he brevissima. Não existe portanto senão quantidade relativa e não absoluta.” (CON, 1831: 248)

**- brevissima:** “D’aqui se colhe que em huma mesma palavra pode haver syllabas mais ou menos longas, mais ou menos breves, e brevissimas, isto he, que são as mais breves de todas; v. g. em *levemente*, a primeira he longa, relativamente á segunda e á ultima, e breve, comparada com a penultima. A segunda he mais breve que a ultima, a qual he brevissima. Não existe portanto senão quantidade relativa e não absoluta.” (CON, 1831: 248)

**- longa:** “D’aqui se colhe que em huma mesma palavra pode haver syllabas mais ou menos longas, mais ou menos breves, e brevissimas, isto he, que são as mais breves de todas; v. g. em *levemente*, a primeira he longa, relativamente á segunda e á ultima, e breve, comparada com a penultima. A segunda he mais breve que a ultima, a qual he brevissima. Não existe portanto senão quantidade relativa e não absoluta.” (CON, 1831: 248)

**SINAL:** “Ha varios sons simples na lingua para os quaes não temos signaes, e que se escrevem por duas letras, ou por huma com hum accento particular.” (CON, 1831: 06); “No começo d’esta grammatica fiz a enumeração dos sons elementares da lingua portugueza e dos signaes com que os figuramos, ou accentos. D’estes temos unicamente dois, o chamado agudo (´) e o circumflexo (^), que modificão o som breve ou surdo das vogaes, tornando-o mais longo ou mais forte, e muitas vezes alongando-o e fortalecendo-o, como acontece todas as vezes que ha letra suprimida depois d’aquella que leva o accento” (CON, 1831: 249)

**SISTEMA:** “Muitos homens de sizo e de instrucção tem proposto em Portugal, em França, e em outras nações, tomar por base da orthographia a pronuncia, não empregando letras inuteis, e dando a cada caracter valores constantes, ou pelo menos, dando hum valor invariavel ás combinações de letras indispensaveis para figurar sons que não tem caracteres simples apropriados. Este systema seria o único acertado em huma lingua primitiva, á qual se quizesse adaptar hum alfabeto ou serie de letras figurativas dos sons da linguagem fallada; mas de varios idiomas, hum tal systema he absurdo e dispartado, porque a par da recta escriptura, isto he, d’aquella que sendo conforme á derivação, o he tambem a pronuncia, figurarão infinitos vocabulos estranhamente escriptos, conformes sim á lingua fallada, mas que offerecerão á vista conformidade com outros homophonos cujo sentido he totalmente diverso, por precederem de radicaes differentes de varias linguas. Sirvão de exemplo as palavras, *fato* e *facto*, *faro* e *pharol*, *ato* verbo, e *acto* substantivo.” (CON, 1831: 261-262)

**SOM:** “Os grammaticos tem multiplicado as classificações dos sons elementares das linguas e das letras que os representam. Ignorando o verdadeiro mechanismo da voz humana, que ainda hoje não está bem conhecido, fizeram divisões mais ou menos inexactas, humas fundadas nos órgãos vocaes que contribuem a formar os sons, outras na propriedade que cada som tem de se ligar mais ou menos facilmente a outros. D’aqui nasceo a divisão em letras *labiaes*, *dentaes*, *palataes*, puras ou compostas d’estes elementos, e dos sons *sibilante*, *chiente*, *tremolante* e *nasal*. Tambem se distinguirão as letras em *mudas* e *semivogaes*, em *liquidadas* e *fixas*, sem que d’essas denominações resulte utilidade real para a recta pronunção ou orthographia.” (CON, 1831: 12-13)

- **consoante:** “Dos sons consoantes, ou, como outros melhor lhe chamão, *articulações* ou *sons articulados*, huns podem prolongar-se, outros não; mas nenhum se pode cantar ou modular. Esta he a verdadeira distincção entre as vogaes e as consoantes.” (CON, 1831: 13)

-- **dental:** “Restão as labiaes puras: *b* branda, *p* forte, e *m* nasal; as linguaes dentaes, *d* branda, *t* forte; a liquida *l*, e *lh* forte, que são linguaes palataes. O *n* he lingual, palatal e nasal branda, e *nh* forte. Excepto as gutturaes, todas as outras exigem hum som vogal para se tornarem bem distinctas. Chamão-se liquidadas o *l* e *r*, porque se associão com grande facilidade com as mudas. Ex. *flavo*, *tecla*, *clavo*, *prelado*, *frouxo*, *traz*, *medrar*, *crer*, *adro*.” (CON, 1831: 14)

-- **gutural:** “Das consoantes que não são prolongaveis, humas são gutturaes ou pronunciadas da garganta e parte posterior da boca, e tem grande analogia com as aspirações de outras linguas. Como ellas, admittem esses sons alguma prolongação, mas indistincta e ingrata ao ouvido. Taes são *g* ou *gu*, *q* ou *qu*, *c* ou *k*: *g* e *gu* he a forte de *c*, *q* e *k*.” (CON, 1831: 14); “Restão as labiaes puras: *b* branda, *p* forte, e *m* nasal; as linguaes dentaes, *d* branda, *t* forte; a liquida *l*, e *lh* forte, que são linguaes palataes. O *n* he lingual, palatal e nasal branda, e *nh* forte. Excepto as gutturaes, todas as outras exigem hum som vogal para se tornarem bem distinctas. Chamão-se liquidadas o *l* e *r*, porque se associão com grande facilidade com as mudas. Ex. *flavo*, *tecla*, *clavo*, *prelado*, *frouxo*, *traz*, *medrar*, *crer*, *adro*.” (CON, 1831: 14); “O uso temfeito adoptar o *g* em lugar do *j*, antes de *e* e *i*, em palavras que os Romanos escrevião por *j*, v. g. *magestade*; e que procede de as termos tirado do castelhano e outras linguas em que o *j* tem som guttural.” (CON, 1831: 276)

-- **labial:** “Restão as labiaes puras: *b* branda, *p* forte, e *m* nasal; as linguaes dentaes, *d* branda, *t* forte; a liquida *l*, e *lh* forte, que são linguaes palataes. O *n* he lingual, palatal e nasal branda, e *nh* forte. Excepto as gutturaes, todas as outras exigem hum som vogal para se tornarem bem distinctas. Chamão-se liquidadas o *l* e *r*, porque se associão com grande facilidade com as mudas. Ex. *flavo*, *tecla*, *clavo*, *prelado*, *frouxo*, *traz*, *medrar*, *crer*, *adro*.” (CON, 1831: 14)

-- **liquida:** “Restão as labiaes puras: *b* branda, *p* forte, e *m* nasal; as linguaes dentaes, *d* branda, *t* forte; a liquida *l*, e *lh* forte, que são linguaes palataes. O *n* he lingual, palatal e nasal branda, e *nh* forte. Excepto as gutturaes, todas as outras exigem hum som vogal para se tornarem bem distinctas. Chamão-se liquidadas o *l* e *r*, porque se associão com grande facilidade com as mudas. Ex. *flavo*, *tecla*, *clavo*, *prelado*, *frouxo*, *traz*, *medrar*, *crer*, *adro*.” (CON, 1831: 14)

-- **muda:** “Restão as labiaes puras: *b* branda, *p* forte, e *m* nasal; as linguaes dentaes, *d* branda, *t* forte; a liquida *l*, e *lh* forte, que são linguaes palataes. O *n* he lingual, palatal e nasal branda, e *nh* forte. Excepto as gutturaes, todas as outras exigem hum som vogal para se tornarem bem distinctas. Chamão-se liquidadas o *l* e *r*, porque se associão com grande facilidade com as mudas. Ex. *flavo*, *tecla*, *clavo*, *prelado*, *frouxo*, *traz*, *medrar*, *crer*, *adro*.” (CON, 1831: 14)

-- **prolongável:** “Das consoantes prolongaveis humas são mais fortes que as outras, e a substituição reciproca d’ellas he huma das causas da diversidade de pronuncia nos differentes dialectos da mesma lingua.”

-- **simples**

---expressados por duas letras

---- Ch equivale a *x* em *cixo*. Ex. *acha*, *acho*, *achas*, *chaga*. Soa *k* em muitas vozes de origem grega escriptas em latim por *ch* e em grego por *x*. Ex. *Monarchia*, *Archeo*, *Archonte*, *Acheronte*, *Achilles*, etc. *Gu* muitas vezes he guttural, como em *Guia*, sem soar o *u*. *Lh*, quando forma syllaba com vogal, sôa como em *velho*, *malho*. *Nh*, quando forma syllaba com vogal, sôa como em *manha*, *sanha*. *Ph* sôa *f* em vozes de origem grega escriptas por  $\phi$  e por *ph* em latim. Exemplo. *philosophia*, etc. *Qu* muitas vezes sôa *q*. Ex. *querer*, *querido*. *Rh*, *Th* sôão *r*, *t*: Ex. *rheumatismo*, *thuribulo*.” (CON, 1831: 11-12)

- **doce:** “*E*, com o accento agudo é, sôa forte e breve. Os antigos escrevião *he*: *ê* he doce e longo: *e* sem accento toma ás vezes o som de *é*, como em *pelle*, *veste*; outras o de *ê* como em *modelo*, *zelo*, e outras o do *e* surdo e quasi mudo, ou que sôa apenas: *ẽ* representava o som palatal do *e* antigamente; hoje escrevemos *em*. Ex. *bem*, *tem*.” (CON, 1831: 07)

- **elementar:** “A serie das letras com que em portuguez se notão os sons elementares da lingua he a mesma que em latim, á excepção do *k* e *y* que são gregos, e do  $\zeta$  que não existe em latim. Esta serie se denomina *alphabeto*, de *alpha* e *béta*, nomes das duas primeiras letras da serie vocal grega, ou *abêcê*, do nome das tres primeiras letras do nosso A, B, C. Quando se falla da serie de caracteres de huma lingua cujas letras correspondem a sons determinados, diz-se o *alphabeto* dessa lingua.” (CON, 1831: 05)

- **forte:** “Quando o *a* tem hum som forte e prolongado, escreve-se *á* com o accento agudo. Os antigos que não usavão de accents, escrevião *aa* ou *ha*, O *a* tem o mesmo som, longo e forte, em muitas palavras em que não leva o accento, e nas quaes as regras da prosodia bastão para determinar o seu valor.” (CON, 1831: 06-07)

- **longo:** “Quando o *a* tem hum som forte e prolongado, escreve-se *á* com o accento agudo. Os antigos que não usavão de accents, escrevião *aa* ou *ha*, O *a* tem o mesmo som, longo e forte, em muitas palavras em que não leva o accento, e nas quaes as regras da prosodia bastão para determinar o seu valor.” (CON, 1831: 06-07); “*E*, com o accento agudo é, sôa forte e breve. Os antigos escrevião *he*: *ê* he doce e longo: *e* sem accento toma ás vezes o som de *é*, como em *pelle*, *veste*; outras o de *ê* como em *modelo*, *zelo*, e outras o do *e* surdo e quasi mudo, ou que sôa apenas: *ẽ* representava o som palatal do *e* antigamente; hoje escrevemos *em*. Ex. *bem*, *tem*.” (CON, 1831: 07)

- **mudo:** “*E*, com o accento agudo é, sôa forte e breve. Os antigos escrevião *he*: *ê* he doce e longo: *e* sem accento toma ás vezes o som de *é*, como em *pelle*, *veste*;

outras o de *ê* como em *modelo*, *zelo*, e outras o do *e* surdo e quasi mudo, ou que sôa apenas: *ê* representava o som palatal do *e* antigamente; hoje escrevemos *em*. Ex. *bem*, *tem*.” (CON, 1831: 07)

- **nasal**: “*Ã* corresponde á *an* ou *am*, e representa o som nasal ou palatal da letra. Digo palatal, porque basta dirigir a voz contra o céu da boca para pronunciar o que se chamão sons nasaes, e não he necessario que o ar saia pelas ventas.” (CON, 1831: 07); “Moraes quer que se use do *accento grave* para indicar o som surdo do *a*, do *e*, e do *o* em certas palavras, como: *lama*, *ama*, *sanha*, *tema*, *ema*, *somno*, *sonho*, etc.; mais isto he redundancia. Nestas e outras palavras a vogal seguida de *m*, *nn*, *nh*, adquire hum leve som palatal ou nasal, como em *amo*, *Anna*, *ema*, *fêmea*, *como*, quando a palavra tem duas syllabas das quaes a ultima he surda.” (CON, 1831: 07)

- **palatal**: “*Á* corresponde á *an* ou *am*, e representa o som nasal ou palatal da letra. Digo palatal, porque basta dirigir a voz contra o céu da boca para pronunciar o que se chamão sons nasaes, e não he necessario que o ar saia pelas ventas.” (CON, 1831: 07); “Moraes quer que se use do *accento grave* para indicar o som surdo do *a*, do *e*, e do *o* em certas palavras, como: *lama*, *ama*, *sanha*, *tema*, *ema*, *somno*, *sonho*, etc.; mais isto he redundancia. Nestas e outras palavras a vogal seguida de *m*, *nn*, *nh*, adquire hum leve som palatal ou nasal, como em *amo*, *Anna*, *ema*, *fêmea*, *como*, quando a palavra tem duas syllabas das quaes a ultima he surda.” (CON, 1831: 07)

- **prolongado**: “Quando o *a* tem hum som forte e prolongado, escreve-se *á* com o *accento agudo*. Os antigos que não usavão de *accentos*, escrevião *aa* ou *ha*. O *a* tem o mesmo som, longo e forte, em muitas palavras em que não leva o *accento*, e nas quaes as regras da prosodia bastão para determinar o seu valor.” (CON, 1831: 06-07)

- **simples**: “Ha varios sons simples na lingua para os quaes não temos signaes, e que se escrevem por duas letras, ou por huma com hum *accento particular*.” (CON, 1831: 06); “As letras dobradas que formão hum som simples, não influem na vogal que as precede, nem as liquidas *fr*, *lh*, *nh*, *tr*, *gr*, *br*, *cr*, *dr*, *pr*.” (CON, 1831: 255)

- **surdo**: “Moraes quer que se use do *accento grave* para indicar o som surdo do *a*, do *e*, e do *o* em certas palavras, como: *lama*, *ama*, *sanha*, *tema*, *ema*, *somno*, *sonho*, etc.; mais isto he redundancia. Nestas e outras palavras a vogal seguida de *m*, *nn*, *nh*, adquire hum leve som palatal ou nasal, como em *amo*, *Anna*, *ema*, *fêmea*, *como*, quando a palavra tem duas syllabas das quaes a ultima he surda.” (CON, 1831: 07)

- **vogal**: “*Sons Vogaes*. Chamão-se vogaes as letras *a*, *e*, *i*, *o*, *u*, *y*, porque representão sons proferidos por hum impulso da voz, sem o concurso da acção da lingua, dos beiços ou dos dentes.” (CON, 1831: 06); “O character das vogaes he serem susceptiveis de se prolongarem, e de se poderem modular ou cantar, propriedades que resultão de serem sons produzidos pela diversa abertura da boca, e força da emissão do ar expirado.” (CON, 1831: 13)

--**branda**: “Nos tres primeiros *ea*, *eo*, *ia*, ambas as vogaes são breves, mas a primeira he brevissima, isto he, mais breve que a segunda. Entre as palavras *área* e *arêa* ou *areia*, e entre *gloria* e *glória*, a diferença consiste em *eia* ou *êa* e *îa* formarem duas syllabas. O diphthongo *oa* tem a primeira brevissima e a

segunda breve em *agoa*, *regoa*, *legoa*; a segunda he longa e forte em *coar*, *boato* ou *voato*. Quando na poesia forma *oa* huma só syllaba, tem o *a* brando e longo como em *coalhar*, *coarctar*, *coadunar*.” (CON, 1831: 17)

--**breve**: “Nos tres primeiros *ea*, *eo*, *ia*, ambas as vogaes são breves, mas a primeira he brevissima, isto he, mais breve que a segunda. Entre as palavras *área* e *arêa* ou *areia*, e entre *gloria* e *glória*, a diferença consiste em *eia* ou *êa* e *îa* formarem duas syllabas. O diphthongo *oa* tem a primeira brevissima e a segunda breve em *agoa*, *regoa*, *legoa*; a segunda he longa e forte em *coar*, *boato* ou *voato*. Quando na poesia forma *oa* huma só syllaba, tem o *a* brando e longo como em *coalhar*, *coarctar*, *coadunar*.” (CON, 1831: 17)

--**brevissima**: “Nos tres primeiros *ea*, *eo*, *ia*, ambas as vogaes são breves, mas a primeira he brevissima, isto he, mais breve que a segunda. Entre as palavras *área* e *arêa* ou *areia*, e entre *gloria* e *glória*, a diferença consiste em *eia* ou *êa* e *îa* formarem duas syllabas. O diphthongo *oa* tem a primeira brevissima e a segunda breve em *agoa*, *regoa*, *legoa*; a segunda he longa e forte em *coar*, *boato* ou *voato*. Quando na poesia forma *oa* huma só syllaba, tem o *a* brando e longo como em *coalhar*, *coarctar*, *coadunar*.” (CON, 1831: 17)

-- **dobrada**: “São evidentemente longas as vogaes nasaes, as dobradas ou diphthongos; e as vogaes simples dominantes, ou serão escriptas com *accento* ou não, também são longas, relativamente á vogaes não accentuadas e não dominantes. Também são longas as vogaes seguidas de duas consoantes, ou de *x* soando *cs*, das quaes huma he articulada com a vogal antecedente, v. g. *omnipotente*, *armar*, *folgar*, *estudar*, *nexo*, *anexar*, *polvora*, *morte*” (CON, 1831: 255)

--**forte**: “Nos tres primeiros *ea*, *eo*, *ia*, ambas as vogaes são breves, mas a primeira he brevissima, isto he, mais breve que a segunda. Entre as palavras *área* e *arêa* ou *areia*, e entre *gloria* e *glória*, a diferença consiste em *eia* ou *êa* e *îa* formarem duas syllabas. O diphthongo *oa* tem a primeira brevissima e a segunda breve em *agoa*, *regoa*, *legoa*; a segunda he longa e forte em *coar*, *boato* ou *voato*. Quando na poesia forma *oa* huma só syllaba, tem o *a* brando e longo como em *coalhar*, *coarctar*, *coadunar*.” (CON, 1831: 17)

--**longa**: “Nos tres primeiros *ea*, *eo*, *ia*, ambas as vogaes são breves, mas a primeira he brevissima, isto he, mais breve que a segunda. Entre as palavras *área* e *arêa* ou *areia*, e entre *gloria* e *glória*, a diferença consiste em *eia* ou *êa* e *îa* formarem duas syllabas. O diphthongo *oa* tem a primeira brevissima e a segunda breve em *agoa*, *regoa*, *legoa*; a segunda he longa e forte em *coar*, *boato* ou *voato*. Quando na poesia forma *oa* huma só syllaba, tem o *a* brando e longo como em *coalhar*, *coarctar*, *coadunar*.” (CON, 1831: 17); “São evidentemente longas as vogaes nasaes, as dobradas ou diphthongos; e as vogaes simples dominantes, ou serão escriptas com *accento* ou não, também são longas, relativamente á vogaes não accentuadas e não dominantes. Também são longas as vogaes seguidas de duas consoantes, ou de *x* soando *cs*, das quaes huma he articulada com a vogal antecedente, v. g. *omnipotente*, *armar*, *folgar*, *estudar*, *nexo*, *anexar*, *polvora*, *morte*” (CON, 1831: 255)

-- **nasal**: “São evidentemente longas as vogaes nasaes, as dobradas ou diphthongos; e as vogaes simples dominantes, ou serão escriptas com *accento* ou não,



tambem são longas, relativamente á vogaes não accentuadas e não dominantes. Tambem são longas as vogaes seguidas de duas consoantes, ou de *x* soando *cs*, das quaes huma he articulada com a vogal antecedente, v. g. *omnipotente, armar, folgar, estudar, nexo, annexar, polvora, morte*” (CON, 1831: 255); “A orthographia dos pluraes em *ães, ões*, escriptos *aens, oens*, he igualmente viciosa, porque o *n* torna nasal a vogal *e* que o não he, deixando simples a que he nasal, isto he, o *a* e o *o*.” (CON, 1831: 280)

--- **simples**: “Toda a vogal nasal simples se pode escrever pondo sobre ella o til (~) ou ajuntando-lhe *m* ou *n* que não faça syllaba com a letra immediata, a não ser essa *m* ou *n* final. Ex. *Balaam, Cham, lan, ran, amparo, entender, Antonio*. Alguns escrevem *lãa, rãa, maçãa*, attendendo á suppressão de hum *n* dos radicaes latinicos *lana, rana*, e do castelhanao *manzana*; mas pronunciando nós *lan, ran*, etc., sem mistura de outra vogal, he ella escusada, sendo a melhor orthographia a que conserva o *n* radical de *lana*, etc.” (CON, 1831: 278)

-- **valor da ~**: “O accento se suprime quando o sentido ou as regras da prosodia indicão o verdadeiro valor da vogal. Ex. *barulho, maculo*, etc. Esta vogal, ainda quando he surda, sempre tem som mais agudo que o *o* surdo” (CON, 1831: 10)

**TERMINAÇÃO**: “Existe duvida nas terminações em *o* ou em *u* das terceiras pessoas do preterito dos verbos que tem o infinitivo em *ar, er* ou *ir*; v. g. *deo, ardeo, verteo, abrio, ferio*, que os antigos e alguns modernos escrevem *deu, ardeu, abriu, feriu*; e igualmente em adjectivos que em latim terminão em *us*, como *Judeo, Phariséo*, e nos pronomes *meu, teu, seu*, e no corpo das palavras que em latim se escrevem por *u*, como *agua, egua, lingua*, que outros escrevem por *o*. A estas e outras duvidas do mesmo genero convem a regra seguinte. Regra VIIª. Em todas as palavras em que a pronuncia constante portugueza tem dado a preferencia ao som o mais surdo de *e* e do *o*, estas letras se devem substituir, e primeira ao *i*, e a segunda ao *u* latino nas palavras derivadas desta lingua; e usar-se-ha de *e* e de *o* em preferencia a *i* e a *u*, todas as vezes que o som for mais surdo.” (CON, 1831: 277)

**TIL**: “O til alem de fazer nasal a vogal, he ao mesmo tempo signal de suppressão de letra nos radicaes latinicos ou castelhanos de que derivão as nossas vozes nasaes. Esta letra he em geral *n*, se be que os antigos tambem tornãrão nasal huma vogal pela suppressão de *l*. Ex. *cão* de *canem, pão* de *panem, mãos* de *manus, occasiões* de *occasions, cidadão, cidadãos* de *ciudadano, ciudadanos*; e *muito* de *multum*. Hoje conservamos o *til* como signal de contracção ou abreviatura, v. g. em *q̃*<sup>85</sup>. Este signal teve com effeito o mesmo uso a principio, e só veio a marcar o som nasal, por denotar suppressão de *n* fanhoso, não pronunciado como articulação pelos povos hispanicos que corrompêrão a lingua latina para formar della os dialectos de que procedeo o portuguez.” (CON, 1831: 280-281)

**TRITONGO**: “Já acima disse que *eia* he hum verdadeiro thiphthongo, não só quando he exclamação,

mas em muitas palavras que na poesia, e até na prosa formão huma unica syllaba, como em *veia, areia, ideia* ou *idêa*, e a prova he que se escreve indistinctamente por *ê* ou *ei*: or *ê* soa *ee*, e ajuntando-lhe *a*, faz o triplicado som *eea* ou *eia*, porque o som do nosso *i* brevissimo he quasi identico ao de *e* brevissimo quando está entre duas vogaes. Ex. *areee* corresponde perfeitamente a *areie, leea* e *leia, veea* a *veia*.” (CON, 1831: 17); “São, como já mostrámos, verdadeiros triphthongos, *eia, éia, eão, ião*, não só na poesia, mas até na prosa.” (CON, 1831: 19)

**USO**: “Em *agua, lingua*, a etymologia he favoravel ao uso do *u*; mas como ignoramos a verdadeira pronuncia desta letra pelos Romanos, que a substituírão a *y* em *Sulla (Sylla)*, etc., não ha inconveniente em lhe substituir o *o*.” (CON, 1831: 10); “O uso temfeito adoptar o *g* em lugar do *j*, antes de *e* e *i*, em palavras que os Romanos escrevião por *j*, v. g. *magestade*; o que procede de as termos tirado do castelhanao e outras linguas em que o *j* tem som guttural.” (CON, 1831: 276)


- **antigo**: “Entre os vicios de pronunciação, huns são tradicionaes e conformes ao uso antigo, como o *ch*, pronunciado *tch* pelos Trasmontanos, o *b*, por *v* dos Minhotos, o *ç* pronunciado *tç*; *ôa, ûa*, por *oa, uma*, v. g. em *bôa, algûa* (boa, alguma), *precurar* e derivados por *procurar*, etc; *calidade* por *qualidade, perguntar* por *perguntar, frol* por *flor, pirola* por *pilula, antre* por *entre, proluxo* por *perluxo, rezão* em vez de *razão*, e muitos outros que hoje são só usados pelos rusticos ou ignorantes, mas que todos se achão nos classicos antigos, e alguns ainda mais desviados da sua derivação latina ou estrangeira.” (CON, 1831: 257-258)

**VALOR** (cf. som vogal) “O *x* tem em portuguez mui diversos valores; ora soa *cs*, como em *convexo, nexo*; ora *ch* (como em *chover*), em *eixo, deixar*; ora *z* em *exemplo, exercito, exercer, exacto, exactidão*; ora *iz*, como em muitas das mesmas palavras em que soa *z*; v.g. *exercito, exemplo, executar*, que ora se pronunciação, *ezercito, exemplo, ezeccutar*, ora *eizercito, eizecculo*.” (CON, 1831: 275)

**VENTAS**: “Ã corresponde á *an* ou *am*, e representa o som nasal ou palatal da letra. Digo palatal, porque basta dirigir a voz contra o céu da boca para pronunciar o que se chamão sons nasaes, e não he necessario que o ar saia pelas ventas.” (CON, 1831: 07)

**VOZ**: “*Sons Vogaes*. Chamão-se vogaes as letras *a, e, i, o, u, y*, porque representão sons proferidos por hum impulso da voz, sem o concurso da acção da lingua, dos beiços ou dos dentes.” (CON, 1831: 06); “Ã corresponde á *an* ou *am*, e representa o som nasal ou palatal da letra. Digo palatal, porque basta dirigir a voz contra o céu da boca para pronunciar o que se chamão sons nasaes, e não he necessario que o ar saia pelas ventas.” (CON, 1831: 07); “O *x* portuguez representa o *x* latino e o *z* grego, e em todas as vozes de outra origem pode mudar-se em *ch*; v.g. *chiar, chadrez, cha, charão*. Se escrevemos *eixo* com *x*, he para conservar a etymologia; mas escrevemos *axe (axis)*.” (CON, 1831: 275)

- **força de**: “A maior ou menor força de voz com que se pronunciação as vogaes, e o tempo maior ou menor que se gasta em as pronunciar, são os dois elementos da nossa prosodia; o segundo se chama *quantidade*, e dá ás

<sup>85</sup> Não encontramos esse caractere, copiamos aqui a imagem da edição original: 

syllabas o caracter de *longas* ou de *breves*; ao primeiro se dá em geral o nome de *accento vogal*, para o não confundir com os signaes orthographicos que o representão.” (CON, 1831: 247-248)

#### 4. Caldas Aulete (1864)

**ALFABETO:** “Os caracteres com que as vozes se representam por meio de escripta chamam-se *vogaes*; aquelles com que se figuram as *articulações* appellidam-se *consoantes*; uns e outros *letras*, e a collecção das letras denomina-se *alphabeta*.” (AUL, 1864: 04)

**ARTICULAÇÃO** (cf. voz articulada): “A mesma palavra, pronunciada com igual quantidade de voz, pôde, pela alteração do tom, mudar de significação. Por exemplo a palavra *ha*, articulada em tom positivo, exprime uma simples afirmação; articulada em tom interrogativo, representa uma pergunta *ha?* pronunciada em tom admirativo indica admiração. *há!* Além d’estes tons ha outros, como o ironico, o imperativo, etc., porém, só os tons interrogativo e admirativo possuem signaes para serem representados na escripta.” (AUL, 1864: 03); “Ha vinte e cinco caracteres para figurar todas as vozes e articulações da lingua portugueza.” (AUL, 1864: 4); “Não apresentámos o *y*. entre os sons por ser o mesmo figurado pela letra *i*, como tambem o *K* entre as articulações, porque é identica ao *q*; suprimimos o *h* por não ter valor; estas letras servem de symbolos etymologicos. – Eguamente não demos entre as articulações *ç*, por ter um valor igual ao do *s*; nem tão pouco o *e* com os seus dois valores de *q* e *s*, pois reservarmos estas duas letras para representarem esses valores.” (AUL, 1864: 04); “As complexas *çç*, *ct*, *gm*, *gn*, *mn*, *pç*, *sc*, empregam-se muitas vezes como articulações simples, isto é, articulando-se sómente a segunda consoante; exemplo: *acção*, *acto*, *augmento*, *assignar*, *omnipotente*, *presempção*, *sciencia*. N’esto caso devem-se considerar como consoantes compostas. O *x* com o valor do *cs* deve-se considerar como uma articulação complexa.” (AUL, 1864: 05-06)

- COMPLEXA: “Quando se reúnem duas articulações simples, fazendo-se sentir ambas na syllaba, denominam-se *articulações complexas*.” (AUL, 1864: 05)

- SIMPLES: “As articulações simples são: *b, d, l, m, n, p, q, r, rr, l, lh, nh, f, c, g, j, x, s, z*.” (AUL, 1864: 03)

**CARACTERE:** “Os caracteres com que as vozes se representam por meio de escripta chamam-se *vogaes*; aquelles com que se figuram as *articulações* appellidam-se *consoantes*; uns e outros *letras*, e a collecção das letras denomina-se *alphabeta*.” (AUL, 1864: 04)

**CONSOANTE** (cf. Letra): “Os caracteres com que as vozes se representam por meio de escripta chamam-se *vogaes*; aquelles com que se figuram as *articulações* appellidam-se *consoantes*; uns e outros *letras*, e a collecção das letras denomina-se *alphabeta*.” (AUL, 1864: 04)

- COMPOSTA: “Quando se empregam duas *vogaes* equivalendo a uma voz simples denomina-se *vogal composta*; quando se juntam duas consoantes ou consoante e vogal, para representar uma articulação simples, appellida-se *consoante composta*.” (AUL, 1864: 05)

**VOGAL** (cf. som vogal)

**DITONGO:** “Quando duas vozes se combinam para apresentar uma unica syllaba, fazendo-se sentir ambos os sons chama-se *diphthongo* ou *voz complexa*: *pae*, *aurora*, *oiro*.” (AUL, 1864: 05)

- NASAL: “Se é nasal um dos sons que compõe o diphthongo, chama-se *diphthongo nasal*. Taes são: *ãe, ão, ãe*.” (AUL, 1864: 05)

**LETRA:** “Os caracteres com que as vozes se representam por meio de escripta chamam-se *vogaes*; aquelles com que se figuram as *articulações* appellidam-se *consoantes*; uns e outros *letras*, e a collecção das letras denomina-se *alphabeta*.” (AUL, 1864: 04); “Não apresentámos o *y*. entre os sons por ser o mesmo figurado pela letra *i*, como tambem o *K* entre as articulações, porque é identica ao *q*; suprimimos o *h* por não ter valor; estas letras servem de symbolos etymologicos. – Eguamente não demos entre as articulações *ç*, por ter um valor igual ao do *s*; nem tão pouco o *e* com os seus dois valores de *q* e *s*, pois reservarmos estas duas letras para representarem esses valores.” (AUL, 1864: 04); “para escrever com correccção é necessario empregar as letras e os signaes que o uso tem auctorizado; este estudo nomeia-se *orthographia*.” (AUL, 1864: 07)

- MAIÚSCULA: “Escreve-se com letra maiuscula a primeira de um discurso a de um paragrapho e a primeira depois de um ponto final (...) Emprega-se tambem depois de dois pontos, quando as palavras que se seguem são de outrem (...) Usa-se egualmente depois de uma interrogação ou admiração (...) Escrevem-se tambem os nomes de homens, os geographicos, os titulos, as dignidades e os empregos” (AUL, 1864: 77)

**LOCUÇÃO:** “Chama-se *locução composta* á reunião de duas ou mais palavras constituindo um sentido peculiar, que os vocabulos isoladamente não contém; exemplo: *Rio de Janeiro*, *Freixo de Espada à Cinta*, estas duas phrazes representam duas povoações, e não o conjuncto das idéas expressas pelos seus elementos.” (AUL, 1864: 76)

**NASAL** (cf. som, voz): “As letras *m n* servem tambem para representar a nasalidade.” (AUL, 1864: 04); “Se é nasal um dos sons que compõe o diphthongo, chama-se *diphthongo nasal*. Taes são: *ãe, ão, ãe*.” (AUL, 1864: 05)

**ORTOGRAFIA:** “para escrever com correccção é necessario empregar as letras e os signaes que o uso tem auctorizado; este estudo nomeia-se *orthographia*.” (AUL, 1864: 07); “A *Orthographia* é a parte da grammatica que ensina a representar a palavra fallada, por meio das letras e dos signaes que o uso tem auctorizado.” (AUL, 1864: 75)

- DE PRINCÍPIOS: “A *orthographia de principios* é a que ensina a escrever as terminações, isto é, a parte variavel de que as palavras são susceptiveis;

compreendendo as regras da formação do plural dos nomes, as do genero, as dos graos, e as da conjugação, isto é, todo o estudo que se fez na etymologia ácerca das terminações dos vocabulos.” (AUL, 1864: 76)

-DE USO: “A *orthographia de uso* occupa-se de representar a parte invariavel, isto é, a parte radical das palavras. Este estudo adquire-se lendo e copiando attentamente bons modelos orthographicos.” (AUL, 1864: 76-77)

**PALAVRA:** “Para fallar e escrever empregam-se palavras. As *palavras* são os termos com que se representam as idéas. 2. As palavras formam-se de um ou mais sons.” (AUL, 1864: 03); “As vozes distinctas que se empregam na formação da palavra denominam-se *syllabas*.” (AUL, 1864: 03); “A mesma palavra, pronunciada com egual quantidade de voz, póde, pela alteração do tom, mudar de significação. Por exemplo a palavra *ha*, articulada em tom positivo, exprime uma simples affirmação; articulada em tom interrogativo, representa uma pergunta *ha?* pronunciada em tom admirativo indica admiração. *há!* Além d’estes tons ha outros, como o ironico, o imperativo, etc., porém, só os tons interrogativo e admirativo possuem signaes para serem representados na escripta.” (AUL, 1864: 03)

- COMPOSTA: “Denominam-se palavras compostas as formadas de duas ou mais simples; exemplo: *guarda-chuva, limapa-candieiros, madre-perola, bem-aventurado, recém-nascido, agua-ardente, semi-morto*.” (AUL, 1864: 76) “Quando a composição provem de dois vocabulos da mesma lingua nomêa-se *composição natural*, se de linguas differentes *composição hybrida*; exemplo: *kilometro, hectolitro* são substantivos da composição natural; centimetro, milimetro, são de composição *hybrida*.” (AUL, 1864: 76)

- DERIVADA: “As palavras em quanto á sua formação dividem-se em *primitivas e derivadas*. *Primitivas* são aquellas de que as derivadas se formam accrescentando-lhes alguma pequena particula no principio ou no fim; exemplo: *de morte*, forma-se *morto, mortal, mortandade, mortorio, mortifero, mortalha, morrer, amortecer, amortificar, amortisar, etc.*” (AUL, 1864: 75)

- PRIMITIVA: “As palavras em quanto á sua formação dividem-se em *primitivas e derivadas*. *Primitivas* são aquellas de que as derivadas se formam accrescentando-lhes alguma pequena particula no principio ou no fim; exemplo: *de morte*, forma-se *morto, mortal, mortandade, mortorio, mortifero, mortalha, morrer, amortecer, amortificar, amortisar, etc.*” (AUL, 1864: 75)

- RADICAL: “A *orthographia de uso* occupa-se de representar a parte invariavel, isto é, a parte radical das palavras. Este estudo adquire-se lendo e copiando attentamente bons modelos orthographicos.” (AUL, 1864: 76-77)

**PARTÍCULA:** “As palavras em quanto á sua formação dividem-se em *primitivas e derivadas*. *Primitivas* são aquellas de que as derivadas se formam accrescentando-lhes alguma pequena particula no principio ou no fim; exemplo: *de morte*, forma-se *morto, mortal, mortandade, mortorio, mortifero, mortalha, morrer, amortecer, amortificar, amortisar, etc.*” (AUL, 1864: 75)

- AFIXA: “As particulas que se juntam no principio das palavras denominam-se *affixas*, e as que se accrescentam no fim *suffixas*; exemplo: *inutil, desligar, roseira*.” (AUL, 1864: 75);

- SUFFIXA: “As particulas que se juntam no principio das palavras denominam-se *affixas*, e as que se accrescentam no fim *suffixas*; exemplo: *inutil, desligar, roseira*.” (AUL, 1864: 75); “As particulas *suffixas*, dividem-se em tres classes: *suffixas substanti-*

*vas, suffixas adjectivas, e suffixas verbaes*. As principaes são as seguintes: Suffixas substantivas: *ada, ade, al, ão, ante, ancía, ario, astro, ção, doiro, dor, eda, edo, eira, eiro, ejo, ela, er, inho, ente, ismo, ista, mento, orio*. Suffixas adjectivas: *ado, al, ano, ense, eo, er, ico, iço, oso, vel*. Suffixas verbaes: *ar, er, ir, ear, ejar, ificar, ixar, ecer*.” (AUL, 1864: 76)

**PRONÚNCIA:** “A mesma palavra, pronunciada com igual quantidade de voz, pôde, pela alteração do tom, mudar de significação. Por exemplo a palavra *ha*, articulada em tom positivo, exprime uma simples afirmação; articulada em tom interrogativo, representa uma pergunta *ha?* pronunciada em tom admirativo indica admiração. *há!* Além d’estes tons ha outros, como o ironico, o imperativo, etc., porém, só os tons interrogativo e admirativo possuem signaes para serem representados na escripta.” (AUL, 1864: 03); “Para fallar bem uma lingua é necessario: Primeiro, pronunciar correctamente; o estudo que trata da pronuncia chama-se *prosodia* ” (AUL, 1864: 07)

**PROSÓDIA:** “Para fallar bem uma lingua é necessario: Primeiro, pronunciar correctamente; o estudo que trata da pronuncia chama-se *prosodia* ” (AUL, 1864: 07)

**RETUMBAR:** “Quando os sons retumbam nas fossas nasaes nomeiam-se *vozes nasaes: ã, ã, ã, ã, ã*.” (AUL, 1864: 03)

**SÍLABA:** “Quando a palavra tem uma só syllaba chama-se *monossyllabo*, exemplo: *é, luz, sol*; se é composta de duas, *dissyllabo*; - *rosa, homem, livro*; de tres, *trissyllabo*; - *estudo, virtude, verdade*. Em geral quando a palavra contém mais de tres syllabas, *polissyllaba*; - prodigalidade.” (AUL, 1864: 03-04); “Quando se reúnem duas articulações simples, fazendo-se sentir ambas na syllaba, denominam-se *articulações complexas*.” (AUL, 1864: 05)

**SINAIS ORTOGRÁFICOS:** “Dá-se o nome de *signaes orthographicos* á apóstrophe, á cedilha, ao traço de união, ao trema, ao til, aos accentos, e aos sigaes de tom.” (AUL, 1864: 06)

- **ACENTO:** “Ha tres especies de *accento, accento agudo (´) accento circumflexo (^) e accento breve (˘)*. *Agudo* é o que se colloca sobre as vogaes, para mostrar que se devem pronunciar com som aberto; *circumflexo*, é o que se emprega para indicar que a vogal por elle accentuada se deve articular com o som fechado ou médio; e o *breve* é o que se emprega para significar que a vogal deve pronunciar-se com o som breve ou de transição.” (AUL, 1864: 06)

- **APÓSTROPHE:** “*Apostrophe (´)* é um signal que serve para marcar a supressão de uma vogal; exemplo: *d’Almeida, d’este*.” (AUL, 1864: 06)

- **CEDILHA:** “*Cedilha (,)* é um signal que se colloca por baixo da letra ç, quando fórma syllaba com as letras *a, o, u* para lhes dar o valor de *s*, que d’outra

sorte não teria; exemplo: *Esperança, alvoroço, açucena*.” (AUL, 1864: 06)

- **TRAÇO DE UNIÃO:** “*Traço d’união (-)* este signal emprega-se para ligar duas palavras, que o uso tema authorisado andarem juntas, ou para mostrar que deve haver união etre as syllabas de uma palavra, que por qualquer circumstancia se separam; exemplo: *Gran-Bretanha, di-vo-lo-hei*.” (AUL, 1864: 06)

- **TREMA:** “*Tréma (¨)* é um signal que se colloca sobre as vogaes *e, i, u*, para as separar d’outra vogal, as quaes sem esta indicação formariam uma só syllaba; exemplo: *moinho, saúde, poeta, gueta*.” (AUL, 1864: 06)

- **TIL:** “*Til (~)* este signal colloca-se sobre as vogaes para significar que se devem pronunciar com um som nasalado; exemplo: *religião, orações*.” (AUL, 1864: 06)

**SOM:** “Para fallar e escrever empregam-se palavras. As *palavras* são os termos com que se representam as idéas. 2. As palavras formam-se de um ou mais sons.” (AUL, 1864: 03); “Quando os sons retumbam nas fossas nasaes nomeiam-se *vozes nasaes: ã, ã, ã, ã, ã*.” (AUL, 1864: 03); “Não apresentámos o *y*. entre os sons por ser o mesmo figurado pela letra *i*, como tambem o *K* entre as articulações, porque é identica ao *q*; suprimimos o *h* por não ter valor; estas letras servem de symbolos etymologicos. – Eguamente não demos entre as articulações *ç*, por ter um valor igual ao do *s*; nem tão pouco o *e* com os seus dois valores de *q* e *s*, pois reservarmos estas duas letras para representarem esses valores.” (AUL, 1864: 04); “Quando duas vozes se combinam para apresentar uma unica syllaba, fazendo-se sentir ambos os sons chama-se *diphthongo* ou *voz complexa: pae, aurora, oiro*.” (AUL, 1864: 05); “Se é nasal um dos sons que compõe o *diphthongo*, chama-se *diphthongo nasal*. Taes são: *ãe, ão, ãe*.” (AUL, 1864: 05)

- **ABERTO:** “Ha tres especies de *accento, accento agudo (´) accento circumflexo (^) e accento breve (˘)*. *Agudo* é o que se colloca sobre as vogaes, para mostrar que se devem pronunciar com som aberto; *circumflexo*, é o que se emprega para indicar que a vogal por elle accentuada se deve articular com o som fechado ou médio; e o *breve* é o que se emprega para significar que a vogal deve pronunciar-se com o som breve ou de transição.” (AUL, 1864: 06)

- **BRVE:** “Ha tres especies de *accento, accento agudo (´) accento circumflexo (^) e accento breve (˘)*. *Agudo* é o que se colloca sobre as vogaes, para mostrar que se devem pronunciar com som aberto; *circumflexo*, é o que se emprega para indicar que a vogal por elle accentuada se deve articular com o som fechado ou médio; e o *breve* é o que se emprega para significar que a vogal deve pronunciar-se com o som breve ou de transição.” (AUL, 1864: 06)

- **FECHADO:** “Ha tres especies de *accento, accento agudo (´) accento circumflexo (^) e accento breve (˘)*. *Agudo* é o que se colloca sobre as vogaes, para mostrar que se devem pronunciar com som aberto; *circumflexo*, é o que se emprega para indicar que a vogal por elle accentuada se deve articular com o som fechado ou médio; e o *breve* é o que se emprega para significar que a vogal deve pronunciar-se com o som breve ou de transição.” (AUL, 1864: 06)

- MÉDIO: “Ha tres especies de accento, *accento agudo* (´) *accento circumflexo* (^) e *accento breve* (˘). *Agudo* é o que se colloca sobre as vogaes, para mostrar que se devem pronunciar com som aberto; *circumflexo*, é o que se emprega para indicar que a vogal por elle accentuada se deve articular com o som fechado ou médio; e o *breve* é o que se emprega para significar que a vogal deve pronunciar-se com o som breve ou de transição.” (AUL, 1864: 06)

-SIMPLES: “Os sons simples que existem no nosso idioma; são: *á, â, é, ê, è, i, ó, ô, u*; exemplo: *pá, câmara, fé, rêde, li, pó, pouua, útil*. Estes sons denominam-se *voces*.” (AUL, 1864: 03)

- TRANSIÇÃO: “Ha tres especies de accento, *accento agudo* (´) *accento circumflexo* (^) e *accento breve* (˘). *Agudo* é o que se colloca sobre as vogaes, para mostrar que se devem pronunciar com som aberto; *circumflexo*, é o que se emprega para indicar que a vogal por elle accentuada se deve articular com o som fechado ou médio; e o *breve* é o que se emprega para significar que a vogal deve pronunciar-se com o som breve ou de transição.” (AUL, 1864: 06)

**TOM:** “A mesma palavra, pronunciada com igual quantidade de voz, pôde, pela alteração do tom, mudar de significação. Por exemplo a palavra *ha*, articulada em tom positivo, exprime uma simples afirmação; articulada em tom interrogativo, representa uma pergunta *ha?* pronunciada em tom admirativo indica admiração. *há!* Além d’estes tons ha outros, como o ironico, o imperativo, etc., porém, só os tons interrogativo e admirativo possuem signaes para serem representados na escripta. *Tom* é um modo particular de exprimir os vocabulos, que sem alterar o som dos seus elementos lhes varia a accepção.” (AUL, 1864: 03)

**VOGAL** (cf. Letra): “Os caracteres com que as vozes se representam por meio de escripta chamam-se *vogaes*; aquelles com que se figuram as *articulações* appellidam-se *consoantes*; uns e outros *letras*, e a collecção das letras denomina-se *alphabetica*.” (AUL, 1864: 04)

## 5. Adolpho Coelho (1891)

**ACENTO** (cf sinal auxiliar): “Os sons representam-se pelas LETTRAS e outros signaes auxiliares, como TIL, a CEDILHA e os ACCENTOS.” (COELHO, 1891: 23); “Em portuguez não ha palavras que tenham o accento tonico atraz da antepenultima.” (COELHO, 1891: 32)

**CEDILHA** (cf sinal auxiliar): “Os sons representam-se pelas LETTRAS e outros signaes auxiliares, como TIL, a CEDILHA e os ACCENTOS.” (COELHO, 1891: 23)

**CONSOANTE** (cf. som)

**DISSÍLABO:** “As palavras dividem-se emquanto ao numero de syllabas que têm em 1)

**MONOSYLLABOS**, em que ha uma só syllaba, p. ex. *pó, sae, mãe*; 2)

- **COMPOSTA:** “Quando se empregam duas vogaes equivalendo a uma voz simples denomina-se *vogal composta*; quando se juntam duas consoantes ou consoante e vogal, para representar uma articulação simples, appellida-se *consoante composta*.” (AUL, 1864: 05)

**VOCÁBULO:** “*Tom* é um modo particular de exprimir os vocabulos, que sem alterar o som dos seus elementos lhes varia a accepção.” (AUL, 1864: 03)

**VOZ:** “Os sons simples que existem no nosso idioma; são: *á, â, é, ê, è, i, ó, ô, u*; <sup>1</sup> exemplo: *pá, câmara, fé, rêde, li, pó, pouua, útil*. Estes sons denominam-se *voces*.” (AUL, 1864: 03); “A mesma palavra, pronunciada com igual quantidade de voz, pôde, pela alteração do tom, mudar de significação. Por exemplo a palavra *ha*, articulada em tom positivo, exprime uma simples afirmação; articulada em tom interrogativo, representa uma pergunta *ha?* pronunciada em tom admirativo indica admiração. *há!* Além d’estes tons ha outros, como o ironico, o imperativo, etc., porém, só os tons interrogativo e admirativo possuem signaes para serem representados na escripta.” (AUL, 1864: 03); “Os caracteres com que as vozes se representam por meio de escripta chamam-se *vogaes*; aquelles com que se figuram as *articulações* appellidam-se *consoantes*; uns e outros *letras*, e a collecção das letras denomina-se *alphabetica*.” (AUL, 1864: 04);

-**ARTICULADA:** “As vozes podem ser articuladas por muitas differentes maneiras. A estas diversas maneiras de modificar as vozes chama-se *articulações*.” (AUL, 1864: 03)

- **COMPLEXA:** “Quando duas vozes se combinam para apresentar uma unica syllaba, fazendo-se sentir ambos os sons chama-se *diphthongo* ou *voz complexa*: *pae, aurora, oiro*.” (AUL, 1864: 05)

- **DISTINTAS:** “As vozes distinctas que se empregam na formação da palavra denominam-se *syllabas*.” (AUL, 1864: 03)

-**NASAL:** “Quando os sons retumbam nas fossas nasaes nomeiam-se *voces nasaes*: *ã, ê, ã, õ, ù*.” (AUL, 1864: 03)

**DISSYLLABOS**, em que ha duas syllabas, p. ex. *ramo, branco, leitor*; 3) **TRISYLLABOS**, em que ha tres syllabas, p. ex. *regato, pereira*; 4) **POLYSYLLABOS**, em que ha mais de uma syllaba, e que comprehendem os dissyllabos, trisyllabos e as palavras de mais de tres syllabas, como *navegação, prejudicial*.” (COELHO, 1891: 32)

**DITONGO:** “68. Chama-se **DIPHTHONGO** a ligação de duas vogaes que por si sós ou com consoantes formam uma só syllaba. Ha diphthongos **PUROS** (ORAES) e diphthongos **NASAES**.” (COELHO, 1891: 24)

- puro

-nasal

**LETRA** (cf. som): “Os sons representam-se pelas LETTRAS e outros signaes auxiliares, como TIL, a

CEDILHA e os ACCENTOS.” (COELHO, 1891: 23); “as letras e os signaes auxiliares pertencem é lingua escripta. Não devemos confundir os sons com as letras. 66. Os sons e as letras que os representam dividem-se em VOGAES e CONSOANTES.” (COELHO, 1891: 23); “As letras do alphabeto que servem para representar esses sons são: A B C D E F G H I J K L M N O P Q R S T U V W X Y Z a b c d e f g h i j k l m n o p q r s t u v w x y z” (COELHO, 1891: 26);

- consoante

- dobrada: “Alguns sons simples são representados por letras dobradas ou compostas: *cc, tt, pp, gg, dd, bb, mm, nn, mn, rr, ll, ss, ff; nh, lh, ch, ph.*” (COELHO, 1891: 26)

- simples: “Algumas letras simples representam ás vezes mais de um som: exemplo, *sexto* em que *x* representa *is.*” (COELHO, 1891: 26)

- vogal

-- a:

--- aberto: “O som *a* aberto ou a guttural é representado por *a*, com ou sem accento agudo, p. ex. *cabo, tafeté, palma.*” (COELHO, 1891: 27)

--- fechado: “O som *a* fechado é representado a) por *a*, p. ex. *ama pesa*; b) por *e* no diphthongo *ei* ou quando é accentuado e seguido de *nh, lh, ch*, ou *j*; p. ex. *primeiro, telheiro, venha, lenha, conselho, espelho, fecho, seja!*” (COELHO, 1891: 27)

--- gutural (cf aberto)

-- e:

--- aberto: “O som *e* aberto é representado por *e*, com ou sem accento agudo, p. ex. *serra, espera, fé.*” (COELHO, 1891: 27)

--- fechado: “O som *e* fechado é representado por *e*, com ou sem acento circumflexo, p. ex. *pena, empeno, mercê.*” (COELHO, 1891: 27)

--- surdo: “O som *e* surdo é representado a) por *e*; p. ex. *dedal, verão*; por *i* em syllaba que não tem accento tonico, seguida de outro *i* na syllaba que tem esse accento, p. ex. *ministro, visita, exquisito.*” (COELHO, 1891: 27)

-- i: “O som *i* é representado a) por *i*, p. ex. *isto, mirante*; b) por *e*, principalmente inicial, que não tem o accento tonico, p. ex. *emigrar, eleição*; c) por *y* em muitas palavras. principalmente d’origem grega, p. ex. *myrto, syllaba, Estoy.*” (COELHO, 1891: 27)

-- o:

--- aberto: “O som *o* aberto é representado por *o*, com ou sem accento agudo, p. ex. *escora, copa, fóra, pó.*” (COELHO, 1891: 27)

--- fechado: “O som *o* fechado é representado: a) por *o*, com ou sem accento circumflexo, p. ex. *roto, abono, fôra*; b) por *ou*: p. ex. *couve, roubo.*” (COELHO, 1891: 27)

-- u: “O som *u* é representado: a) por *u*, p. ex. *puro, duro, chuva, brutinho*; b) por *o* em syllabas que não têm accento tonico, p. ex. *colorido, fortuna*; c) por *w* nalgumas raras palavras d’origem estrangeira, p. ex. *whist, wisky.*” (COELHO, 1891: 27)

-- nasal

--- ã: “As vogaes nasaes *ã, ê, ã, õ, ù* são representadas, quando se acham no começo ou no meio das palavras a) respectivamente por *am, em,*

*im, om, um,* se são seguidas de *p* ou *b*, p. ex. *compra, cambada; tempo, lembro, limpo, linho, campo, limbo, cumpro, chumbo,* b) respectivamente por *an, en, in, on, um,* se são seguidas d’alguma das outras consoantes, p. ex. *anca, janto, ancho, tento, tenro, tinta, pincho, conto, concha, junto, funcho.*” (COELHO, 1891: 27-28); “A vogal nasal *ã* é representada por *an* ou *ã* no fim das palavras, p. ex. *irmam, san* ou *irmã, sã.*” (COELHO, 1891: 28)

--- ê: “As vogaes nasaes *ã, ê, ã, õ, ù* são representadas, quando se acham no começo ou no meio das palavras a) respectivamente por *am, em, im, om, um,* se são seguidas de *p* ou *b*, p. ex. *compra, cambada; tempo, lembro, limpo, linho, campo, limbo, cumpro, chumbo,* b) respectivamente por *an, en, in, on, um,* se são seguidas d’alguma das outras consoantes, p. ex. *anca, janto, ancho, tento, tenro, tinta, pincho, conto, concha, junto, funcho.*” (COELHO, 1891: 27-28)

--- ã: “As vogaes nasaes *ã, ê, ã, õ, ù* são representadas, quando se acham no começo ou no meio das palavras a) respectivamente por *am, em, im, om, um,* se são seguidas de *p* ou *b*, p. ex. *compra, cambada; tempo, lembro, limpo, linho, campo, limbo, cumpro, chumbo,* b) respectivamente por *an, en, in, on, um,* se são seguidas d’alguma das outras consoantes, p. ex. *anca, janto, ancho, tento, tenro, tinta, pincho, conto, concha, junto, funcho.*” (COELHO, 1891: 27-28); “As vogaes nasaes *ã, õ, ù* são representadas por *im, om, um* no fim das palavras, p. ex. *fim, tom, atum.*” (COELHO, 1891: 28); “A vogal nasal *ã* é também representada por *yn* ou *ym* nalgumas palavras d’origem grega, como *lynce, lymphá.*” (COELHO, 1891: 28)

--- õ: “As vogaes nasaes *ã, ê, ã, õ, ù* são representadas, quando se acham no começo ou no meio das palavras a) respectivamente por *am, em, im, om, um,* se são seguidas de *p* ou *b*, p. ex. *compra, cambada; tempo, lembro, limpo, linho, campo, limbo, cumpro, chumbo,* b) respectivamente por *an, en, in, on, um,* se são seguidas d’alguma das outras consoantes, p. ex. *anca, janto, ancho, tento, tenro, tinta, pincho, conto, concha, junto, funcho.*” (COELHO, 1891: 27-28); “As vogaes nasaes *ã, õ, ù* são representadas por *im, om, um* no fim das palavras, p. ex. *fim, tom, atum.*” (COELHO, 1891: 28)

--- ù: “As vogaes nasaes *ã, ê, ã, õ, ù* são representadas, quando se acham no começo ou no meio das palavras a) respectivamente por *am, em, im, om, um,* se são seguidas de *p* ou *b*, p. ex. *compra, cambada; tempo, lembro, limpo, linho, campo, limbo, cumpro, chumbo,* b) respectivamente por *an, en, in, on, um,* se são seguidas d’alguma das outras consoantes, p. ex. *anca, janto, ancho, tento, tenro, tinta, pincho, conto, concha, junto, funcho.*” (COELHO, 1891: 27-28); “As vogaes nasaes *ã, õ, ù* são representadas por *im, om, um* no fim das palavras, p. ex. *fim, tom, atum.*” (COELHO, 1891: 28)

## LÍNGUA

- falada: “Os sons pertencem á lingua fallada: são produzidos pelos movimentos dos nossos órgãos da voz; as letras e os signaes auxiliares pertencem é lingua escripta.” (COELHO, 1891: 23)

- escrita: “Os sons pertencem á lingua fallada: são produzidos pelos movimentos dos nossos órgãos da voz; as letras e os signaes auxiliares pertencem é lingua escripta.” (COELHO, 1891: 23)

MODIFICAÇÃO: “Se attendermos mais de perto a essas diferenças de pronuncia, veremos que ellas consistem em modificações regulares de certos sons, p. ex: substituição de *v* por *b*, de *ei* por *ê*. Resulta isso de que com o tempo a pronuncia da lingua se modificou, mas não sempre do mesmo modo em toda parte, comquanto em toda parte o maior numero das modificações dadas fossem as mesmas.” (COELHO, 1891: 33); “Essas modificações reduzem-se a tres classes principaes: 1) Substituição de sons, como nos exemplos acima. 2) Supressão de sons, como quando o povo diz *telepho* por *telegrapho*, *nhor*, por *senhor*, *loendro*, por *aloendro*. 3) Introducção de sons, como quando o povo diz *thriatro* por *theatro*, *melanciga* por *melancia*.” (COELHO, 1891: 33)

MONOSSÍLABO (cf. Dissílabo)

ÓRGÃO: “Os sons pertencem á lingua fallada: são produzidos pelos movimentos dos nossos órgãos da voz; as letras e os signaes auxiliares pertencem é lingua escripta.” (COELHO, 1891: 23)

PALAVRA: “64. As palavras dividem-se em SYLLABAS; as syllabas são compostas de um ou mais SONS. A palavra *amaremos* tem quatro syllabas; a primeira é composta d’um só som, *a*; a segunda e a terceira de dois sons, *ma* e *re*; a quarta de tres sons cada uma, *mos*.” (COELHO, 1891: 23)

- aguda: “As palavras dividem-se emquanto ao lugar do accento tonico em 1) AGUDAS, que são as que têm o accento tonico na ultima syllaba, p. ex. *doutor*, *rapé*, *quintal*, *particular*, *colher*, *apparecer*; 2) GRAVES, que são as que têm o accento tonico na penultima syllaba, como *pato*, *rede*, *parede*, *morada*, *carinho*; 3) ESDRUXULAS ou DACTYLICAS, que são as que têm o accento tonico na antepenultima syllaba, p. ex. *humido*, *tepidado*, *pratico*, *angelico*.” (COELHO, 1891: 32)

- dactylica (cf. palavra aguda)

- enclítica: “76. Chamam-se ENCLITICAS certas palavras monosyllabas (pronomes) que se ligam a outras precedentes, subordinando-se á sua accentuação, p. ex. *digo-lhe*, *venderam-no*, *amiamo-lo*. Nessas ligações o accento pode estar na vogal da syllaba que precede a antepenultima.” (COELHO, 1891: 32)

- esdrúxula (cf. palavra aguda)

- grave (cf. palavra aguda)

POLISSÍLABO: (cf. Dissílabo)

PRONÚNCIA (cf. modificação): “Se ouvirmos fallar individuos das diversas provincias de Portugal, notaremos que elles pronunciam as palavras de modos muiutas vezes diferentes; assim no Minho diz-se *binho*, *sordado* por *vinho*, *soldado*; em Trás-os-Montes diz-se *tchapa* por *chapa*; na Extremadura e Alemtejo diz-se em geral *primero*, *andê* por *primeiro*, *andei*.” (COELHO, 1891: 32-33)

SÍLABA: “64. As palavras dividem-se em SYLLABAS; as syllabas são compostas de um ou mais SONS. A palavra *amaremos* tem quatro syllabas; a primeira é composta d’um só som, *a*; a segunda e a terceira de dois sons, *ma* e *re*; a quarta de tres sons cada uma, *mos*.” (COELHO, 1891: 23)

SINAL

-auxiliar

-- acento: “Os accentos são tres: grave ( ` ), agudo ( ´ ) e circumflexo ( ^ ). Esses accentos tem dois empregos diversos: a) indicam a qualidade da vogal – o grave, hoje desusado, e o circumflexo que ella é fechada; o agudo que ella é aberta; b) o agudo e o circumflexo indicam que a vogal sobre que está cada um d’elles tem o ACCENTO TONICO, isto é, que a voz se eleva mais nessa vogal que nas outras; ex. *júbilo jubilo*; c) o agudo e o circumflexo podem indicar ao mesmo tempo a qualidade da vogal e o lugar do accento tonico.” (COELHO, 1891: 26)

--- agudo

--- circumflexo

--- grave

-- cedilha: “A CEDILHA ( , ) indica que o *c* sob que se acha se pronuncia *s* (*peço*).” (COELHO, 1891: 26)

-- til: “O Til (~) indica que é nasal a vogal sobre que se acha.” (COELHO, 1891: 26)

SOM (cf. Letra): “64. As palavras dividem-se em SYLLABAS; as syllabas são compostas de um ou mais SONS. A palavra *amaremos* tem quatro syllabas; a primeira é composta d’um só som, *a*; a segunda e a terceira de dois sons, *ma* e *re*; a quarta de tres sons cada uma, *mos*. 65. Os sons representam-se pelas LETTRAS e outros signaes auxiliares, como TIL, a CEDILHA e os ACCENTOS. Os sons pertencem á lingua fallada: são produzidos pelos movimentos dos nossos órgãos da voz; as letras e os signaes auxiliares pertencem é lingua escripta. Não devemos confundir os sons com as letras. 66. Os sons e as letras que os representam dividem-se em VOGAES e CONSOANTES.” (COELHO, 1891: 23)

- consoante: “Os sons consoantes são os seguintes: k – kilo; t – tu; p – pá; g – gato; d – dó; b – boi; m – mau; n – nó; r – para; rr – rato; l – lá; ã (nh) – unha; lh – velho; s (ch) – chá; s atenuado – este; j – joio; j atenuado – deste; s – só; z – zás; f – fé; v – vou” (COELHO, 1891: 25)

-- b: “O som *b* é representado por *b* ou *bb*, p. ex. *bodo*, *rabano*, *abbade*.” (COELHO, 1891: 29)

-- c: “O som *k* é representado a) por *k* nalgumas palavras pouco numerosas, como *kilo*, *kepi*; b) por *c* ou *ce* antes de *a*, *o*, *u*, *l* e *r*, p. ex. *cara*, *colla*, *cume*, *accomodar*, *claro*, *crivo*; c) por *qu* em geral antes de *e* e *i*, p. ex. *queijo*, *aqui*; d) por *q* antes de *e* ou *i*, nas palavras em que o *u* que se segue ao *q* se pronuncia, como *eloquencia*, *delinquente*, *deinquir*; e) por *q* antes de *a* ou *o*, p. ex. *qualidade*, *qualquer*, *quadro*, *quanto*, *quota*; f) por *ch* antes de vogaes ou *r*; p. ex. *champerops* (planta), *architecto*, *christão*.” (COELHO, 1891: 29)

-- d: "5) O som *d* é representado por *d* ou *dd*, p. ex. *dado*, *medo*, *adição*." (COELHO, 1891: 29)

-- f: "O som *f* é representado: a) por *f* ou *ff*, p. ex. *fato*, *café*, *affins*; b) pelo grupo *ph*, p. ex. *phrase*." (COELHO, 1891: 31)

-- g: "O som *gh* é representado por *g* ou *gg*, antes de *a*, *o*, *u*, *m*, *n*, *r*, *l*, *p*, p. ex. *gado*, *gota*, *gume*, *enigma*, *gnomo*, *digno*, *grito*, *gloria*, *aggrava*; b) por *gu* antes de *e* ou *i*, p. ex. *guerra*, *guia*." (COELHO, 1891: 29)

-- j: "O som *j* é representado: a) por *j*, p. ex. *fojo*, *já*, *julho*; b) por *g* ou *gg* antes de *e* ou *i*, p. ex. *genio*, *sege*, *suggerir*." (COELHO, 1891: 30)

-- j atenuado: "O som *j* atenuado, que só se ouve antes das consoantes *g*, *d*, *b*, *m*, *n*, *r*, *l*, *j*, *z*, *u*, na mesma palavra ou no começo da palavra seguinte, é representado: a) por *s* medial ou final, p. ex. *nesga*, *os gatos*, *desdem*, *os dedos*, *Lisboa*, *as balas*, *resma*, *os manos*, *asno*, *os nós*, *desrespeito*, *os ratos*, *traslado*, *as laranjas*, *as janellas*, *os zumbidos*, *as varandas*; b) por *z* final quando a palavra seguinte começa por alguma das referidas consoante, p. ex. *O rio Vez desagua no Lima*; c) por *x* final, seguindo palavra que comece por alguma das consoantes referidas, p. ex. *calix dourado*, *Felix Martins*, *ex-voto*." (COELHO, 1891: 30-31)

-- k: "O som *k* é representado a) por *k* nalgumas palavras pouco numerosas, como *kilo*, *kepi*; b) por *c* ou *ce* antes de *a*, *o*, *u*, *l* e *r*, p. ex. *cara*, *colla*, *cume*, *accomodar*, *claro*, *crivo*; c) por *qu* em geral antes de *e* e *i*, p. ex. *queijo*, *aqui*; d) por *q* antes de *e* ou *i*, nas palavras em que o *u* que se segue ao *q* se pronuncia, como *eloquencia*, *delinquente*, *deinquir*; e) por *q* antes de *a* ou *o*, p. ex. *qualidade*, *qualquer*, *quadro*, *quanto*, *quota*; f) por *ch* antes de vogaes ou *r*; p. ex. *champerops* (planta), *architecto*, *christão*." (COELHO, 1891: 29)

-- l: "O som *l* é representado por *l* ou *ll*, p. ex. *lampada*, *cal*, *illudir*." (COELHO, 1891: 30)

-- m: "O som *m* é representado por *m* inicial ou medial ou *mm* medial, p. ex. *maca*, *fama*, *ammoniaco*, *commum*." (COELHO, 1891: 29)

-- n: "O som *n* é representado a) por *n* inicial ou medial, p. ex. *nada*, *lona*; b) por *n* final nalgumas palavras como *iman*, *abdomen*, *alumen*, *germen*, *canon*, em que essa letra não exprime a nasalidade da vogal precedente; c) por *nn*, p. ex. *anno*; d) por *mn*, p. ex. *columna*." (COELHO, 1891: 29)

-- nh: "O som *ñ* (*nh*) é representado por *nh*, p. ex. *cunha*, *junho*. Nota - Nalgumas palavras *nh* pronuncia-se como *n*; taes são: *anhelo*, *anhydro*, *cyanhydrico* (*acido*), *inhabil*, *inhalar*, *inherente*, *inhibir*, *inhospito*, *inhumano*." (COELHO, 1891: 29)

-- p: "O som *p* é representado por *p* ou *pp*, p. ex. *papel*, *copo*, *applaudir*." (COELHO, 1891: 29)

-- q: "O som *k* é representado a) por *k* nalgumas palavras pouco numerosas, como *kilo*, *kepi*; b) por *c* ou *ce* antes de *a*, *o*, *u*, *l* e *r*, p. ex. *cara*, *colla*, *cume*, *accomodar*, *claro*, *crivo*; c) por *qu* em geral antes de *e* e *i*, p. ex. *queijo*, *aqui*; d) por *q* antes de *e* ou *i*, nas palavras em que o *u* que se segue ao *q* se pronuncia, como *eloquencia*, *delinquente*, *deinquir*; e) por *q* antes de *a* ou *o*, p. ex. *qualidade*, *qualquer*, *quadro*, *quanto*, *quota*; f) por *ch* antes de vogaes ou *r*;

p. ex. *champerops* (planta), *architecto*, *christão*." (COELHO, 1891: 29)

-- r: "10) O som *r* é representado pela letra *r* entre vogaes oraes ou no fim de palavra, p. ex. *amora*, *flor*." (COELHO, 1891: 30)

-- rr: "11) O som *rr* é representado a) por *rr* no meio de palavra entre vogaes oraes, p. ex. *carro*, *morro*; b) por *r* no começo de palavra, e depois de vogal nasal, *l* ou *s*, p. ex. *ramo*, *rato*, *tenro*, *genro*, *guelra*, *israelita*; c) por *r* simples entre vogaes oraes nalgumas palavras como *prorogar*; d) por *rh* ou *rrh* em diversas palavras d'origem grega, como *rheumatismo*, *catarrho*." (COELHO, 1891: 30)

-- s: "O som *s* é representado: a) por *ch*, p. ex. *chapa*, *mochó*, *bicho*; b) por *x*, p. ex. *xarope*, *buxo*, *lixo*." (COELHO, 1891: 30); "O som *s* é representado: a) por *s* quando inicial, p. ex. *sapo*, *sabão*; b) por *s* medial depois de vogal nasal, p. ex. *penso*, *manso*; c) por *ss* medial, p. ex. *posso*, *fosso*, *russo*; d) por *c* ou *cc* antes de *e* ou *i*, p. ex. *prece*, *rocio*, *accidente*; e) por *ç* ou *cç* antes de *a*, *o*, ou *u*, p. ex. *caça*, *acção*, *preço*, *foçura*; f) por *x* em *proximo*; g) por *s* simples medial, entre vogaes, nalgumas palavras que serão mencionadas mais tarde, como *prosequir*." (COELHO, 1891: 31)

-- s atenuado: "O som *s* atenuado, que só se ouve antes das consoantes *c* (*k*), *t*, *p*, *ch*, (*x*), *s*, *f*, quer estas sigam immediatamente na mesma palavra, quer na palavra seguinte, como quando é final e se acha em pausa, é representado: a) por *s* medial ou final, p. ex. *escada*, *as casas*, *pasta*, *os tampos*, *caspa*, *as portas*, *os xaropes*, *as chaves*, *dessoldar*, *os soldados*, *fosforo*, *as festas*; b) por *x* medial ou final nalgumas palavras, p. ex. *excellente*, *excluir*, *exprimir*, *calix*, *Felix*, quando segue logo pausa ou palavra começando por alguma ds consoantes acima mencionadas; c) por *z* final, quando segue pausa ou alguma das consoantes acima mencionadas, p. ex. *a vez*; *O Vez percorre parte da provincia do Minho*." (COELHO, 1891: 29)

-- t: "O som *t* é representado a) geralmente por *t* ou *tt*, p. ex. *tolo*, *prato*, *atingir*, *atenção*; b) em varias palavras por *th*, p. ex. *theatro*, *atheu*, *arimetica*." (COELHO, 1891: 29)

-- v: "O som *v* é representado: a) pela letra *v*, p. ex. *vapor*, *cova*; b) pela letra *w* nalguns substantivos proprios ou communs d'origem estrangeira, p. ex. *Hedwiges*, *Wenceslau*, *wagon* (escreve-se tambem *vagon*)." (COELHO, 1891: 31)

-- x: "21) O grupo *is* (*s* atenuado) ou *ij* (*j* atenuado) é representado pela letra simples *x* em varias palavras em que aquelle *i* faz parte do diphthongo *ai*, taes são: *sexto* (pron. *seisto*), *exministro* (pron. *eijministro*). 22) O grupo *iz* é representado pela letra simples *x* nalgumas palavras em que o *i* pertence tambem ao diphthongo *ai* e o *z* é seguido de vogal, p. ex. *exame* (pron. *eizame*). 23) O grupo de sons *ks* é representado por *x* em varias palavras, como *fixo*, *fluxo*, *nexo*." (COELHO, 1891: 31)

-- z: "O som *z* é representado: a) por *z* inicial ou medial, p. ex. *zanga*, *zebra*, *razão*; b) por *s* entre vogaes, quer na mesma palavra, quer sendo final, quando a palavra seguinte começa por vogal, p. ex. *casa*, *preso*, *as armas*, *os ovos*; c) por *x* final seguido de vogal na mesma palavra ou na seguinte, p. ex. *exemplo*, *O calix é um vaso*; d) por *s*



excepcionalmente depois de vogal nasal ou consoante em *transito, absequio*.” (COELHO, 1891: 31)

- simples: “Alguns sons simples são representados por letras dobradas ou compostas: *cc, tt, pp, gg, dd, bb, mm, nn, mn, rr, ll, ss, ff; nh, lh, ch, ph*.” (COELHO, 1891: 26)

-vogal: “Os sons vogaes são PUROS (ORAES) ou NASAES.” (COELHO, 1891: 24)

-- a:

--- aberto: “O som *a* aberto ou *a* guttural é representado por *a*, com ou sem accento agudo, p. ex. *cabo, tafetá, palma*.” (COELHO, 1891: 27)

--- fechado: “O som *a* fechado é representado a) por *a*, p. ex. *ama pesa*; b) por *e* no diphthongo *ei* ou quando é accentuado e seguido de *nh, lh, ch*, ou *j*; p. ex. *primeiro, telheiro, venha, lenha, conselho, espelho, fecho, seja!*” (COELHO, 1891: 27)

--- gutural (cf aberto)

-- e:

--- aberto: “O som *e* aberto é representado por *e*, com ou sem accento agudo, p. ex. *serra, espera, fé*.” (COELHO, 1891: 27)

--- fechado: “O som *e* fechado é representado por *e*, com ou sem acento circumflexo, p. ex. *pena, empeno, mercê*.” (COELHO, 1891: 27)

--- surdo: “O som *e* surdo é representado a) por *e*; p. ex. *dedal, verão*; por *i* em syllaba que não tem accento tonico, seguida de outro *i* na syllaba que tem esse accento, p. ex. *ministro, visita, exquisito*.” (COELHO, 1891: 27)

-- i: “O som *i* é representado a) por *i*, p. ex. *isto, mirante*; b) por *e*, principalmente inicial, que não tem o accento tonico, p. ex. *emigrar, eleição*; c) por *y* em muitas palavras, principalmente d’origem grega, p.ex. *myrto, syllaba, Estoy*.” (COELHO, 1891: 27)

-- o:

--- aberto: “O som *o* aberto é representado por *o*, com ou sem accento agudo, p. ex. *escora, copa, fôra, pó*.” (COELHO, 1891: 27)

--- fechado: “O som *o* fechado é representado: a) por *o*, com ou sem accento circumflexo, p. ex. *roto, abono, fôra*; b) por *ou*: p. ex. *couve, roubo*.” (COELHO, 1891: 27)

-- u: “O som *u* é representado: a) por *u*, p. ex. *puro, duro, chuva, bratinho*; b) por *o* em syllabas que não têm accento tonico, p. ex. *colorido, fortuna*; c) por *w* nalgumas raras palavras d’origem estrangeira, p. ex. *whist, wisky*.” (COELHO, 1891: 27)

-- puro: “Os sons vogaes puros são: *a* aberto – *ha*; *a* fechado – *para*; *a* guttural – *sal*; *e* aberto – *sé*; *e* fechado – *sê*; *e* surdo – *dedal*; *i* – *li*; *o* aberto – *só*; *o* fechado – *avô*; *u* – *tu*” (COELHO, 1891: 24)

-- nasal: “Os sons vogaes nasaes: *ã – rã*; *ẽ – vento*; *ĩ – fim*; *õ – som*; *ũ – um*” (COELHO, 1891: 24)

TIL (cf. Sinal Auxiliar)

“Os sons representam-se pelas LETTRAS e outros signaes auxiliares, como TIL, a CEDILHA e os ACCENTOS.” (COELHO, 1891: 23)

TRISSÍLABO (cf. Dissílabo)

VOGAL (cf. som, cf letra)

